



Eloísa de Castro Silva

**As representações do Colégio de Cataguases e de suas práticas
educativas nas memórias de seus ex- alunos (Década de 1950).**

Rio de Janeiro

2005

GUIA DE CATAGUASES RJ

Eloísa de Castro Silva

**As representações do Colégio de Cataguases e de suas práticas
educativas nas memórias de seus ex- alunos. (Década de 1950)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Estácio de Sá como
requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área
de Concentração: Educação e Cultura Contemporânea.**

Orientadora : Prof^a Dr^a. Clarice Nunes

Rio de Janeiro

2005

Aos três cavalheiros da minha vida, aos que, nos três amores que representam, me deram as mãos. Meu filho, Pedro, meu marido Paulo e à memória do meu pai, Eloy.

À memória da minha mãe, Ethel, que me tocou com sua alegria.

À Cataguases.

Fale de sua aldeia e estará falando do mundo.

Tolstoi

Agradecimentos

Aos meus familiares e amigos pelo incentivo e tolerância no momento de elaboração desta dissertação, pois nem sempre estava presente ou afável. Especialmente ao Paulo pela cumplicidade, pelo apoio intelectual nas discussões ou nas descobertas incríveis de artigos e livros para o meu trabalho. Ao meu filho, deslocado do seu lugar, ao recomendar “está na hora de dormir, mamãe” ou na função que assumiu, num aprendizado forçado, de controle e compra dos “bens perecíveis”.

À minha orientadora, Clarice Nunes, pelo trabalho cuidadoso de leitura, pela clareza, incentivo e confiança, marcas do seu processo de orientação.

Aos meus mestres, com carinho. De Lourdes Ribeiro, minha professora nos quatro anos do curso primário, às do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, em especial às professoras Maria Regina Prata e Neise Deluiz.

Aos meus queridos entrevistados pela forma como receberam o projeto, pelo tempo que me concederam partilhando as suas memórias, pelo empréstimo de livros, jornais, fotos, álbuns e materiais escolares.

À minha querida amiga-irmã Mariana Cândida Garcia Cardoso de Almeida, historiadora e pesquisadora de plantão, que me encorajou e prestou valiosa intermediação para entrevistas e visitas aos centros culturais em Cataguases. Também agradeço pelas suas sugestões e comentários.

À Licínia Garcia Peixoto Cardoso, que me recebeu em Cataguases durante todos os períodos de minha estadia na cidade para a realização da pesquisa. Por pouco não obtive as chaves da sua casa, embora pelo afeto, tempo e cuidados tenha me tornado parte dessa família.

À amiga fraterna Vera Margarida Moscoso de Araújo, parceira inseparável em muitos anos de trabalho, sempre veemente e indignada com os rumos da educação no país.

À grande amiga Mirian Goldenberg, pelo incentivo e segurança de saber que estava sempre ali pronta a ouvir e opinar.

À Luciana Bittencourt Garcia Silva, pelas inúmeras subidas e descidas nas rampas do colégio à procura dos documentos que me foram tão úteis. E pelo dueto que improvisamos quando nos deparamos com o Hino do Colégio de Cataguases num papel amarelado pelo tempo.

À Valentina Garcia Cardoso Lima de Almeida minha querida, ainda outro dia menina, por suas pesquisas, em Belo Horizonte, e primorosas anotações das leis e decretos usados nessa pesquisa.

A Marcelo Silva Ramos e Rodrigo Fialho Silva pela ajuda valiosa na tentativa de elucidar certos aspectos teóricos um tanto intrincados desta dissertação.

Ao Prof. Sérgio Santos de Almeida, diretor Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto que me permitiu o acesso ao arquivo da instituição.

Ao Prof. Dr. Jorge Prata, coordenador do Centro de Documentação Histórica de Cataguases, pela liberação dos arquivos para a pesquisa e pelo incentivo ao trabalho.

Ao Sr. José Luiz Batista, coordenador do Centro Cultural Eva Nil, pela cordialidade e liberação do acervo para realização da nossa pesquisa.

Ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – Fundação Casa de Rui Barbosa, pela disponibilização do Arquivo Francisco Inácio Peixoto. Meus sinceros agradecimentos a todos os funcionários pela atenção, eficiência e delicadeza com que sempre me receberam. Meu carinho especial para Laura Regina Xavier e Rosângela Florido Rangel.

Às colegas do curso de Mestrado, particularmente à Katia Arruda, Daniela Pinheiro, Andréia Soares e Erica Resende pela generosidade com que socializaram os textos e as contribuições voltadas para o meu tema de estudo.

Aos funcionários da Secretaria e da Biblioteca do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, pelo apoio constante.

E, finalmente, à FAPERJ, pela bolsa de mestrado que constituiu suporte fundamental para a realização do meu trabalho.

Resumo

As representações do Colégio de Cataguases e de suas práticas educativas/pedagógicas nas memórias dos seus ex-alunos são objeto desta dissertação. Instituição privada, sediada no interior de Minas Gerais, em Cataguases, funcionava, na década de 1950, com sistema de internato masculino e externato misto, oferecendo suas aulas em regime de coeducação para os níveis ginásial e colegial (clássico e científico). Apresentava arquitetura moderna. Seu proprietário e mentor, Francisco Inácio Peixoto, era intelectual, escritor, poeta, um dos precursores do Movimento Modernista Brasileiro, na vertente denominada Verde, e responsável pelas transformações ocorridas na cidade nesse período, tornando-a referência na arquitetura e na literatura modernistas brasileiras. A investigação apoiou-se, sobretudo, nas contribuições de Roger Chartier, principalmente nos seus conceitos de prática e de representação. À luz da Nova História Cultural e da sua concepção alargada de documento histórico, a pesquisa foi realizada por meio de análise de documentos em arquivos públicos e privados e entrevistas que recuperaram a memória de grupo, sobretudo da geração dos ex-alunos da década de 1950. A reconstituição do cotidiano da escola, nesse período, revela-a como lugar social e simbólico onde indivíduos e grupos compartilham seus projetos, concretizam processos de produção e reprodução social, operam práticas de controle social e criam um modo de estar, perceber e sentir o mundo, forjando suas identidades. O resgate simbólico do lugar, dos agentes e dos processos educativos mostra a transição lenta de uma escola que nasceu sob o signo da arquitetura moderna, mas que modernizou suas relações sociais pouco a pouco. Nossa pesquisa é uma contribuição à história da educação brasileira e à história da educação no município de Cataguases.

Palavras chaves: História da Educação – Cotidiano Escolar- Instituições Escolares- Práticas educativas

Abstract

The representations of the Cataguases's School and its educational/pedagogical practices in the memories of its former pupils are the subject of this thesis. A private institution, hosted in the city of Cataguases - MG and that functioned, in the decade of 1950, by the system of masculine boarding school for those who did not live in the city and mixed for the people of the city, offering its lessons in the regimen of co-education at primary and secondary school levels. Its building possesses a modern architecture. Francisco Inacio Peixoto, its former owner and mentor, was an intellectual, a writer and a poet, one of the modernists in Cataguases, member of the "Green group". He was responsible for the transformations occurred in the city in that period, turning it into a reference in architecture and in literature for Brazilian modernist movement. The research was supported by the contributions of Roger Chartier, especially by its concept of representation. Based on the New Cultural History and its widened historical document conception, the research was carried out through analysis of documents in public and private archives and through interviews that intended to recoup the memory of the students, in particular the generation of the former-pupils of the decade of 1950. The reconstruction of the school's daily of that time discloses it as social and symbolic place where individuals and groups shared their projects, materialized processes of social production and reproduction, operated practices of social control and created a way to be, to perceive and to feel the world, forging their own identities. The symbolic restoration of the place, the subjects and the educative processes shows the slow transition of a school that was born under the influence of the modern architecture, but that modernized its social relations gradually. Our research is a contribution to the history of education in Brazil and in the municipality of Cataguases.

Key Words: History of Education – School's daily – Scholastic Institutions- Educational Practices

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1 - Que história pretendemos contar?	
1.1 - Da história rankeana à história dos Annales.....	14
1.2 - Os historiadores do mental.....	16
1.3 - Memórias.....	20
1.4 - Fontes escritas e depoimentos orais.....	22
Capítulo 2 - O Lugar	
2.1 - A cidade.....	34
2.2 - Primeiros acordes da história	36
2.3 - Quando, como e por que Dr. Francisco resolveu fazer um colégio?	40
2.4 - Arquetetando o moderno.....	43
2.5 - O entorno do Colégio.....	50
2.6 - A Praça de Esportes.....	54
2.7 - Mobiliário.....	54
2.8 - Auditório e museus.....	55
2.9 - Paineis de Portinari.....	57
2.10- As rampas de acesso.....	62
Capítulo 3 - Organização social : as relações no cotidiano	
3.1 - Francisco Inácio Peixoto: ousadia, respeito e sensibilidade.....	64
3.2 - Os diretores, ou melhor, as pessoas diretoras.....	75
3.3 - As fortes presenças femininas.....	79
3.4 - Professores.....	82

3.5 - Relação aluno- professor.....	87
3.6 - O Grupo dos externos.....	91
3.7 - O grupo dos internos.....	92
3.8 - Internos e externos.....	95
3.9 - Relacionamento com os funcionários e pais	100
Capítulo 4 - Memórias das Práticas Educativas e Pedagógicas	
4. 1 - Das determinações oficiais às dinâmicas do cotidiano.....	102
4. 2- Salas de aula, salão de estudos e biblioteca.....	105
4. 3 - Provas e Avaliações.....	115
4. 4 - O tempo: ciclos de trabalho e ócio.....	119
4. 5 - Estatutos do Colégio de Cataguases.....	123
4.5.1 - A disciplina na teoria e na prática.....	127
4.5.2 - As paredes tinham ouvido?.....	138
4. 6 - As atividades extra – classe	
4.6.1 – Esporte.....	139
4.6.2 - O Grêmio Literário Machado de Assis- GLMA.....	141
4.6.3 - Os Jornais	145
4.6.4 - O cinema.....	147
4.6.5 - Teatro e jograis.....	147
4.6.6 – Excursões.....	150
4.6.7 – Palestras.....	153
4.6.8 – Exposições.....	154
4.6.9 - Concursos e radiofonia.....	155
4. 7 - Fino equilíbrio Financeiro.....	156
Considerações finais.....	165
Referências Bibliográficas.....	176
Anexos.....	193

INTRODUÇÃO

Eu amo o Colégio de Cataguases! Esse é um caso de amor antigo!

Não sei se amo com a mesma intensidade a todos os ex-professores. Certamente amo o diretor. Chico Filho foi um diretor camarada.

Eu amo a “panelinha de 68”, como nos auto denominávamos, grupo formado pelas afinidades e simpatias, sem nenhuma divisão por série. Tínhamos apenas o território demarcado para a concentração nos intervalos: as escadas e a calçadinha em frente à casa do diretor. Ali... nos espaços dos jardins...

Quando me propus a escrever a história do Colégio de Cataguases percebi um certo ciúme no ar! Minha amiga Marília... Minha irmã que declarou, de forma taxativa: “Você tem que colocar logo no título que é da década de 1950, porque ex- aluna eu também sou”. Êta Edelma! Êta pessoal da panelinha! Esse era um grupo que amava os *Beatles*, os *Rolling Stones* e o Colégio de Cataguases! E dentre muitas coisas, um grupo que fazia política. Afinal, a década de 1960 foi de intensa atividade estudantil.

O afeto transformou o processo de trabalho altamente cansativo e desgastante em fonte de prazer, mesmo que, nas viagens a Cataguases, a investigação nos arquivos e as entrevistas tenham substituído as conversas frouxas dos encontros casuais com os amigos. Eles entenderam a falta de tempo. Quanto à pesquisa, inicialmente ficaram surpresos e confusos. “Então eu ia falar da arquitetura do Niemeyer, do painel do Portinari?” Não. Quer dizer, não prioritária e exclusivamente. “Ah! Então falaria dos alunos famosos: o pessoal da música, do teatro, da televisão?” Não. Também não. “Poderia ser um estudo sobre os ex-alunos cataguasenses que se destacaram nas respectivas profissões...são muitos!” Não, ainda não!

Pretendia resgatar, através das memórias dos ex-alunos, o que se fazia lá. O que acontecia nas aulas, nos intervalos, como eram os relacionamentos entre os alunos...tudo o que aflorasse através das memórias...O colégio era considerado “avançado para a época”. Mas teria sido mesmo inovador? O que o tornava diferente? A arquitetura? A proposta pedagógica? Ambas? Qual a influência de uma e outra? Quem eram aqueles professores? Que relações estabeleciam com os alunos? O que determinou o prestígio da instituição? Quais as representações que os ex-alunos do Colégio Cataguases fazem da sua formação, do

próprio espaço escolar, dos educadores e colegas com que conviveram? Quais os aspectos mais relevantes da sua trajetória nesse colégio?

O ponto de partida para essa investigação foi/é o desejo de poder contribuir para o debate atual sobre a necessidade de melhorar o ensino. O que a educação brasileira necessita para ser satisfatória? Esta é a questão de fundo que nos estimulou à pesquisa. É preciso avançar a discussão. Avançar dá a idéia de olharmos sempre para a frente, para o futuro, mas o futuro é imprevisível. Resta-nos porém uma outra possibilidade: voltarmos-nos para a nossa história da educação, já que ela revela como as opções do passado construíram o presente que temos. E daí nasceu a vontade de entender uma instituição que ganhou visibilidade pelo seu prédio, mas que sem dúvida teria uma proposta educativa da qual ninguém mais falava.

A História da Educação tem focalizado as iniciativas dos grandes centros urbanos, dos grandes educadores, das reformas de educação... E o que foi realizado no interior do país? Voltamos ao tempo do Manifesto Literário Verde e, como os “verdes” sentiam: “(...) daí nasceu a nossa vontade firme de mostrar a esta gente toda que, embora morando em uma cidadezinha do interior, temos coragem de competir com o pessoal lá de cima.” E vamos nós nessa viagem, recuando no tempo e resgatando, no texto, a vida, parte da nossa vida...

Nossa dissertação tem quatro capítulos. No primeiro, explicitamos o nosso referencial teórico e metodológico. No segundo, trabalhamos prioritariamente o lugar, tomado em três acepções, enquanto cidade, enquanto colégio e sede do Movimento Literário Verde. No terceiro, analisamos as relações entre os diversos atores, procurando traduzi-las nos seus vários e dinâmicos contextos e, finalmente, no quarto, realizamos um percurso que se inicia nas determinações oficiais do currículo, passa pelas salas de aula e pelas práticas educativas e pedagógicas nelas desenvolvidas, culminando com o término da experiência do Colégio de Cataguases enquanto instituição privada.

CAPÍTULO 1

QUE HISTÓRIA PRETENDEMOS CONTAR?

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai[...] Coragem para a luta”.

Esta frase dá início ao romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia. O mundo escolar, nessa peça literária, povoou o imaginário de jovens e adultos durante algumas décadas. Podemos, ainda hoje, reconhecendo as marcas características da época que retrata, e apoiando-nos em Certeau, para quem a “organização da história é relativa a um lugar e a um tempo”(CERTEAU,1975, p.78), tomá-la na sua singularidade, que remete à nossa própria singularidade, ao mundo em que nos encontramos, nós, personagens das escolas brasileiras, seja na função de alunos ou professores. Por isso insistimos: que história temos para contar?

A especificidade de um trabalho diz respeito ao lugar, ao tempo, à inserção cultural e social do pesquisador e à sua subjetividade. A primeira manifestação dessa subjetividade aparece no momento em que elegemos a Nova História Cultural como o caminho para responder às nossas indagações. “Cabe ao olhar escolher como ver”(NUNES e CARVALHO, 1993, p.9). A Nova História Cultural é, segundo Chartier, “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16).

A nossa opção revela que deixamos de lado o paradigma tradicional, encarnado na “história rankeana”, que crê apenas em uma “maneira de se fazer história”, ao invés de compreendê-la como “uma dentre várias abordagens possíveis do passado”(BURKE, 1992, p.10). No paradigma tradicional distingue-se a “verdadeira história”, a que diz respeito à política, dos outros tipos de histórias, as consideradas periféricas, a História da Arte ou a História da Ciência, por exemplo. Poderíamos acrescentar a História da Educação.

1.1 - Da história rankeana à história dos Annales.

Os historiadores tradicionais concentram-se nos feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Escrevem a história a partir de documentos e

buscam descrever como realmente os fatos aconteceram. Nessa abordagem, os historiadores também não se preocupam com a relação que há entre o individual e o coletivo.

Em oposição à história rankeana surge, no século XX, a iniciativa dos Annales. O discurso da primeira geração dos Annales, que tem em Lucien Febvre e em Marc Bloch seus pais fundadores, e na revista *Annales d'histoire économique et sociale* seu instrumento de ação, apoia-se nos seguintes pressupostos:

- (a) a oposição à história positivista dominante;
- (b) a hostilidade ao discurso e à análise políticas;
- (c) a crença no declínio e ineficácia das ideologias e rejeição ao capitalismo e aos regimes totalitários de direita e esquerda;
- (d) a valorização do presente no qual emergem as questões do historiador;
- (e) a abertura a outros temas, como a natureza, a população, os costumes;
- (f) a ampliação de fontes;
- (g) a ampliação de métodos, que passam a incluir conceitos e procedimentos da Estatística, da Demografia, da Linguística, da Psicologia, da Numismática, da Arqueologia, etc;
- (h) a tentativa de conciliar os antagonismos e superar a germanofobia da geração precedente;
- (i) a substituição da história factual pela longa duração;
- (j) a intervenção ativa, por parte do historiador, diante de documentos e arquivos, já que constrói seu material e deve confrontar suas hipóteses com os documentos coletados.

As alianças que os historiadores dos Annales travaram com outras áreas do conhecimento lhes propiciaram a apropriação de categorias e abordagens originais recolhidas fora do seu campo de atuação. Da Linguística, Antoine Meillet traz o noção de utensilagem mental; da Psicologia toma-se para a História o estudo da sensibilidade e da vida afetiva; da Sociologia retoma-se o conceito durkheimiano de fato social; da Geografia colhe-se o percurso geográfico que passa a integrar o horizonte histórico, sobretudo pelos estudos de Vidal (DOSSE, 2003, pp 38/100).

A Nova História associada à *École des Annales* é, sobretudo, uma reação deliberada à história tradicional, partindo do princípio que “tudo tem um passado e que este pode ser reconstituído e relacionado ao restante”(BURKE, 1992, p.11). Os historiadores passaram a interessar-se por toda atividade humana e a preocupar-se mais com a análise das estruturas, tal como no estudo de Fernand Braudel, *Le Méditerranéen* (1949), onde o que realmente

importava eram as mudanças econômicas e sociais de longo prazo e mudanças geo-políticas de muito longo prazo.

Na Nova História, o homem comum e a cultura popular passam a ser objetos de estudo. Os investigadores despregam-se dos documentos oficiais e passam a examinar outros vestígios, reconhecendo que o homem percebe o mundo através de uma “estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra”(BURKE, 1992, p.15) e que cria diversos pontos de vista sobre uma mesma situação.

De 1942 a 1944 a revista muda seu nome para *Mélanges d'histoire sociale*. No pós-guerra, 1946, um novo título lhe é dado: *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Desaparece o termo história, o que “evoca o anseio de avançar no projeto de reaproximação com as outras ciências sociais”(DOSSE, 2003, p.151). Os *Annales* mantêm a predominância dos aspectos econômicos sobre os outros anteriormente esboçados: a História Cultural, o Estudo das Mentalidades, a Psico-história. As décadas de 1950 e 1960 marcam a geração dos historiadores que se detiveram em pesquisas sobre as séries demográficas e dos preços, descentralizando o homem dos estudos históricos” (DOSSE, 2003, p.154). Esta reorientação do discurso do historiador é alimentada pelo desenvolvimento das Ciências Sociais, que exercem uma pressão sobre o discurso dos *Annales*. É o momento de sucesso da Sociologia, da Psicologia e da Lingüística. *Braudel* é o herdeiro de *Lucien Febvre*, sucede-o na direção da revista em 1947, sendo o elo de ligação entre as duas filiações dos *Annales*, a primeira e a terceira gerações.

“A terceira geração dos *Annales*, sensível, como as outras, às interrogações do presente, muda o rumo de seu discurso ao desenvolver a antropologia histórica” (DOSSE, 2003, p.249) e apresentar como alternativa a História Social da Cultura.

1.2 - Os historiadores do mental

A historiografia francesa, a partir da década de 1960, coloca no centro das atenções a História das Mentalidades, retomando, ao seu modo, a preocupação dos pais fundadores dos *Annales*. Lembremos que Lucien Febvre era mais sensível à preocupação psicológica e defendia “uma história dos sentimentos, do amor, da morte, da piedade, da crueldade, da alegria, do medo...”(DOSSE, 2003, p.127). “O indivíduo é apenas o que sua época e o seu ambiente permitem que ele seja” adverte Febvre (FEBVRE apud DOSSE, 2003 p.128). Vem da História Literária a outra vertente que nutre a abordagem das mentalidades. Já Marc Bloch vale-se da contribuição sociológica durkheimiana, “dedica mais tempo à descrição das

práticas coletivas, simbólicas, das representações mentais não-conscientes dos diversos grupos sociais”(DOSSE, 2003, p.126), embora a Psicologia também tenha um lugar de destaque em seus trabalhos, ao ampliar a capacidade de percepção e “apelar para que o historiador esteja mais atento ao não dito pelos documentos”(DOSSE , 2003, p.134).

Segundo Chartier (1990), a História das Mentalidades encontra terreno fértil entre os historiadores franceses porque eles se conscientizaram de que havia “um equilíbrio novo entre a História e as Ciências Sociais”. As diferenças sociais são também produzidas pelos distanciamentos culturais e, para abordar esse novo domínio, as metodologias clássicas não dariam conta. A História era institucionalmente dominante, mas o sucesso das Ciências Sociais a ameaçava intelectualmente é o que nos diz Chartier:

O desafio lançado à história pelas novas disciplinas assumiu diversas formas, umas estruturalistas, outras não, mas que no conjunto puseram em causa os seus objetos- desviando a atenção das hierarquias para as relações, das posições para as representações- e as suas certezas metodológicas- consideradas mal fundadas quando confrontadas com as novas exigências teóricas (CHARTIER, 1990, p.14).

Esse foi um período, em que os modelos quantitativos, forma mais garantida de demonstrar cientificidade, tomados das ciências exatas, e usados na História, minavam sua confiabilidade. Na busca de soluções para esse problema os historiadores promovem o alargamento de suas fronteiras: emergem novos objetos no interior das questões históricas “atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc”(CHARTIER, 1990, p. 14). Houve um retorno a um dos traços marcantes da primeira geração dos Annales, o estudo das utensilagens mentais, delimitando então um novo campo, a História das Mentalidades ou Psicologia Histórica. Foram experimentados tratamentos inéditos para os novos objetos e “renovações audaciosas” para já os que faziam parte do seu universo de pesquisa.

Pensar a História Intelectual para Febvre é “reagir perante os escritos que, na sua época, dela reclamavam” e a tarefa do historiador do movimento intelectual “é acima de tudo reencontrar a originalidade, irreduzível a qualquer definição *a priori*, de cada sistema de pensamento, na sua complexidade e nas mudanças”. Uma segunda preocupação de Febvre, enunciada por Chartier, é “o esforço para pensar a relação das idéias(ou das ideologias) e da realidade social através de categorias que não as da influência ou do determinismo”. Ele indicava o caminho a seguir para uma análise histórica que tomaria por modelo as descrições dos fatos das mentalidades. Em 1948, Febvre retoma uma idéia que para ele era central, “não

se trata de subestimar o papel das idéias na história[...] idéias [...] são [filhas] de um mesmo tempo” . Ele utiliza o importante conceito de utensilagem mental.

A cada civilização, a sua utensilagem mental; mais ainda, a cada época de uma mesma civilização, a cada progresso (quer das técnicas, quer das ciências) que a caracteriza- uma utensilagem renovada um pouco mais desenvolvida para certas utensilagens, um pouco menos para outras.[...] a utensilagem vale pela civilização que soubesse forjá-la; vale pela época que a utiliza; não vale pela eternidade, nem pela humanidade, nem sequer pelo curso restrito de uma evolução interna de uma civilização (Febvre apud Chartier, 1990, p.36).

O que define utensilagem mental “é o estado da língua, no seu léxico e na sua sintaxe, os utensílios e a linguagem científica disponíveis, e também esse suporte sensível do pensamento que é o sistema das percepções, cuja economia variável comanda a estrutura da afetividade” (CHARTIER, 1990, p.37).

Ao historiador compete uma vigilância constante para não se deixar tomar pelos próprios hábitos mentais, quando na tentativa de desvendar o dos antigos. Somente através da “análise das representações coletivas e das ligações entre essas representações”(CHARTIER, 1990, p.38) é que esse exercício se torna possível.

Lopes e Galvão resumem em oito, os aspectos que caracterizam os Annales e seus seguidores:

Passagem da “História-narração” para a “História-problema”; o caráter científico da história é dado, mesmo em se tratando de ciência em construção; contato e debate com outras ciências sociais (adoção de problemáticas e métodos e técnicas); ampliação dos limites da História abrangendo todos os aspectos da vida social: civilização material, poder e mentalidades coletivas; insistência nos aspectos sociais, coletivos e repetitivos; ampliação da noção de fonte para além da escrita (vestígios arqueológicos, tradição oral etc.); construção de temporalidades múltiplas, ao contrário do tempo linear e simples da historiografia tradicional; reconhecimento da ligação indissolúvel e necessária entre passado e presente no conhecimento histórico, reafirmando as responsabilidades sociais do historiador (LOPES e GALVÃO, 2001, p.27).

Considerada como produto da quarta geração¹ dos Annales, a Nova História vem sendo escrita por Roger Chartier, Jacques Revel, Nathalie Davis, Robert Darnton, Lynn Hunt dentre outros. Através dela temos contato com novos problemas, novas abordagens e novos objetos.

A chamada "Nova História Cultural", defendida por Chartier, redescobriu a escola como objeto de estudo e nos forneceu um contexto de inteligibilidade para a investigação.

¹ Chartier é considerado “por Burke como representante de uma terceira geração dos Annales e por Hunt, de um quarta”(Nunes e Carvalho, 1993, p.40)

Tomamos dela a concepção alargada de documento histórico, contribuição herdada da primeira geração dos historiadores dos Annales. Participamos, com nossos limites e possibilidades, da mesma postura de Chartier que, ancorando a História no campo das Ciências Sociais, vem incorporando e redefinindo objetos do campo da Educação. Divulgador dessa "Nova História", Chartier problematiza o conceito de representação, central na sua obra, e que reúne as contribuições de Durkheim, Mauss, no âmbito das representações coletivas e de Bourdieu com sua ênfase nas lutas pelas formas de classificações culturais. Ele também destaca a representação em sua acepção política de delegação (LOPES, 1994, pp. 98-100).

“As percepções do mundo social não são de forma alguma discursos neutros”(CHARTIER,1990 p.17). O que Chartier propõe é uma mudança da história social da cultura para uma história cultural da sociedade, assinalando que essa “verdadeira mutação” do trabalho histórico não foi devido à “crise geral” das Ciências Sociais nem a uma “mudança de paradigma”. Aparece como possível resposta a um conjunto de certezas que deixaram de existir: uma história global, aquela que daria conta da “apreensão dos diferentes níveis da totalidade social”; os condicionantes territoriais para coleta e tratamento dos dados e a organização e compreensão das diferenças e divisões culturais a partir dos recortes sociais (CHARTIER, 2002, p. 65).

É a partir de Chartier que estamos pensando a realidade social do Colégio de Cataguases, sem definições prévias sobre a origem social dos seus alunos, tentando escapar do que ele denomina “primado quase tirânico do social” e privilegiando a história das suas práticas. Adotando essa postura abrem-se possibilidades de análise dos objetos culturais, aqueles que fizeram parte do universo dos alunos da geração de 1950, dando-nos conta de como foram produzidos ou apropriados. A condução dessa análise obedece a um “percurso que vai do significante para o significado, do veículo para a mensagem e, desta, para os grupos sociais que a produzem ou que se apropriam dela”(Nunes e Carvalho, 1993, p. 44). Enfatizamos a noção de representação que Chartier apresenta como pedra angular da abordagem da História Cultural.

Em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência de um grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

No modelo de estudo proposto por Chartier o que importa é exatamente a determinação de múltiplos e variados modelos de apropriação, ou seja, as práticas. O conceito de apropriação realça a maneira distinta como o indivíduo ou o grupo lança mão das formas ou dos motivos compartilhados. A apropriação “visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”(CHARTIER, 2002, p.68)

As memórias do Colégio de Cataguases, como as de qualquer outra escola foram/são construídas socialmente e a elas nos reportamos movidos pelo desejo de vencer o esquecimento. “Essa motivação[...] traz implícita a concepção de que a passagem do tempo tudo apaga”(NUNES, 2003, p.12). Quando, na entrevista com Sônia Motta, ex-secretária do colégio, falamos sobre quais seriam os comentários mais freqüentes ouvidos nos seus encontros com ex-alunos eis o que nos diz:

Acabou o colégio, hein, Sônia. Acabou o colégio. [...] Acabou... acabou Gradim, acabou Lyses, acabou todo mundo. Então no enterro do Lyses ... Meu Deus do Céu... Como eles reclamavam: Acabou tudo agora.

Dessas palavras apreendemos que o colégio ainda existia na presença dos seus professores e, evidentemente, nas lembranças daqueles que por ele passaram, mas estavam à mercê do esquecimento.

1.3 - Memórias

As memórias de ex-alunos constituem a principal matéria prima desta pesquisa. De que memórias estamos falando? Ecléa Bosi distingue duas memórias²: (a) a memória –hábito, aquela que se refere aos mecanismos motores, que em Neurologia denomina-se Memória Automática e que, segundo a autora, é resultado de um processo determinado pelas exigências do meio, ou seja, faz parte de uma socialização. “Trata-se de um exercício que retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para vida cotidiana” (BOSI, 2003, p.49); (b) a imagem-lembrança, que não tem o mesmo caráter mecânico. É a lembrança de um momento único, particular, singular.

Motta fala de várias memórias³: (a) memórias individuais que, sendo de cada um de nós, só passam a existir em relação ao outro, ou seja, enquanto expressão da construção de grupos sociais, e (b) memórias coletivas, “aquelas que pertencem a um determinado grupo”,

² O desenvolvimento dessa linha de argumentação encontra-se centrada em Henri Bergson e desenvolvido no livro Memória e Sociedade de Ecléa Bosi (2003).

³ Márcia Maria Menendes Motta no livro *História-pensar e fazer*- baseia-se em Peter Burke para apresentar sua classificação.

no entanto existem tantas memórias “quanto as unidades que compõem o grupo” (MOTA, 1998, p.78). Maurice Habwachs, citado por Bosi e Motta, chama a atenção para o fato de que as memórias coletivas possibilitam a sensação de pertença ao grupo.

É sob esta perspectiva que estamos trabalhando com a memória de grupo, “a qual tende ser menos automática e mais controlada, e por isso não tão espontânea quanto a memória pessoal”(LOPES, 2003, p.66). A memória do indivíduo, vista sob esse ângulo, depende das relações que estabelece com o seu entorno, lembrando que estamos nos referindo a dois tempos: o das experiências do passado- as práticas e as apropriações -, e as imagens e idéias de hoje- as representações. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”(BOSI, 2003, p.55).

O contato inicial com entrevistados, para o pedido de concessão de suas respectivas entrevistas, pode ser considerado nosso marco inicial de uma investigação no qual, como afirma Bosi: “A memória não é sonho, é trabalho”. Os entrevistados que se propuseram a “abrir o baú de lembranças do Colégio de Cataguases”⁴, tiveram uma postura ativa desencadeada a partir do estímulo que é a própria pesquisa.

Um grupo se distingue de outro pela memória e a identidade, ambas construídas socialmente, o que implica a lembrança e também o esquecimento. Sabe-se que as memórias são fontes da história da educação, mas com ela não se confundem. A ênfase nas memórias privilegia a recuperação do vivido conforme as representações de quem o revela, o que não impede que tais revelações sejam cotejadas com outras fontes de pesquisa.

Nosso estudo nos permite entrar no cotidiano do Colégio de Cataguases e apreender sua contextualização social e política. O funcionamento de uma organização escolar é fruto de um compromisso entre a estrutura formal e as interações que se produzem no seu seio, e que podem ser de grupos de interesses distintos. O que estaremos trazendo são representações de ex-alunos, com o esforço de cotejar suas diferentes visões e o intuito de entender o jogo dinâmico da instituição, estabelecido pelos elementos da sua cultura organizacional.

Usamos como norteador de nossa organização preliminar das fontes o esquema proposto por Nóvoa, que apresenta os elementos da cultura organizacional divididos em zonas de invisibilidade tais como as bases conceituais e pressupostos invisíveis e as zonas de visibilidade, que incluem as manifestações verbais e conceituais, as manifestações visuais, simbólicas e comportamentais (NÓVOA, 1992, p.30).

⁴Expressão de Mauro Sérgio Fernandez, um dos nossos entrevistados.

Como bases conceituais e pressupostos invisíveis entendemos o conjunto que integra os valores, as crenças e as ideologias dos membros da organização. As manifestações verbais e conceituais compreendem os objetivos organizacionais, sejam eles escritos no currículo oficial, ou fruto das práticas. Compreendem também o(s) indivíduo(s) que personificam uma idéia-força, como Dr. Francisco, um senhor de muito respeito, que não só entrou para a história do colégio, como também para a da própria cidade de Cataguases. São ainda manifestações desse tipo as histórias e lendas sobre a instituição, por exemplo, a dos seus professores durões. Manifestações visuais e simbólicas são todos os elementos que têm uma forma material e da qual são exemplos, a piscina, primeiro sinal de modernização, além do projeto arquitetônico de Niemeyer ou do painel de Portinari. As manifestações comportamentais emergem nas atividades cotidianas da escola e no modo como são desempenhadas, por exemplo a dificuldade na contratação de professores de Inglês, a elaboração do Regimento Interno ou a utilização da biblioteca.

Essas manifestações constituem os códigos do universo escolar, percebidos na definição de um espaço que lhe é próprio, nas destinações e usos que lhes são atribuídos, na divisão do tempo, nas regras disciplinares, no relacionamento entre os atores, nas práticas pedagógicas, no uso ou não de uniformes, dentre muitos outros aspectos, além da inserção do colégio na sociedade local. São exatamente esses elementos, ou melhor dizendo, as suas representações nas memórias dos ex-alunos, que determinam a respectiva pertença ao colégio, à geração de 1950, às suas posições e interesses. Esses mesmos elementos permitem-nos configurar as práticas educativas e pedagógicas, particularizando uma experiência de escola brasileira no interior do país.

No âmbito da Nova História Cultural, buscamos entender o cotidiano da escola, tarefa que não é fácil porque a realidade escolar é “supostamente conhecida, designada sem cessar mas não descrita, a não ser de forma incidental ou indireta. O que é invocado, mas ausente, é o que se faz na escola, o que se faz hoje ou o que é sempre feito, enfim a prática escolar” (CHARTIER, 2000, p.158).

Os processos implícitos nos saberes e práticas do cotidiano escolar podem remeter para uma espécie de arqueologia dos objetos no campo da Pedagogia, entendidos como objetos culturais, constituídos como suportes materiais de diversas representações sobre a educação. Destaque-se que os novos objetos de uma nova história não são tão novos assim, mas ganharam relevância porque alargaram o campo de investigação (NUNES e CARVALHO, 1993).

1.4 - Fontes escritas e depoimentos orais.

Consideramos documento qualquer tipo de conhecimento fixado materialmente. É importante frisar que os documentos não são tomados simplesmente como fontes de informações objetivas e estáveis, tal como numa abordagem positivista onde “os documentos falam por si[...] sem interferência do pesquisador em seu conteúdo e em seus significados”(FONSECA, 2001, p.5). A pesquisa documental exige que, simultaneamente à localização dos documentos, se desvendem as características inerentes à sua produção, ou seja, em que contexto foram produzidos, qual o autor, origem, época e finalidade.

Fonseca (2001) aborda dois aspectos importantes de uma análise documental: a relativização do documento, a atenção para o conteúdo e suas condições de produção e a qualidade, que não é intrínseca, mas adquirida no processo de construção. O estudo exploratório da documentação teve como objetivo delimitar o campo de constituição do nosso objeto. Como afirma Certeau, “em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 1975, p.81).

A história oficial do ensino em Cataguases, especificamente a do ensino secundário,⁵ restringe-se à história da instituição reduzida à nomeação dos diretores e à demarcação dos seus períodos de gestão, com uma ou outra observação elogiosa; à alusão aos prédios que abrigaram a instituição- da antiga “casa de fazenda” ao modernismo arquitetônico de Oscar Niemeyer- e, no monumento de Niemeyer, o painel de Portinari.

A possibilidade de revelação da dimensão escolar vivida por professores e alunos é ainda um caminho pouco explorado nas pesquisas históricas, nas quais predominam a descrição de eventos, do pensamento pedagógico e/ou da organização escolar, a pasteurização dos sujeitos e de suas “idéias desencarnadas das práticas dos agentes que as produzem” (NUNES, 1996, p.71).

Não há até o momento nenhuma versão da história do cotidiano do Colégio de Cataguases, exceto algumas indicações no depoimento do Dr. Manuel das Neves Peixoto, um dos seus diretores (volume II da publicação Memória e Patrimônio Cultural). As fotos, que ilustram o texto da sua entrevista, nessa publicação, são de ambientes do Colégio de Cataguases. A capa mostra o “salão de festas” do colégio, tendo ao fundo o painel de Portinari, e onde podem ser vistos jovens da década de 1950 absolutamente à vontade, lendo e

⁵ O Ensino Secundário corresponde atualmente ao segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio

conversando. Na contra capa mantém-se a mesma figura tendo ao fundo um painel em branco, numa clara alusão à saída da obra do colégio.



Em 1988, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases, com o lastreamento técnico da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Fundação Pró-Memória (SPHAN/próMemória) e o apoio da Prefeitura inicia o Projeto *Memória e Patrimônio Cultural de Cataguases*. Foi um trabalho de grande envergadura: “em todos os limites do Município, e até fora dele, professores e alunos enraizaram-se coletando, analisando, reescrevendo histórias para através delas conhecer a História não oficial”(LACERDA,1988, p.13).⁶ No entanto, o colégio não foi estudado. Ao indagarmos ao ex- prefeito Tarcísio Henrique o porquê do seu esquecimento ele nos respondeu: “Não houve tempo”. Acreditamos, porém, que ainda não era o tempo, isto é, faltava a consciência sobre a importância da obra educativa e social dessa instituição pedagógica.

A década de 1950 ficou conhecida como a “Década de Ouro” do Colégio de Cataguases. Daí termos escolhido este período para estudo. Nele já estava concluída a construção do novo e moderno prédio. Na década seguinte, mais precisamente no ano de 1963, o colégio seria transformado em escola estadual. Para resgatar parte do itinerário dessa instituição levamos em consideração os seguintes conjuntos de documentos :

Publicações dos estudantes

O Estudante - Localizado no acervo do Centro Cultural Eva Nil- Cataguases e em arquivos pessoais de ex- alunos, este jornal foi órgão oficial do Grêmio Literário Machado de Assis, registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda(DIP) e que, segundo consta em um prospecto de divulgação do Colégio de Cataguases, “acolhe em suas colunas, como prêmio, os trabalhos mais interessantes dos alunos”.

O jornal e o grêmio têm/tinham uma relação direta com a tradição e orgulho institucionais. Deles participaram os membros do movimento literário conhecido como Verde. Guilhermino César foi seu presidente, e, segundo Branco(2002), os primeiros ensaios do grupo, “mais identificados com a estrutura vanguardista estão no jornal *O Estudante*” (BRANCO,2002,p.34). Sempre houve uma aura em torno desses precursores do Modernismo em Cataguases.

O colégio, nos seus prospectos das décadas de 1940 e 1950, destaca o jornal e o grêmio que “foi fundado em 13 de maio de 1914 e por ele passaram alunos que hoje ocupam

⁶ Foram produzidos três volumes, cada um sob a gestão de um prefeito, respectivamente Tarcísio Henriques, Paulo Schelb e Tarcísio Henriques Filho, todos ex-alunos do Colégio de Cataguases.

lugar de relevo nos meios científicos, culturais e literários do Brasil”. Para os diretores, professores e alunos participar dessas atividades significava prestígio. *O Estudante* tinha uma impressão tipográfica bem cuidada em papel de qualidade.

Pirilampo, O Irreverente, Matraca – exemplares cedidos por ex-alunos, e exemplares do acervo do Centro Cultural Eva Nil - Cataguases

Na década de 1950 houve uma proliferação de jornais produzidos pelos alunos do Colégio de Cataguases, utilizando mimeógrafo a álcool para sua impressão e contando com a boa vontade das secretárias e disponibilidade real da “máquina de escrever” para que pudessem ser “batidos”. *O Pirilampo*, “O jornal que é uma luz sobre o Colégio de Cataguases” era uma iniciativa dos alunos internos. *O Irreverente*, “O jornal que não faz cerimônia para dizer a verdade” era uma iniciativa compartilhada entre alunos internos e externos; *O Matraca* era o órgão oficial da 2ª série B, um jornal que não podia competir com a “cultura bem talhada de um jovem que se encontra no científico”, mas já era impresso em tipografia e apresentava uma diagramação profissional.

Arquivo da Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto

Esta escola estadual foi sede do antigo Colégio de Cataguases. No seu acervo encontramos Prospectos de propaganda do Gymnásio Municipal de Cataguases, fevereiro de 1932; do Ginásio Municipal de Cataguases, 1944/45 e do Colégio de Cataguases, 1910-1960; Programa Comemorativo da visita do Social Ramos Clube à Princesa da Zona da Mata: jogo de basquete entre as equipes da Faculdade de Direito de Niterói e a do Colégio de Cataguases; Convite para a inauguração do monumento em homenagem ao Professor Antônio Amaro Martins da Costa, 26 de maio de 1951; Cópia do Hino do Colégio com música de Ary Barroso e letra de Toste Malta; Estatutos e Regimentos Internos do Colégio de Cataguases; do Grêmio Literário Machado de Assis; do Gimnásio Municipal de Cataguases e do Colégio Estadual Manoel Inácio Peixoto. Todos os documentos referentes a períodos anteriores ou posteriores à demarcação temporal da pesquisa, funcionaram como um interessante material para análise comparativa.

Nesse acervo ainda encontramos um documento que denominamos, à falta de outra forma melhor, de Inventário, devido às suas características. Traz uma descrição minuciosa do colégio, a localização, a arquitetura interna e externa do prédio, o número de dependências, a destinação das mesmas, as metragens, sistema de ventilação e iluminação,

mobiliário, aparelhagens, além de um breve histórico do estabelecimento, capacidade de matrícula, horários, corpo docente, relação das obras de arte e da praça de esportes.

Entrevistas e depoimentos a terceiros

Pudemos ter acesso a diversas entrevistas concedidas a outros pesquisadores e que já estavam transcritas, tais como:

Entrevista do Dr. Francisco Inácio Peixoto concedida à pesquisadora Kátia Bueno Romanelli, em Cataguases, em 16/01/81. Trata-se de anexo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e intitulada *A Revista Verde. Contribuição para o estudo do Modernismo brasileiro* (1981);

Entrevista do Dr. Manuel das Neves Peixoto concedida às pesquisadoras Gláucia Siqueira e Helileuza de Oliveira Valadares, em Cataguases, em 13/06/88 e publicada no volume II da coleção Memória e Patrimônio Cultural, 1990.

Entrevista do Dr. Francisco Inácio Peixoto concedida a Alexandre Eulálio (sem sobrenome) para Projeto Cataguases - Acervo Produção Intelectual FIP, pasta “Documentos para Plínio Doyle”.

Entrevista do Dr. Francisco Inácio Peixoto Filho no Vídeo *Um olhar na Modernidade* produzido Instituto de Arquitetos do Brasil – MG – Realização da TV Cultura de Belo Horizonte.

Literatura

A trilogia *O Espelho Partido* (2002), de Marques Rebelo, revela a vida do autor narrador. Nela, ele apresenta, com nomes fictícios, figuras conhecidas da vida literária brasileira, muitos deles seus amigos. Um desses amigos mais próximos foi Francisco Inácio Peixoto. Os personagens e tramas da história que estamos procurando contar reaparecem no romance e a narrativa de Rebelo vai oferecendo maior nitidez ao jogo de luzes e sombras que o passado nos impõe. Tomamos como referência, Lopes e Galvão (2001) quando advertem para o fato de que “as fronteiras entre ficção e verdade são cada vez mais tênues no âmbito das ciências humanas[...] a fração do real que revela é resultado de uma reinterpretação e de uma reelaboração”(LOPES e GALVÃO, 2001,p. 85).

Correspondência privada do Dr. Francisco Inácio Peixoto

A correspondência privada (Cp) do Dr. Francisco Inácio Peixoto inclui 398 correspondentes e encontra-se sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa/Rio de Janeiro, no acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Este arquivo foi criado com o objetivo de preservar a memória literária do nosso país. Frequentá-lo nos deu a consciência da importância dos acervos privados em nosso país.

Os documentos dos arquivos e das coleções particulares, conservados pelas instituições e pelo zelo de indivíduos esclarecidos, constituem elos que nos unem ao passado e informam os fundamentos de nosso presente, garantindo o legado a ser preservado para as gerações vindouras. Ao pesquisador cabe revelar a existência dos documentos, para que novos estudos possam ser desenvolvidos, assim como é sua tarefa de, através da interpretação e da leitura crítica, fazer a documentação falar acerca do que fomos, do que fizemos, do que pensamos, reencontrando e presentificando as figuras significativas de nosso passado (LIMA e FIGUEIREDO JÚNIOR, 2000, p.241).

O Arquivo do Museu de Literatura Brasileira reúne 76 arquivos privados de escritores brasileiros, além de documentos avulsos que incluem cartas, bilhetes, cartões, telegramas e até objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. As correspondências são classificadas quanto à origem em passivas, ativas ou de terceiros sob custódia.

O acervo da correspondência privada de Francisco Inácio Peixoto tem um número maior de correspondência passiva, a qual “enquanto extensão e variedade de presenças espelha muito bem os interesses de um polígrafo e a vida de um homem”(LOPEZ, 2000, p.280). Da correspondência ativa(Ca), em número bem menor, constam as cartas enviadas a familiares, principalmente a sua esposa, quando namorados e noivos, e algumas cópias datilografadas, de caráter oficial, referentes a questões específicas. A correspondência de terceiros sob sua custódia reúnem cartas da irmã que o criou e as da esposa.

A leitura da correspondência passiva (Cp) conduziu-nos a uma classificação pessoal quanto à natureza das cartas, pessoais e negócios. As cartas comerciais, pela diversidade de assuntos, sinalizaram as múltiplas atividades de Francisco Inácio Peixoto, como escritor, empresário, fazendeiro, bancário, banqueiro e diretor de colégio. Ainda há uma outra temática que denominamos Diversos e que inclui cartas de agradecimentos, de congratulações, de boas-festas, de condolências, de recomendações, de desculpas e de pedidos. Nelas, os diferentes nomes e/ou apelidos, pelos quais era chamado, indicam o grau

de familiaridade e da época em que as relações se iniciaram: Peixoto, Peixotinho, Francisco, Francisquinho, Chico Peixoto, Xico, Francisco Peixoto, Dr. Francisco.

As cartas e congêneres eram a forma mais eficaz de comunicação na década de 1950, já que uma ligação telefônica de Cataguases para o Rio de Janeiro podia exigir uma espera de linha de 12 ou mais horas. Dr. Francisco pertenceu a uma geração que valorizava a escrita. Cultivou a correspondência e colecionou cartas que, na pesquisa histórica, podem ser vistas também “como a expressão de uma individualidade e como texto literário”(AMARAL, 2000, p. 21). Para esta posição convergem também Galvão e Gotlib(2000):

As cartas[...] documentam biografias e trajetórias individuais, da mesma forma que testemunham climas e opiniões e cenários de época. E o fazem no ritmo pausado das conversas, intercaladas por lances de humor e momentos de lirismo. Percorrer esta vasta literatura epistolar é situar-se nas zonas intermediárias entre o documento e a ficção, entre o literário e a história (GALVÃO e GOTLIB,2000, contracapa).

Na primeira leitura da correspondência privada de Francisco Inácio Peixoto foram selecionadas as cartas que, pelo catálogo, remetiam diretamente ao colégio (Colégio Cataguases, Grêmio Literário Machado de Assis, Diretório Acadêmico Francisco Inácio Peixoto), as que nomeavam outros colégios (Colégio de Viçosa, Escola Normal Oficial), repartições ou órgãos públicos (Prefeitura de Cataguases, Conselho Estadual de Cultura, Conselho Federal de Cultura); professores do colégio (José da Silva Gradim, Antônio Martins Mendes, Manoel da Neves Peixoto); escritores e amigos (Marques Rebelo, Rosário Fusco, Malba-Tahan); arquitetos, artistas envolvidos com o projeto do colégio (Niemeyer, Burle Marx, Francisco Bolonha, Bruno Giorgi, Portinari) e revistas e institutos de arquitetura (Revista de Arquitetura e Engenharia, Brasil- Arquitetura Contemporânea, Escola de Belas Artes de Belo Horizonte e o Nacional).

No decorrer da pesquisa optamos por proceder à leitura de toda a correspondência em ordem alfabética, de A a Z, retirando dela aspectos considerados relevantes. Ao entrarmos nesse acervo pelos nomes dos destinatários e remetentes tivemos acesso a diferentes tipos de pasta, desde aquelas com apenas um único documento, até as que abrigam um volume expressivo de documentos e se desdobram em outras pastas. Tivemos acesso, portanto, a correspondências que foram contínuas e se estenderam por vários anos ou as que foram mais intensas em períodos cronológicos menores.

A carta enquanto “exterioridade de uma interioridade” torna público o privado (NEVES, 1988, p.191). Logo de início, confessamos, tivemos uma “sincera encabulação”,

para usar uma expressão do próprio Dr. Francisco numa carta a Portinari. Sentimo-nos meio invasores da sua privacidade. Logo dele... tão discreto, tão elegante. O sentimento de desconforto foi, gradativamente, perdendo a força, afinal fora ele quem doara, em vida, sua correspondência para a Fundação. Havia nesse gesto sua autorização para a consulta dos que dela desejassem se aproximar. Fomos avançando, com certeza da legitimidade de nossa “invasão”, mas ainda, às vezes, com um pedido mental: “Com licença, Dr. Francisco” .

Nossa pesquisa foi um exercício constante de desvendamento do contexto no qual o discurso tinha sido produzido, das possíveis histórias que foram se configurando: a história do colégio; a história da cidade; a história do intelectual, contista, poeta, industrial, professor, tradutor, mecenas, amigo fiel. Pudemos então vê-lo humano, temeroso, obstinado e teimoso como lhe qualificavam os amigos, corretíssimo com as obrigações que assumia, suas relações com a família, a política e a Igreja, com o Movimento Verde, dentre outros aspectos.

O exame de toda a correspondência foi organizada pelas seguintes palavras-chave: Colégio de Cataguases, Ginásio e Educação. O material, registrado no caderno de campo, gerou três tipos de condutas: cartas copiadas na íntegra, trechos transcritos e anotações sobre o assunto. Foram classificadas como:

- Correspondência passiva anterior e posterior à inauguração do Colégio de Cataguases;
- Correspondência ativa - anexa em algumas pastas de correspondentes;
- Correspondência relativa à produção intelectual;
- Correspondência ativa e passiva variada

Organizamos esse material em ordem cronológica. Quando o documento não assinalava a data fazíamos a estimativa e o alocávamos na ordem que julgávamos pertinente. A leitura em seqüência cronológica mudou a nossa perspectiva, já que trouxe o reconhecimento dos períodos mais críticos dos processos estudados, permitindo-nos ampliar a compreensão do tema ou inferir algumas hipóteses.

Quando elegemos a correspondência como fonte documental, pretendíamos encontrar pistas sobre o projeto pedagógico do idealizador do colégio. A primeira organização do material permitiu-nos recolher os indícios da transição de uma escola privada para uma escola pública, deflagrada no momento posterior ao que definimos na dissertação, o que nos obrigou a perguntarmos sobre a repercussão desse fato no cotidiano da instituição.

Fomos entrando em contato com a complexidade da vida institucional do Colégio na cidade de Cataguases, num curioso embate entre figura e fundo. Era preciso resgatar a sua

história, mas “a que dar-lhes a volta para entender”(SARAMAGO, Filme: Janelas da Alma, 2002).

Entrevistas

As entrevistas, nessa pesquisa, são também usadas com a finalidade de criar fontes históricas. Diferenciamos, portanto, memória de história. Como afirma Nunes:

[...] As memórias são fontes históricas, pois elas nos ajudam a saber o que tem sido lembrado por alguém em especial ou certos grupos. As memórias, como toda fonte histórica, precisam da crítica que o historiador e/ou educador elabora a partir de uma concepção teórica e do confronto que estabelece entre diferentes fontes e versões de um evento lembrado (NUNES, 2001,p.1).

As entrevistas possibilitam a ampliação do campo de pesquisa, porque esse procedimento metodológico permite estudar grupos e indivíduos que não tiveram oportunidade de registrar suas experiências culturais e educativas. Nossa investigação procurou recuperar as suas memórias, buscando esclarecimentos e opiniões sobre os eventos da época determinada.

Tratamos as fontes orais da mesma maneira que as fontes escritas, confrontando-as incessantemente (NUNES, 2001, p.5). Se toda história depende de sua finalidade social, como nos afirma Thompson (1992), a própria origem da tradição oral já revela aí uma de suas funções. Nesse estudo, através do que revelaram nossos depoentes sobre o cotidiano escolar e as inferências que sobre elas pudemos realizar, foi possível rever e, em certo sentido, romper a barreira entre a instituição educacional e o mundo exterior, entre professores e alunos, entre gerações.

As entrevistas foram realizadas em conversas amigáveis e informais. A proposta inicial era sempre para que o entrevistado falasse livremente, porque buscávamos um relato subjetivo das experiências vividas no Colégio de Cataguases. Se necessário, a pedido do entrevistado ou pela percepção do pesquisador, normalmente para estabelecer o rumo ou estimular os lacônicos, eram introduzidas as questões do roteiro básico preliminar. Esse roteiro foi modificado e se ampliou a partir da realização das primeiras entrevistas (Anexo 1).

Nunca é demais lembrar que entrevistado e entrevistador constroem uma abordagem sobre o passado, condicionada pela relação estabelecida na entrevista. Por isso destacamos que cada entrevista tem matizes próprios. Na relação entrevistado e entrevistador, o

pesquisador “fala” a partir do “seu” lugar e se reconhece influenciado e influenciável (CERTEAU, 1975,p. 66).

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Apenas um dos entrevistados não permitiu a gravação. Num total de vinte e oito entrevistas, uma foi realizada em Juiz de Fora; dezenove em Cataguases, sete no Rio de Janeiro e uma por telefone. Esta última foi complementada por carta, tendo em vista a importância do depoimento e a impossibilidade da pesquisadora deslocar-se para o estado da Bahia, local onde se encontrava o entrevistado. Dezenove entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados; três na residência do pesquisador, quatro no ambiente de trabalho dos entrevistados; uma no hotel em Cataguases e, como já referimos, uma por telefone e carta.

Nossos entrevistados agrupam-se em três categorias: os familiares do Dr. Francisco Inácio Peixoto: três filhas, um genro e duas sobrinhas; cinco ex- funcionários do colégio (dentre eles se inclui a esposa do diretor Manoel das Neves Peixoto) e dezessete ex-alunos. A transcrição de todo esse material gravado gerou mais de trezentas páginas escritas, tarefa essa que esteve inteiramente a cargo da pesquisadora. Esses três grupos de entrevistas nos permitiram o registro de uma diversidade de experiências relacionadas ao colégio.

Na seleção dos ex-alunos internos, incluímos os atletas e os que tiveram seu nome associado ao Grêmio e à Reunião dos Alunos Internos (RAI). Na seleção dos ex-alunos externos incluímos aqueles que concluíram o clássico/científico e que deixaram a cidade para estudarem fora. Dentre eles há alguns que retornaram e outros que se profissionalizaram em outras cidades. Incluímos também aqueles que se mantiveram na cidade. Da população de ex-alunos entrevistados, os internos estiveram matriculados no colégio por um período mínimo de um ano e máximo de cinco; os externos do sexo feminino frequentaram os três anos do científico; oito do sexo masculino, estudaram do 1º ano ginásial ao 3º científico, um deles deixou o colégio e foi ser interno em Nova Friburgo e outro passou um ano no Colégio Naval, mas retornou ao Colégio Cataguases para concluir o científico. Todos foram alunos dos professores titulares, integrantes do núcleo principal da docência no colégio, não necessariamente durante todo o curso.

Antes das entrevistas foram realizados contatos telefônicos e pessoais, através de cartas ou intermediários, quando se fizeram necessários. Foram também oferecidos esclarecimentos sobre os procedimentos do trabalho e solicitada autorização para gravação das entrevistas que tiveram a finalidade de recolher as experiências que os depoentes viveram na instituição. Tentamos obter junto aos familiares informações sobre as características da personalidade de Dr. Francisco, da sua concepção de família e educação,

dos laços de amizade e também buscar a visão deles sobre o colégio, os alunos e a formação educacional ali recebida. O grupo de ex-alunos também foi ouvido com o propósito de que identificassem aspectos de suas trajetórias que pudessem ter recebido ali suas primeiras influências. Olhar para o Colégio de Cataguases, como produto das práticas, na acepção de Chartier, obrigou-nos a reconhecer, através das entrevistas, as representações dos seus agentes sobre a cultura dessa escola num dos seus momentos culminantes de existência.

CAPÍTULO 2

O LUGAR

2.1 - A cidade.

Cataguases é uma cidade “incomum” do interior mineiro, uma cidade do “exterior mineiro”, como sugere Ronaldo Werneck. Por oposição ao estilo barroco de outras áreas urbanas mineiras, Cataguases despertou para a arquitetura moderna e, por este motivo, teve várias de suas edificações históricas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1994. Optamos por apresentá-la através da composição premiada no Concurso Possante, escrita pelo aluno interno do Colégio de Cataguases, Paulo Adolfo Aizen, no ano de 1956, já que registra o clima da época.

CONCURSO DE "POSSANTE"

Composição Premiada Com Cr\$ 100,00, no Concurso "Minha Cidade"

A "PRINCESA DA MATA"

(Escrito pelo aluno PAULO ADOLFO AIZEN do Colégio de Cataguases)



A fachada moderníssima do Colégio de Cataguases, projeto de Oscar Niemeyer.

A CIDADE ONDE MORO E ESTUDO

Cataguases é a cidade do interior mineiro onde estudo e onde atualmente moro. Isto porque estou presentemente cursando o científico no Colégio de Cataguases.

Quem mora no Rio de Janeiro, em Cataguases não sente grande diferença, porque é uma moderníssima cidade, tendo tudo para o conforto e o divertimento.

DO PONTO DE VISTA GEOGRÁFICO

Cataguases fica situada na Zona da Mata, Sudoeste de Minas, a 165 metros de altitude, com um clima tropical, possui uma população de 33 000 habitantes no município e 16 500 na cidade, numa área de 700 km2 aproximadamente.

FÁBRICAS DE TECIDOS

Sua população menos abastada encontra trabalho nas quatro fábricas de tecidos, que produzem para os grandes centros os mais variados padrões, sendo as principais a "Companhia Industrial Cataguases" e "Indústrias Irmãos Peixoto, S.A."

CATAGUASES, CIDADE INDUSTRIAL

Não existem somente fábricas de tecidos, mas também fábricas de vasouras, ladrilhos, macarrão, balas, biscotes, pregos e a novíssima "Companhia Mineira de Papel", também pertencente à família Peixoto.

A RÁDIO CATAGUASES

Para acompanhar o progresso, existe uma possante emissora de rádio, a ZYM-3 Rádio Cataguases com 1 000 Watts na antena.

A IGREJA E O CORETO

Tudo nesta cidade é moderníssimo, desde a Igreja-Matriz Sta. Rita, do Monsenhor Solindo José da Cunha, até no conhecido coreto da praça, também em estilo moderno.

AS FAMÍLIAS TRADICIONAIS

Magníficas são as vivendas das famílias tradicionais desta cidade, como: Peixoto, Queiruz, Vieira de Resende, Pacheco, Ramos Lourenço e outros, lódas elas em estilo arrojado.

A REVISTA E O MOVIMENTO "VERDE"

Cataguases, aliás, gerou por volta de 1927 o conhecido movimento modernista "Verde". Foram seus líderes: Azeânio Lopes, Rosário Fusco, Guilherme César, Francisco Inácio Peixoto, Enrique de Rosende e Antônio Martins Mendes.

O Cinema também teve o seu papel de destaque em Cataguases, com o produtor Humberto Mauro naquela época e atualmente com a "estrela" Eliana, natural desta cidade.

O CONSERVATÓRIO

Para despertar na mocidade atual os dons artístico-musicalis, fundouse uma filial do Conservatório Brasileiro de Música, o Conservatório Lorenzo

Fernandez sob a competente direção da Senhora Lila Carneiro Gonçalves, que congrega atualmente cerca de 110 alunos nos cursos de teoria, piano e acordeão.

OS CINEMAS E O HOTEL

Possui Cataguases, além de 2 cinemas aparelhados para projeções as mais modernas (inclusive CinemaScope), um moderno hotel, digno de figurar em grandes cidades.

O NOME PRIMITIVO E UMA LENDA

Ao nome Cataguases precederam dois outros: Pôrto dos Diamantes e Arraial da Meia Pataca. Deite último, que nos parece fora do comum, perde-se a explicação nos mistérios da lenda; no entanto, o Dr. Moreira Pinto, no seu "Dicionário Geográfico do Brasil", dá curso à seguinte versão: "Sobre a denominação de Meia Pataca, dizem que em principio do século passado, explorando alguns aventureiros a região Sudoeste de Minas Gerais, acharam um rio do qual extraíram o péso de meia pataca de ouro; e por causa disso deram àquele rio essa denominação que se estendeu à pequena povoação assente em suas margens."

E A MOCIDADE SE DIVERTE...

A reminiscência da Meia Pataca está num clube social, que juntamente com o Clube do Remo, congrega a mocidade cataguasense.

Clubes de futebol como o Flamengo, Operário, etc., são os celeiros de grandes craques que militam no futebol brasileiro.

O ENSINO E OS COLÉGIOS

Quanto à educação, Cataguases detém em seu poder o índice de menor numero de analfabetos, isto porque, como em lódas as cidades mineiras, Cataguases tem bons colégios. Além de cinco grupos escolares, possuímos aqui a Escola da Senal, a Escola

Normal e o Ginásio Nossa Senhora do Carmo, dirigido pela madre Maria Josefa, a Escola Técnica de Comércio, dirigida pelo Dr. Angelo Rocha com os cursos Comercial Básico, e Técnico de Contabilidade, e ainda o principal deles, o Colégio de Cataguases dirigido pelos Drs. Francisco Inácio Peixoto, Manuel das Neves Peixoto e Francisco Peixoto Filho.

COLÉGIO DE CATAGUASES

Como vocês vêem pelas fotografias, possui o Colégio um grande terreno, no qual estão situados o campo de futebol, 2 campos de vôlei e basquete, a piscina olímpica, bosque de cuculiptos, curral, padaria e o edifício principal.

Neste edifício encontramos três pavimentos assim divididos: no primeiro, o refeitório, a cozinha, a diretoria, e secretaria, os gabinetes médico e dentário, a barbearia, a discoteca, o auditório com 500 lugares, o salão de música, o mural "Irmãos", de Portinari, e ainda o mural de Paulo Werneck; no segundo andar, as 10 salas de aula, o anfiteatro, o laboratório, duas salas de professores, a biblioteca "Marques Rebelo" e o salão de estudo com 180 carteiras; no terceiro e último, a refeitório, a enfermaria, dois dormitórios para menores e maiores e ainda onze apartamentos para os alunos do curso colegial.

Todos os professores são muito bons, sendo que três vivem no próprio colégio, como também um dos diretores, para melhor acompanhar seus alunos.

A comida é saudável e gostosa, e tipicamente mineira.

Após uma semana de estudos, os melhores dias são os sábados e domingos, quando nós, os internos, descemos para a cidade, distante do colégio cerca de 10 minutos a pé.

Por estas e por outras coisas é que Cataguases é denominada muito acertadamente "Princesa da Mata".

Vista aérea do Colégio de Cataguases.



POSSANTE (Revista Infantil Mensal) * Propriedade da Editora Brasil-América Limitada. Especializada em Publicações para Crianças, Moças e Jovens. * Direção de Paulo Adolfo Aizen. * Escritório, Redação e Oficinas no Edifício "Princesa da Mata", Rua General Almirante de Almeida, 302, São Cristóvão. * Telefone 38-839. * R. de Janeiro, (C.R.), Brasil. * Preço: Cr\$ 5,00. * Abonamento: Cr\$ 50,00. * Distribuição: em todo o Brasil e no exterior. * A circulação mensal de sua revista é de 100.000 exemplares. * Para maiores informações, consulte o "Requisito Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", editado pela Editora e 3.

Nº 43
AGOSTO 1956
Cr\$ 5,00

2.2 - Primeiros acordes da história.

Vamos começar...mas não é o começo.

Não improvisamos uma tradição para o nosso Ginásio. Ele existe há 35 anos. Olhai o velho casarão, as árvores nodosas, escorrendo limo e deitando frescura neste ar leve e puro, escutai os melros inumeráveis das palmeiras, ouvi o borbulhar das águas nascendo no seio da terra, senti o cheiro forte da seiva que vem dos matos em torno. Não me negareis, depois, que, tudo o que sentirdes, ouvirdes ou olhardes, está profundamente impregnado da vida das gerações que por aqui passaram (Francisco Inácio Peixoto, Arquivo- Museu de Literatura - Produção Intelectual).

Essas palavras do discurso do Dr. Francisco, proferido em 1945, no lançamento da pedra fundamental do novo prédio do Colégio de Cataguases, nos faz refletir e imaginar. Nós, os das gerações que já encontramos o moderno edifício erguido e que o naturalizamos com nossa ocupação, podemos ceder ao seu convite e efetuarmos o regresso à experiência poética do espaço vivido. Num outro exercício de imaginação, podemos retornar mais precisamente àquele momento em que se enunciava o discurso de celebração dos 35 anos de existência do colégio, lastro que lhe permitiu falar em tradição.

Assumi proporções de verdadeiro acontecimento local a recepção aqui feita, no dia 29 do corrente, ao rvmto Padre Theóphilo Bento Salgado, preclaro educacionista que vem dirigir os estabelecimentos de ensino secundário fundados, recentemente, nesta cidade, pelos srs Peixoto & Duarte”(A *EPOCH*A in O Estudante, 1950, p. 11).

Tarde de 29 março de 1910, vamos nos posicionar junto a uma “numerosa massa popular” nas proximidades da Estação Ferroviária, e desfrutar do imaginário túnel do tempo: “o trem mixto das 3 e 55 minutos da tarde” se aproxima. Primeiro os apitos, depois a fumaça e as brasas. Se apurarmos o olfato, os que experimentaram a proximidade com as Marias-Fumaça, poderão recuperar o cheiro característico da lenha queimada, misturado aos óleos com que besuntavam as engrenagens. Há que se ter cuidado, porque os ciscos podem entrar nos olhos. Imagine, estragar a festa! O trem já está devagar “[...] estrugiram salvas de dinamites e foguetes em vários pontos e a banda de música atacou um vibrante dobrado”. Podemos investir na ousadia e arriscar a descrição do clima: curiosidade, expectativa e uma certa euforia, risos alegres, comentários em tom de voz elevados! Cataguases estava concretizando “as esperanças longamente alimentadas para dotar-se a cidade com o principal melhoramento de que ela carecia afim de se impor, definitivamente, à primazia entre as suas vizinhas e co-irmãs”(A *EPOCH*A in O Estudante, 1950, p.11). O ano de 1905 foi, segundo

Costa (1977) um marco para o desenvolvimento da cidade, com “o surgimento do plano de criação da primeira usina geradora de energia elétrica e da primeira fábrica de tecidos”(COSTA, 1977, p.38). No entanto, a ausência de estabelecimento de ensino secundário conferia-lhe um certo sentido de inferioridade, o que sinaliza a importância dada à educação pelos membros daquela comunidade.⁷

A chegada do diretor, cercada de pompas e circunstâncias foi cuidadosamente preparada. Criaram-se comissões e elegeram-se os oradores, para as saudações de boas – vindas. O Padre Theófilo era procedente de uma cidade próxima, Pomba, e vinha acompanhado de seus sete discípulos. Os “neo-conterrâneos apearam do trem entre as mais significativas mostras de regozijo popular” e “fez-se silêncio para ouvir os oradores” (*A EPOCHA* in *O Estudante*, 1950, p.11). Concluída essa parte do programa, o grande séquito saiu: à frente os alunos das escolas públicas, dispostos em filas. Em seguida o novo diretor e sua comitiva, as comissões populares organizadas para a recepção, a “Euterpe Cataguasense” e por fim os populares. O destino desse grupo era a chácara da Granjaria, onde se achava instalado o *Gymnásio*. Em todo o caminho não “cessaram de estrugir foguetes e salvas de dinamite. Às pessoas que visitaram o novo estabelecimento foi servido um copo de cerveja⁸ e já passavam das 18 horas quando o padre e seus companheiros retornaram à cidade para jantar no Hotel Vilas.

A inauguração do Ginásio e da Escola Normal de Cataguases aconteceu em 31 de março de 1910, na antiga chácara da Granjaria e em 2 de abril o número de alunos matriculados era de trinta.

O pensamento de instalar em Cataguases um estabelecimento como esse antecede essa data. Em 15/10/1898, a Lei n.º 86, da Câmara Municipal, no seu Art.1º dizia: “Com o título de Ginásio de Cataguases será criado e mantido pela Câmara Municipal desta cidade, um estabelecimento de instrução secundária, modelado pelos estabelecimentos congêneres, custeados pelo governo do Estado”. Promulgada pelo Agente-Executivo Municipal Dr. Antônio Cavalcanti Sobral, essa iniciativa não saiu do papel.

O sistema federativo e governo instituído pela Constituição da República de 1891 estabeleceu, em termos da legislação educacional, uma dualidade de sistemas: a União deveria “criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados” e “prover a instrução secundária do Distrito Federal”. Seria da competência dos estados prover e

⁷ Achamos oportuno sinalizar que em 1872 instalaram-se na cidade os serviços do Correio; em 1877 foi inaugurada a estrada de ferro *The Leopoldina Railway Company*, Ltda, que ligava Cataguases ao Rio de Janeiro; em 1892 o sistema de água potável; em 1896 a inauguração do Teatro Recreio e, em 1908, a da luz elétrica.

⁸ Podemos pensar que se tratava da cerveja Volvi, de fabricação local, a época, e mencionada por Oswaldo Barroso (Depoimento em Memória e Patrimônio Cultural, 1988, p. 84)

legislar sobre a educação primária. O que acabou ocorrendo, na prática, foi que a União ficou com criação e controle da instrução superior e o ensino secundário em todo o país, bem como todos os níveis de instrução no Distrito Federal, e, aos Estados, coube criar e controlar o ensino primário e profissionalizante, nessa época representado pelas Escolas Normais para moças e Escolas Técnicas para rapazes (ROMANELLI, 1978, p. 41).

Segundo Romanelli (1978), esse sistema que vinha se mantendo desde o Império, oficializava a distância entre a educação da classe dominante (escolas acadêmicas e escolas superiores) e a educação do povo (escola primária e profissional), retrato da organização social brasileira. No entanto, a composição da sociedade, naquele momento, já não permitia mais esta forma de simplificação. Uma nova sociedade despontava com a república. A própria matéria, da qual nos utilizamos para descrever como se dá o nascimento do Colégio de Cataguases, oferece-nos também elementos que consubstanciam essa análise. Referimo-nos às várias comissões, agora enumerando-as: Comissões das Câmara Municipal, Foro, Professorado, Comércio, Liga Operária, Auxiliadora de Instrução, Associação Bancos de Cataguases, Associação de A.B. Previdência e da Lavoura. Essas comissões representam grupos e sinalizam a complexificação social de uma pequena cidade do interior.

Em Nagle (2001) encontramos uma das possíveis explicações para o fracasso da primeira investida em Cataguases em prol do ensino secundário: “De 1890 a 1920, [...] o Poder Público se interessa apenas pela manutenção de estabelecimentos padrão que sirvam de modelo para as demais escolas secundárias do país”(NAGLE, 2001, p.191). A União mantinha o Colégio Pedro II, o Ginásio Nacional, com sistema de internato e externato e, alguns estados, um único ginásio nas capitais. De acordo com Nagle, as estatísticas demonstram ser a iniciativa privada a responsável pelo ensino secundário no período ao qual estamos nos referindo e por muitos anos mais. Cataguases mantém-se dentro das estatísticas, senão vejamos:

Temos informações positivas e seguras de que um grupo de capitalistas e comerciantes da nossa praça, a cuja frente acham os Srs Manoel Ignácio Peixoto, João Duarte Ferreira e Antônio Henriques Felipe, está organizando uma Associação para o elevado e profícuo fim de fundar nesta cidade um Ginásio e uma Escola Normal -O Cataguases, 17 de outubro de 1909 (COSTA, 1977, p. 7).

A história da criação do colégio está contida em diversas pequenas histórias. Na chamada história oficial, na história da cidade que registra, nessa direção, o movimento de um político em 1898, nas discussões dos cidadãos influentes na primeira década do século vinte, nos desejos da população, na subscrição do capital, enfim nos arranjos que culminaram com a chegada do primeiro diretor.

O Colégio de Cataguases, antigo Ginásio de Cataguases e, posteriormente, Ginásio Municipal de Cataguases, foi fundado em 1910, pelos senhores Manuel Inácio Peixoto e João Duarte Ferreira, que organizaram, para explorá-lo, a firma Peixoto, Duarte & Cia. (Documento Inventário - Acervo da Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto).

Quem são esses senhores que concretizam o tão esperado colégio? Imigrantes portugueses que iniciaram a vida no Brasil como trabalhadores braçais na construção de estradas de ferro. Trabalharam duro. Fixaram-se em Cataguases e prosperaram. O Sr. Manuel Inácio Peixoto teve família numerosa e o Sr. Duarte não teve filhos. O primeiro se fez industrial e o segundo administrador e político⁹. Eram homens de negócios, mas esse empreendimento não parece ter sido realizado com a intenção de lucro.

Os primeiros anos do colégio não foram estáveis. O tão aclamado primeiro diretor, Padre Theófilo, não permaneceu. “Um ano, mais ou menos, depois da inauguração”(COSTA, 1977, p.72) o colégio passa para a orientação do *Granbery*¹⁰ que designa Mr. W.B. Lee para seu reitor, e esse assume as funções em 9 de fevereiro de 1911 nela permanecendo até 27 de novembro de 1913. Funcionavam na época, quatro cursos: Colegial (3 anos); Fundamental (3 anos); o Agrícola Profissional (4 anos) e o Normal (2 anos). Em discurso (O Estudante, 1950, p.1), Professor Antônio Amaro, assim se refere a Mr. Lee: “cidadão probo, profundamente bondoso que depois de uma atuação profícua de três anos” entregou-lhe as chaves do estabelecimento. No início de 1914, o colégio filia-se ao Ginásio São José de Ubá, de propriedade e direção dos professores José Januário Carneiro e Antônio Amaro Martins da Costa. Este, na impossibilidade de transferir-se para Cataguases, delega ao Professor Arnaldo Carneiro Viana a direção do colégio, função esta exercida em comum acordo com o Prof. Amaro, e na qual permanece até janeiro de 1917, ano em que o Prof. Amaro muda para Cataguases e assume diretamente a direção. Em 1923 o ginásio passa para sua propriedade com a compra do terreno e edifício. São suas as seguintes declarações:

Transferindo-nos em janeiro de 1917, jamais nos afastamos do velho Ginásio de Cataguases[...].Confundiram-se nossas existências, uma vez que com igualdade de ânimo participávamos de seus dias de alegria e de adversidade[...] também as coisas têm sua vida como a dos homens, se lhes sobram, às vezes, dias de sol, não lhes faltam, entretanto, dias de tristeza e de amargura (O Estudante, 1950, p.1).

⁹ Dados biográficos sobre os senhores Manoel Inácio Peixoto e Coronel João Duarte Ferreira em *Cataguases Centenária – Dados para sua História* – Levi Simões da Costa, 1977

¹⁰ O Ginásio de Cataguases passa a ser filiado ao Colégio Granbery de Juiz de Fora, de orientação metodista.

É sob a direção do Professor Antônio Amaro que o colégio adquire prestígio regional, insere-se na história do movimento modernista pela atuação de alguns de seus alunos e, em termos legais, incorpora algumas conquistas:

Em 3 de março de 1914 o Governo Estadual lhe concedeu a regalia de escola Normal pelo decreto n.º 4 141. Logo depois, o Governo Federal lhe concedia Bancas Examinadoras, que funcionaram até 1927. Suprimidas, por nova reforma do ensino, as Bancas Examinadoras, outorgou-se ao Ginásio o regime de inspeção prévia. Pelo decreto de n.º 21 921, de 10 de outubro de 1932, finalmente, tornou-se permanente a inspeção, ficando então o Ginásio considerado “estabelecimento livre de ensino secundário (O Estudante, 1950, p.1).

Em 10 de fevereiro de 1925, a Escola Normal é desmembrada do Colégio e passa para a direção das Irmãs Carmelitas da Divina Providência. Em 1927, O Ginásio de Cataguases, passa a chamar-se Ginásio Municipal de Cataguases. Em 1934, foi arrendado aos Padres Agostinianos mas já no ano seguinte retornava às mãos do Professor Antônio Amaro.

2.3 - Quando, como e por que Dr. Francisco resolveu fazer um colégio?

Essa questão nos acompanhou durante toda a pesquisa. Nas entrevistas com os familiares, indagamos às filhas, se em algum momento Dr. Francisco havia esclarecido porque resolvera criar um colégio:

Que eu me lembre...não. Mas conhecendo o papai... era a preocupação de levar a cultura. Ele era preocupadíssimo com a cultura, com o bom gosto...(Maria Inês)

Eu tenho a impressão que o papai já era um apaixonado pela educação. Eu acho que ele queria dar a Cataguases...[...] a uma educação para as crianças , para os jovens... (Bárbara)

Para [nós] estudar[mos] e dar condições [...] aos filhos dos outros também de aqui estudarem. Tinha só a Escola Normal (Maria Cristina).

Uma preocupação social e cultural, um olhar atento para as necessidades da cidade e uma questão de ordem bem prática e sentimental: oferecer condições para que os filhos convivessem em família alguns anos mais. Possível, bem possível... Além do que, pode-se apreender pelas obras que realizou e pelas influências que exerceu - nos projetos da casa de saúde, museu, maternidade, hotel, cinema, casas para o operariado - que ele acreditava nas artes como instrumento de transformação da sociedade.

Em 1941, quando as discussões sobre a empreitada em que se constituiu o colégio estavam a pleno vapor, o amigo Aldílio manifesta preocupação e o adverte: “[...]se está pensando em futuro para os filhos, cuidado com o coração”(Cp FIP Aldílio Tostes Malta, s/d).

Mas o que estava acontecendo no Ginásio Municipal de Cataguases, lá pelos idos de 1940? O professor Antônio Amaro estava cansado. À frente de instituições de ensino desde 1905, precisava reorganizar sua vida e aposentar-se. Podemos imaginá-lo então em conversas, buscando pessoas interessadas que pudessem adquirir o seu colégio. Marques Rebelo dá-nos a sua versão:

O ginásio estava caindo de podre e ameaçado de não poder funcionar dentro das novas disposições ministeriais; o proprietário, velho e conceituado professor, não se sente disposto a fazer uma reforma geral que o colocasse dentro das exigências legais- já se sentia muito doente, muito alquebrado, para enfrentar uma obra de tal monta, que o obrigaria a continuar à testa do estabelecimento, quando o seu propósito irrevogável era aposentar-se, pois que quarenta anos de magistério já fora carga bem pesada, que merecia descanso (REBELO, 2002, p. 193).

Vamos constatando, pelo cruzamento de fontes, a plausibilidade dessa versão. A filha do professor Antônio Amaro a corrobora: “O prédio já estava antigo e papai doente”(Detinha). Em carta ao Dr. Francisco, Gastão Gonzaga, analisando uma série de aspectos relativos à aquisição do colégio, argumenta que estão:

[...] diante das atuais exigências dos Ministérios do Trabalho e Educação[...] Os ginásios estão realmente onerados, e o decreto que regula o salário dos professores não deixa a menor dúvida quanto ao caso daí, isto é, os professores de 7\$000 não poderão sofrer nenhuma alteração nos seus vencimentos.

A regulação atinge também todos os funcionários a serviço do colégio, os quais gozam dos mesmos direitos dos professores junto ao Ministério do Trabalho (Cp FIP -Gastão Gonzaga, 7/ 02/1941).

Acompanhando a narrativa de Marques Rebelo e estabelecendo conexões com outras fontes, vamos esboçando nossa compreensão sobre esta parte da história.

Na iminência de a cidade ficar sem tradicional educandário, houve um movimento para adquiri-lo e reformá-lo. Mas tudo teria ficado em acaloradas discussões, se Francisco Amaro[...] não tivesse se posto à cabeça da coisa e comprado o ginásio, por quanto o velho mestre pediu (REBELO, 2002, p. 193).

Quem, no início da década de quarenta poderia se interessar em adquirir o Ginásio de Cataguases? Não temos registros de quantos se motivaram, mas o fato é que o colégio tinha se tornado:

um atrativo a que responderam moços e moças. Já não precisavam sair de casa para estudar em longes terras. Fazendeiros, sitiantes, mais a fina flor da burguesia local, pequenos funcionários, comerciantes, o pessoal do fórum e, sobretudo, O Cataguases, órgão oficial dos poderes municipais” tinham-no visto como “germe de um futuro Caraça” e os mais “exaltados profetas” chegaram a pensar que “seria uma nova Ouro Preto, uma nova Sorbone em plena Mata” (Guilhermino César, in Caderno de Sábado-31/03/1979-Arquivo- Museu de Literatura).

Encontramos no acervo da correspondência do Dr. Francisco os indícios de ações mais engajadas e novas manifestações de preocupação dos amigos por ele se dispor adquirir o colégio: “Com pesar imenso venho por um ponto final às nossas negociações entabuladas com o querido mestre Antônio Amaro”(Cp FIP -Gastão Gonzaga. 7/02/1941). O professor Gastão, segundo depoimento do Dr. Manuel das Neves foi “ o primeiro nome a ser lembrado como diretor[...] o Francisco sempre falava nele. Eu não sei, talvez por algum receio de se deslocar de Rio Branco...Na verdade é que ele não quis vir” (Manuel da Neves, 1988, p.77). Amigos próximos, como Aldílio Tostes Malta voltam a adverti-lo:

Quanto ao Gymnásio: 40 alqueires a 5 contos = 200 contos. Vale o collegio cem contos? 5 contos o alqueire é o maior preço nas proximidades (1 quilômetro) de Juiz de Fora. Portanto está aí a base do seu negócio, sem falar no valor das benfeitorias. Ruim me parece o que ele pede a mais. Você sempre teve um [palavra incompreensível]pelo Gymnásio [...]Faça tudo a bico de pena- que 300 contos a 8% vai 2 contos por mês de papo para o ar. (Cp FIP- Aldílio Tostes Malta – 1941).

Dr. Francisco tinha uma ligação afetiva com o colégio fundado pelo pai, no qual estudara e fora professor de História, além da relação de carinho e respeito mútuo entre ele e o professor Antônio Amaro, que se revelou logo no início da nossa pesquisa, quando da leitura da carta que o mestre lhe envia em 14 de dezembro de 1928. Soma-se a isso a declaração da filha Bárbara :“Papai gostava imensamente dele”.

Assim sendo, Dr. Francisco toma a pulso a empreitada:

O Papai, o Manuel das Neves, que era o sobrinho dele mais velho, filho de um irmão, o tio Inácio, do primeiro matrimônio do meu avô,[os dois] regulavam [na idade]. O papai estava sempre junto com o Manuel, chamava o Manuel para as coisas. Então ele teve o apoio inicial do tio João e do Manuel das Neves. O Projeto inicial era do papai (Maria Inês).

Em 1942, a firma Peixoto & Cia Ltda adquiriu o educandário, tornando-se, então, seus diretores os Drs. Francisco Inácio Peixoto e Manuel das Neves Peixoto. Pelo decreto número 21.476, de 22 de julho de 1946, o Ginásio Municipal de Cataguases transformou-se em Colégio de Cataguases (Documento Inventário, p. 1).

2.4 - Arquetetando o moderno.

Lançar um olhar sobre a modernidade, no que concerne à arquitetura em Cataguases é refletir sobre a própria história do movimento modernista brasileiro e reconhecer em

Francisco Inácio Peixoto a autoria dessa transformação. Arquitetos como Aldary Toledo, Carlos Leão, Francisco Bolonha, Flávio Aquino e Edgar do Valle, além de Niemeyer construíram ali um acervo que fez de Cataguases uma das cidades precursoras desse audacioso movimento. As construções das décadas de 40 e 50 na cidade fazem parte das primeiras experiências dessa renovação arquitetural, dentre as quais se destacam, no Rio de Janeiro, o edifício do Ministério da Educação e, em Belo Horizonte, o conjunto da Pampulha.

Não vamos nos deter em análises sobre a arquitetura modernista cataguasense. O que nos interessa mais de perto é o projeto do Colégio de Cataguases que, na concepção de Niemeyer, tem “...uma solução simples, que não pede explicação” (*Cataguases* - Suplemento Especial, 1990, p.4).

A arquitetura do Colégio de Cataguases, segundo seu criador, não pede explicação, muito possivelmente no que diz respeito à funcionalidade. Se a relacionarmos, no entanto, às construções com destinação semelhante podemos marcar a sua diferença. Estamos falando de um prédio escolar moderno, numa concepção local e nacional. O Colégio Cataguases apresentava uma arquitetura inovadora se comparada à dos prédios dos grupos escolares *Coronel Vieira e Astolfo Dutra*¹¹, inaugurados em 1913, ao prédio Grupo Escolar *Guido Marlière* instalado em 1930¹² e ao da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, inaugurada em 10 de fevereiro de 1912, mas que em 31 de maio de 1942 passou por uma reforma, tornando-se amplo e confortável edifício com dois pavimentos, pátios de recreação, ginástica, jogos esportivos e exercícios físicos, muitas salas de aula e dormitórios”(COSTA, 1977, p.82)

A cidade já possuía, portanto, no início dos anos de 1940, estabelecimentos de ensino construídos especialmente para essa destinação¹³. Podemos pensá-los sob a inspiração de Escolano e Frago, em seu livro *Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa* (1998) e, também, à luz da descrição presente em artigos de autores brasileiros que estudaram a arquitetura das nossas escolas construídas no mesmo período, no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras. Nessas escolas há um predomínio de edifícios austeros, com formato interno que obedecia ao modelo panóptico, facilitando a vigilância e controle.¹⁴

¹¹ Sob essas denominações compartilhavam o mesmo edifício, funcionando em horários diferentes.

¹² Esses grupos escolares hoje são denominados Escolas Estaduais.

¹³ Os grupos escolares prestavam-se a outro segmento de ensino, o Primário, e, em Cataguases, naquela época, atendiam à população em idade escolar indiscriminadamente. Foram a única opção para os meninos cursarem os quatro anos no ensino primário. Para a população de sexo feminino, havia a Escola Normal, que era exclusivamente feminina e particular.

¹⁴ O princípio do panóptico, dispositivo penitenciário concebido pelo filósofo Jeremy Bentham, é uma torre central, num edifício circular, de onde pode-se exercer a vigilância sem que os que sofrem a ação percebam a “presença real dos vigilantes”. Na análise de Michel Foucault, em *Vigiar e punir*, o panoptismo é usado metaforicamente como uma forma de controle e poder (SILVA, 2000, p.87).

Em geral, a arquitetura escolar combinou a clausura ou encerramento com a acentuada ostentação de um edifício sólido cujas paredes constituíam a fronteira com o exterior ou que se achava separado desse exterior por uma zona mais ou menos ampla do campo escolar e um muro ou grade que assinalava os limites do espaço reservado (FRAGO, 1998, p.91).

Os primeiros prédios escolares cataguasenses seguiam uma tendência da época, rompendo com o passado rural do país e incorporando construções com certo ar majestático, que logo se destacaram na paisagem. Nunes sinaliza que a arquitetura escolar brasileira resistiu ao moderno, “foi matizada pela peculiaridade de nunca assumir radicalmente a proposta inovadora da vanguarda modernista e se identificar muito mais com o *Art Decô*” (NUNES, 2003, p.387).

O Modernismo, na perspectiva do nosso trabalho, tem raízes mais profundas que a estética do Colégio de Cataguases. Como movimento artístico e literário forneceu um pano de fundo para a obra educativa. Pretendemos mostrar que a pedra fundamental do colégio foi lançada muito antes de ser pensada a sua edificação.

Foi a Verde...

Onde começa essa história?

Não é exatamente ao começo que pretendemos chegar. Estamos simplesmente transitando em tempos diferentes e procurando uma harmonia na forma de contar. Afinal, a “atualidade é o nosso começo real” e o começo “anterior no tempo apenas o “corte inaugurador” da nossa investigação (CERTEAU, 2002, p. 22).

Um dos desdobramentos mais importantes da Semana de Arte Moderna teve o grande mérito de servir de plataforma para a consolidação de grupos, publicação de livros, revistas e manifestos em vários estados brasileiros, dentre os quais Minas Gerais. Um desses grupos, reconhecido e citado nas publicações sobre o Movimento Modernista Brasileiro, é o grupo da revista Verde.

Era uma vez ... nove rapazes mineiros¹⁵ residentes em Cataguases. O que faziam? Muitas poesias, contos, crônicas, romances, mas isso tudo ao longo das respectivas existências. Juntos estudaram, participavam do Grêmio Literário Machado de Assis, colaboraram em jornais locais, trocaram livros e, provavelmente, sonhos e aspirações. Os jornais locais, especificamente o *Mercúrio* serviram de “tubo de ensaio para a aventura

¹⁵ Ascânio Lopes(1906/1929) de Ubá; Camilo Soares (1909/1982), de Eugenópolis; Christophoro Fonte-Boa (1906/1993) de São Gotardo; Enrique Resende(1899/1974) de Cataguases; Francisco Inácio Peixoto(1909/1986) de Cataguases; Guilhermino César (1908/1993) de Eugenópolis; Martins Mendes(1903/1980) de Cataguases; Oswaldo Abritta(1908/1947) do Distrito de Cataguarino e Rosário Fusco(1910/1977). Quase todos eram alunos do *Gymnásio de Cataguases*, exceto Martins Mendes, professor do colégio, Enrique Resende já engenheiro e com um livro publicado em 1923 e Fusco, o mais novo e que fez o curso ginásial numa fase posterior.

modernista”(BRANCO, 2002, p.33), assim como as sessões do grêmio também foram veículos para os poemas “revolucionários” do grupo. Concordando com a “afirmação de (que) os ideais estéticos não vêm de chofre” (BOSI, 1994, p.332), o grupo de Cataguases não esteve na Europa¹⁶ antes de suas formulações modernistas, tal como tiveram oportunidade os cariocas e paulistas da burguesia culta, mas o termo “futurismo, com todas as conotações de ‘extravagância’, ‘desvario’ e ‘barbarismo’ começou a circular em jornais brasileiros a partir de 1914 e virou polêmica na boca dos puristas”(BOSI,1994, p.332). Guilhermino César nos apresenta a sua visão do momento particular de Cataguases na década de 1920:

Fomos colhidos pela insurreição modernista. O ginásio fervia de literatura mal assimilada. Seus estudantes liam de tudo um pouco, principalmente os “novos” da semana de Arte Moderna e respectivos sequazes espalhados pelo Brasil (Guilhermino César, 1979, Caderno de Sábado).

Em 1927 lançaram a Revista VERDE (1927/1929) e, em novembro do mesmo ano, o Manifesto Verde (Anexo 2), impresso em papel de cor verde e distribuído pela cidade. Não pretendemos “soprar as cinzas da Verde”, como, indiretamente, nos desaconselha Dr. Francisco (Produção Intelectual – Arquivo – Museu de Literatura).

Mas foi ali, no grupo da Verde, o nascimento do Modernismo cataguasense. Foi único? Não. Paralela à agitação, provavelmente nem tanta agitação assim, Humberto Mauro e seu grupo fizeram trabalhos pioneiros do cinema nacional, reconhecidos no cenário nacional como *Ciclo Cataguases*. Os dois grupos eram independentes (Guilhermino César, 1988).

Se a Semana de Arte Moderna levou o país a integrar-se nas coordenadas culturais, políticas e sócio - econômicas do século XX (TELES,2002, p. 276), Cataguases também teve o seu processo de *Passagem para a Modernidade* (Branco, 2002), no qual se inscreveram a literatura e o cinema, ainda dissociadas, e, portanto, sem influências recíprocas.¹⁷

Não poderíamos estudar o Colégio Cataguases sem considerar a influência das idéias, que nortearam o Movimento Verde, à medida em que Francisco Inácio Peixoto era um dos participantes do grupo. Pensamos que algumas de suas idéias modernistas nasceram nas

¹⁶ Exceto Francisco Inácio Peixoto que, aos 14 anos, esteve em Portugal em companhia do pai adotivo.

¹⁷ No livro *Cataguases um olhar sobre a modernidade*, o prefeito Tarcício Henriques (1988, p 22) afirma que foi graças à Verde que os seus integrantes passaram ao cenário literário nacional, estabeleceram laços de amizade com Marques Rebelo, Manuel Bandeira, Otávio de Faria, Walter Benevides e Augusto Frederico Schmidt e que esses, por sua vez, permitiram a alguns dos verdes aproximarem-se de Portinari, Di Cavalcanti, Oscar Niemeyer, Brecheret, Tarsila, Santa Rosa, Villa Lobos, que por sua vez deixaram obras importantíssimas na cidade. Já para Branco, “um segmento de cultura como Verde representou um filão aurífero de idéias que fez nascer na cidade um sentimento determinante de pesquisa e experimentação artística que produziu, a partir dele, algumas gerações voltadas para a ação cultural” (2002, p.85). Para Patrícia Moran, historiadora da UFRJ a Verde foi “importante para a solidificação do movimento modernista em termos nacionais: representou a conquista do interior brasileiro e o rejuvenescimento do modernismo brasileiro”(*Cataguases um olhar sobre a modernidade*, 1988, p. 23).

intermináveis conversas que o cotidiano sem pressa lhe permitia viver, e sobre o qual vamos encontrando vestígios na leitura dos documentos. Henrique Resende, quando retornou a Cataguases, formado em engenharia, veio para trabalhar na construção da estrada Cataguases-Leopoldina, já havia publicado um livro, “estava cercado de uma aura”, e:

se entusiasmei com aqueles rapazes que o procuravam e que ficavam à noite, sentados na calçada em frente a sua casa, à espera de respostas às cartas que lhe escreviam. Imagine que, morando todos em Cataguases, nós nos dávamos a esse desfrute e, enquanto esperávamos, íamos comendo um pedaço de pão, alguma coisa que ajudasse a nossa impaciência” (FIP,16/01/81- Entrevista concedida à pesquisadora Kátia Bueno Romanelli).

Gostamos de imaginar esse grupo de rapazes, naquele momento apenas ansiosos e “impacientes”, sem supor que estavam gestando as idéias de grupo, quem sabe ensaiando as frases de efeito e propostas que depois lançariam no seu manifesto. No seu livro *Passagem para a Modernidade*, Branco analisa o manifesto Verde e nos sugere uma leitura atenta do mesmo, já que ela nos revelará a independência, a brasilidade, a objetividade, a inovação, temas modernistas de um modo geral (BRANCO, 2002, p. 72).

São esses alguns dos aspectos que vamos reconhecendo em Francisco Inácio Peixoto, quando retomamos sua trajetória de realizações e mais especificamente o processo de implementação do Colégio de Cataguases.

Reformar somente o prédio, adaptá-lo às novas exigências, pareceu-lhe precário.[...] O melhor seria construir um edifício à altura, uma obra que desse o que falar, que fosse um orgulho para a cidade(MARQUES REBELO, 2002, pp193-194).

O Colégio de Cataguases não deixa dúvidas sobre sua inserção numa nova linguagem arquitetônica, seja pela estética ou pelo uso de novos materiais e técnicas de construção. Visto sob a perspectiva de um edifício escolar podemos atribuir-lhe o caráter de inovador. Em primeiro lugar pelas próprias linhas modernistas que, como já vimos anteriormente, se distinguia dos modelos da época, não apenas no que diz respeito à fachada e entorno como às dependências interiores, todas com uma série de elementos que ratificam e consolidam a opção pelo moderno. Ao lado dele outras obras importantes se destacaram, como o Museu de Belas Artes de Cataguases e o seu painel *Tiradentes*, de Cândido Portinari; a escultura *O pensador* de Jan Zach; o painel de pastilhas de Paulo Werneck, o Museu de Artes Populares e, somando-se a esses trabalhos, o paisagismo de Burle Marx para os seus jardins e o mobiliário concebido por Joaquim Tenreiro.

A análise da correspondência de Francisco Inácio Peixoto e os depoimentos aos quais tivemos acesso mostram como o projeto do colégio foi trabalhado, estudado, acompanhado,

passo a passo, pelo Dr. Francisco que sugeriu mudanças e, em certos momentos, apressava o arquiteto. Este projeto também foi motivo de polêmicas que põem em relevo o fino equilíbrio financeiro dessa empreitada .

A relação entre Dr. Francisco ou Peixoto, como o tratava Niemeyer, e Oscar não era apenas de cordialidade entre profissional e cliente. Eram amigos com idéias e ideais comuns: o Modernismo e o Comunismo. Faziam parte do grupo de intelectuais que tinham feito opção pela teses fundamentais da filosofia marxista e:

Da mesma forma que Lúcio Costa e Niemeyer sonharam ver o motorista e o Ministro na mesma quadra em Brasília, Peixoto e Rebelo teriam também acalentado o ideal de os milionários e os operários habitarem a mesma arquitetura (MIRANDA, 1994, p.5).

Em 1943, o Ginásio Municipal de Cataguases já se encontrava em pleno funcionamento sob a direção do Dr. Francisco Inácio Peixoto e do Dr. Manuel da Neves Peixoto. No primeiro prospecto que lançaram anunciavam: “Cogita a atual diretoria da construção de novo prédio, cujo projeto está confiado ao grande arquiteto Oscar Niemeyer” (Arquivo Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto), que assim descreveu certos procedimentos adotados:

Prezado Peixoto

Respondo sua carta e junto remeto projeto do Ginásio de Cataguases. De acordo com as suas instruções, anexas mais duas salas de aula e um grande salão para 220 alunos. Para isso, transformei o anfiteatro em sala de aula, o que permitiu uma sala maior no conjunto, coisa muito útil para determinadas matérias. Aproveitei ainda o vazio do auditório para a grande sala de 220 alunos, o que me obrigou a aumentar o pé direito no andar térreo para 5 metros.

Entretanto todas essas modificações só vieram melhorar o projeto, ajustando melhor a solução e tornando a planta mais compacta e econômica. Com relação ao restaurante também fiz as alterações pedidas, o que me levou a estudar novamente a cozinha e os sanitários.

Quanto a questão dos cálculos de concreto devo dizer a você que em princípio sou contrário à entrega dos cálculos à firma construtora, pois temos péssimas experiências nesse sentido. A parte arquitetônica propriamente dita não é levada em conta, e, todo serviço é feito visando unicamente maiores lucros e facilidades construtivas. O lógico é que o serviço seja entregue a um profissional de nossa confiança que compreenda e respeite soluções para cada caso. Aliás, eu aconselho a você tomar em consideração o vulto da obra em vista, que ficará certamente comprometida se a parte do projeto não for cuidadosamente elaborada, por uma questão de verba, que na verdade, será uma parcela insignificante no orçamento total (Cp FIP Oscar Niemeyer- Rio de Janeiro- 18/08/1944).

Além das cartas, os telefonemas, a intermediação de amigos comuns, como Marques Rebelo, os telegramas e contatos diretos, com muitas idas e vindas do Dr. Francisco ao Rio, já

que a presença de Niemeyer em Cataguases é lembrada uma única vez. (Dr. Manuel da Neves Peixoto Memória e Patrimônio, n.º 2, p.78), foram tecendo a concretização da obra:

Meu caro Oscar,
seu último telegrama me pos mais preocupado. Esteve aqui o Dr. Sampaio Lacerda e me disse que você prometera entregar tudo dentro de poucos dias[...]Agradecer-lhe-ia também me informasse sobre o andamento dos demais detalhes, especificações, plantas da esquadria, da instalação hidráulica e elétrica. Neste, conforme pedi, desejo seja incluído um sistema sonoro[...] Deverá também ser prevista a instalação de alto-falantes no auditório ou em outros lugares que o técnico julgar conveniente(Ca FIP-28/06/1945).

Pelo cruzamento das fontes vamos desvendando a ansiedade do Dr. Francisco e os acréscimos e mudanças que vão sendo solicitados.

Francisco Amaro telefonou-me pedindo que intercedesse junto a Aldir para que fossem enviadas certas plantas de esquadrias, que o tempo urgia. Comuniquei-me com o arquiteto, que me garantiu não ter relaxado - tudo tem seu tempo, o nosso Francisco Amaro é que vive afobado (REBELO, 2002, p. 46).

A construção do novo prédio gerou expectativas e comentários sob os mais variados aspectos:

Não quero ver razão no Sr. José. Mas não sei não Francisco, Cataguases parece que ainda está longe de merecer o 'Ginásio'. Nem o compreende ainda.[...] É uma verdade que já o feriu e o envolveu de todo[...] Quem se interessa aí pelo ginásio? A não ser alguns parentes seus que vêem na grandiosidade futura da obra nos ares de 'coisa nossa' só se observa receio, temor (Cp FIP- José da Silva Gradim 13/03/ 1945).

É importante trazer vestígios do clima sob o qual essa obra foi realizada, porque ele nos fez refletir sobre uma visão bastante comum a respeito do Dr. Francisco Inácio Peixoto: a do mecenas. Concordamos com a pesquisadora Márcia Carrano quando afirma que reconhecê-lo como um mecenas é um equívoco (CARRANO, 2004, p.22), já que deixamos de perceber todo o trabalho que desenvolveu e como ele foi complexo e original.

Francisco,
Agradou-me o tom da sua carta, a sua disposição de lutar pelo ginásio, nesta fase tão dura de nossa vida e ainda cercada das apreensões dos amigos, dos receios dos irmãos etc. Mas, por favor, não procure atribuir-me ignorância no juízo que faço das lutas contra a hostilidade geral. Conheço-os bem, sei das quedas que seu entusiasmo tem sofrido. Mas vivas! [Palavra incompreensível] que você conhece a luta, a dureza dela, a vontade de vencê-la parece-me maior. Muito bem (Cp FIP- José da Silva Gradim 27/03/ 1945).

A empreitada da construção do colégio não se mostrou tranqüila. Foi-se revelando como uma luta, onde não faltaram o trabalho, o ânimo, a perseverança e algumas escaramuças:

Dei boas gargalhadas imaginando a sua figura e atitude agressiva ao... [palavra incompreensível] o tal com boas carapuças. Mas não gosto que V. gaste os nervos [...] brigando inconformado (Cp FIP Alessio Ciccarini, 1/10/1944).

Não sabemos quantos alunos e ex-alunos desconhecem que o prédio do colégio foi sendo construído gradativamente. “Não se perdeu nem um dia de aula [...] foram derrubando aos poucos, fazendo e aproveitando as salas”(Detinha). Não houve o momento de derrubada do prédio antigo, eles não podiam ficar sem aula, “faziam uma parte passava-se para cá ... passava para lá” (Detinha). Inimaginável uma obra daquele porte com o colégio funcionando! Mas também seria impensável que o colégio interrompesse as aulas para a construção do prédio novo.

Chamamos a atenção não só para as dificuldades inerentes ao processo, mas para algo que veremos em outros momentos: a convivência entre o novo e o velho, um dos elementos da identidade do Colégio de Cataguases, com implicações no cotidiano e nas diferentes formas como os alunos dele se apropriaram.

Entreí no colégio em 1947, primeiro ano de funcionamento do prédio novo.[...] Lembro-me que nem taquinhos o colégio tinha ainda[...] as obras continuaram, não por muito tempo, parecia que só faltavam os acabamentos (Aloísio).

Paulo Miranda também ingressou em 1947 e confirma: “Comecei em 47, já era o colégio novo. Prédio por terminar”. Esses ex-alunos não se referem a qualquer desconforto acarretado pela obra. Alguns, como Carlos Sérgio, destacam o contraste entre o novo e o antigo:

Ele pegou exatamente o colégio do Antônio Amaro e o início do Colégio de Cataguases, esse pessoal detestou o Colégio de Cataguases. Eles tinham, no antigo Ginásio a visão da natureza, era uma coisa mais bucólica, mais interior, aí veio o novo colégio.[...] Como não conheci o outro, entreí e fiquei fascinado (Carlos Sérgio).

E o idealizador o que pensava?

O Ginásio vai acelerado, estará pronto no ano que vem, a tempo suponho, do início do ano letivo, o que é premente porquanto os prejuízos vão altos e funcionar no improvisado barracão que você conhece já está ficando atroz” - Carta de Francisco Amaro. 13 de outubro- (REBELO, 2002, v 2 p. 517)

2.5 - O entorno do Colégio.

Utilizamos o documento Inventário para analisar, relacionar o entorno, mesclando fontes orais e escritas e emitindo comentários quando necessários.

O Colégio de Cataguases estava situado numa colina denominada Granjaria, “[...] um pitoresco bairro [...] [O colégio] Fica num canto da serra verde dando a impressão de uma perspectiva do cartão postal. Ampla é a visibilidade que daí se pode ter. Lembra um anfiteatro natural (José Francisco Mendes Del Peloso – 4ª série – O Estudante, 1960, p. 12). Distante quinhentos metros da Avenida Astolfo Dutra, principal artéria da cidade de Cataguases, a ele ficava ligada por uma estrada ensaibrada.

Descrevem os alunos:

O morro do Colégio, era calçado com aquela pedra...areia grossa...Calçado com saibro (Aloísio Condé). “E era chão. Chão batido”(Ronaldo) “Nos dias de chuva, o morro era de saibro, formava aquela enxurrada pesada mesmo, [...]a gente ia para o colégio de galocha e de guarda-chuva, enfrentando toda uma série de dificuldades... (Célio).

A aparente contradição dos entrevistados pode sinalizar que a estrada não se mantinha conservada. A força da enxurrada removia o saibro. Vencer os tais quinhentos metros significava, em tempo de chuvas, lançar-se na lama, chegar no colégio com pernas sujas, os sapatos protegidos pelas galochas. Se numa área mais escorregadia perdia-se o equilíbrio o estrago era total. Seria impensável, naquela época, deixar de ir ao colégio porque o caminho estava intransitável ou entrar no colégio com os pés cheios de barro. O tapetão (capacho) da entrada e o olhar atento dos regentes determinavam o limite dos pés enlameados. Aliás, a limpeza do colégio é um ponto sobre o qual vários depoimentos convergem.

Funcionava tudo! Uma limpeza! O banheiro era em mármore... aquelas... eu ficava encantada ... tudo funcionava...Tudo limpo, cheiroso, arrumado! [...]O colégio tinha uma limpeza incrível. Ninguém jogava papel no chão, ninguém cuspi! Não tinha nada, não tinha rabisco!(Maria Lúcia)

Aquela quantidade de paredes substituídas por vidros, eram de uma cuidadosa transparência. Os vidros eram limpos, absolutamente limpos! Os corredores sempre brilhavam. As enceradeiras trabalhavam num ritmo constante e apesar do ir e vir dos alunos a aparência era sempre impecável. Os jardins varridos diariamente. As plantas cuidadas. O lago com peixinhos... Era uma arrumação de “dia de festa” no qual o colégio se preparava em grande estilo. Talvez por isso, mais que a vigilância, a atenção e o desvelo educaram os alunos. Chegar ao colégio era deslumbrar a vista.[...] A estrada que se transformava, defronte ao edifício, em duas pistas para a entrada e saída de automóveis, ...Quantos? Meia dúzia de

automóveis talvez... Na década de 50, os carros que circulavam por lá poderiam ser facilmente identificados: O Cadillac preto do Dr. Francisco. “O Dr. Jaime também tinha um carro, chamava-se Hudson, era uma banheirona (Célio). O jipe do Chefe da cozinha, Seu Martins, a “baratinha” do professor Moacir e o Ford preto dos Branco: Joaquim, Pedro e Aquiles.

O colégio achava-se localizado numa área de quase trinta alqueires de terras e circundado por vários bosques de árvores frutíferas, eucaliptos e outras. Rodeavam-no também extensos gramados e jardins de linhas modernas, com exemplares escolhidos da flora brasileira.

Descreve o aluno:

Em frente ao prédio, enfileiradas, erguem-se palmeiras muito altas, postas ali como sentinelas a guardar o soberbo edifício[...] Mais acima, velho eucalipto, quase junto ao prédio embalsama o ar com seu aroma (José Francisco Mendes Del Peloso- 4ª série – O Estudante, 1960, p.12).

Relatam os entrevistados:

Quando cheguei no colégio, tive uma imensa surpresa. A região era belíssima, com muito verde. Ele está situado numa colina e seus arquitetos não fizeram terraplanagem, aproveitando todas as elevações para colocar o colégio e seus espaços num enquadramento lindo, maravilhoso, sinuoso, não monótono” (Eduardo Amorim).

Você sabe que até hoje eu ainda sonho que estou subindo o morro do colégio sobre um tapete de flamboyant vermelho para fazer prova! [...] era muito bonito aquela tapete das flores caídas dos Flamboyants na chegada [...] rosas e vermelhos...(Célio)

O colégio era servido por água própria, captada, nas nascentes, em manilhas que a jogavam em dois grandes reservatórios, de onde era distribuída para todo o edifício e adjacências, como jardins, casa do diretor, piscina, apartamentos dos professores, casas dos empregados, curral, etc.

Descreve o aluno:

De uma vertente, nos terrenos do Colégio, atrás da mata, brota um farto manancial que, canalizado, fornece água própria, limpa, cristalina, como igual não há em toda a redondeza. Com mil e poucos metros de extensão, a rede adutora supre em abundância as necessidades do estabelecimento. As canalizações são todas embutidas levando água a todos os cantos do edifício. (José Francisco Mendes Del Peloso- 4ª série – O Estudante, 1960, p. 12).

Entre árvores, jardins e gramado, com água e clima excelentes, as condições de salubridade do Colégio de Cataguases eram consideradas ideais. As águas pluviais não empoçavam. Eram escoadas rapidamente através de um sistema perfeito de drenagem que as

lançava em um córrego, num dos limites do Colégio. Profusa rede de esgoto servia o edifício, atendendo a mais uma das condições estabelecidas pela Saúde Pública que, nesse período, fazia exigências rigorosas para a abertura dos estabelecimentos de ensino. O afã do colégio no cumprimento das determinações pode nos remeter para o outro lado da questão: a precariedade das redes de esgoto e águas pluviais na cidade e no país, questão, nos nossos dias, ainda não totalmente resolvida.

Longe das vias férreas e do tráfego urbano nada existia, nas cercanias do Colégio de Cataguases, que pudesse constituir perigo para os alunos que faziam o percurso para as aulas, ou para os internos, em seus momentos de recreio. Não havia também acidentes bruscos nos terrenos da propriedade.

Relata o ex-aluno:

Até eu me formar, só existia aquele caminho, a gente subia pelo sol o tempo inteiro... Havia invernos que tinha neblina...russo! De você não enxergar um palmo adiante do nariz! E, às vezes, você andando sozinho, no meio daquela mata ...dava até medo! De manhã dava até medo aquilo! [...] Era longe. Era uma aventura! (Ronaldo)

Pela sua condição de estabelecimento de ensino afastado do centro urbano, sem quaisquer problemas de vizinhança, o Colégio de Cataguases desfrutava de um ambiente calmo, bucólico, propício ao ensino. As salas de aula eram providas de janelas inacessíveis aos alunos, dificultando, assim, o desvio da atenção durante as preleções. O olhar perdido para as matas, quando, possivelmente, a aula se tornava cansativa, foi bloqueado pelas “janelas inacessíveis”, uma das razões da rejeição de alguns alunos ao prédio de Niemeyer.

Quanto à parte da frente do prédio: [...] Vai em ligeiro declive até a praça de esportes. Elemento de ligação entre esta e o edifício, há uma escadinha de pedras que desce a colina em largos volteios e se transforma num delta, para alcançar a piscina e demais campos esportivos (basquete, vôlei, futebol e *court* de tênis). [...]A parte de trás possui um amplo jardim, com elegante e assimétrico lago e vários arbustos. Há, depois, um aclive revestido em toda a extensão, de plantações rasteiras, intermináveis tufos de erva cidreira, e, terminando em uma mata limitada por velhas mangueiras. [...]Nos fundos da casa do diretor, o pomar e a horta. À direita e à esquerda, pastagens e matas” (Documento Inventário- Acervo do Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto).

Descreve o aluno:

De um lado o Colégio defronta-se com a linha do céu onde nasce o sol. De outro lado, a vista alcança o perfil das serranias onde o sol se aninha ao longe em cada tarde. E que ocasos maravilhosos tem Cataguases!... (José Francisco Mendes Del Peloso- 4ª série – O Estudante, 1960, p. 12).

Afirma o entrevistado:

Quando eu entrei no Colégio de Cataguases e me deparei com aquele complexo todo, não só da arquitetura, mas de todo o campus, vamos dizer assim, aquilo me fascinou e me deu uma lembrança do cinema americano, que mostrava muito isso nas Universidades Americanas (Carlos Sérgio).

2.6 - A Praça de Esportes.

Optamos por apenas descrever nessa sessão a praça de esportes e trabalhar com o que envolve o seu uso no capítulo Memórias das Práticas Educativas e Pedagógicas.

Pode-se calcular em mais de 40 000 metros quadrados a área livre da praça de esportes do colégio. É plana, contígua, regular, em grande parte revestida de grama e circundada de arborização. Além do campo de futebol, há um *court* de tênis, dois campos de voleibol e basquetebol (um cimentado e outro com pista de saibro), uma piscina com dimensões olímpicas e instalações para a prática de atletismo: caixa para saltos em altura e distância, com as respectivas pistas; aparelho para saltos em altura; trave e alvo para arremesso de bolas. Acrescenta-se a isso toda sorte de materiais necessários a esses esportes, tais como peso oficial de ferro, *medicine balls*, discos, dardos, varas, bolas, redes, balisas dentre outros.

O colégio possui dois vestiários, um situado nos fundos do edifício principal do Colégio e outro na praça de esportes. Esse segundo tem 143,25 metros quadrados e está dividido em cinco dependências: a) gabinete do técnico; instalações sanitárias para os alunos maiores; ditas, para menores; ditas para alunas maiores; ditas para alunas menores. São todas independentes e indevassáveis. Possuem cabinas para mudar roupa, com cabides para a mesma. Há no vestiário 12 chuveiros, sendo que nos compartimentos femininos são eles individuais e, nos masculinos, em grupos de 3 e 4. Além disso há quatro *water-closets*, e cinco lavatórios com espelhos (Documento Inventário, pp 32/34).

2.7 - Mobiliário.

O mobiliário do Colégio não é só confortável e higiênico, mas também funcional, de cores claras e linhas modernas. Foi, quase todo ele, desenhado pelo conhecido decorador e pintor Joaquim Tenreiro. Há também peças originais do arquiteto sueco Aalt. As mesas dos professores têm tampo com dimensões superiores às do mínimo exigido. As carteiras, salvo algumas da sala de trabalhos manuais, são individuais, com dimensões apropriadas. As do anfiteatro e do salão de provas são ajustáveis e têm um amplo recipiente para guarda de livros e objetos escolares, fechado por tampo superiores e móveis, que funcionam por meio de um sistema especial de dobradiças. As demais carteiras são em forma de poltronas, com os braços largos para servir de mesa para as atividades escolares dos alunos. Sob tais carteiras há lugar para livros e cadernos. Os espaldares de todas as carteiras são anatômicos (Documento Inventário).

“Eu achava extremamente confortáveis eram as carteiras”(Célio). Tenreiro satisfez a um grupo, mas não a todos:

Eu não sabia que aquelas cadeiras eram do Tenreiro...Eu sentei...eu convivi [...] há uma coisa interessante: grande dificuldade com o mobiliário do Tenreiro, para mim que era canhoto, porque ele foi projetado para dextro, então eu, como todos os canhotos, os sinistros do colégio tínhamos que escrever virados... (Ronaldo)

Os alunos externos fizeram a passagem direta das tradicionais carteiras de dois lugares dos grupos escolares, para as carteiras individuais do Colégio de Cataguases, o que significou um conforto muito maior. As cadeiras eram largas e espaçosas. Mesmo para os alunos que vinham dos grandes centros aquele mobiliário não era o usual.

Nos dormitórios, ou apartamentos “camas, armários, mesa com luz individual, com três cadeiras e tudo em madeira de primeira, as camas eram fixas no chão”(Eduardo). E as carteiras? Algumas sim, as do tipo escrivaniha eram fixas. Mas as de braço, não. Dispostas em corredores, mantinham-se afastadas sem nenhum desvio para a esquerda ou direita. Era um alinhamento perfeito no intuito de resguardar as distâncias que os alunos deveriam manter entre si.

A pesquisa pelo mobiliário adequado revela o cuidado com que o colégio foi sendo projetado em todos os seus detalhes. Havia a busca em catálogos, em visitas ao comércio especializado em São Paulo (Cp FIP Ciccarini, São Paulo 23/4/1948). O amigo Ciccarini acompanhava Dr. Francisco na escolha dos móveis. Tendo em vista o conteúdo de uma das cartas trocada entre ambos, podemos supor que o que havia no mercado brasileiro à época não satisfazia às exigências do Dr. Francisco, que chegou a pensar em encomendá-los no exterior: “[...] acho difícil v. encontrar câmbios de dólar para encomendar dos Estados Unidos. O que v. quer é um mobiliário que se harmonize com o estilo, a função e a *desinbilidade*[?] do edifício” (Cp FIP- Ciccarini São Paulo 18/7/1948). O assunto retorna uma outra vez, mas o desfecho da história já é nosso conhecido. A escolha recai na encomenda a Tenreiro.

2. 8 - Auditório e museus

O auditório é um elemento que confere grande visibilidade à modernidade de instalações do Colégio de Cataguases. Que impressão causava? Impacto:

Nunca tinha visto um auditório daqueles num colégio! Daquela amplitude, com projetor cinematográfico, era uma cabina, lá embaixo tinham os camarins, banheiros... Tudo isso me impressionou (Paulo Adolfo).

Nesse momento procuramos apenas descrevê-lo, ele reaparece na discussão das práticas ligadas ao grêmio, ao teatro ao cinema.

Separado do salão de festas por uma parede e cortinas, acha-se o Auditório, área de 250 metros quadrados, paredes laterais de vidro e madeiras justapostas, laqueadas de azul e de madeiras folheadas. Possui cabina de projeção, um aparelho cinematográfico *natco* de 16 milímetros.

O auditório tem uma inclinação de 210 metros quadrados tem 500 cadeiras de aço e assento de pau marfim. É revestido de tacos.

No fundo do auditório, vê-se o Palco, também taqueado, com área de 40 metros quadrados, ao qual se vai por uma escada adaptável. No palco acham-se um piano e uma tela para projeção de filmes. Atrás do palco, um corredor, cujas extremidades caem em escadas, que levam ao subsolo, onde se encontram dois camarins, dois lavabos, 2 W.C., dois chuveiros e dois espelhos, tudo perfeitamente dividido e incomunicável, para alunos e alunas. O cortinado de palco é controlado por dispositivos manuais, situados no aludido corredor. Há, ainda, uma porta que dá saída para fora do edifício, fundos, para entrada e saída dos artistas (Documento Inventário p. 8).

Além do auditório, o Colégio de Cataguases também sediou dois museus: o Museu de Belas Artes de Cataguases e o Museu de Arte Popular. Na coleção do primeiro figuravam quadros de pintores famosos, nacionais e estrangeiros, tais como: Iberê Camargo, Jean Lurçat; A. Beloborodonov; Luis Jardim, Clóvis Graciano, Osvaldo Goeldi, Jan Zach, Durval Serra, Mueller Kraus, Tomás Santa Rosa Júnior, Atos Bulcão, Fayga Ostrower, Alberto da Veiga Guinard, Di Cavalcanti, Marcelo Grassmann, Farnese, Aldari Toledo, Juan Del Prete, Yllen Kerr, Van Rogger, Epstein etc e José Alves Pedrosa (escultor). Dentre todas as obras, avulta o já célebre painel “Tiradentes”, comentado por inúmeros críticos de arte do Brasil e do estrangeiro, e que foi filmado pela Companhia Cinematográfica Vera-Cruz, de São Paulo. É o mais vasto trabalho de Cândido Portinari. Mede dezoito metros de comprimento por três e vinte de altura (Documento Inventário). O segundo museu foi criado pelo escritor Marques Rebelo, que organizou, captou e doou a maior parte das peças para o seu acervo.

Como lembra Célio:

Havia um Museu de Arte Popular com peças do Mestre Vitalino, que era muito bom”[...] O Museu de Belas Artes, onde a gente aprendeu a descobrir que a sensibilidade [...] Foi muito importante isso para a gente, essa visão criou, na minha geração, uma geração de colecionadores de obras de arte, que hoje coloca Cataguases em destaque em MG e no Brasil. Essa convivência e esse aprendizado que o Colégio nos deu, graças ao Dr. Francisco, que o grande mérito é dele, foi capaz de gerar isso na minha geração.

Em 1960, em *O Estudante*, há um agradecimento pelas doações feitas pelos artistas que expuseram na Galeria Domus Arquitetura de Interiores. São eles Domenico Lazzarini, Norha Beltrán e Antônio Maia, “verdadeiras expressões da moderna pintura brasileira”. A naturalidade da nota, leva-nos a esboçar a hipótese de que o museu tenha se formado por

doações dos artistas ou, mesmo numa composição híbrida, por doações e aquisições. A aura com que se inaugurou o Colégio de Cataguases pode ter provocado nos artistas o desejo de se fazer representar naquele espaço modernista.

2.9 - O Painel de Portinari.

“Dizem que ele está fazendo lá dentro uma coisa formidável...”

Esta frase é de um comerciante anônimo do Cosme Velho, mas ficou registrada na matéria de Egydio Squeff, para a Revista do Globo, 17/09/1949, quando este escreve sobre “A mais recente das obras do grande pintor brasileiro: o mural “Tiradentes” para o Colégio de Cataguases, Estado de Minas Gerais”. A frase, que nos chamou a atenção, reflete o clima de expectativa em torno do painel de Portinari. Era essa coisa formidável que o crítico buscava, e que nós fomos rastrear nas cartas, nas memórias dos ex-alunos e funcionários do colégio, buscando as relações que os sujeitos estabeleceram com a obra e a sua importância para a formação da identidade do Colégio de Cataguases

Há uma carta de Portinari, sem data, possivelmente de 1947, na qual ele agradece a acolhida do Dr. Francisco em Cataguases e comenta:

Realmente é reconfortante poder ver alguma coisa extraordinária por estes Brasis...

Estão vocês realizando ali algo que não vi em nenhuma parte do mundo. Em qualquer país civilizado seria formidável quanto mais neste país onde anda tudo desconhecido, onde tudo é improvisado e onde todos comumente dão palpites sobre todas as coisas.

Recebi sua carta reafirmando a encomenda do mural. Esse colégio graças a inteligência de vocês e o gênio de Oscar será exemplo de arte e cultura.

Já estou me enfiando na história e ver o que é possível fazer com o nosso Tiradentes. [...]

OBS.: Recebi o cheque de quinze contos: os restantes cento e vinte poderão ser enviados da mesma maneira: dez contos por mês, como combinado (Cp FIP- Portinari, 1947)

Nessa correspondência, queremos chamar a atenção para o entusiasmo de Cândido Portinari pelo projeto do colégio.

Retornando à matéria de Egydio Squeff (Revista do Globo, 17/09/1949):

O atelier fica lá em cima, e a gente sobe as escadas de pedra meio desprevenido. [...] Portinari acende um botão e a grande sala se ilumina[...] Aos poucos o choque inicial da força do painel vai revelando a beleza em sua plenitude. Não há dúvidas que o artista está em pleno domínio do seu gênio.

Entretanto, há dúvidas e polêmicas:

Soube do painel do Tiradentes que você contratou o Portinari. Será que o Tiradentes do colégio virá ostentar os membros de anatomia Portinari, ou apenas o pescoço esqueletizado pela corda ou todo o corpo apodrecido, macerado na força? Porque estou convencido que o Portinari tem no subconsciente um museu de patologia *sui generis*. Ele está expondo aqui, num salão do Museu de Arte, contíguo ao que você visitou e que abriga algumas maravilhas das escolas de todos os tempos. Não resta dúvida que seu amigo pintor é ‘muito distinto’”(Cp FIP- Alessio Ciccarini, São Paulo, 3/1/1948

A matéria do jornal afirma que, diariamente, chegavam à casa do artista homens e mulheres vindos de todas as partes do Brasil e do exterior para admirar o painel. O próprio Portinari considerava essa a sua melhor obra (Cp FIP – Portinari, Rio de Janeiro, fev/1949). Em julho de 1948, ele comentava os pedidos dos diretores dos Museus de Arte Moderna do Rio e de São Paulo para exibição do painel nessas cidades. Tais pedidos foram atendidos antes de mandá-lo para Cataguases. O diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Lourival Gomes Machado, em carta de agradecimento ao Dr. Francisco, afirmou que pessoas de todas as condições sociais e de todos os níveis culturais admiraram a obra. E mais:

Além (do) fenômeno verdadeiramente inédito, provocado pelo mural podemos observar outro de não menor significado: a admiração da ousadia de empreendimento e amplitude de vistas reveladas pelos realizadores do notável ‘Colégio de Cataguases’. Será graças à realização de tal alcance que a arte moderna acabará por integra-se como elemento maiúsculo na história da inteligência brasileira, e nessa história haverá, por certo, um capítulo reservado à pioneira cidade de Minas Gerais. E mesmo respeitando sua infinita modéstia, permita-nos acrescentar o nome de Francisco Inácio Peixoto jamais poderá permanecer no anonimato (Cp FIP – Museu de Arte Moderna de São Paulo- São Paulo- 6/10/1949.

O mesmo amigo, Ciccarini, que, quando da encomenda do painel a Portinari, havia manifestado certo receio, reconhece a repercussão favorável na imprensa: “O mural está fazendo sucesso. Hoje li as primeiras apreciações cujos recortes seguem” (Cp FIP- Alessio Ciccarini São Paulo, 11/09/1949).

Na entrevista com uma das filhas do Dr. Francisco, quisemos saber o porquê da escolha de Tiradentes e ela nos disse que “ele queria um tema que abrangesse Minas, o Portinari, eu acho, que sugeriu isso. Acho. Não tenho certeza” (Maria Inês). No entanto, uma outra carta de Portinari, ainda em 1949, parece-nos confirmar a possibilidade dessa versão: “Meu caro Peixoto, [...]Tenho que lhe agradecer a liberdade que me deu para a execução do mural e a pontualidade em todos os sentidos” (Cp FIP – Portinari, 1949)

Dr. Manoel da Neves, em seu depoimento para Patrimônio e Memória, relembra a chegada do mural ao Colégio:

Quando o paredão ficou pronto, eu estava na secretaria quando chegou uma criatura trazendo dois ou três cilindros. Pediu licença ... O colégio já estava avançado, já tinha quase acabamento...Me pediu licença e partiu pro pau... e começou: paf, paf...Oh! Meu Deus! Esse cara vai arrebrantar tudo isso! Nada disso, ele já estava acostumado e fazer essas coisas! E explodiu no novo colégio o Mural! (Manoel das Neves Peixoto, 1988, v 2, p. 78).

O mural tornou-se maior que o edifício que o continha. “Enquanto tinha aquele painel ali, aparecia sempre gente para visitar”, depois que o mural saiu o movimento “acabou”, afirmou o Sr. Jumar de Oliveira- porteiro, durante alguns anos, e responsável direto pela segurança e integridade do mural.

Aqueles rostos trágicos, aquelas mãos crucificadas da gente do povo erguendo-se em ameaça aos algozes, os cofres dos dízimos da Coroa salpicados do sangue do Herói, as postas do Mártir esquartejado mas se protegendo do pó para a história como um grito não extinto de reivindicação em meio ao clamor que arrasta atrás de si, o céu do sacrifício, o porte de Tiradentes enfrentando os que o caluniaram de traição o seu amor à Pátria, as vozes gritando por ele...(SQUEFFS, 1949, p. 58).

Nesse painel celebrava-se, pelo avesso, a Inconfidência Mineira. “(...) a ênfase não recai no herói individual, e sim nos grandes grupos corais que participam direta ou indiretamente dos acontecimentos”(FABRIS apud Balbi, 2003, p. 72). Portinari abandonava a história oficial e representava Tiradentes à luz da realidade sofrida do povo brasileiro. Como reagiam dos alunos da década 1950 ao mural?

A gente sentava naquelas cadeiras do Tenreiro, ali em frente ...ficávamos apreciando aquele quadro, ficávamos traumatizados com aquele sangue! Era uma coisa muito viva! Muito chocante aquela Inconfidência Mineira aos olhos de um grande.... a gente nem sabia que Portinari era tanto... não dávamos a devida importância, mas ficávamos impressionados com aquela pintura forte, traços fortes, braços fortes, [palavra incompreensível] todo aquele sangue, mas a gente ficava ali conversando...(Maria Lúcia)

Olha, o que ficou foi o painel, porque aquele painel, tenho até uma reprodução ali e eu não gosto do Portinari! Mas é o que ficou de memória [...]. Enfim o que ficou foi o painel em termos da arquitetura, mais do que a imponência do colégio, do prédio... Mas o painel, porque a gente estava sempre transitando ali por causa do Grêmio e olhando o painel...Depois o painel era meio moda, ele saía em revistas, ‘pô, que legal!’ O painel do colégio está no O Cruzeiro’, que era a revista nacional, importantíssima na época. Enfim... que legal era estar convivendo com aquilo. O Painel ficou muito na minha memória (Ronaldo)

A gente praticamente venerava o Tiradentes, a tal forma que, na minha geração nenhum aluno sequer tocava no Mural, embora, nós transitássemos por ali, só havia uma correntezinha separando a sala de estar do trânsito. A gente passava por ali, todo mundo foi criado no sentido de respeitar aquela obra, que foi criada especificamente, feita para Cataguases. Tanto que, quando o mural saiu de Cataguases, [...] foi como se tivesse tirado alguma coisa da mocidade da gente. Eu acho, até hoje, que aquela parede deveria

ser preta. E nela colocado a documentação de quem foi responsável pela saída do Mural, porque com ele Cataguases perdeu parte referêcia no que diz respeito ao colégio (Célio).

O trânsito dos alunos em frente ao mural não era indiferente. Aquele quadro tinha vida! Magnetismo! Não fossem as cores e imagens vibrantes, havia a cabeça do mártir sobre um poste, o olhar... aquele que podia ser captado de qualquer posição! Era impossível não dar uma olhadinha, nem que fosse de soslaio, só para conferir se realmente o olhar de Tiradentes estava nos acompanhando.

Quando a gente entrava para o colégio Cardoso dava uma aula referencial[...] sobre o painel. A primeira aula do Cardoso era descer com alunos, mostrar o painel, explicar o painel de Portinari. Isso era uma coisa espetacular! A gente passava ali...Era para ninguém meter uma gilete ...eles davam uma aula sobre aquilo, a importância ...[Houve época em que o Dr. Manoel também se incumbia dessa tarefa] Nós sabíamos [...] tanto que nos bailes, as cadeiras ficavam de costas para o painel e ninguém encostava-as [na tela] [...] Tinha essa consciência porque sabia o que era o painel, valor...tudo (Joaquim).

Entretanto alguns internos, envolvidos em algum movimento reivindicatório e temendo não serem atendidos, lançavam a idéia de “jogar uma tinta nesse mural”. Como um deles expôs:

(O painel) era muito admirado. Até como a coisa mais importante que tinha no colégio. Para você ver a importância que tinha esse mural! Esse era... ninguém falava em quebrar os vidros do colégio, derrubar aquela peça da arquitetura da entrada, aquela curva.[...] eu só estou citando isso para mostrar a importância do mural. Todo mundo sabia da importância do mural, portanto se fosse atingir alguma coisa do colégio seria o mural (Ivo).

E, realmente, alguém resolveu atingir o colégio. Apesar de toda aura, ou exatamente por causa dela o alvo foi o painel. Na década de 1950, alguns problemas afetaram o Painel. Afirmou o Sr. Jumar: “O comentário, que eu ouvi, é que uma senhora limpou a boca de baton e passou nele. Um tentou cortar ele com gilette”. Às vezes, um ou outro aluno tentava determinar a área da agressão, mas nunca esse exercício mereceu crédito. Quando procedíamos à leitura das cartas de Marques Rebelo, uma em especial nos impressionou. Datada de 1951, relata um episódio de vandalismo com uma obra de arte, não identificada na correspondência, o que teria deixado Dr. Francisco extremamente aborrecido, a ponto inclusive de querer transferir o colégio para uma Congregação Religiosa! Seriam os pretensos incidentes com o mural? Quando indagamos à sua filha Bárbara, ela nos respondeu: “Vagamente, por você ter falado, eu me lembro, alguma coisa que o papai ficou aborrecido, mas eu não sei.[...] Não sei se passaram um canivete...” (Bárbara).

Lembranças vagas, ou nenhum registro na memória, foi o que encontramos para nossa indagação. Estávamos diante de um fato, cujo esquecimento, apresentado pela maioria dos entrevistados, revelava a existência de um conflito: o amor ao mural, a sua valorização e ao mesmo tempo:

um incidente gravíssimo que aconteceu, [...] o aluno que rasgou a tela com a faca. Você lembra disso? Eu me lembro do lance, mas você não me pergunte quem fez, mas foi no canto, embaixo do lado esquerdo de quem olha para o painel. Um corte de uns centímetros...Acho que foi em dia normal, foi um negócio meio às escondidas, não sei de que maneira foi que aconteceu, mas rasgou-se o painel. Isso foi um fato muito desagradável (José Carlos).

O painel de Portinari era e é referência maior para os alunos do Colégio de Cataguases. Tornou-se símbolo da identificação com o colégio e com o país. Com tal magnitude, essa identificação não poderia ser quebrada. “A manipulação da memória por indivíduos ou grupos silencia lembranças proibidas, esconde seus segredos e conflitos, guardados confidencialmente, a fim de que não prejudiquem a imagem que se quer perpetuar para o grupo”(LOPES, 2003, p. 67). O professor de Artes e pintor Ady Rezende apresenta-nos a seguinte versão:

O mural do Portinari sofreu uma vez um corte de gilete e uma menina passou um baton nele. Quem corrigiu até o lugar fui eu. Um corte, mais ou menos assim de uns doze ou treze centímetros. Foi tarde da noite, aluno chegando com certeza. Deve ter sido isso. E o baton foi uma moça que passou, porque, na época, só moça que usava. Tinham aqueles bailes ali, então num deles ...passou o baton (Ady Rezende).

Em 1977 o mural saiu do colégio. A versão desse episódio pelo funcionário encarregado da sua segurança foi a seguinte:

Quando chegou o fotógrafo da Abril Cultural, às seis e pouco da manhã...Já não era a primeira vez, de vez em quando ele aparecia: “Tô eu outra vez”. Esse era conhecido. Ninguém nunca falou comigo que era proibido fotografar! A pessoa chegava, pedia para fotografar...não tem problema! Mas nesse dia, ele disse: Esse mural vai ser retirado daqui hoje”. Não sei disso não! “A empresa Transportadora Fink vem pegar ele hoje”. Você está me dando uma ótima notícia!
Às três horas da tarde chegou o caminhão. Eu já tinha até perdido a esperança, achando que ele não ia chegar mais (Sr. Jumar).

O funcionário temia pelo painel. Impressionava-se com comentários de alguns visitantes sobre a falta de proteção do local. Relatou-nos, inclusive, a sugestão de um turista francês, para quem aquela obra deveria ficar sob segurança armada: “Peça ao dono do painel um revólver!” Dr. Francisco foi quem mais lutou para que o mural permanecesse em Cataguases, mas...

não havia condições para agüentar com o ônus de sua conservação[...]O que podia excitar o turismo foi para São Paulo! Nós fizemos tudo para que ele ficasse aqui. Claro que de mão beijada não era possível. Nós fizemos um preço simbólico. Não se interessaram [a Prefeitura]...Mas foi-se o painel com grande tristeza minha porque fui um dos que contribuíram para que Portinari fizesse o painel[...] (Francisco Inácio Peixoto em entrevista a Romanelli).

O painel de Portinari foi adquirido pelo governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, pelo valor de Cr\$4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros) à vista (Cp FIP – Antônio Fernando Bulhões de Carvalho – 2 de julho de 1975). Foi restaurado e hoje se encontra no Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo.

2. 10 - As rampas de acesso.

Também símbolo do moderno, as rampas de acesso não foram imediatamente aceitas: “E olhe mais uma coisa: rampa cansa mais que escada. E fica muito mais caro...(REBELO, 2002, v 2, p. 434). Vistas hoje como medida necessária à inclusão social de portadores de necessidades especiais causam espanto pelo ineditismo e recebem justos louros sob a alegação do politicamente correto.

...nós tínhamos rampas. Hoje há uma exigência de rampas para os paraplégicos, mas... naquela época nós já tínhamos as rampas. Você já tinha pensado nisso?” (Maria Inês)

Eu pude freqüentar o colégio por causa das rampas. Eu não pude chegar a certos locais por causa da escada. Em clubes, cinemas...até hoje tem esse problema (Joaquim).

O edifício, construído especialmente para funcionar como colégio, possui corredores e rampas funcionais, que evitam congestionamento para um mínimo percurso.[...] As rampas proporcionam livre movimento aos alunos e são de fácil acesso. O prédio tem uma entrada principal e outras secundárias. Há uma única escada de serviço, destinada, principalmente, aos empregados. As vias naturais de acesso, como já acentuamos, são as rampas, de inclinação suave, com dois metros de largura e piso asfáltico de “kentile marron” (Documento Inventário).

O subir e o descer nas rampas ganha diversas representações nas memórias de nossos entrevistados. Vão surgindo narrativas sobre pequenas infrações nas rampas, levadas talvez pelo sabor de novidade. Eduardo Amorim nos disse que os “internos gostavam de escorregar” por elas. Já Douglas lembra do movimento inverso, “...aquelas rampas, que a gente só subia arrastando os pés”. A partir das práticas, surgiram as regras: “Você não podia passar arrastando o pé, tinha que levantar o pé para não arranhar a rampa”(Célio). No entanto, sempre que podiam burlar a vigilância de um regente, os alunos se aventuravam. Descer

correndo era expressamente proibido, talvez nem tanto em nome de uma boa educação, mas muito mais em função do ruído, que ecoava por todo o prédio.

O Chico[diretor] era assim...um irmão mais velho, praticamente. Ele era da idade do meu irmão mais velho[...]. Mas ele tinha uns lances! Não sei se devo fala isso! Mas uma vez ele subiu de moto aquela rampa, foi lá em cima e desceu (Stella Mauro).

Engraçado ... eu gostava muito de subir aquelas rampas. Tudo porque, ao mesmo tempo têm coisa que não têm nada a ver com o Colégio em si, tem o despertar da sexualidade, de gostar de alguém...(Carlos Sérgio)

Duas práticas diversas, ambas proibidas. A primeira sugere-nos que nem o jovem diretor estava imune às transgressões, pelo seu lado “imaturo”, como podem pensar alguns ou, sendo mais benevolentes, pela porção criança, que nós adultos não deveríamos perder. Talvez exatamente por isso, Chico, como todos o chamavam, foi próximo e amigo dos seus dirigidos e este segredo tão bem guardado, pode tanto ser atribuído ao fato de que “grande arte” foi feita à tarde, longe da maioria alunos e os que presenciaram cuidaram de preservar-lhe a imagem. A segunda, vai necessariamente resgatar no passado a sensação da proximidade consentida na rampa cheia de risos, vozes, corpos e olhares. Aquele encontro furtivo e premeditadamente casual de olhos, mãos, ou braços, no congestionado e esperado do subir e descer para as aulas....

CAPÍTULO 3

ORGANIZAÇÃO SOCIAL: AS RELAÇÕES DO COTIDIANO

Quem circulava pelos lugares que descrevemos no capítulo anterior? Como traduzir as formas de interação nos seus vários e dinâmicos contextos? O que estamos buscando são as diferenças e através delas estabelecer as identidades, lembrando o que nos sinaliza Woodward (2000) “a identidade não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2000, p.40). A classificação dos sujeitos em diretores, professores, alunos, funcionários é proveniente do papel e das funções que cada um desempenha na instituição escolar. Esse papel e função, explícitos na interação social, promovem a construção relacional da identidade.

3.1 - Francisco Inácio Peixoto: ousadia, respeito e sensibilidade

Pela diversidade de suas profissões, Francisco Inácio Peixoto revela-se e se oculta. Desconcerta. Transita entre várias profissões com dificuldade para se identificar com alguma delas, segundo sua filha, Maria Inês. Dizia ele: “eu não sou industrial, não sou comerciante, não sou nada disso...” E quantos dissos!

Graduado em Direito[1930], “invocava a pouca queda para a advocacia, a falta de qualidades negativas que o fariam avançar na carreira...”(REBELO, 2002, v 2 p. 77).

Eu tentei a advocacia em Cataguases durante quatro meses, mas Cataguases virou as costas para mim como advogado também, de maneira que eu peguei minha mulher, porque eu me casei nessa ocasião[1931], e levei-a para o Rio. Lá tentei advocacia, mas nem a advocacia me quis nem eu a ela (Francisco Inácio Peixoto em depoimento para Romanelli).

“Que era seu escritório senão um refúgio de amigos para cavaqueiras literárias?” (REBELO, 2002, v 2 p. 77). Nessa sua segunda fase, como advogado no Rio de Janeiro (a primeira fora quando cursara os quatro anos de faculdade), Dr. Francisco fez concurso para o Ministério do Exterior, “não que tivesse vocação diplomática mas encarava isso como possibilidade de conhecer mundo, gentes, coisas, enfim ingressar naquilo para qual sentia inclinação e que era a literatura” (Depoimento para Romanelli). Se a diplomacia não era vocacional, seria um caminho possível para os sonhos acalentados desde a época da faculdade e compartilhado com o amigo Marques, que os enunciou, através do personagem Francisco

Amaro: “aquilo que realmente queria fazer- uma vida de vagabundo lirismo, vocação que a janela sobre o mar ficou como testemunha no tempo (REBELO, 2002, v 2 , p. 78).

Foi preterido no processo de nomeação para o Itamarati e, aceitando a argumentação do irmão, José Inácio Peixoto, retorna a Cataguases para trabalhar com a família. Como dizia: “achei que[o irmão] tinha razão e vim e aqui me enterrei[...]”. Portanto, em 1936 volta para Cataguases e assume a direção do Banco Mercantil Agrícola de Minas Gerais.

A troca da carreira diplomática, ou da possibilidade de um investimento maior na vida literária, pela vida no interior, vai sendo comentada pelo amigo Marques Rebelo, na correspondência ou no romance:

Mas não sei que lucro você pensou ter, amigo, trocando a lira malferida, na procura do ‘segredo que lhe desse uma nova revelação da vida’, por uma existência apressada e mercantil entre zebus [...], entre laticínios, tecidos de algodão e o contencioso bancário. Não sei que lucro procurou ter, nem procurei dissuadi-lo da troca, temeroso de intervir. [...]Se lastimo às vezes não haver tentado breçar sua decisão, consola-me o caminho da fortuna que começou a trilhar, caminho feito a dura lida, consola-me a harmonia do lar que construiu, da Turquinha que escolheu para amoroso atazanamento (REBELO, 2002, v 2 p 78).

Dr. Francisco, talvez, não tenha produzido literariamente, tanto quanto almejava. Talvez ainda jovem tivesse aspirado uma vida nômade. Mas, como assegurou sua filha Maria Inês, reiteradas vezes, ele assim se manifestou: “fico feliz porque voltei para Cataguases, se eu não tivesse voltado não teria constituído a família que tenho”. Pai respeitado e admirado, marido cúmplice. Na cidade, o casal era visto como inseparável. “O tio Francisco só saía com ela. Toda noite” (D. Lícínia) .

O tradutor, o poeta, o contista e sua produção em livros: *Meia Pataca*, 1928, poesia em parceria com Guilhermino César; *Dona Flor*, 1940, contos; *Passaporte Proibido*, 1960, crônicas de viagem; tradução de Oblomov, 1966, de Ivan Aleksandrovitch Gontcharov; *A janela*, 1967, contos; *Erótica*, 1981, poemas; *Chamada geral*, 1982, contos.

“Veja como você é conhecido de nome sem saber”. É de Marques essa observação, em São Paulo, no Congresso dos Escritores, realizado na década de 1950. “O que você faz na sua cidadezinha , repercute.[...] (REBELO, 2002, v 2 p.599). É, repercutiu, mesmo. Cataguases, do século XX, está intrinsecamente ligada a ele. “Não haveria Cataguases sem Chico Peixoto, ele é Cataguases”(Ronaldo).

De que Cataguases estamos falando? Cataguases das “modernidades”? “O Dr. Francisco sempre foi das modernidades, né?”(Detinha). A modernidade da Verde, que permitiu a seus integrantes relacionarem-se nas esferas da cultura nacional, a modernidade

arquitetônica e plástica, as modernidades do Colégio de Cataguases. Mas Cataguases nem sempre percebeu seus esforços ou mesmo sua importância. Seguiu por vezes indiferente sem se dar conta que ingressava no panorama brasileiro, destacando-se na paisagem mineira. Essa modernidade, aparentemente contraditória, foi uma marca também dos intelectuais dos anos 20 e 30, geração à qual Dr. Francisco pertenceu e que perseguia a “utopia” de inserir o Brasil nos padrões de um discurso que pregava a opção pelo moderno, “mas que vivia em constante articulação entre o passado- presente- futuro” (LOPES, 2003, p. 45).

Os amigos vão tecendo suas impressões dele. Em O Espelho Partido, Marques Rebelo revela:

Tem trabalhado muito pela terrinha. A fazenda dá lucro, a fábrica de manteiga progrediu, a fábrica de tecidos saiu do marasmo a guerra foi a grande mola de tudo!- e ele constrói um novo cinema, que o que havia não passava dum barracão, um lactário anexo ao hospital, de que é provedor, um ginásio com internato, tem adiantada obra a residência que sonhara, a cavaleiro do rio, e está pensando num hotel decente que a cidadezinha não possui (REBELLO, 2002, v 2 p. 433).

Ou nas cartas que analisamos:

Você, Chico, tornou-se um cabra compreendedor da vida e que sabe vivê-la aí no interior homem de negócios, de indústria, louco empreendedor do colégio, sempre em contato com a civilização, enriquecendo-se de filhos, de trabalho e de conforto. Não pode deixar de reconhecer que você é feliz, apesar das preocupações e do característico afobamento (Cp FIP - Alessio Ciccarini, São Paulo, 25/7/1949).

Louco para os amigos, quando lançou-se na empreitada do colégio, ou para os da cidade que não entendiam as suas modernidades. Louco talvez para os familiares, que dele se tornaram sócios e não entenderam, como o empreendedor não visava lucros. Mas, louco ele não foi em nenhum momento nas memórias de seus ex-alunos: o Dr. Francisco era um senhor de muito respeito e admiração. “O negócio dele era tocar a educação”, segundo a filha, e complementa:

Ele tinha uma preocupação com a estética de Cataguases, com a cultura de Cataguases... O Colégio de Cataguases é, nada mais nada menos, que um idealismo dele com a parte cultural e estética (Maria Inês).

Retornemos às suas múltiplas atividades profissionais. A primeira foi aos dezenove anos, como de professor de Curso de Admissão:

Francisco Inácio Peixoto e Erlan Dutra preparam alunos para o exame de admissão ao primeiro ano do curso seriado[...]alunos que desejam se preparar para promoção- português e francês- do curso seriado. (CATAGUASES, 22 jan. 1928, p. 2)

Enquanto praticava o ofício de mestre publicava, em parceria com Guilhermino César, *Meia Pataca*, poesias. Foi professor de História, no Antigo Ginásio, sob a direção do professor Antônio Amaro. No Documento Inventário, em seu item 6, onde consta o corpo docente do Colégio de Cataguases, encontramos Dr. Francisco devidamente habilitado a ministrar as seguintes disciplinas: Português, Francês, e Espanhol (23.930, 2º ciclo), atividade que considerava um “tapa-buraco”. Obteve a carteirinha do MEC numa época em que era bastante difícil encontrar professores para certas disciplinas (Ca FIP para Laís Corrêa de Araújo, 20/11/1972).

Sua filha Bárbara nos diz: “a aula de espanhol, que ele adorava dar... Falava que não! Falava que não gostava!”. Para os ex-alunos, da década de 50, “nós o conhecíamos como o dono do colégio, professor de espanhol”(Ivo). Professor, proprietário do colégio, industrial, detentor do cobiçado objeto do desejo daqueles jovens alunos, externos ou internos: o Cadillac!

Mas “ele ficou mais ligado à gente... como meu professor de Espanhol (José Carlos). Como dono do colégio, industrial, homem do Cadillac ... Dr. Francisco era distante. Marques disse até que o povo da cidade o achava “inabordável, intratável”(REBELO, 2002, v 2 p. 433).

existia uma barreira, não da parte dele, mas da nossa parte. Uma barreira financeira, uma barreira cultural e reverencial, que depois se mostrou injustificada. Mas ele tinha uma aura! Ele era uma figura física muito bonita, muito forte e que se distinguia das pessoas da cidade. Muito! Não por impáfia, mas natural elegância. Era uma pessoa elegante, homem bonito, elegante e muito culto. Isso, naturalmente, no interior era cercado de excesso de reverencia (Joaquim)

Para os alunos era rigoroso, “muito difícil... Dr. Francisco quando entrava na sala de aula... era um silêncio absoluto!” (Célio). “Ele impunha um Senhor respeito! Dentro da sala de aula, ele já era mais brincalhão!”(Maria Lúcia). Brincalhão?! O Dr. Francisco?! “Papai não era de brincar... umas brincadeiras diferentes...não era uma brincadeira aberta, você sentia brincadeira nele, mas sempre com... uma certa autoridade”(Bárbara). Dr. Francisco brincava implicando, ironizando. “Ele desafiava. Ele provocava. Era a maneira dele...alguns achavam que ele era bruto. Não era”(Maria Cristina).

Dr. Francisco “era uma pessoa extremamente educada, mas extremamente fechada. Muito! (Maria Lúcia).

Alguns alunos enfatizaram o rigor do professor, exigindo na pronúncia, “fazia a gente repetir uma, duas, três... até chegar na pronúncia que ele queria”(Célio). “Ele ensinava o

espanhol, não o castelhano. Ele fazia muita questão que a gente diferenciasse bem”(Stella Mauro).

Regina Cabral descreve um ritual em sala de aula:

Dr. Francisco dava aulas andando de um lado para outro, sempre com os óculos presos à boca, falando, falando...quando alguém perguntava alguma coisa, punha os óculos e respondia, os colegas perguntavam de propósito, só para vê-lo nessa ação. Era gosadíssimo (Regina Cabral).

Para a filha e aluna Bárbara, “as aulas dele eram ótimas, eram mais corridas, sem muita rigidez. Outros eram muito automáticos...”

E antes de ingressarem no colégio, o que pensavam dele? Talvez como Carlos Sérgio: “Ele sempre me pareceu um homem bastante aristocrático. Antes de entrar no colégio, eu via aquele homem poderoso andando naquele Cadillac”¹⁸. Ou quem sabe como Ronaldo: “Ele era aquele cara que fumava cachimbo e usava uns casacos de veludo maravilhosos!”. Poder, elegância...Mas havia mais: ele era dono do cinema, ficava no hall até a sessão começar. Impossível deixar de notá-lo, se, diariamente, ele lá estava com Dona Amelinha. Para alguns alunos, ele ficava ali controlando quem, ao invés de estar estudando, estava no cinema, principalmente, em véspera de prova. Haveria uma ordem implícita, um pacto de não sair de casa em véspera de prova. Rompê-lo significaria contratempos:

Eu já tinha estudado a matéria, tinha boas notas. [Pensei] estou passado, vou com a namorada para o cinema. Quando eu passei ele disse: “O senhor deve saber muito, porque ao invés de estar estudando está no cinema!”. Eu entrei, no dia seguinte ele me argüiu mais de uma hora no quadro negro, a minha mão ficava pingando, o giz já não escrevia, enquanto eu não errei uma questão ele não me mandou sentar. Ele me reprovou (Célio).

Para além dessa suposta vigilância, muitos dos que freqüentaram o Cine-Teatro Edgar, nas décadas de 50 e 60 não sabiam/souberam que as escolhas dos chamados filmes de arte, Antonioni, Buñuel, Fellini dentre outros, eram suas. Das histórias no cinema selecionamos mais uma:

Veja o que eu lembro: veio para cá um aluno, [...]chamava-se Percy Tuty... está na minha memória direitinho... o Dr. Francisco agarrado nele arrancou a manga do paletó dele, ele estava com um paletó branco, carregou –o para fora do cinema Edgar, porque ele soltou uma bomba, cabeça de negro, dentro do cinema! Mas foi um estrondo terrível! [...] Tirou-o de dentro do cinema (Aloísio).

Essas atitudes surpreendem, já que se associa à figura do Dr. Francisco com a fala mansa, baixa e educada e uma correção de caráter absolutamente irretocável.

¹⁸ Crônica O Homem do Cadillac preto, de Carlos Sérgio Bittencourt publicado do GALART – Cataguases, agosto de 2002.

Na função de diretor do colégio, poucos entrevistados têm registros nítidos de sua atuação. No trato com os alunos aparecem os outros diretores. Para alguns ele “deveria ser diretor”, porque era o proprietário do colégio, ou talvez “uma espécie de um Papa Negro. Influência meio parda” (José Carlos), outros percebiam que a “parte de professores era mais com o Dr. Francisco”(Paulo Miranda) ou “uma divisão de forças entre ele e o Dr. Manuel” (Joaquim).

Dr. Francisco foi diretor do Colégio de Cataguases de 1942 à 1962, mas no cotidiano essa função era mais identificada com os outros diretores, Dr. Manoel, por exemplo, que se auto denominava “lugar tenente dele”. Dr. Francisco não se envolvia diretamente com os alunos. Mantinha-se afastado. Havia objetivamente uma boa razão: suas múltiplas e simultâneas atribuições. Entretanto, como evidencia sua correspondência e ressalta sua filha Bárbara: “ele participava não aparecendo”

Dr. Francisco cultivava as amizades. Na leitura das cartas a ele endereçadas nota-se o ecletismo dos correspondentes, ponto que nos chamou a atenção: “Papai mantinha os relacionamentos. De uma fidelidade!” Lembra Maria Inês:

O papai não escolhia amigos por classe intelectual, social...Ele tinha amigos em todas as classes, eram os operários de fábrica... Papai tinha essa coisa de manter a amizade. Ele tinha umas coisas, por exemplo, o Paulo Silveira, irmão do Ênio Silveira, gostava de cajá-manga, quem fosse para o Rio, lá de casa, se fosse época de cajá-manga, levava para o Paulo. O Paulo Fontes, lá de Belo Horizonte, gosta de mangaba, ele mandava. Ele guardava...isso que estou te falando... ele guardava... Eloísa gosta de doce-de-leite feito dessa forma, mandava fazer e te mandava. Para a Elza do Marques era infalível, se fosse três, quatro vezes na semana, ele mandava manga para ela. Ele tinha esse tipo de carinho, de atenção mesmo.

Já mais velho, Dr. Francisco verbalizou seu “arrependimento de não ter sido carinhoso”, apesar desses seus gestos atenciosos, reconhecidos também pela sobrinha, Licínia:

O tio Francisco era de um carinho... Não esquecia do aniversário de ninguém. Ele já estava doente, vinha com o empregado, mandava chamar e cumprimentava pelo aniversário com um presentinho.[...] Uma coisa que o tio Francisco adorava era que fôssemos almoçar na casa dele. Ele ligava chamando para almoçar. Eu gosto muito de mocotó, todas as vezes em que tinha mocotó ele me ligava.

O amigo de longas datas, Aldílio, vai nos oferecendo pistas que revelam as nuances de sua personalidade, alguém que “nunca foi de derramamentos- virtude altamente louvável” (Cp FIP Aldílio Tostes Malta,19/7/1930). A tal enunciada ausência de carinho talvez possa ser atribuída às atitudes sem “derramamentos”, mas que ganham outros matizes pelo cuidado com que tratava os que privavam de sua intimidade. “Era a figura autoritária! [...]

Sensibilidade a gente sabia que ele tinha demais (Maria Cristina). Enérgico, autoritário, mas sensível, afirmam os familiares.

Que outros traços vão sendo desvendados ou confirmados nas conversas com suas filhas? Discrição. Reação ao que considerava mau gosto. Muito rigor com os horários. Limites rígidos. Simplicidade e igualdade eram valores na educação dada aos filhos. Sinceridade desconcertante, mas “incapaz de falar mal de quem quer que fosse”. Era ateu, mas respeitou a crença religiosa da mulher. Os filhos foram batizados e “levou as filhas ao altar, além de freqüentar missas de sétimo dia”(Maria Inês).

Comunista? Não encontramos nenhum documento que comprovasse a sua filiação ao partido. Em contrapartida, a contribuição financeira fica caracterizada em correspondência de Luís Carlos Prestes:

Prezado patrício Francisco Inácio
Queira receber minhas saudações mais cordiais e meus melhores agradecimentos pela ajuda financeira que nos tem prestado [...] a apelar mais uma vez para sua generosidade e solicitar [...](CP- Luís Carlos Prestes – agosto de 1957).

Com relação ao comunismo, sua filha Bárbara comenta: “[Ele] aceitava e muito! Para você entrar na Rússia antigamente teria que ter alguma... Olha o Passaporte Proibido [livro de FIP, publicado após sua viagem em 1955 a U.R.S.S. e Tcheco-Eslováquia]

Dr. Francisco era um homem de vários nãos. Não fazia política partidária. Não tomava café. Não tinha televisão. Não gostava de revistas em quadrinhos. Não permitia cantar parabéns nos aniversários. Não tinha preconceitos. Não batia nos filhos. Não contrariava os irmãos...

Todo mundo respeitava o papai. Ele chamava a atenção, era dele essa coisa de educação. Ele era um educador por natureza. Não era com a gente não, era com amigos nossos que estivessem lá em casa... Era com a Rua do Pomba [onde morava desde a década de 40] [...]detestava uma pessoa de pijama na janela, [...]ou sem camisa, ele não permitia isso. A rua do Pomba tinha um respeito enorme pelo papai.

O papai nunca foi de tolher a personalidade, ele era muito pelo individualismo. [...]Papai era compreensivo... engraçado ... todas as pessoas diziam que ele era rígido... Ele procurava captar o que estava se passando e muito discretamente, por esse é um traço de caráter dele, a discrição, ele dava um jeito de dar um toque. [Tinha] rigor em casa com as questões de horários, o almoço... Era absolutamente apolítico. Papai era essencialmente cataguasense... a essência dele era de Cataguases (Maria Inês).

Era uma pessoa, apesar assim de muito rígido... era profundamente sensível. Acho que era isso que ele buscava nas pessoas ...Uma educação precisa de sensibilidade. Papai tinha muita sensibilidade.[...] Papai não tinha preconceito nenhum [...]Às vezes, na hora da mágoa, da tristeza... ele era meio ríspido.[...] Ele sentia prazer de ver os alunos... em formaturas.[...] Tomar a benção, dar Boa-noite e ir deitar. Papai era muito de horário,

mamãe também[...] a gente tinha limites para tudo: a hora do jantar, a hora do almoço, se alguém chegasse atrasado... Lá em casa a gente soprava o bolo de aniversário, sem cantar parabéns. Ele detestava, sabe o por quê? Porque ele se sentia culpado da morte da mãe perante os irmãos. [...] morreu no parto. Ela só teve tempo de entregá-lo para a vovó Dedé, que era irmã dele. [...]Você vê... ele era uma pessoa, naquela capa de homem bravo... [...]Papai era muito sisudo, muito fechado, mas nós éramos muito simples. Passada pelo papai essa educação de simplicidade e igualdade. [...] tivemos uma educação “pode...pode, não pode...”. Presente era só em Natal e aniversário. A educação que nós tivemos era essa. Não era “aquele dinheiro” que todos supunham que o papai tinha (Bárbara).

Maria Inês recorda as “lembranças que sempre trazia de cada viagem, por mais curta que fosse: um pequeno broche da Sloper, uma fita de cabelo da moda, caramelos do D’Ângelo”.

Eu sempre notei[...]ele tinha muito respeito aos irmãos dele,[...] é porque ele foi criado por um cunhado, que os irmãos não gostavam! E foi o pai que ele conheceu! A gente notava aquele respeito que ele tinha aos irmãos...de chegar...de não querer contradizer! Era aquela culpa que ele carregava. Ele queria... e o bem que ele queria não era só para os dele, tanto que...Por que ele insistiu em formar o Colégio? Ele não queria que nós fôssemos para fora e dar chance aos outros também de fazer os filhos estudarem. [...] O papai era uma pessoa que amava o ser humano, mas... Uma vez um rapaz (eu não vou citar nomes) chegou, apresentando um deputado federal, estendeu a mão para o papai, esse rapaz era daqui de Cataguases, papai falou: “Não cumprimento ladrão”.[...] Eu não sei ser falsa um segundo! E papai também era desse tipo. Por isso ele corrigia,[era]a força de caráter dele (Maria Cristina).

O que nos dizem as cartas dos amigos?

Os amigos apontam alguns defeitos: teimosia, pessimismo, modéstia excessiva, afobamento e impaciência.¹⁹ “Marques entendia ele... Os dois se entendiam...”(Maria Cristina). O personagem Francisco Amaro amplia a nossa compreensão. No romance fica clara a admiração mútua, o amor fraterno e a forma irônica com que se tratavam e algumas diferenças também. “O espartano Francisco Amaro não admite colchões moles”[...] (REBELLO, 2002, v 2 p. 430), “não dá importância ao futebol. Você um dia reconhecerá, mesmo não gostando”(Idem, v 2 p. 597).

Francisco Amaro não gosta de rádio e não tem aparelho, uma das poucas vontades que não faz a Turquinha. E eis uma das contradições dos avançados- nem sempre admite todos os avanços do seu tempo. Meio de informação para Francisco Amaro é a imprensa, variedades é no teatro, música em conserva é na vitrola²⁰ (Idem v2 p. 430).

¹⁹ A menção a esses “defeitos” encontram-se nas seguintes correspondências: Aldílio Tostes Malta - 19/7/1930; 18/11/1980; 25/5/1981 e 2/10 1982; Merolino Raimundo de Lima Correa- 29/10/1981; Alessio Ciccarini 26/12/1949; Guilhermino Cesar 8/1/1974

²⁰ Maria Inês, sua filha, declara que Dr. Francisco só foi comprar televisão em “73 quando a mamãe adoeceu. Todo mundo já tinha TV em Cataguases”.

Outro “avanço” do seu tempo que também abominava eram as revistas em quadrinhos.²¹ Na “contradição dos avançados” podemos ainda lhe imputar as fugas das filhas para esconderem-se, quando, com algum namorado, ouviam o carro dele se aproximando (Regina Cabral).

Outras aparentes contradições vão surgindo nos questionamentos dos entrevistados: Como “vai à Rússia, que era um país contra o capitalismo, um sistema ele próprio representava aqui no Brasil?(Lúcio Antônio). Como permitia um professor fascista e regente [...]que parecia um soldado da Gestapo?! (Carlos Sérgio). Como alguém com a “postura dele, de distanciamento [...] o lado que a gente via, [...] conseguia trazer tanta gente?! Niemeyer, Portinari para Cataguases” (Célio).

Francisco Inácio Peixoto merece de fato um estudo à parte e este é um caminho que começa apenas a ser trilhado, pela abrangência de suas atividades e profusão de suas idéias.

A poetisa, Márcia Carrano, problematiza a concepção a ele sempre atribuída de polêmico:

O termo polêmico, não no sentido negativo que lhe dá o burguês acomodado (o de trazer discórdia, confusão, devendo por isso ser afastado) mas como o que desestrutura o cristalizado, o cediço, o desgastado, para instaurar o novo, o não-conhecido. Como o novo sempre causa espanto pelo que tem de não-dominado, vêem-se habitualmente muitas pessoas, mesmo as que se julgam ou avançadas ou intelectuais arrojados ou artistas criativos, se sentirem no mínimo “desconfortáveis” diante do que e de quem polemiza (Marcia Carrano in GALART Ano I No XIX Cataguases/MG p. 1).

No depoimento dos ex-alunos captamos mais algumas representações consensuais: homem extremamente culto, intelectual, elegante, distante; amante e protetor as artes, modelo inspirador. E o educador? Francisco Inácio Peixoto não tem seu nome associado à história da educação no Brasil. Não é um pensador, tampouco um intelectual da educação. Não tem livros publicados sobre esse tema, seus ou traduzidos. Não ocupou cargos públicos ligados a essa área. Não tem seu nome vinculado a nenhuma das reformas educacionais. Não participou do Movimento dos Pioneiros, nem ao grupo de seus herdeiros. Não deu aulas em universidades. Não tem seu nome ligado a colégios religiosos católicos, àqueles que respondem pela tradição pedagógica brasileira e não se correspondeu com os renomados educadores. Há entre seus correspondentes alguns que eram educadores de ofício e outros que

²¹ Havia, nas décadas de 50 e 60, por parte de alguns intelectuais e educadores, um certo preconceito com as revistas em quadrinhos correspondente talvez ao que, nos tempos atuais, é dirigido à televisão e ao computador.

assim se tornaram. Eles, como Dr. Francisco, partilharam do entusiasmo pela educação, tomando-a “como bandeira civilizadora” (BOMENY, 2001,p.10).

Os intelectuais reformadores valeram-se, para fazer públicas as suas idéias, dos encontros nos bares, dos espaços sociais, dos eventos culturais, da imprensa, das cartas... (BOMENY, 2001, p.38). Ah! As cartas... como procuramos nelas as “idéias sobre educação” do Dr. Francisco! Não encontramos indicação de que ele possa ter-se utilizado de dispositivos semelhantes aos dos intelectuais reformadores. Dialogava, provavelmente, com os amigos do círculo literário, nas reuniões que varavam as noites, como se recordam as filhas.

Nenhum dos entrevistados conhecia o “projeto” do Dr. Francisco. Não encontramos nas fontes pesquisadas nenhum texto ou esboço ou desenvolvido que caracterizasse um projeto a ser implementado, como imaginávamos existir no início dessa pesquisa. No discurso das filhas, o emprego dos verbos *almejar*, *achar*, *preocupar* denotam uma idealização, um desejo, a atenção voltada para a educação: “Ele almejava sim, fazer de Cataguases um grande centro cultural”(Bárbara). E, “eu, Maria Inês, tenho a impressão que o papai achava que ele iria impulsionar culturalmente Cataguases através do colégio”. Segundo a filha Maria Cristina, ele dizia: “Nós somos privilegiados, no mundo você tem que puxar tudo que você puder. Ele tinha preocupação com a educação como um todo, não era só com os dele” (Maria Cristina).

Na entrevista à pesquisadora Romanelli, Dr. Francisco refere-se aos planos ligados ao colégio: “tentei fazer lá uma universidade (sonhei demais), um horto florestal, um jardim botânico. Pedi. Mostraram-se entusiasmados[...] Não fizeram nada.” Mas quem? Quem poderia ter feito e não fez? Esta é outra parte da história e virá depois.

Como intelectual do seu tempo, Dr. Francisco via a escolarização como motor da história, incluindo essa crença na postura modernista, afinal o Modernismo “deflagrou o surto inovador, na recusa dos padrões estabelecidos e na busca da afirmadora criação”(IGLÉSIAS, 2002, p. 25). Dr. Francisco não era um “educador profissional”, mas tinha um compromisso firmado com a educação, através de uma sintonia fina a favor da estética, da literatura, das artes de um modo geral. Paralelamente ao currículo oficial, o colégio pretendia sensibilizar os alunos para o que ele supostamente valorizava como expressão de cultura.

“O Chico Peixoto era um escritor fazendo uma experiência na Educação, o que era interessante” (Joaquim). Quem sabe, era um educador fazendo uma experiência na literatura. “Tenho tido tanta aporrinhção com toda essa tralha, que dá vontade de botar tudo no chão e sumir. Não bota, nem some - sonha novos jardins públicos, uma reforma total na cidade

(REBELLO, 2002, v 2 p.516). Ou talvez, tenha adotado como maneira de estar no mundo o que propôs aos formandos de 1949, no discurso de paraninfo da turma:

Ouvi o incitamento quixotesco D. Miguel: “Ponde-vos em marcha! Onde ides? A estrela vô-lo dirá(...) Que vamos fazer pelo caminho, enquanto andamos? Quê? Lutar! Lutar, e como? Como? Tropeçais com um que mente? Gritai-lhe na cara: mentira! E adiante! Tropeçais com um que rouba? Gritai-lhe na cara: ladrão! E adiante! Tropeçais com um que diz tolices e a quem ouve uma multidão, de boca aberta? Gritai-lhe: estúpido. E adiante. Adiante sempre!” (Francisco Inácio Peixoto - O Estudante – novembro de 1950 p.15)

Francisco Inácio Peixoto nasceu no município de Cataguases, em 05 de abril de 1909, filho do segundo matrimônio de Manoel Inácio Peixoto com Francisca Cândida Peixoto. Sua mãe morreu de parto. Foi criado pela irmã mais velha, do primeiro casamento do pai, Deocleciana Peixoto Rama, casada com Manuel da Silva Rama, com quem viveu até sua emancipação aos dezoito anos. Dr. Francisco morreu em Cataguases em 08 de janeiro de 1986, aos 76 anos.

3.2 - Os diretores, ou melhor, as pessoas diretoras

A relação dos alunos com os diretores, Dr. Manoel das Neves Peixoto e Dr. Francisco Inácio Peixoto Filho, mostrou-se harmoniosa. Não há registro de conflitos, nem queixas. O clima sempre favorável dessas relações talvez pudesse até ser considerado como uma das marcas características do Colégio de Cataguases.

[...] O colégio já é muito conhecido pelas linhas niemayerianas. O que ainda não se tornou público é o espírito de lar que nós encontramos no Colégio. Acima da construção está o carinho e a amabilidade com que somos tratados. Se tivemos a ventura de encontrar esta obra realmente maravilhosa, mais ainda ganhamos ao conhecer seu diretor. Se no Colégio encontramos o desdobramento do lar, no seu diretor encontramos um verdadeiro pai. Testemunha de quatro anos aqui vividos, até hoje não encontrei um aluno que, ao sair, deixasse de externar as saudades de seu diretor (O Estudante-Cataguases, maio de 1952, p. 1).

Os ex-alunos entrevistados não pouparam elogios aos diretores com os quais conviveram:

O Dr. Manuel sempre foi um diretor que tentava harmonizar as coisas. Dr. Manuel era um diplomata, um professor de História, era um advogado tarimbado, então ele realmente sabia conduzir (Célio).

Eu achava excelente o Chico. Muito educado, muito atencioso... excelente. O Chico foi um diretor amigo, essa é a expressão. Era muito atencioso, muito educado... muito emotivo (Ivo).

Dr. Manoel foi convocado: “[...] comecei a receber umas sugestões do Francisco, uma vaga idéia de criação, aqui, de um colégio...E aquilo foi me machucando...ensejo de ser um lugar tenente dele também, por que não?” (Manoel das Neves Peixoto, 1988, p. 76). “Eles trouxeram o Manoel de Goiás para dirigir. Era a parte dele, educação” (D. Yone). Em 1941 ele começa “a aventura colegial”, participando das reuniões iniciais com “Francisco Peixoto e o João Peixoto”, sua função seria a direção pedagógica, como de fato o foi, o trabalho direto com os alunos, a burocracia interna, “as infusões de algarismos que os professores me mandam depois das provas finais” (Manoel das Neves, 13/12/1954, Álbum de Recordações de Maria Lúcia Miranda).

Dr. Manoel e Dr. Francisco sempre afinados:

[...] caso você passe no Rio procure trazer dois jogos de *medice balls*. Esses jogos podem ser adquiridos na rua da Carioca, segundo me disse o Lyses. As peças não podem ser feitas em Cataguases com perfeição. O Ginásio está vivendo. O Gradim chegará sábado. D. Carmelita, após minha contra proposta, mandou-me uma carta e afastou-se do ginásio. Todos os meus dedos entraram em ação nesse negócio melancólico. As matrículas foram superiores ao que se esperava. Francisco com 8,3 foi o ‘tal’ da admissão, 1º lugar. Você sabe, filho do diretor... É brincadeira, o menino merece[...] (Cp FIP – Colégio Cataguases-Dr. Manoel das Neves, 16/3/44)

O Dr. Manoel, um homem coerente nas relações:

[...]ele era um homem calmo... e para minha sorte...ele era assim no colégio, era assim na casa dele e era assim na rua. Era um homem que não precisava de botar máscara para nada. Educado, fino...ele só falava baixo para a pessoa fazer força para ouvir o que ele dizia. Ele nunca gritou: “Saía daí! Faz isso!” E sim: “faça o favor, senta aí, vamos bater um papinho, o que houve?” “O que o senhor fez lá em cima?” Ele falava que pegava o menino pela voz mansa e baixa. Muito baixa. Até ele pedir e perguntar: “O que o senhor falou?!” Aí é que ele ia saber que estava tratando dele... Manoel era especial nessas coisas! Foi assim com os filhos... e isso é muito bom a gente poder dizer.... Muito bom...(D. Yone).

“O Dr. Manuel dava liberdade”(Maria Lúcia). “Qualquer coisa que a gente quisesse, qualquer dúvida, hoje seria, orientador educacional, era com o Dr. Manuel. Ele tinha mais ligação com a gente”(Paulo Miranda). “Tinha uma salinha lá em cima que o Dr. Manoel ficava horas e horas com aluno” (Sônia Motta). Sua “orientação segura, serena e equilibrada” (Jorge Parreiras Henriques, O Estudante, 1950). Com os professores nas reuniões, o procedimento, se houvesse algum problema, era de discricção. Segundo a esposa, no final, ele se dirigia aos professores “peço aos professores tal e tal que permaneçam um pouquinho

ainda, porque eu ainda tenho uma....palestrinha com vocês”. E depois com o professor: “Vamos olhar o que está havendo, o aluno precisa de muita paciência com ele...” (D. Yone).

Esse era o habilidoso, diplomático... Dr. Manoel. Foi diretor 24 horas por dia:

[...]eu ficava lá no alto da Granjaria de sábado a sábado, de domingo a domingo. [...] Aquela agonia de que algum aluno não pudesse chegar...se houvesse algum problema...o internato...[...] E lá permaneci uma temporada! Depois fui chegando à exaustão. Cansei!

Até que... o novo Diretor:

Depois de 12 anos à frente da diretoria do Colégio de Cataguases, afastou-se este ano o nosso querido Dr. Manoel. Afastou-se, não, porque o Dr. Manoel jamais se afastará do Colégio. Apenas foi substituído, em determinadas funções da diretoria, pelo bacharelando Francisco Inácio Peixoto, filho do Dr. Francisco Inácio Peixoto.

Sua ação foi magnífica. Seguindo as pegadas de seu mestre, o Dr. Manuel, o “seu” Francisco soube vencer os escolhas iniciais e terminou o ano com um grande *superavit*, como o demonstra a homenagem que a 4ª série ginásial lhe prestou, convidando-o para paraninfá-la em sua festa de despedida.

Parabéns, Francisco. Vamos lutar (O ESTUDANTE, novembro de 1956, p.10).

A nota fala em bacharelando, mas “O Chico cursou dois anos de Medicina. Houve uma greve[no curso], então ele resolve ir para Cataguases, para ajudar o papai no colégio...”(Bárbara). Possivelmente, o Dr. Manoel já havia manifestado o desejo de afastar-se da função. “A greve durou muito tempo. Aí ele desistiu da Medicina e entrou no colégio como diretor. Direito ele fez depois”(Bárbara). Exclamamos juntas: “ele era muito novo!”. Chico quando assume a diretoria do colégio estava com 23/24 anos, era flagrante para os alunos que:

Eu tinha uns 18 anos e ele uns 25! Ele era muito novo para encarar aquilo. E o pessoal também comentava, e o Dr. Francisco sabia que as coisas não iam bem, estava sempre ali no primeiro ano, ajudando- o [...] uma comparação entre o Dr. Francisco e o Chiquinho. Faltava muita cancha para ele. Mas foi um grande amigo meu (Paulo Adolfo).

O que o novo diretor tinha a seu favor era exatamente a juventude, talvez por isso estabelecendo uma relação aparentemente mais igualitária, um entusiasmo renovado, a disposição de promover mudanças... Os alunos reconhecem um saldo positivo no final de seu primeiro ano à frente do colégio com sua escolha para paraninfar os formandos ginásianos. “O Chico era amigo, era alegre. [...]uma pessoa clara, transparente”(Stella Mauro). Foi aceito, tanto pelos alunos, quanto pelos professores. A “relação dele com os alunos era muito boa...O Francisco era muito educado” (Sônia Motta).

Ao enunciar a aceitação do Chico Filho, isso nos remete para uma experiência oposta. Houve um diretor que foi rejeitado pela comunidade, corpo discente e docente:

Tivemos... Isso foi interessante! Eu sempre conversava com o Dr. Ângelo aqui e perguntei para ele quem tinha sido um diretor que esteve em Cataguases por um ano só. Ele tinha feito um curso de especialização, veio dos Estados Unidos, ele falava muito “Quando eu estive...” Tudo o que ele começava... enfatizava “Quando estive nos Estados Unidos...” Acho que se chamava José Roberto, uma coisa assim. Esteve aqui durante um ano. [...] Ele é educador, tem vários trabalhos publicados (Aloísio).

Quando, na nossa pesquisa, examinávamos a correspondência do Dr. Francisco, surpreendem-nos com uma história curiosa que se esboça nas cartas do Sr. José Roberto Moreira. Este senhor havia sido diretor do Colégio?!

Como vai Cataguases? E o nosso belo colégio? A pureza de suas linhas, o seu ambiente ajardinado e o meu ex-gabinete, tão acolhedor, tão amigo, continuam gravados, talvez para sempre, em minha memória. Também as nossas conversas, os problemas que vivemos juntos e, sobretudo, a indisfarçável antipatia que o corpo docente, na sua quase totalidade, me dedicava. Creio mesmo que nunca, em minha vida, consegui tanta antipatia (Cp FIP – José Roberto Moreira, Friburgo, 22/01/1952).

Fomos percebendo que o Professor Moreira estava altamente qualificado para o exercício e no entanto foi, segundo ele próprio, alvo de uma “da campanha sistemática” (Cp FIP – José Roberto Moreira, 8/2/1952) para afastá-lo. Na mesma carta, ele reconhece que o Dr. Francisco “fez tudo para aplinar a barreira inicial criada pelo “mineirismo dos professores”. No entanto, os documentos vão sinalizando um caso de rejeição generalizada:

Infelizmente Dr. Francisco. É deveras lamentável a transformação porque passou o Colégio do ano passado para cá. Aquele ambiente sadio e seguro de satisfação para os alunos e de confiança para os Pais, viu-se alterado de uma maneira brusca e radical. Não fora a sua dedicação e carinho, seu ajuizar honesto e elegante muito pouco restaria do que fora na época do saudoso Dr. Manuel e senhora de tão gratas e amigas recordações (Cp FIP- José F. Toledo, São Paulo, 15/07/1951).

Quando entrevistamos ex- alunos que freqüentaram o colégio em 1951, surgiram alguns comentários a respeito do diretor que não deu certo no Colégio de Cataguases:

Ele não era muito simpático. [...]Ele era um estranho no ninho! Tínhamos uma pessoa da cidade que a gente amava, que a gente gostava e respeitava, agora de repente, vem um homem de Friburgo, com uma aura...como se ele fosse uma pessoa alto ... diferente da gente! [...] Ele não se aproximava, era uma pessoa assim...não sei se tímida...não sei o que ele era (Maria Lúcia).

Essas manifestações sinalizam que 1951 foi um ano em que a direção do colégio entrou em crise, e não apenas pelo “mineirismo dos professores” ou pelas saudades do antigo diretor. Uma certa altivez acadêmica do então diretor acompanhada das mudanças que tentou

implementar desagradaram a comunidade. Majoração das mensalidades, reclama um pai de aluno pelo “substancial aumento de 60% na anuidade e taxa”(Gilberto Belda Melo, 31/08/1951); propostas que mexeriam com os vencimentos do corpo docente (Cp FIP- José Roberto Moreira, 8/02/1952); boatos sobre dispensas de professores, “o conhecimento que tive, no fim do ano, [...]quem dissera à D. Ofélia que eu pretendia demiti-la”(Cp FIP- José Roberto Moreira, 8/02/1952); “a recusa ‘in limine’ de certas medidas que propus no projeto de regulamento (estudo do científico, saídas mensais suspensas do aluno só pelo Diretor, etc.)”, a idéia do diretor de tirar do Chefe de Disciplina a sua atribuição de maior poder, desagradou também aos regentes. Para completar sugere “entregar a direção aos próprios professores, a fim de que vissem também os problemas administrativos”. Não estamos sugerindo que esse foi o único ano de crise do colégio, mas esta foi a que se apresentou de forma mais clara e envolvendo todos os segmentos da instituição.

A volta do Dr. Manuel

Sua ida, em 1951, para Belo Horizonte, veio comprovar a amizade que os alunos lhe dedicam. Durante sua ausência foi permanente o eco das saudades. Faltava-lhes alguma coisa essencial de definitivamente integrado ao espírito da instituição.

Não queremos ser injustos com ninguém. Queremos apenas dizer-lhe, Dr. Manuel, que sua volta constitui motivo de dias felizes para os alunos, de dias tranqüilos para os pais. Jamais nos faltou sua assistência, sobretudo, nas horas cruciais dos problemas que surgem inevitavelmente. Nossos pedidos são minuciosamente examinados com franqueza e lealdade. E a sua maior virtude não está em atender aos nossos desejos, mas em justificar a impossibilidade em ceder. Por isso o ambiente de hoje é de compreensão e harmonia.

A seu lado, assiste-nos sua esposa, Dona Ione, cuja simpatia e dedicação se pautam na mesma linha de interesse pelos alunos e pelo Colégio.

Falar mais é desnecessário (O Estudante- Cataguases, maio de 1952, p. 1).

3. 3 - As fortes presenças femininas: Diretoras? Mães? Professoras?

Quem são as senhoras que se tornam inesquecíveis para os internos? Dona Amelinha e Dona Yone, respectivamente, Amélia de Carvalho Peixoto, esposa do Dr. Francisco e Dona Yone Maria Fabrino das Neves Peixoto, esposa do Dr. Manoel.

No Documento Inventário, p.2, item 6 consta que elas faziam do parte Corpo Docente, habilitadas em Educação Doméstica. No entanto, não há esta disciplina no Currículo Oficial. O que deveriam ensinar as professoras de Educação Doméstica? Coube à Dona Yone os cuidados com a enfermaria e o cuidado com as roupas à Dona Amelinha.

Dona Yone, a esposa do diretor.

Fui ao Hospital, fiz um curso... e fiquei responsável pela enfermaria. [...]e todo menino que estivesse mais grave,[...]ia para a nossa casa. Tínhamos um quarto... e ninguém sabe disso... engraçado, né? Nós tínhamos um quarto com duas camas, era a nossa cozinheira quem fazia a canja, quem fazia o que eles tinham vontade de comer. Eram tratados...telefonema dos pais do Rio de Janeiro: “Está aqui em casa, tudo vai correr bem”. Nós passamos apertos muito grandes com meninos que pegaram pneumonia... essas coisas que não pode ficar lá em cima junto com os outros, porque o tratamento era diferente. Então era na nossa casa. Tínhamos um quarto para isso e eu cuidava da enfermaria de um modo geral (D. Yone).

Dona Yone ficou nesse trabalho não soube precisar até quando, talvez até irem para Belo Horizonte.

Eu subia, olhava... quem estava precisando de médicos, botava termômetros, fazia aquilo tudo e perguntava: O que você quer comer? – Ah, D. Yone, estou com a boca tão ruim! – Você quer uma sopa? Uma canja? Alguma coisa? – Ah se puder, vai ser muito bom (D.Yone).

Nas cartas o reconhecimento dos pais e a indicação de que D. Yone continuou na função mesmo depois que retornaram de Belo Horizonte:

Temos recebido cartas dos rapazes, os quais se tem manifestado encantados com o Colégio. Ultimamente, porém, o mais moço, João Paulo, nos escreveu comunicando que está doente. Para nos tranquilizar, ele nos adiantou que foi convenientemente medicado, achando-se sob os cuidados de D. Yone, que lhe tem dispensado carinhos maternos (Cp FIP- Jaime Adour da Camara.Set./1953).

“Eu ingressei no colégio por volta de 47[...] tínhamos naquela época o Dr. Manuel e a D. Yone como os diretores e eles permaneceram até a minha saída do Colégio”(Célio). D. Yone era vista como diretora do colégio, a idéia de um casal na função de direção estava disseminada entre os alunos e principalmente entre os internos. Essa era uma das marcas que conferia ao colégio a idéia de um prolongamento do lar, proposição que procuravam alimentar.

Dona Amelinha, a dona, a diretora, a administradora, uma governadora...uma mãe...uma....

uma que adorava o Colégio e que ajudou muito ao papai, foi a mamãe. A mamãe era uma pessoa muito firme e ela conseguia uma autoridade muito grande com os alunos. Na parte de lida diária, porque a mamãe ia todos os dias[...] ela foi de grande valia. E os alunos adoravam ela. Porque isso também faz parte, né?[...] com aquela autoridade era quem ensinava muito aos meninos. Mamãe ficou muito ali. Quando se encontra com o ex-aluno, ele sempre fala da D. Amelinha. Era na parte de Saúde, mesmo na parte de

educação, de atitudes, mamãe se intrometia. Isso faz parte de um todo. Mamãe era uma pessoa muito inteligente (Bárbara).

“Dona Amelinha! Grande figuraça do Colégio!” (Douglas). D. Amelinha era baixinha, sempre de saltos altos, elegante, exagerada, exuberante no tom de voz e nas ordens... “D. Amelinha, com aquelas saias bem rodadas, bolsa vermelha, os lábios vermelhos, ele na frente, com aquela pose!” (Célio). “A D. Amelinha era rigorosa, muito bem cuidada, bonita, sobretudo os olhos, lábios carnudos e cabelos negros”(Eduardo). Energia na voz, olhar doce e alegre.

Ela mandava em quem aparecesse, Chicão, Chiquinho, seja lá quem fosse... A dona do Colégio! Ah! Dona Amelinha, perdi minhas meias! Era mãe, avó...professora....tudo! Tudo, tudo! Entrava dentro dos dormitórios aquele bando de homens pelado, ela não estava nem aí! Nem aí! Estou cansado de ver isso...já criei um monte de moleques! Entrava saía... “quem está com febre?” Nego baixava enfermaria ela ia lá, para ver se ninguém estava fingindo, matar aula ...essas coisas... Você estava sozinho lá, não tinha ninguém, só tinha o D. Amelinha. Se tivesse um chilique, uma dor de barriga, um apendicite, uma dor de dente, ou outra coisa qualquer...era D. Amelinha, era mãe, pai era tudo. Tábua de salvação !... tudo era ela. A D. Amelinha era a grande confessora do Colégio! Vi muita gente chorando no colo da D. Amelinha. Saudade de casa! Varado de saudade de casa, da comidinha de casa, do colo da mamãe! (Douglas).

“Brava era a mamãe, hoje a gente vê. E ela ...pôs no Papai essa autoridade maior, essa... mas quem mandava, quem era brava, isso a gente viu” (Maria Inês)

[...]Era ela [D. Amelinha] a responsável direta pela limpeza e conservação do colégio. Quando vinha ao colégio, saía com seus funcionários a exigir limpeza e tratamento das plantas, mudanças dos cacos de barro, como fosse na sua própria casa. Ela pessoalmente ia aos dormitórios, suites, examinando os banheiros, a arrumação, a troca de lâmpadas queimadas, a limpeza dos vidros que eram muitos.

Era realmente o anjo da guarda do colégio, sobretudo dos internos pois ia pessoalmente à cozinha examinar a limpeza, o cardápio e a reação dos internos a um que, se não aprovado, era imediatamente trocado (Eduardo Amorim cap. 5 p. 2, livro ainda sem título).

Dona Amelinha era a verdadeira mãe nossa, estava sempre presente (Paulo Adolfo). Tenho uma lembrança maior de conversar com ela, ela era mais acessível. [...] Sempre muito atenciosa, por isso nossas reivindicações era dirigidas a ela (Ivo). Ela era como uma mãe para os internos, os externos ela não dava muita atenção. O negócio dela era com os internos, ela queria que eles se sentissem em casa. Ela cuidava de roupa, ela cuidava de tudo, os meninos iam lá para a casa dela, às vezes aos domingos tinha sempre interno na casa dela. Se eles tinham algum problema, alguma roupa para costurar um negócio qualquer a Dona Amelinha fazia. Dona Amelinha tratava aqueles meninos como filhos! Tinha aquela família enorme e ainda cuidava deles. E o remédio básico dela era o Leite de Magnésia (Stella Mauro).

Será que os externos não ficavam enciumados porque as atenções de D. Amelinha eram mais voltadas para os internos? “Olha, não sei, não tenho certeza, ela sempre ficava lá na porta do colégio, esperando, falando com todos...”(Joaquim).

O Colégio da época do tio Francisco era uma beleza! Na época de parada ela passava em revisão os uniformes, um por um. [...] Se um adoecia ela ficava lá, tinha menino que adoecia ela levava para casa dela, tratava lá (D. Licínia).

Dona Amelinha vinha aqui todos os dias! [...]Ela tinha uma salinha... dela lá em cima....mas ela arrumou ajudantes.... uma que costurava e uma outra que fazia os curativos.... Tinha enfermaria. Aqui era tudo dividido...tinha lavanderia...o colégio era um espetáculo (Sônia Motta).

“Mas quem ficou pra morrer foi a mamãe, quando o papai... [deixou o colégio] ela tinha paixão pelo colégio. Era uma alegria dela ir lá cuidar dos alunos. [...]Ela ficou muito triste!(Maria Inês).

“Dr. Francisco era o diretor-mentor e Dona Amelinha, na realidade, era a verdadeira diretora administrativa. Depois implantei isso no colégio Marista. Ela dava o toque feminino das plantas da limpeza” (Depoimento de Eduardo Amorim, por telefone).

De D. Amelinha fala-se muito sobre seus cuidados e proteção dos internos, “seus peixinhos”, como se dizia na época. No entanto, o que bem poucos sabem, são as “ajudas anônimas”, o apoio financeiro para jovens cataguasenses que queriam continuar os estudos, mas não tinham recursos. As filhas citam, um que se formou em medicina, outro em odontologia, o outro...

3.4 - Professores

Como montar uma equipe que pudesse atender a todas as disciplinas do Currículo Oficial? Essa foi uma preocupação que esteve presente em toda a gestão do Dr. Francisco, e amplamente compartilhada com os amigos, como nos indicam as fontes:

É evidente que o futuro ginásio depende: 1º direção; 2º professorado; 3º capacidade do internato e 4º instalações (na ordem de valores)[...]

Professorado- É a coisa mais deficiente para Cataguases, pois o bom professor, aquele que tem nome capaz de atrair alunos e de conservar e ampliar as tradições, aliás ótimas, da casa- custa caro e só é barato nas grandes cidades, onde os mesmos abundam. Mas penso que gastando com um “famoso” de português, outro de história e outro de esporte este ponto fica resolvido. Mesmo porque você já pode contar com o maior de todos, o mestre Amaro (Cp FIP- Alessio Ciccarini São Paulo, 22/9/1944).

Teriam os diretores se equilibrado nessas bases, de dois ou três professores famosos e os outros nem tanto? Além do conhecimento específico da matéria o que mais se esperava de

um professor candidato a ingressar no Colégio de Cataguases? Quais os procedimentos que a direção se utilizou para montar a equipe?

Dr. Francisco recorria à sua rede de amigos para obter indicações e informações sobre possíveis candidatos.

Sobre a capacidade profissional do professor, nada tenho a acrescentar ao que já lhe falei. O homem é competente de verdade, conhece bem o latim, francês, o inglês e o italiano, sendo capaz de lecionar qualquer dessas línguas com proficiência e pelo método moderno da conversação. Além disso tem bons conhecimentos do alemão, do espanhol, sabe como ninguém no Brasil o tupi-guarani, e tem ainda noções de grego, rumaico, húngaro, russo e não sei o que há mais. É uma dessas vocações raras de “lingüistas”. Colhi informações a respeito da sua atuação como professor, e com ele mesmo conversamos, pude me inteirar do seu método. Posso dizer que é usado no Rio pelos bons professores (Cp FIP Raul Pacheco Medeiros, Conceição, 30/05/1943).

Também eram solicitados através dos jornais: “Pus o anúncio conforme combinamos no Estado de Minas” (Cp FIP Alphonsus de Guimarães Filho, Belo Horizonte, 7/10/1946).

Ou recrutados em outras instituições:

No Instituto de Educação, no Colégio Estadual, no Colégio Anchieta e na Escola Técnica (Industrial), nos setores em que trabalho e onde convivo com colegas admiráveis eu fiz a tentadora proposta. Muitos lamentaram ter recusado-a, mercê das raízes que os prendem à gleba do Conde del-Rei[...] Há ainda a esperança de retornar à Faculdade de Filosofia (a da UMG, onde estudei e a Católica onde leciono) e no Seminário: ‘meu primeiro e virginal abrigo’ (Cp FIP- Luis Gonzaga Fonseca, Belo Horizonte, 17/06/1958).

Realizavam-se também entrevistas prévias:

Recebi o candidato[...] saí bem impressionado da entrevista[...] Vamos às impressões psicossomáticas que colhi[...] Solteiro, 29 anos de idade, não fuma, não bebe, não joga, não é dado a farras e até me confessou sentir necessidade de encontrar uma boa moça para se casar e ter lar. É tipo másculo, boa aparência, moreno claro, sadio, alegre, loquaz.

Cultura, pouca. Tem curso técnico de comércio, apenas. Lecionou Contabilidade em B. Horizonte, aqui ajudando a fundar a Escola de Comércio *Tito Novais*. **Lê muito.** Diz de si mesmo ser um organizador, saber planificar e realizar, saber ter ascendência sobre os moços, **sem extremismos de rigor, nem concessões arbitrárias e dispersivas.** Para grêmios e imprensa escolar não serve. Não tem segurança, por exemplo, sobre o certo e o errado. Nunca trabalhou em orientação educacional. E, depois que lhe expus o trabalho a ser feito (orientação individual, orientação coletiva, registros biotipológicos, problema de internato, orientação vocacional, problemas da *soi-disant* ‘juventude transviada, jornal, grêmios, arte, excursões, intercâmbio com outros estabelecimentos), observou: - É complexo demais o trabalho. Está acima das minhas capacidades.

Até chegou a me fazer desistir de continuar a entrevista, quando se saio com esta: - **Sou materialista. Já li Karl Marx. Não sou rezador.** Mas também não sou sectário em coisa alguma, nem faço proselitismo para meu modo de encarar problema metafísicos. Estimulo o católico a continuar católico, o

protestante a protestante, o espírita a espírita e assim por diante. Gostei. Parece sincero. Franco. **Trabalhável e trabalhador**[...] Quem sabe heim? Enquanto aguardo novas ordens do eminente guardião do ‘sem par’, irei continuando de lanterna em punho em busca do *right man for the right place* (Cp FIP- Luis Gonzaga Fonseca, Belo Horizonte, 19/06/1958).

Esta carta é um documento importante na tentativa de resgatar quais seriam as qualidades que o Dr. Francisco julgava necessárias a um professor para o Colégio. A cultura seria o atributo fundamental. “Eu acho que ele buscava um professor que fosse sobretudo... como é que eu vou te explicar... não didático, entendeu? Mas que tivesse uma cultura...”(Bárbara). Pelo exame cronológico da correspondência e, buscando em outras fontes, não encontramos registro da passagem do professor “ trabalhável e trabalhador” pelo colégio. Em contrapartida o que é referido na carta abaixo, lecionou na instituição em 1960:

Creio que agora deram bom resultado as minhas buscas diogênicas à procura do Homem para o Sem-Par. Trata-se de um moço novo: 26 anos, solteiro e **culto**. Chama-se Jaime França. Doze anos de seminário, alegre, correto, trabalhador[...]

Sabe muita coisa: português, latim, francês, inglês, filosofia etc. Não tem ainda registro. Quanto a outras qualidades pessoais, a entrevista direta as revelará ao psicólogo Dr. Francisco (Cp FIP- Luis Gonzaga Fonseca, Belo Horizonte, 22/11/1958).

Trazer professores de outras localidades mostrou-se uma árdua tarefa, principalmente no caso do Inglês: “Papai, [...] teve muita dificuldade com Inglês e uma determinada época Física. Teve dificuldade para conseguir. Professores de Inglês...entrava um...saía...foi muito difícil!” (Bárbara).

[...] o ano letivo vem vindo. Seria interessante você entrar em entendimento com algum rapaz daí para Francês, Inglês, condicionalmente- Cr\$10,00 por aula. E prof. de Ed. Física?” (Cp FIP – Colégio Cataguases- Dr. Manoel das Neves – 5/3/1945)

Professores de Educação Física e Francês eles conseguiram suprir. Entretanto, as lembranças sobre o entra e sai de professores de Inglês foram constantes nas entrevistas com os ex-alunos. Essa dificuldade pode ser atribuída ao fato de que na década de 1950 esse idioma ainda não tinha alcançado a difusão dos dias atuais. Alguns depoentes chegaram a relatar certo bloqueio, “uma birra”, com relação à Língua, atribuindo, como uma das causas, a instabilidade de professores.

Identificamos em nossa pesquisa outros meios de chegada de candidatos ao magistério no Colégio de Cataguases. Havia os que se ofereciam:

Francisco

Seu telegrama chegou ontem à tarde. Rabisco isso para pegar o horário do expresso. [...] Recebi carta do F. T. (que não coloca Prof.) de São Lourenço,

oferecendo suas prosopopéias ao ginásio. É diplomado pela Faculdade de Filosofia de Minas - turma de 1944- e ‘quer lecionar em conceituado educandário no interior de Minas’. Passei-lhe carta expressa pedindo que venha aqui com despesas pagas por nós. Isso no dia 23 deste [...] (Cp FIP Colégio Cataguases- Dr. Manoel das Neves – 27/2/46).

Aqueles que foram selecionados pelo desempenho como alunos no antigo ginásio:

O tio Francisco, para conseguir uma pessoa que desse Geografia, foi no histórico do Cardoso e viu qual era a matéria em que ele era melhor. Era Geografia e História, [Cardoso foi aluno do Gymnásio de Cataguases] e o convidou. Ele estava formado de pouco, vindo para Cataguases, então ficou com a advocacia e dando aula (D. Licínia).

Os que eram indicados:

Procurou-me aqui um conhecido meu de velha data, Prof. Rui Pinheiro, nova edição avelariana, cultura, valor e tudo conforme carta de apresentação lhe pus em mãos ao Sem-Par, para os costumeiros ‘tête-à-tête’ com Dr. Francisco, sem compromisso (Cp FIP- Luis Gonzaga Fonseca, Belo Horizonte, 25/02/1958).

Ou indicação e mais coincidência:

Quem me descobriu, não é? Foi o Dr. Ângelo. Essas coincidências que acontecem. Companheiro de pescaria, tinha vindo da roça para aqui e pescando e... Ele disse: “Você mexe com esse negócio de artesanato aí na sua casa. O Colégio de Cataguases está precisando de um professor nessa área”. Me levaram para lá, fizeram um teste, pediram a documentação e eu fui admitido. Trabalhei lá quarenta anos quase! (Ady Resende).

A relação dos professores, com os respectivos registros, que consta do Documento Inventário, item 6, Corpo Docente, apresenta um número significativo de profissionais liberais, predominantemente advogados e alguns médicos. Os padres da cidade também faziam parte do quadro, como o Padre Solindo da Cunha e o Padre Antônio, lembrado pelos alunos. Não havia por parte da direção do colégio nenhum preconceito com relação aos religiosos. Muitos de seus professores foram ex-seminaristas, inclusive o professor Avelar Alves Maia, ex-padre, que havia deixado a batina para casar-se. Apesar do escândalo, foi acolhido e apoiado como professor do colégio. Esse fato, nas entrevistas com familiares do Dr. Francisco, foi tomado como prova de sua ausência de preconceitos.

Segundo a filha, Bárbara, Dr. Francisco também buscava no futuro professor um que “fosse amigo ... e não, porque naquela época ainda era “professor carrasco”, e ele não queria isso”. Nesse momento surge então uma grande indagação: Mas, e o professor Lyses, lá? Como fica a contratação ou manutenção do professor Lyses dentro dessa História? “Pois é...

porque ele era...”(Bárbara). Essa foi uma questão abordada por todos os entrevistados: como o Dr. Francisco permitia um professor agressivo, rude, autoritário e inculto... Inculto?

Lyses Brandão era um cara cultíssimo. Ele sabia Francês e Literatura Francesa como ninguém.[...] discutia com Dona Ophélia. Uma beleza! [...] uma cultura em Física. [...]o Lyses dominava tudo! E a Literatura francesa está ligada à Filosofia, então ele tinha, provavelmente muita leitura de Filosofia (Regina Cabral).

E o Professor Lyses dominava também: “História! Eu fiquei sabendo de coisas...os Templários... da Maçonaria... dos Jesuítas por ele. Era uma das maiores figuras da Maçonaria do Brasil (Maria Lúcia). E mais “um detalhe, que muito poucas pessoa saibam. Ele tinha livros sobre futebol, sobre basquete, sobre voleibol em outras Línguas. Ele tirava as táticas dali para nós” (Paulo Miranda). Fomos encontrar, na listagem do corpo docente, o nome do professor Lyses habilitado também para ministrar Francês, além da Matemática, Educação Física e Desenho. Essa era uma parte oculta da História e soma-se a ela a grande habilidade no manejo com o grupo dos esportes, na sua maioria internos. “Ele tinha um gênio realmente difícil, por isso as pessoas não se aproximavam dele, não ficavam sabendo ...” Mas o Dr. Francisco deveria saber, talvez aí a razão pela qual Professor Lyses, ainda hoje, faz parte das lendas do colégio.

A equipe foi montada com professores da cidade e das vizinhanças. A direção lançou mão de todos os mecanismos de que dispunha, mesmo pressionada pela carência de professores na região não abriu mão daquilo que consideravam essencial na formação do professor, uma sólida base cultural. O colégio não se fez pelo nome de professores famosos. Ali eles se tornaram em primeiro lugar, professores e, depois, famosos. “Eles eram conhecidos, além de Cataguases, porque o aluno que saia de lá, ia para fora e passava bem no vestibular”(Regina Cabral). Foram se afinando nas práticas e, na feliz expressão lançada por Joaquim Branco, podemos dizer que os professores e também os diretores “tocavam de ouvido”.

Na relação dos professores que fazem parte do corpo docente efetivo do colégio (Anexo 3), nota-se que um mesmo professor tem duas ou três habilitações para as disciplinas do currículo oficial. Este não era ainda um tempo de especializações e os professores transitavam por áreas diferentes, com mais ou menos identificação com as respectivas matérias. As trocas entre eles foram mais intensas no início da década de cinqüenta, esboçando-se uma tendência de estabilização já nos últimos anos do mesmo período.

3.5 - Relação aluno- professor

Vamos começar a pensar nessa relação sob o clima de expectativa que envolve os alunos, e porque não dizer também os professores, quando se encontram pela primeira vez na sala de aula.

Já quase no fim do ano, eu quero recordar, aqui, as emoções e o medo com que subíamos o morro do Colégio, nas primeiras aulas de março. Que seria para nós o colégio, cujos professores não davam 10 com louvor, e eram tão diferentes das nossas já saudosas professoras do “Grupo Escolar”. Nas primeiras semanas estranhei muito o ambiente, os colegas, as aulas, tudo enfim. Com o passar dos dias, fui-me acostumando e, antes de junho mesmo, a minha impressão se modificou inteiramente: os colegas ótimos; os professores, inteligentes e atenciosos. Nada do que nos diziam, muito diferente do que pensávamos. Constituímos duas turmas com 72 alunos, dos quais 9 são meninas.[...] (O Estudante, novembro de 1950, Raquel Ramos Lourenço.1ª série “A”, *A primeira série de 1950*)

“O professor entrava a gente fazia silêncio”(Maria Lúcia). Essa é a frase, que a nosso ver, melhor define a relação professor- aluno dentro da sala de aula. A relação era de respeito. Fora da sala de aula muitos professores foram amigos. Ronaldo falando do professor Aloísio: “Aloísio Nacaratti...meu amigo”. Amigos. Muitos foram facilmente amigos. Eram da mesma cidade, laços os aproximavam. Professores dos próprios filhos, ou dos amigos dos filhos, vizinhos, parentes, médico de família...mas, nada disso os tornava menos rigorosos nas cobranças.

O Cardoso ia comigo[para o colégio], ele era professor e eu era aluno, quem me deu pau no Colégio de Cataguases foi o Cardoso mesmo! Meu vizinho e me deu pau! Tomei pau em História! Depois eu tomei vergonha e fui ser professor de História(Aloísio).

Dois professores, os mais citados nas entrevistas, aqueles que inspiravam sentimentos extremos em externos e internos, não eram da cidade, o que os levava a estabelecerem relações diferentes com os dois grupos.

A gente vivia muito mais com os professores que moravam ali [Casa dos Professores]. Professores Gradim, Lyses e um outro de Inglês, que já estava lá quando cheguei e logo depois foi embora, entrou e saiu. Eles almoçavam conosco. E jantavam também, no salão tinha uma mesa deles reservada (Paulo Adolfo).

Exatamente pela proximidade, os alunos internos podiam naturalmente procurar os professores para tirarem dúvidas, “principalmente os que moravam ali, que eram os dois. Os outros professores também, nos horários deles, de acordo com a disponibilidade de tempo,

porque muitos exerciam as suas profissões na cidade” (Ivo). O professor Lyses era o técnico da modalidades esportivas e segundo vários depoimentos:

Procurava[-o] para tirar dúvidas, não só eu, como outros...O pessoal do esporte tinha mais atenção. A porta era aberta com mais facilidade, embora ele abrisse a porta para todo mundo que o procurasse. Tanto ele, quanto o Gradim (Ivo).

“Eu sempre fui do esporte e ele[prof. Lyses] tinha uma certa proteção entre aspas pelo pessoal do esporte. Proteção, tenho que deixa bem claro, fora da sala de aula, na sala de aula”...(Paulo Miranda).

Vamos percebendo que os chamados “peixinhos do Lyses” começam a aparecer:

Eles falavam mesmo: “Você é coisa porque é peixinho do Lyses! Nada disso! Tinha estudo toda vida! Não resta dúvida que... alguns lá ... que não eram lá... grandes alunos... Não que ele protegesse em notas, mas... [...] por exemplo, era um péssimo aluno. Não gostava de estudar ... tinha lá umas regalias com o Lyses. Passava sempre apertado! (Paulo Miranda)

O professor Lyses inspirava verdadeiro pavor nos alunos que não eram “bons em Matemática” e que não eram esportistas.

[...] Ele não queria saber se ninguém gostava ou não gostava de Matemática! Se ele visse a gente na pracinha, quatro dias antes da prova, a gente estava lascado! Não podia aparecer na cidade antes da prova de Matemática, porque ele já dava as questões para ferrar mesmo (Douglas).

Para as meninas que vinham da Escola Normal a humilhação: “Vocês, meninas que vieram do colégio das Irmãs, são umas analfaburras. Ele arrasava com a gente!”(Maria Lúcia).

Sempre existiu, não sei se era da época, um respeito muito grande que chegava até a ser medo, né? Por exemplo, um que me passava, eu tinha horror... eu tomei pavor à Matemática, era o Seu Lyses. Ele era preconceituoso, tinha qualquer coisa contra mulher...(Bárbara)
Agora as aulas do Gradim... eu adorava. Foi uma época... hoje em dia os professores têm uma ... [...]Talvez até tivessem amor à profissão, mas não tinham didática, que hoje é mais ensinada (Bárbara).

O Gradim era muito exigente e controverso. Quanto ao conhecimento e à cultura, ninguém lhe retirava os méritos, mas a relação com o alunato era às vezes difícil. Poderíamos dizer que era temperamental. Passado o momento crítico, voltava ao normal. “O Gradim [...] dava aquelas explosões, mas a gente ainda conseguia conversar com ele”(Célio). “Eu odiava o Gradim[...] Ele era um chato! Era uma coisa pastosa! Me perdoem seus descendentes, mas era muito chato! Era um bom professor, ele sabia a matéria... (Douglas)

Mesmo assim fez amizades entre os alunos, só para termos um como exemplo: Prof. Gradim, “um dos melhores amigos”, não está respondendo às cartas (José Augusto de Figueiredo Branco, Cp FIP 27/1/1958).

Maria Lúcia referindo-se à colega [...], filha do Dr. Francisco:

O Gradim era amigo pessoal do Dr. Francisco ... freqüentava a casa dele! A [...] chorava copiosamente nas aulas do Gradim! Nas provas ela tremia de medo, ela tinha mais pavor do Gradim do que do Lyses Brandão. Depois ele foi... fomos brincando com ele, foi tomando mais intimidade, nós conseguimos dobrar um pouquinho a fera, mas mesmo assim ele impunha um Sr. Respeito!

Ivo nos diz que teria possibilidade de procurar ao Gradim, porém

[...] não tinha diálogo, como com o Lyses, eu não o procurava. Quando eu tinha dúvidas, procurava muito a Bárbara, [filha] do Dr. Francisco. Eu tirava muita dúvida com a Bárbara. O Latim era uma dificuldade muito grande, a Bárbara me ajudou muito no latim [...] Nunca foi minha professora, mas às vezes ela substituía o Gradim, pelos motivos de afastamento dele.

Se o Lyses tinha “peixinhos”, Gradim tinha sereias: “O Gradim tinha seus preferidos... mas eram mulheres”(Joaquim). Professor Gradim elegia, em cada turma, uma aluna, invariavelmente a mais bonita, ou uma das mais bonitas para mimá-la com elogios e derramamentos.

As excursões serviam para aproximar professores e alunos. Os professores mais polêmicos, mas solteiros, eram os que iam nessas viagens, aonde para grande surpresa dos alunos, “mostravam-se mais humanos”. As excursões esportivas, evidentemente, por força do cargo de técnico eram conduzidas pelo professor Lyses, mas as culturais ou semi-culturais, com o Gradim: “Ah! Teve uma excursão que fizemos a Ouro Preto também foi boa! Gradim foi acompanhando a gente... Também marcou” (Stella Mauro).

Os alunos armavam estratégias para se entreter, “cabular” as aulas, e que traziam outros ganhos, com a aproximação com certos professores.

Começamos a conhecer os professores quando começamos a conviver com eles, através dos churrascos. Os churrascos nossos eram aos sábados, depois de aula[...] ao lado do campo de tênis e de vôlei[...] A gente levava uma caixa de privada, aquelas de cordão existiam antigamente, elas eram de ferro, era ali que púnhamos o carvão e a carne em cima (Célio).

O Dr. Ângelo foi o único professor, que nós tivemos nos três anos, que não conseguimos levar para um churrasco que costumávamos fazer no colégio depois do horário, na parte da tarde. [...] Se a aula fosse do Gradim, aí fazia-se o churrasco e o Gradim descia, ele não resistia! Principalmente o Gradim, ele era o freguês principal (Stella Mauro).

Com a maioria dos professores as relações fluíam com relativa facilidade, principalmente, pelo respeito que todos os entrevistados relataram como característica da época. Segundo Bárbara,

Mesmo o professor sendo assim... com aparência de bravo, era amigo. Dentro da época e dos limites da época. Tinha mais ... medo, era do Seu Lyses. O Dr. Ângelo era também...[...] Talvez, por timidez, ele fosse o mais distante...(Bárbara).

Na entrevista que realizamos com a secretária Sônia Motta, sobre esse tema, ela nos disse que:

Os alunos gostavam mais do Dr. Manoel e Cardoso. Gostavam demais do Gradim, mas os alunos tinham aquele medo! Mas todo mundo queria estudar com ele, tá? Todo mundo queria ser da sala dele. Apesar dele ser bravo ! “Seu burro! Não sei o que...” Mas...o menino queria ser da sala dele. E o Lyses?! Também era bravo. O dia em que ele dava uma nota cinco.... ele morria. O dia acabou para ele. Enfezado...que o aluno colou. que não sei o que...(Sônia Motta).

As impressões do Sr. Jumar, também funcionário do colégio, referindo-se a dois professores:

Os alunos todos gostavam dele[Aloísio Nacarrati]. Também ele deixava correr por cada um...ele não era exigente. Porque o Lyses ninguém gostava dele. Aluno nenhum gostava dele. Exigência.... O Lyses era até demais!

Todos os professores eram exigentes com relação às notas, mas os campeões da exigência eram os professores de Matemática e de Português. As notas parcimoniosas são relembradas, mas as agressões e discriminações são mais citadas. Dr. Manoel das Neves Peixoto, por unanimidade, era considerado o “grande professor”, o “bem amado”, mediador e paizão, equilibrado, educado.

Outra unanimidade era Dona Ophélia Resende que, apesar das bagunças dos alunos, realmente ensinou Francês... “Tinha a Ophélia, que era um doce de pessoa...a aula de Francês...” (Douglas).

O álbum de recordações de Maria Lúcia ainda registra a homenagem que lhe dedicou o Dr. Manoel, diretor do colégio. Comentamos, no momento da entrevista a forma afetiva que ele usou, ao que ela emendou: “Por isso que eu falei, havia afeto e respeito e exigências”.

O Colégio de Cataguases sempre foi visto através da distinção entre alunos internos e externos. É dessa maneira que os entrevistados vão representando as diferenças, mas à medida que ajustamos o foco elas vão ganhando novos matizes.

Primeiro, o colégio tinha duas classes sociais bastantes distintas. Os da cidade, que eram filhos de classe média e que pagavam o Colégio com muito sacrifício, [...] porque buscavam no Colégio uma forma de alcançar aquilo

que sonhavam, ou seja, um nível educacional melhor. E, o outro lado da moeda, eram os filhos dos magnatas que, graças ao nome que o colégio alcançou nacionalmente, [...]vinham [...] [e]freqüentavam o internato do colégio. Então a gente tinha duas castas bastante distintas, embora a gente convivesse no ambiente escolar, de uma certa forma harmônica, mas na realidade eram duas classes que se mantinham distantes e equidistantes (Célio).

Éramos cataguasenses, classe média, os meninos eram ricos... Havia briga aqui... uma rivalidade pessoal que vai... “Te pego aqui embaixo”[...] havia uma rivalidade dos internos com os habitantes da cidade. Eram forasteiros...[...] Era uma população flutuante, uns vinham e voltavam, mas outros não, nos incomodavam, eram estrangeiros aqui. E eles sentiam isso também (Mauro Sérgio).

Essas recordações trazem à tona as distinções a partir da origem social e da resistência dos “nativos”, temerosos de perder o passado confortável, a estabilidade, a “previsibilidade” daqueles que desfrutavam de uma mesma identidade cataguasense e destacar que a sensação de desconforto deveria ser mútua. Essas são as bases pelas quais iniciamos a nossa análise do processo de socialização dos alunos do Colégio de Cataguases, sempre reafirmando o período estudado, década de 1950 e reconhecendo a pluralidade e diversidade no interior de cada grupo e de cada ano, pela configuração específica que se formava. Vamos percebendo mudanças, que nem sempre podem ser consideradas integradoras, mas que sugerem tanto aproximações quanto distanciamentos.

3.6 - O Grupo dos externos

Já nos referimos a esse grupo. Seus integrantes tinham um passado comum, o que não quer dizer ausência de conflitos, mas que não apareceram no contexto das entrevistas, exceto pela menção de um dos entrevistados:

Eu tinha muito medo, numa determinada época, para descer, [o morro do colégio] porque tinha o [...], o[...] e o [...] que ficavam no meio do mato com arco e flecha para atirar na gente! Formaram uma gang e nós tínhamos um certo receio (Carlos Sérgio).

Havia um determinado grupo da cidade que se “divertia” em apavorar os alunos do colégio, fossem internos ou externos. Os alunos externos moviam-se geralmente em grupos por prazer e por proteção.

Primeiro, nós reuníamos aqui na avenida, num banco em frente à casa da Mariana, a casa do Cardoso, nós sentávamos ali, iam ajuntando para depois subir o morro do Colégio. Subir o morro era interessante (Aloísio).

Não podemos dizer que proteção fosse necessariamente a motivação, primeiro porque as *gangs*, citadas em outros depoimentos, estão relacionadas a outras circunstâncias e

situações, e não tiveram uma atuação ao longo da década de 1950. As representações que nossos entrevistados têm do passado escolar é de companheirismo e harmonia. “No meu tempo, para minha cabeça da época e hoje... acho que havia sempre uma grande camaradagem, ali era como uma família (Stella Mauro).

Os conflitos entre os externos aparentemente foram abolidos nas lembranças, talvez pelo distanciamento no tempo ou porque a rivalidade entre o externato e o internato tenha sido de fato mais significativa.

3.7 - O grupo dos internos

O relacionamento entre os internos ora se apresenta como familiar:

O que eu vou dizer, é possível que seja uma realidade mais forte em 1956: o relacionamento dos alunos internos era familiar. Neste aspecto, devo falar do relacionamento dos alunos internos entre si. Em poucas instituições vi o que vivenciei em 1956 no internato. Havia a preocupação de um grupo de alunos, todos verdadeiros líderes, pelos internos. Os menores, também chamados lambaris, eram percebidos, defendidos e tratados como irmãos menores. Na realidade tinham meninos de 8 anos de idade. Em várias ocasiões, alunos maiores pediram à direção a saída de um grupo de lambaris, para ver um filme importante na tarde de sábado ou domingo e se responsabilizaram em ir com eles em grupo. Eram os irmãos mais velhos tomando conta dos mais novos (Eduardo Amorim).

Ora sugere uma aproximação mais por faixa etária:

[...] os do científico não se davam com a pirralhada.[...]. Só alguns, que estavam atrasados nos seus estudos, que ainda estavam no ginásio, eram já grandões, com 18 anos ainda dentro do ginásio, 15, 16 anos ainda dentro do ginásio. Estavam atrasados [...] e não gostavam de ficar com a menina do ginásio então se aproximavam da gente, que já éramos do científico (Douglas).

Vamos percebendo nos depoimentos que existem vivências diferentes, versões de acordo com a época e a forma como cada um viveu as relações, ou seja, cabe ratificar aqui o que Chartier (1990) nos sinaliza: “As percepções do mundo social não são de forma alguma discursos neutros”. Outro aspecto que vai se consolidando e, sobre o qual nos referimos anteriormente, é de que as formas de interação dependiam das características e possibilidades do próprio grupo:

Segundo testemunhas, o ano anterior [1955], haviam brigas entre gangues de internos. Em 1956, não. Infelizmente, o bode expiatório dos internos agora eram os externos, chegando a haver algumas brigas sem consequência, discussão e bate-bocas sem qualquer ação mais concreta. Antes, as gangues se contratavam para brigar. Havia uma estrada aberta e escavada numa encosta que dava acesso ao portão principal, aliás à porteira principal, com mata-burro e tudo.[...] Nesta encosta, fora do portão, ficavam as gangues,

separadas e na ‘arena’ os dois contendores. Brigavam até se machucarem sem interferência de nenhum ‘irmão’ de gangue, ou dos chefes de disciplina, pois no regulamento havia proibição de brigas no recinto da escola, não falavam de brigas fora da escola (Eduardo Amorim).

Um depoente revela não apenas a proteção dos mais novos pelos mais velhos, mas também o exercício da punição.

No dia a dia, surgiam algumas [...] maldades.. .amarrar cabeça-de- negro em pescoço de galinha e soltar no campo de futebol! Tinha sempre um que aparecia e fazia, mas a gente não dava muita bola não. A gente ajudava disciplinar a meninada do ginásio, de vez em quando dava uns corretivos, uns coques nas cabeças dos moleques lá (Douglas).

O que vai se evidenciando é que fosse através de proteção fraterna explícita, ou sob a forma de comportamento nem sempre adequado, os internos se afirmaram como grupo. Alguns desenvolveram de fato mecanismos de proteção e solidariedade:

Falo muito sobre a solidariedade dos internos, porque, às vezes tinham brigas dos externos pelo problema do ciúme, um determinado dia lá, tinha um grupo de externos que pegavam, na hora da subida para o colégio, juntavam uns para bater... Isso chegava ao conhecimento dos maiores, então eles iam e acertavam as contas! O tal [...] fazia isso com os menores. Sempre eram os menores! Houve períodos de confronto de grupos mesmo ali pela avenida, na descida do colégio. Como os internos eram mais unidos...eles reuniam um grupo, mas o internato já era um grupo formado. Quando aconteciam esses episódios, esporádicos... já se saía, aos sábados, pensando que poderia ter represália (Ivo).

É possível até pensar, que, exatamente por se encontrarem afastados das suas famílias, houvesse necessidade de criarem uma pseudo estrutura familiar²²entre eles mesmos.“[...] nós tínhamos os nossos próprios sistemas, aprendíamos a conviver e um ajudar o outro. Tinha muita gente com problemas[...] Você via que o pai mandou para lá... [gestos de descaso] (Douglas).

O nível de aceitação e inclusão dos que fugiam aos chamados “padrões de normalidade” é um aspecto que gostaríamos de destacar. Havia um garoto que :

ficava rodando em volta [...] de uma mesa! Sem falar com ninguém! [...] o internato era muito solidário, então, todo mundo tratava como uma pessoa igual. E ele, no final de um tempo, teve uma melhora excelente! Teve uma grande melhora! Foi um Centro de Recuperação para ele. Acho que foi uma clínica![...] Nós o recebíamos no meio. O porquê estava ali, nunca soubemos ou procuramos saber. Ele chegou e fez parte do meio. Era até protegido, não era discriminado, não. Sempre passava um para brincar, para falar...(Ivo)

²² Esse aspecto já foi abordado em outros momentos, seja na proposta dos diretores ou na atuação das mães diretoras

É interessante relacionarmos a impressão de um aluno externo, sobre, provavelmente, o mesmo garoto. O depoimento de externo:

E eles aceitavam, gente!...Eu me lembro de um menino que era completamente maluco! Ele ficava andando o tempo todo. A família deixava ... ele não falava com ninguém, ficava caminhando. Não foi da minha sala não. [...]achava muito estranho como uma família podia deixá-lo aqui! Ainda mais com os regentes que não tinham nenhuma psicologia, não entendiam nada disso...não havia preparo (Carlos Sérgio).

Os maiores tinham algum tipo de cuidado com os menores ?

Eu acho que não havia, só no caso de irmãos mais novos, [...] tinha um a proteção muito carinhosa com o irmão. Havia outros irmãos [...]. As proteções maiores eram de irmãos para irmãos, de um modo geral não[não havia dos maiores para com os menores](José Carlos).

Sobre a organização dos alunos do internato e suas relações aparece uma outra percepção que, evidentemente, não exclui as outras.

E tinham aqueles grupinhos, o grupinho que jogava futebol, o grupinho que jogava basquete, o grupinho que falava em público... enfim eram os grupinhos que se formavam. [De]turmas diferentes. Eram os alunos internos (Paulo Adolfo).

3. 8 - Internos e externos

Vamos tentar aprofundar a questão de como esses dois grupos se viam, porque além da oposição internos x externos, criada no âmbito colégio, quando ampliamos a visão para além desse território, encontramos novas adjetivações. Os externos passam a ser os estudantes que vieram de outras cidades, os forasteiros, como os cataguasenses os qualificam e os exilados, como muitos se auto referiam. Por quê teriam sido exilados em Cataguases? Uma explicação de época, mas que ainda mantém-se forte, era de que colégio interno era castigo: “Todo mundo veio parar aqui como castigo: os internos”(Ronaldo). “Havia essa idéia. Havia esse preconceito, que era muito forte, quer dizer, que a maior parte dos alunos, que iam para Cataguases, o faziam como força de um castigo”(Lúcio Antônio). “Geralmente os internos, a maioria que veio para cá, eram pessoas que vieram por razões familiares, eram pessoas que tinham já aprontado, que não gostavam de estudar (Carlos Sérgio). Ou, então, “ a maioria dos internos do ano de 1956 era de casos sociais, ou seja filhos de pais separados

que necessitavam que alguém tomasse conta [deles]” (Eduardo Amorim). Mas outros motivos também estavam presentes: o fato da cidade de origem não ter estabelecimento de ensino secundário ou até mesmo razões mais complexas, como afastar algum filho de uma mãe super protetora, que o estivesse sufocando.

O Colégio de Cataguases, antes de materializar-se no modernismo das suas linhas arquitetônicas era freqüentado, prioritariamente, pelos jovens da região, por aqueles que não contavam com colégios secundários em suas respectivas cidades. O seu raio de abrangência foi ampliado graças aos atraentes efeitos da própria obra, ao prestígio que o Dr. Francisco possuía nos meios intelectuais e à propaganda em revistas e jornais da época.

De que maneira eram vistos os “nativos” por esses “forasteiros”?

Tinha essa separação. Não sei porquê havia essa rivalidade. Mas a rivalidade não era por nós, alunos internos. Eram pelos alunos externos, porque as meninas só davam bola para os internos... (Paulo Adolfo).

Os externos tinham muito ciúme porque eles perderam muito. Os internos eram de um outro centro, mais evoluído, pessoas que começaram a namorar as moças da cidade, bem, eles foram perdendo aquilo que tinham, desde a infância. Você não via nenhuma aluna externa namorando com aluno externo. Praticamente todas namoravam os internos! (Ivo)

Outro depoimento: “Tinham uns ciuinhos, porque às vezes a gente namorava uma sobrinha de um, filha de outro... o pessoal ficava de orelha em pé”(Douglas).

“Os internos eram pessoas mais ativas, vinham do Rio de Janeiro... outra cultura, outra vivência... a gente aqui era bobinho ainda! Muito bobo!”(Aloísio).

Era uma disputa de quem conquistava mais. Acho que eles[os cataguasenses] se sentiam preteridos pelas moças, porque vinham alunos do Rio, eles ficavam em segundo plano, na época tinha aquela “coisa de Rio de Janeiro”(Maria Inês).

Ciumentos! Os jovens cataguasenses eram ciumentos e menos evoluídos e estariam disputando as moças da cidade! Poderia haver razão mais forte do que essa? Não se tratava do *Rapto das Sabinas* nem de *Helena de Tróia*, mas quantas “guerras” não foram a termo pelo mesmo motivo? Guerras?! Em Cataguases, nem tanto! Mas algumas batalhas e brigas sim:

A briga que eu vi, foi uma briga impressionante, um estudante externo com um interno. Nunca vi uma briga tão violenta na minha vida. Ele deve ter colocado toda aquela raiva. que alguns tinham do internato e alguns internos tinham do externato! O externo bateu no interno! Era um cara forte pra caramba! (Joaquim)

E os depoimentos vão acrescentado outras diferenças:

[...]por serem financeiramente mais aquinhoados conquistavam as meninas da cidade, aí o pessoal da cidade perdia as namoradas e logicamente se

sentia deprimido e agredia naquele célebre morro do colégio onde muitas vezes, professores tinham que sair correndo... Numa determinada época, o Dr. Jaime, que era o nosso professor de Biologia, teve que sair de casa, de pijama, dando tiro para separar briga... no sopé do morro. O próprio Professor Lyses, que era Chefe de Disciplina, tomou uma flechada uma vez de um aluno, porque não foi reconhecido[...]Então essa disputa era permanente, mas o que compensava era que o nível educacional do colégio era muito bom (Célio).

Fica a impressão de um constante estado de guerra, porém, “para aquele universo grande de pessoas até que não havia muita briga, só vi uma” (Joaquim).

Existem outras histórias sobre as diferenças entre os nativos e os forasteiros: as roupas de grifes, os tênis da moda, os mocassins da Moreyra, a música...

Eles vinham de calça Lee, chicletes, camisa estampada, colorido sei lá das contas... Tênis da última moda, sabiam rock and roll... Ganhavam todas as meninas! A nossa vingança era na hora das provas, eles eram derrubados (Ronaldo).

Segundo Joaquim Branco, havia um ou outro rapaz da cidade que ficava enciumado, mas uma outra fonte de ciúme é sinalizada: “Os rapazes eram louros, aqueles de mechas caindo! Rapazes de olhos azuis, coisa que aqui não tinha!”

Vistas as diferenças, como fonte de conflitos, há, talvez, uma lição para o presente, o cotidiano do colégio aproximou-os. A própria violência que havia entre os internos acabou sendo canalizada para outros valores: “tomou forma de luta acadêmica, como nota, colocação, melhor poesia, melhor discurso, até melhor comportamento”(Eduardo Amorim).

A princípio as relações entre os dois grupos não eram de muita intimidade, até de hostilidade, como vimos, mas:

à medida em que o tempo foi passando, a turma foi continuando o relacionamento foi crescendo... Nesses últimos anos, segundo e terceiro anos, já eram boas, excelentes, tinha muito gente do internato com boa capacidade intelectual então, ali, o que passou a ter uma importância muito grande foi essa capacidade intelectual. A inteligência e o conhecimento foram o que acabaram fazendo o relacionamento (Lúcio Antônio).

As amizades que se consolidaram foram com aqueles que permaneceram mais tempo, ou situações e pessoas muito especiais que lá estiveram. O colégio recebeu alunos do Brasil todo, provenientes de cidades pequenas ou grandes, mas a referência sempre a “alunos de cidade grande” têm origem na grande afluência dos cariocas.

Ainda, de modo geral, os internos eram vistos como mais velhos do que os colegas de turma externos, isso porque muitos já haviam repetido séries em outros colégios. Em geral, o externo era melhor nos estudos, como afirma Joaquim e Ivo confirma.

Os internos eram qualificados como ricos, valentões, mais velhos, mais espertos, conquistadores e mal alunos. *Louros* e repetentes. Os externos são qualificados como de classe média, bons alunos, predominantemente morenos, ingênuos e ciumentos. Mas, não podemos obedecer a divisões rígidas, se considerados a partir da suas individualidades, surgem muitas possibilidades e permutas.

Nossos entrevistados vão mostrando amizade, companheirismo, delicadeza no trato, admiração nas definições das relações: “Eu tinha um ótimo contato com os colegas internos” (Joaquim) “Acabei amigo deles, porque eu gostava de sinuca, jogava futebol também fiquei amigo deles”(Ronaldo). “Quando eles[ex-colegas internos] vêm a Cataguases sempre me procuram. Nossa! Até hoje! Nós nos encontramos pouco agora, mas muitas amizades, muitas amizades! (Paulo Miranda).

O esporte, ou mesmo a Sinuca, estreitaram os laços entre membros dos dois grupos.

[...]eu vivia no meio deles. Quando ia no colégio à tarde, não ia procurar o vestiário do colégio para trocar a minha roupa de esporte eu ia para o apartamento de um deles. [...]Eu acho que era porque eu participava das equipes do Colégio, então a gente tinha uma certa liberdade...(Paulo Miranda).

O [...] é a pessoa mais afável que eu vi no colégio! Desenhava muito bem, escrevia muito bem, tinha todas as qualidades...Muito amável com a gente... eu notava assim, que eu era um menino e ele era um homem! Hoje, eu acho que não deveria ser tanto assim. Ele era um rapaz alto, bonito, todo ... E a gente era menino...(Joaquim).

Alguns alunos freqüentavam as casas de colegas na cidade:

O [...] não tinha nada de repetente, ele era muito inteligente...bem comportado, fino... O [...] por exemplo, era um rapaz educadíssimo. Jogava bola como ninguém! [...]todos muito educados. Alguns eram problemáticos, [...] por exemplo. Eu fui até colega de um francês, [...] no primeiro ano do ginásio, ele foi tão bem tratado, que não queria ir embora daqui! Os pais mudaram, acho que era filho de embaixador, algo assim... Ele freqüentava lá em casa, almoçava. Almoçava no [...] aos domingos, no [...]. Variava. Sempre a gente querendo que ele fosse lá para casa...não queria ir embora daqui...(Joaquim).

Havia um sentimento que era mútuo. Os internos acreditavam que os professores protegiam os alunos da terra e estes percebiam exatamente o oposto.

Tinha um negócio também...isso era o que se falava...para que se mantivesse o alunado do internato, que mantinha o colégio, as notas eram aproximadas para os internos, para eles atingirem à média. Não notas altas, apenas a média. Para o externos, não, esses se tomassem pau, tomavam pau mesmo! Não tinha essa colher de chá de arredondar nota (Célio).

Tinha o Gradim, que eu não gostava, achava que ele era muito puxa-saco dos externos, ele tava mais voltado para os externos do que para o pessoal do internato. Tinha uma restrição... nós sentíamos isso...daí tinha má vontade na aulas dele também. O Gradim tinha, de vez em quando, uns acessos de

nervos, isso era muito prejudicial para nós do internato, principalmente porque nós víamos essa diferença (Ivo).

Se para alguns, os estudantes forasteiros, “arejavam a cidade”, os “rapazes de fora” também se beneficiaram com as trocas. Eles, que quando chegaram estavam de moral baixa, imediatamente passaram à categoria de “os donos da bola” (Aloíso), não ainda no desempenho escolar, caso fosse essa a razão de estarem no novo colégio, isso lhes custaria tempo para adquirirem. Mas o sucesso com as garotas, esse era imediato. O Dr. Manoel das Neves aborda o encantamento das meninas:

Eu era constantemente bombardeado por moças pedindo: Dr. Manoel deixa os alunos internos virem aos bailes, às festas...Se eu deixasse, toda semana isso aqui virava um “seio de Abraão,...[...] dava um não sem procurar machucar. [...]Eu não posso fazer isso, minha filha. Isso aqui é um estabelecimento de ensino...Ele tem que vir à aula amanhã cedo” (Manoel das Neves Peixoto).

A diversidade trouxe ganhos para ambos os lados, dos jovens interioranos que se atualizaram com as modas, e dos “meninos de cidade grande” que:

[...] insisto, que o fundamental na tarefa do internato foi afirmar as linhas do caráter do menino para que se transforme em um homem correto e digno[...]Acredito que nesta tarefa também pesaram o meio social a cidadevelho ambiente brasileiro de modéstia e sólida tradição familiar- e a assistência que, face ao colégio, lhe proporcionou (Cp FIP- Prof. Aloysio de Paula, 4/01/1961).

As experiências da geração dos alunos do Colégio de Cataguases, na década de 1950, tiveram na diversidade, um poderoso aditivo para o sucesso das mesmas.

Nós tínhamos aulas juntos, forçosamente na aula você junta tudo, mas...modos e costumes [...]A gente notava no papo com os meninos, com as meninas... era um outro mundo! Aquilo representou alguma coisa...tinha gente de tudo quanto era lugar! E essas cabeças...cada uma vinha com os seus probleminhas, com as suas criações, educações e jogava toda essa meninada numa cidadezinha do interior, com estrada de barro, aquela cidade bem organizada...Não vou falar província, porque não era o caso! Cataguases respirava uma certa cultura, que não fazia dela província, no aspecto plástico, literário e tal era muito diferente de outras cidadezinhas (Douglas).

[...] acho que foi muito importante esse internato para a divulgação do esporte na cidade. No pessoal da cidade, não tinham muitos voltados para o esporte, você não encontrava entre eles atletas. A partir dessa convivência, os externos passaram a desenvolver atividades esportivas, natação, basquete, vôlei... (Ivo).

[...]a minha geração soube valorizar, fruto do que foi implantado pela direção do Colégio de Cataguases. [...]A gente teve oportunidade de conviver com gente que tinha uma visão muito ampla de brasilidade e de internacionalidade. O quê que a gente tinha? Uma visão de mineiro cercado de montanhas. Uma visão para dentro e esses internos começaram a nos mostrar uma outra visão (Célio).

“Todos os sotaques...Você tinha baianos, paraenses, mineiros, cariocas, falando... Aquilo era uma loucura! Um balaio” (Douglas). No jornal, O Estudante, vamos encontrar, num artigo assinado pelo aluno R.P. Batista Filho, escrevendo sobre a Língua Portuguesa, a mesma referência aos sotaques, perceptíveis “quando respondemos ‘presente’ à chamada do professor, (e) com os olhos vendados podemos identificar-nos um a um[...]”.

As impressões positivas predominaram, embora alguns pontos negativos também aparecessem:

Despertaram para um lado negativo. Lados de vícios muito grandes: cigarro com 12 anos...[palavra incompreensível], sexo... mais pesado, muito mais pesado. Eles eram assim, pessoas que vieram aqui para se reformarem, a maioria...não todos. E eu vi coisas que não imaginava na minha infantilidade...No ambiente da piscina...eles eram mais desenvolvidos... (Joaquim)

3.9 - Relacionamento com os funcionários e pais

Não há relatos de dificuldades de relacionamento entre os alunos e funcionários de um modo geral. As lembranças são recuperadas sempre a partir da pergunta: Como era o seu relacionamento com os funcionários? E as histórias vão depender da maior ou menor afinidade construída nas práticas. Somente o sinaleiro João Cordovil ganha maior importância nas memórias de todos os entrevistados.

“A Dona Odete, excelente, depois tinha a Sônia e o João Cordovil, que tocava o sino... Com o João, por exemplo era muito querido” (Aloísio). “Tinha o Seu Zequinha, que era o barbeiro. Existe?” (Paulo Adolfo).

O João Cordovil [o sinaleiro]. Querido e detestado. A pessoa do João era muito querida e o badalar do sino muito detestado. Perdeu até a audição por causa daquele sino. Tenho também uma lembrança de uma figura, que falavam que era parente do Dr. Francisco, era um velhinho que ficava por ali, que cheirava muito rapé... dava rapé para gente ...A gente pegava rapé com ele... e chegava perto de algum outro “Dá uma cheiradinha nisso aí” Muita gente da cidade grande...não conheciam rapé... espirravam pra caramba! (Ivo)

Continuando as lembranças dos alunos:

“Eu era vizinha da Sônia... ao João eu tratava muito bem também...Isso é uma coisa que estranhei aqui no Rio. No [Colégio] Santo Inácio, o aluno meio riquinho, às vezes era meio metido” (Regina Cabral). Talvez, só para fazer um contraponto, com a observação

sobre atitude do aluno no Rio de Janeiro[na década de 70), vamos apresentar o que achava a Sônia, secretária, sobre os alunos internos do Colégio de Cataguases:

[...]uns meninos bons, não eram meninos metidos, não. Quanto mais rico, mais simples... Eu achava. E tinha menino aqui rico mesmo! Da Bahia! Donos de cacau lá, e era gente simples! Se nem falava que era rico(Sônia Motta).

Retomando os depoimentos dos alunos sobre os funcionários:

No João Cordovil a gente jogava água , lá dos apartamentos [3º andar] para não tocar o sino. Ele puxava a corda do badalo do sino com um barbantino, debaixo da marquise. Jogávamos água nele...
É... tínhamos com o da cozinha, só. O coroa da cozinha[Seu Martins], que não me lembro o nome... Seu Zequinha, barbeiro sim. Era uma figurinha maravilhosa. Cada um tinha um estilo, cada um queria assim, queria assado, porque vinha do seu barbeiro da sua cidade e o Zequinha que se virasse! (Douglas).

A relação entre os funcionários e os alunos era “muito sadia, com bastante respeito[...] podíamos não ter níveis financeiros idênticos, mas de educação sim” (José Carlos). No entanto, a proximidade dos funcionários com os internos acabou gerando preferências: “[...]a gente, que trabalhava lá, acabava ficando a favor dos internos. Porque convivíamos muito com eles...dia a dia... no fim a gente ficava a favor dos internos”(Sr. Jumar). Já a relação com os regentes e, principalmente, com o Chefe da Disciplina, apresentou-se problemática e ela vai aparecer no capítulo seguinte quando tratarmos das questões relativas às normas e regulamentos.

A participação dos pais dos alunos na escola praticamente não ocorria, salvo algum registro esporádico numa ou noutra carta. Os responsáveis, que, normalmente, realizavam a primeira matrícula e os pagamentos compareciam à escola apenas como convidados nas solenidades. Esse era o procedimento caraterístico da época. Os pais reconheciam a autonomia da escola e nela parecem ter depositado toda a sua confiança.

CAPÍTULO 4

MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E PEDAGÓGICAS

Antes da efetivação da compra do Ginásio Municipal de Cataguases, em 9 de abril de 1942, houve um clima de apreensão ligado àquele momento particular da política educacional:

Há ainda isto: vem aí uma reforma[de Ensino] de execução penosa e sobre isso devemos meditar. Estas ponderações não exprimem desânimo e muito menos descrença na vitória do trabalho bem organizado, mas situam fatos que possam amanhã perturbar o triunfo de nosso ideal (Cp FIP Gastão Gonzaga- Rio Branco, 7 /02/1941).

No mesmo ano em que a nova direção assume o Ginásio, futuro Colégio de Cataguases, era promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário, na gestão do ministro de Vargas, Gustavo Capanema. Até essa data o educandário compreendia o curso fundamental, de cinco anos, de acordo com o artigo 3 do Decreto Federal n. 19.890 de 18 de abril de 1931 (Cap. 1 – Art. 4 do Regimento Interno do Ginásio Municipal de Cataguases)²³. A reforma foi de fato muito trabalhosa para a nova direção, sobretudo no que se refere ao registro do segundo ciclo.

Carta sucinta e aflita de Francisco Amaro, rogando que eu lhe desculpe a desalmada aporrinhão, mas que veja o emperrado, tartarugal trâmite de certo papel no Ministério da Educação e do qual necessita prementemente. Baldados têm sido suas cartas e telegramas reclamando solução- não dão pelota! (1944- Marques Rebelo, 2002, v.3, p. 409)

Pressões e apreensões fizeram-se presentes e foram constantes sob os mais diferentes aspectos, relacionados principalmente à obra de construção de novo prédio e à contratação de professores.

4.1 - Das determinações oficiais às dinâmicas do cotidiano.

A nova lei determinava a mudança no ensino secundário, com a divisão em dois ciclos, o primeiro, o ginásial e o segundo subdividido em clássico e científico. Para o acompanhamento do processo de autorização do ciclo colegial, Dr. Francisco contou com o empenho dos amigos Marques Rebelo e Camilo Soares, como indicam as cartas.

Querido Peixoto

²³ O curso secundário implantado em 1932 era dividido em dois ciclos: um fundamental de 5 anos e um complementar de 2 anos, sendo este obrigatório para o ingresso em determinadas escolas superiores.

Estou contando que vocês todos vão indo bem aí, agüentando as artes dos meninos cariocas.

Tenho a informar que estive com Abgar que me prometeu novamente tudo a seu favor. Ele mesmo veio falar comigo. Já estão em sua mão(dele) cinco processos autorizando registro de segundo ciclo (Cp FIP- Marques Rebelo – 14/02/1945).

Em 16 de fevereiro de 1945, dois dias após a carta da qual transcrevemos o trecho anterior, há outra correspondência de Marques Rebelo solicitando mais documentos e fotos dos professores para dar andamento ao processo de autorização do registro do segundo ciclo. O processo arrastou-se moroso. Em 25 de outubro de 1945, na correspondência de Camilo Soares, o assunto continua em pauta. Ele cuida do registro dos professores Hugo Sodré Lanna, Serafim Lourenço, Walter da Rocha Werneck, Antonio Amaro, Manuel da Neves Peixoto e Antoniquinho Mendes. Até que um dia:“Telegrama de Francisco Amaro: ‘Papel chegou. Milhões de agradecimentos’. São as pequeninas vitórias minhas”(Marques Rebelo, 2002, v.3, p.411). Vitórias que se concretizariam nas solenidades de formatura da primeira turma do científico em 1949 (O Estudante - novembro de 1950, p. 11).

O Currículo Oficial, de acordo com a lei:

	Ginásial	Clássico	Científico
Disciplinas	Séries		
Português	I II III IV	I II III	I II III
Latim	I II III IV	I II III	
Francês	I II III IV	I II III	I II
Inglês	II III IV	Optativo	I II
Matemática	I II III IV	I II III	I II III
História Geral	I II	I II	I II
Ciências Naturais	I II		
História do Brasil	III IV	III	III
Geografia Geral	I II	I II	I II
Geografia do Brasil	III IV	III	III
Trabalhos Manuais	I II		
Desenho	I II III IV		II III
Canto Orfeônico	I II III IV		
Grego		Optativo	Optativo
Espanhol		I II III	I
Física		II III	I II III
Química		II III	I II III
Biologia		III	II III
Filosofia		III	III

Com relação ao currículo, nossos entrevistados assim se expressaram:

Devia ser o currículo do Ministério da Educação...e mais nada. O colégio que tinha aquela abordagem ...que era um colégio avançado...a prática avançada que todo mundo falava, na realidade não era nada. O colégio é que era moderno na arquitetura...mais nada! Era o Ministério da Educação como em todos os colégios. Seguiam o currículo (Douglas).

Sim, seguiam o currículo. Professor Ady também a ele se refere: “Que eu saiba não era a gente que decidia aquela coisa toda, tinha que seguir o MEC, era dentro daquilo. Cumpria mesmo à risca”(Ady Resende).

Nosso olhar procurou além do currículo oficial e das determinações legais, que foram cumpridas, como pudemos apreender através da leitura dos “termos de visita” dos “inspetores federais itinerantes”, os indícios das práticas, sobretudo de atividades extra-classe ampliaram o conteúdo e os significados da educação.

Segundo Forquim (1995) existe entre educação e cultura uma relação íntima, orgânica, quer se tome a palavra “educação”, no sentido amplo de formação e socialização do indivíduo, quer seja restrita ao domínio escolar. É necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdos” da educação. Estes conteúdos que constituem o suporte e a forma de toda experiência individual possível, são sempre alguma coisa que nos precedem, nos ultrapassam e nos instituem enquanto sujeitos humanos e, como tal, podem receber o nome de cultura. A cultura escolar aponta para a cultura institucional tecida pela rede de relações internas e diz respeito aos processos pelos quais os objetos de ciência são transformados, pela mediação didática em objetos de ensino. Nela está implícito um esquecimento ativo que afasta da escola tudo que não foi selecionado com o intuito de ser transmitido. É possível ir construindo, com o conjunto das fontes com que estamos trabalhando, o lado estável e consciente do seu projeto educativo, não controlável nos seus efeitos, mas intencional na sua idealização:

O edifício, já suficientemente descrito, foi construído para nele funcionar o Colégio de Cataguases. Não há, pois adaptações. Tudo previsto e funcional. Sua construção, obra de evidente arrojo, atendeu a todos os requisitos, não só de comprovada solidez, como também da manifesta preocupação arquitetônica de dotar a cidade de um educandário de linhas admiráveis e de linhas funcionais impar.[...] O Colégio de Cataguases, como já disse alguém, é uma aula permanente de bom gosto. Suas cercanias são tranqüilas e repousantes. O edifício em si e as atividades para escolares como o Museu de Arte Popular e o Museu de Belas Artes, são poderosos agentes junto à sensibilidade do educando (Documento Inventário p. 14).

Dr. Francisco acreditava na impregnação dos educandos pela arte e na importância do ambiente para o desenvolvimento do senso estético do indivíduo e o despertar da sensibilidade. A sua opção pelo Modernismo, já consagrada no conjunto de sua obra, e, especificamente no colégio, vão além da formulação de um programa estético. Acompanham-no um trabalho de valorização do que é ser brasileiro, e de conscientização político social, que tem como símbolo o painel Tiradentes, expressão máxima de arte social.

4.2 - Salas de aula, salão de estudo e biblioteca

No 2º pavimento do edifício, através de um amplo corredor, em reta, de 190 metros quadrados, piso de *kentile* marrom tem-se acesso ao salão de estudos, anfiteatro, sala dos professores, banheiros e dentre outras mais dependências, às nove denominadas salas de aulas comuns. No Documento Inventário são comuns as salas apresentadas sob as mesmas dimensões, sem nenhum arranjo especial, com uma área de 54,43 metros quadrados, quadro negro, birô, cadeira para o professor, 48 carteiras individuais, de braços, armários embutidos e depósito para guarda-chuva (Inventário, p. 10). Duas delas, pelos dispositivos que receberam, podem ser consideradas como salas especiais, embora o Inventário não as inclua nessa definição. Uma estava destinada, com sua mapoteca, ao ensino da Geografia e a outra às projeções, podendo ser utilizada por qualquer professor, dependendo de sua programação.

Eram consideradas salas especiais, no Inventário, o auditório, a biblioteca, as salas de Línguas Vivas, a sala de Ciências (ciências, física e químicas e história natural) e o anfiteatro. Em todos esses ambientes ocorriam manifestações visuais, simbólicas e comportamentais.

Em dezembro de 1959, o jornal O Estudante noticia que ocorreram mudanças radicais no colégio, dentre elas, “equiparam-se salas ambientes para matérias especializadas”. Foram alterações, nem tão radicais assim, que ocorreram no sentido de ampliação e de uma nova denominação para esses espaços: salas ambiente. O colégio, desde a inauguração do novo prédio, já planejara e equipara salas especiais/ambiente, como a de Geografia que descrevemos anteriormente e as demais que retrataremos a seguir. A sala de Geografia foi decorada com os materiais produzidos pelos alunos nas aulas de Artes. “Aqueles mapas em relevo? Foram feitos na nossa sala de aula. Foram feitos com os alunos” (Ady Resende). Os alunos tiveram uma participação ativa no projeto das salas ambiente. Entretanto, como os que permaneceram/em na escola foram os professores, a eles se atribuiu a guarda dos materiais, porém até quando? Vejamos o diálogo estabelecido entre a entrevistadora(E) e o professor Ady(A):

A- Nós fazíamos trabalhos com a área de Matemática, Geografia, de Música, Ciências...

E- Aqueles materiais da sala de Matemática, de Geografia, aquilo foi produzido na

A - Aqueles mapas em relevo? Foram feitos na nossa sala de aula. Foram feitos com os alunos.

E- Sob a orientação do senhor?

A- Sob a orientação minha. Inclusive os trabalhos que o Lyses usava para dar aula... eram trabalho de alunos nossos. Todo aquele material para a Matemática.

E- Ah!

A- Pena que foi jogado fora.

E- Aquilo não tem mais nada?!

A- Não. Porque o Lyses guardou aquilo, mas quando ele faleceu... antes de falecer... ele disse: “Eu podia dar isso para a FAFIC[faculdade], mas eles não vão guardar isso, então eu vou queimar”.

E- Queimou?!!!

A- Jogou tudo fora. Foi uma pena!

O professor Lyses é um personagem de peso nessa versão da história. Nas relações de amor e ódio, que ele despertava nos seus alunos podemos imaginar alguns, entre indignados ou passivos, exclamando: “Coisas do Lyses Brandão!”. Entretanto, passada a surpresa real da descoberta, sinalizamos que atitudes como estas e o descaso com as produções dos estudantes, estão muito mais presentes do que qualquer relato do passado possa evidenciar. Não são apenas coisas de Lyses Brandão. Trata-se de um procedimento corriqueiro. Representa a maneira como são tratados os objetos e qualquer outro material, ainda hoje, não reconhecidos e valorizados como fontes na pesquisa educacional, apesar do crescente interesse que vêm despertando.

Retomando nossa análise sobre as salas:

Não há, propriamente, uma sala de Línguas Vivas. O Colégio dispõe, todavia, de inúmeros materiais interessantes ao melhor ensino das mesmas, tais como: “linguafone” em Inglês; electrola, aparelho cinematográfico sonoro; discos franceses, ingleses e americanos; coleção de livros franceses, ingleses, americanos e espanhóis- de caráter didático e literário. Em número superior a 50 para cada Língua. Há postais, gravuras, revistas ilustradas em número superior a 50 para cada uma das Línguas citadas. Os filmes americanos, ingleses e franceses são cedidos ao Colégio, a título de empréstimo pelas respectivas embaixadas e pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (Inventário, p.19).

As salas de Línguas e as demais, a partir de 1958, passaram a ser fixas. Cada professor permanecia sempre numa sala, que era reconhecida pelo nome da disciplina e os alunos se deslocavam. Uma alusão a essas mudanças aparece no discurso do Dr. Manoel das Neves Peixoto, como paraninfo dos quartanistas de 1959, ao referir-se a sua confusão inicial com as alterações. Paulo Miranda também acompanhou a mudança: “Foram dois períodos, num era o

aluno quem mudava de sala, noutra as salas eram fixas”. Era “uma coisa moderníssima”, as salas temáticas, segundo Maria Lúcia. “A sala do Lyses era toda cheia de material de Matemática. Os alunos fizeram quase tudo... aquelas figuras geométricas” (Paulo Miranda). Aí estão novamente os materiais que foram destruídos. A nossa intenção ao insistir na sua existência é apontar para a tentativa de integração das disciplinas, além da valorização da produção dos alunos.

O Dr. Manoel confundia-se com a mudança, mas Maria Lúcia não esquecia a sala dele:

[...]quando criaram as salas ambientes, na sala do Dr. Manuel tinha o Tora. [...] uma porção de coisa de judeus e a gente ficava olhando...Você não lembra? Não sei que fim levou isso! Foi a primeira vez que tive contato com o mundo judeu. Ficava dentro de um vidro, como se fosse uma peça de museu (Maria Lúcia).

“Eu ia dizer que não eram toda as salas que eram ambientes, não” (Paulo Miranda).

Pois é, o Dr. Manoel, também registrou no discurso que elas eram de “um certo número de professores”. As salas que ficavam(m) à direita do corredor, pertenciam aos professores catedráticos, a única que fugia à regra era a sala de Francês, a primeira do lado esquerdo do corredor. Alunos que ingressaram no início da década de 1950 no colégio, e lá permaneceram por todo o curso secundário, viveram a experiência nos dois sistemas, mas às vezes a memória trai:

Eu lembro que a sala do Lyses, a nossa sala, a sala era do Lyses, parece que na época, mas não estou muito certo, havia umas salas... a Matemática, depois de Português...Depois que isso foi fechado. (Ronaldo)

Voltamos ao Inventário:

Para melhor entendimento, ressalte-se que há duas amplas salas (laboratório e anfiteatro) para as aulas de Ciências Física, Químicas e História Natural.

O laboratório, com área de 53,22 metros quadrados e piso cerâmica, contém dois quadros negros, com superfície total de 6,20 metros quadrados; mesa e cadeira para o professor; quarenta carteiras individuais para os alunos comum dos braços servindo de mesa; um extintor de incêndio da marca *Randolph*; armários embutidos, com portas fechadas a chave, para guardar drogas, reativos e outros materiais; uma grande mesa para experiências, com 12 torneiras e uma pia, balcões de ambos os lados, revestidos de fórmica, uma estante na parte superior, e, na parte inferior, protegidos por portas de correr outras estantes destinadas ao material para experimentações; e por fim, uma capela²⁴. Na mesa que nos referimos há instalados, bicos de Bunsen.

O anfiteatro, destinado a demonstrações, situa-se num dos extremos dos corredores. Encontram-se nele 56 carteiras individuais, ajustáveis, idênticas às do salão de provas; um quadro negro com a superfície de 4,32 metros

²⁴ Espaço fechado e envidraçado destinado à realização de experiências químicas que desprendem gases tóxicos.

quadrados, mesa e cadeira para o professor. As carteiras estão dispostas em cinco planos sucessivos. O anfiteatro é circundado por quatro enormes armários de vidro, onde estão em evidência aparelhos de Física e material de História Natural. Num armário especial vê-se um esqueleto humano. Há transformadores de correntes elétricas para as seguintes voltagens: 2, 4, 6, 12, 30, 60, 120, e 220 volts. A área do anfiteatro é de 111, 56 metros quadrados. Em sala que lhe é próxima, há um dispositivo manual que cerra hermeticamente uma cortina e estabelece a câmara escura para as projeções de diafilmes, diapositivos, gráficos, etc. por meio de um epidiascópio da marca *Bausch&Lomb*, de propriedade do Colégio.

As salas de Ciências, Física, Química, Biologia- e mesmo a de Desenho, cujas aulas eram ministradas no anfiteatro, levam-nos a refletir sobre os comportamentos. Que registros das atuações dos professores dessas salas encontramos nas memórias dos ex- alunos? Poucos ou nenhum. Mas o que faziam num ambiente tão altamente especializado?

Freqüentava o laboratório para fazer aquelas coisas cheirosinhas... [Barbantino]para aula, para o cinema dentre outras coisas. Eu tinha a minha parte moleque e não a abandonei, não é? Eu era sério, mas também tinha o lado moleque. Era eu quem fazia os barbantinhos, era ácido sulfídrico. No laboratório, até que o professor, nem me lembro quem era o professor de Química, não consigo me lembrar dele, um dia ele pegou e guardou os componentes (Douglas).

“Lembro-me do anfiteatro, tinha aquela caveira famosa”(Carlos Sérgio). Essa caveira alimentava a fantasia da garotada cataguasense, ainda no primário. Quando algum coleguinha “bem informado” falava sobre o colégio logo saltava aquele esqueleto inteirinho em uma das salas. Era um pensamento apavorante para a época!

Que lembranças mais? A sala de Ciências, a que possuía cortinas, a da “a câmara escura para as projeções de diafilmes, diapositivos, gráficos, etc.” tão adequada aos slides educativos, aparece como:

Intervalo de aula era um problema! Você já entrevistou o Joaquim mais o Pedro? Tinha aqueles projetores de slides, não é? Então a gente ficava dentro de sala e naquele projetores de slides passavam coisas terríveis! Passavam historinhas, mas às vezes botavam a gente, as meninas, para fora de sala para passar uma mulher pelada ou qualquer coisa parecida! Esse negócio meio adolescente... Eram desenhos, mas tinha sempre uma coisa mais safadinha. Naquela última sala, antes do anfiteatro, onde ficava o projetor...(Stella Mauro)

Pela ausência de outros registros, talvez pudéssemos pensar em desvio ou subutilização dessas salas. Provavelmente, elas não foram exploradas em todo o seu potencial, mas nelas ocorriam normalmente as aulas das disciplinas. Se não há destaque para os professores das mesmas, podemos relacionar tal fato às mudanças freqüentes, ou até à falta de especialização para o exercício do magistério nessas disciplinas.

Mas o que aconteceu é que a grande dificuldade de trazer esse tipo de conhecimento para o interior sempre foi muito grande . Ainda hoje, apesar de todas as facilidades, Física, Química e Biologia são difíceis.[...] Não é dizer que não se aprendia! A matéria era dada de uma maneira mais simplista, menos profunda, mas era dada (Célio).

Para contornar esse problema, alguns que dependiam do conhecimento nessas áreas para os respectivos vestibulares, buscaram uma solução: “nós tínhamos grupo de estudo que estudava além. Nós formamos, na minha turma, grupo de estudos” (Célio).

Se a ausência de professores nessas matérias era algo compreensível numa cidade do interior, hoje, através da grande imprensa, constatamos que se tornou um problema crônico para o Ensino Médio, sinal da adoção de políticas educacionais equivocadas para a rede pública.

O que teria levado a direção do colégio a fixar os professores nas salas? Parece-nos que essa medida vem no bojo das propostas da gestão do Chico Filho. Se o colégio se instalou arquitetonicamente moderno, nas práticas educativas sua modernização foi ocorrendo paulatinamente.

Há versões diferentes para a adoção das salas temáticas :

Lyses Brandão foi quem criou esse negócio de sala temática. Porque ele não queria mudar os livros dele de lugar. O Lyses tinha um armário...ele tinha muito...esquadro, compasso, tábua de logarítmico, muita coisa... [...] uma parafernália que ele usava, [...]carregava um peso danado! [...] Acho que era idéia do Lyses. Que eu saiba foi idéia do Lyses, porque o Lyses se queixava desse negócio. Ele sempre se queixou (Joaquim).

A implantação, ou como já vimos, a ampliação das salas temáticas, no colégio, não são uma idéia do professor Lyses, ele corroborou com a mudança quando circulava pelos corredores transportando o material.

Para caracterizar o salão de estudos recorreremos novamente ao Inventário:

Em uma das pontas dos corredores está o Salão de Estudos, enorme dependência com 210 metros quadrados[...] 194 carteiras individuais, com as respectivas cadeiras, ambas ajustáveis, aparafusadas ao piso, com tampos; um quadro negro com 5,30 metros de comprimento por 1,17 metros de altura; um birô e cadeira para o inspetor de alunos. É provido de janelas basculantes, inacessíveis aos alunos[...] é servido por luz fluorescente e possui dispositivo de *brise soleil*, destinado a controlar maior ou menor estrada de luz solar e ventilação, conforme as estações do ano (Documento Inventário).

No depoimento do Dr. Manoel encontramos uma referência curiosa com relação ao “salão de estudos”: [...] no início quando chegamos aqui [era] salão de repouso. Lá não era lugar de repouso, era lugar de estudo. Então mudamos o nome de sala de repouso para salão

de estudos”(Manoel das Neves Peixoto, 1988, p. 80). A denominação “sala de repouso” aparece numa correspondência datada de 22/9/1944, fase em que o planejamento e as discussões sobre o colégio estavam a pleno vapor. O tema da carta de Ciccarini é “trocar idéias sobre o ginásio”. Sugere aliar “ótimas salas de aulas e ‘repouso’. A literatura mostra que esse era o nome que recebiam, nos colégios internos antigos, como no Caraça, por exemplo, os salões de estudo.

Que práticas pedagógicas poderíamos relacionar à primeira vista para uma “Sala de Estudos”? Quando, depois dos acertos nominativos, o próprio nome já define sua função, só nos resta ouvir os entrevistados:

Eu achava bonito no Colégio era a sala de estudos! [...]eu nunca conheci um seminário...talvez os seminários fossem assim! A gente entrava naquela sala de estudos...era um silêncio total! Cadeiras individuais...com tampo...aquele silêncio...e os meninos estudando. O horário de estudos era de estudos mesmo! Você ficava preso...tinha que estudar e tinha um monitor vigiando o estudo.

Eu costumava entrar lá também para estudar de tardinha... Fui várias vezes estudar lá.

A sala de estudos era excelente, um silêncio mesmo, dava chance para estudar e o externo podia ir lá (Aloísio).

Silêncio...estudos de verdade... monitor vigiando. A sala era prioritariamente do internato, mas os externos podiam freqüentá-la também para... estudar. Carlos Sérgio tem dela outras recordações:

Sei que havia uma sala de estudos deles, que quando ficava de castigo ia para lá. Uma vez, tive que ficar lá, não me lembro o que fiz, sei que tinha que ficar em silêncio, o Kimura tomando conta, com as mãos nas costas, igual soldado. Os alunos internos estudando e a gente lá, passando fome, de castigo até ser liberado. Isso eu me lembro (Carlos Sérgio).

O silêncio permanece, o monitor se transforma em soldado, a sala é deles, dos internos, mas os externos estão de castigo! Passando fome! O que terão aprontado? Quem sabe alguma bagunça na sala da Dona Ophélia... Para os externos o olhar de encantamento, a raiva pelo castigo, a fome...e outras tantas experiências de muitos que lá estiveram, mas e os internos?

Nós assistíamos as aulas na parte da manhã junto com os externos, tinha a junção. Depois eles iam para suas casas e nós continuávamos lá. Partia para a sistemática do internato: íamos para o almoço, tínhamos um descanso, depois hora de estudo, o café, depois mais horas de estudos.

E vocês estudavam mesmo? Quisemos saber.

Estudávamos. Muitas vezes estudava, mas tinham os cansaços naturais do verão de Cataguases, que é terrível, ficávamos numa sala, sala de estudos e

ficar ali, depois do almoço, com aquele calor ... O que você poderia fazer? Ler! E ler, depois do almoço...[...]

Se houvesse um cochilo, depois do almoço, na hora do estudo, poderíamos perder um sábado, ou um domingo. Se desse um cochilo tinha punição. Para dormir tinha revezamento, um ficava acordado para o outro poder dar uma cochilada. O regente ficava à mesa, lá na frente, mas às vezes ele se deslocava, se percebia alguém com a cabeça mais caída, mas ele tinha que comprovar mesmo, quando ele se levantava o vizinho começava a cutucar para avisar (Ivo).

A sala era ampla, bem iluminada, natural e artificialmente. Sob esse aspecto, a moderna iluminação fluorescente foi matéria na Revista “Light and Lighting” da Inglaterra, que apresentou os tipos de iluminação que a General Elétrica SA realizava no Brasil, inclusive com fotos do salão (Cp FIP – Affonso Correa da Silva- 26/12/1956).

No salão de Estudos fez-se quase de tudo. Até estudar...

Escola de um intelectual, um escritor, o Colégio de Cataguases tinha/tem, obrigatoriamente uma representação de íntima ligação com os livros. O planejamento da biblioteca do Colégio foi cuidadoso e ela, como manifestação visual, primorosa, mas a sua lembrança não aflorou espontaneamente em nenhum dos entrevistados. Há uma descrição da biblioteca do Colégio de Cataguases, que encontramos no Documento Inventário, da década de 1950:

A biblioteca é dividida em duas sessões: uma, onde se encontram mesas de leitura, em número de seis, e estantes de livros, em toda a extensão da parede (o total de volumes é superior a dois mil, criteriosamente escolhidos e fichados por autores e assunto); outra serve de mapoteca e de expurgo de livros. O recinto é bem amplo, acomodando mais de quarenta alunos. Vêem-se, nas estantes, enciclopédias, dicionários, atlas, livros de ciências, de literatura e arte e revistas várias, tudo em bom estado de conservação. O lugar onde estão torna fácil o movimento normal da biblioteca (Documento Inventário).

A biblioteca do colégio tomou vulto graças ao empenho de Marques Rebelo, e, como forma de reconhecimento pelo trabalho, recebeu o seu nome. Homenagem justa, não há dúvida. Foram muitas as doações próprias e incontáveis as que captou junto às editoras e escritores amigos: “Querido Chico, [...] seguem 20 pacotes de livros para o Grêmio. Parte doada pelo Josias Leão, parte por mim[...] (Cp FIP Marques Rebelo, 08/11/1948).

A homenagem e a recepção a uma das doações são retratadas na trilogia *O espelho Partido*:

Francisco Amaro [Dr. Francisco] agradece a remessa dos três caixotes de livros, que chegaram com presteza rodoviária pouco comum- “você se livrou de muita baboseira e muito equívoco, que só servem para entulhar estantes, e que cumprirão aqui o seu atulhante destino, mas despojou-se outrossim de muitas obras sérias, boas e úteis cá em favor do alunato guarapirano

[cataguasense], porém, desconfio que serão poucas lidas, pois verifico, amargurado e desconsolado, que a mocidade de agora é um bocado indiferente à leitura, talvez mais do que indiferente, contentando-se, no campo do ficcionismo, com as crimonosas histórias em quadrinhos, que grassam a olhos vistos...”- e anuncia que, em justa retribuição, a biblioteca ginásial terá o nome do seu benfeitor em letras de metal na porta, o que já foi decidido em sessão do grêmio escolar. Francisco Amaro não faz *blague* e é sensação esquisita pela novidade- imagino o envaidecedor letrado, confundido-o com inscrição tumular (REBELO, 2002, v 3, p. 504).

Em alguns números do jornal O Estudante - novembro 1950 p. 9; maio 1960 p. 8, por exemplo, existem agradecimentos às doações de livros para a biblioteca, sejam a terceiros ou ao “sempre pródigo” Marques Rebelo. Em 1960, também em O Estudante, há a seguinte nota: “lamentamos que o Instituto Nacional do Livro tenha cortado as doações que sempre fez à nossa biblioteca e daqui dirigimos um apelo ao Dr. José Renato Santos Pereira que não nos deixe privados de tamanho benefício”.

Com relação à biblioteca encontramos lembranças apagadas, borradas pelo tempo:

Não. Nem me lembro onde era a biblioteca. Talvez uma sala daquelas fechadas! Uma porta fechada! Uma porta fechada escrita biblioteca. Essa é a lembrança (Ivo).

[...]eu fiquei pensando, realmente existia, mas eu nunca entrei, não lembro da biblioteca. Ou era para os alunos internos, na época em que estudei lá (Carlos Sérgio).

Estou lembrando onde era. Mas não se lia como se lê hoje não! [...] naquela época eram poucos livros. Não tirava livro para consulta [na biblioteca do colégio], isso não era muito normal. Era muito difícil (Aloísio).

A biblioteca eu nunca fui! Não sei o porquê, eu não freqüentava a biblioteca do colégio. Nem sabia como era a biblioteca do colégio. Não havia uma divulgação (Joaquim).

Eu me lembro de uma biblioteca...mas não tenho lembrança não.[...] sei onde é, alguma vez fui lá. Mas os livros não tinham nenhum interesse. Era uma biblioteca formada por alguns livros que o Marques Rebelo deu, mas livro de interesse de aluno... acho que não tinha não. Ela ficava aberta e tinha lá uma bibliotecária (Paulo Adolfo).

Usava pouco. Não usava muito a biblioteca não. [...] Não era de acesso fácil, não. Engraçado... ela ficava ali no próprio andar [das salas de aula], mas a gente não ia nela não. Não era freqüentada (Lúcio Antônio).

Eu não sentia, francamente, movimento forte disso não (José Carlos)

Alguns, no entanto, a freqüentavam:

Usávamos. Na área de Francês, na área de Geografia, quando tínhamos que fazer alguma pesquisa, ou queria aprender mais, ou estudar mais sossegado a gente tinha liberdade de ir para a biblioteca. Tinha uma bibliotecária ou bibliotecário, não me lembro. Era um funcionário da escola, que ficava lá com tudo organizado: Literatura, Biologia, Francês, Física, Química, Inglês... tudo organizado próprio para as pessoas utilizarem os livros. Tinham aquelas mesas grandes. Você entrava em silêncio e saía em silêncio” (Maria Lúcia).

Eu não usava muito (Paulo Miranda).

[Freqüentava] muito. Freqüentava a biblioteca(Douglas).

Era uma excelente biblioteca (Célio).
 Não...Engraçado, eu já fui à biblioteca da casa do Gradim, onde as paredes eram todas em livro... Do colégio?! Ah! Lembro sim! Fui no primeiro colegial, porque gostava muito de ler... (Regina Cabral).

A biblioteca não teve um registro marcante nas memórias dos ex-alunos do Colégio de Cataguases. Seria um indício de que os nossos entrevistados não gostam/vam de ler? A frequência ou o desconhecimento da biblioteca não estavam vinculados à relação internato e externato, como supôs um dos entrevistados, pois os dois comportamentos são encontrados em ambas os grupos. O fato de não freqüentarem a biblioteca não significava que os alunos não tivessem o hábito de ler “os livros, os textos eu acho que eram nossos mesmos e alguns emprestados entre nós. Trocávamos muito entre nós, não eram de biblioteca” (Lúcio Antônio). Tão pouco pode ser atribuído à qualidade e adequação dos livros do catálogo da biblioteca: “Líamos todos os contistas da época, Rubens Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos...Nós tínhamos isso lá” (Douglas). Havia o conflito de interesses entre os livros de estudo e os de entretenimento, de livre escolha dos estudantes.

Eu não lia muito não. Não sei se os outros liam. Eu acho que não se lia. A leitura não era o forte da turma. Eu estava mais interessado em fazer coisas, do que na verdade parar, ler. [...] Dizer que depois eu acabei sendo editor, que eu era filho de editor e não gostava de livro! Mas é a realidade. Depois [...] você vai mudando seus hábitos, mas numa determinada época eu não estava interessado não. Só lia os livros de estudo” (Paulo Adolfo).

O desejo maior de “fazer as coisas” na adolescência, de se sentir autor animava a produção de jornais. Num deles, os projetos dos alunos previam a reorganização da biblioteca (O Estudante – maio de 1952, p. 3 – Discurso de Hélio Fernandez na sua posse como presidente do Grêmio).

O Grêmio Literário Machado de Assis foi um órgão extremamente ativo e importante na dinâmica do Colégio de Cataguases, mas a difusão da leitura estava entregue nas mãos de um funcionário não especializado que, talvez, na própria ação continuada, pudessem tornar-se hábeis nesse exercício. “A bibliotecária não tinha nenhum preparo, mas talvez nem mesmo nos grandes colégios...” (Regina Cabral). E estariam os jovens, quando na direção do Grêmio, em condições de incentivar a frequência a ela? Mesmo que em algum/uns período tenha funcionado, como a maioria das bibliotecas escolares funcionam até hoje - para pesquisa ou realização de trabalhos em grupo- o caráter literário, via incentivo à leitura das obras do seu acervo, sob empréstimo, não foi, o que dela esperavam os idealizadores.

O uso assistemático da biblioteca do Colégio de Cataguases, na década de 1950, não gerou indivíduos com aversão à leitura, indiferentes, como temia o Dr. Francisco. Muito pelo

contrário. Constituíram-se naquele colégio futuros profissionais que fizeram da fala e da escrita seu instrumento de trabalho: professores, escritores, poetas, advogados, publicitários...

Na prática, os alunos do Colégio de Cataguases efetuavam várias trocas de livros entre si. Entre eles também, havia certa disponibilidade financeira para aquisição dos mesmos. Não encontramos nenhum indício de práticas de incentivo ao uso da biblioteca por parte dos professores, o que é um fato importante. Um aspecto bastante interessante, que em certa medida desobrigava os professores dessa função, pode ser explicado pelo fato de que a biblioteca “pertencia” ao Grêmio. Competia a ele “manter a biblioteca” (Título I; Cap. Único; Art.2º). O Título IV, Cap. I ; Art 17º, que trata da administração do Grêmio, reza que serão eleitos por um ano, fazendo parte da chapa portanto, “bibliotecários, dos quais um será necessariamente, funcionário do colégio”. O Cap. II, Das atribuições, o Art. 29º diz o seguinte: “Compete ao bibliotecário do Grêmio, auxiliar o Bibliotecário nomeado pela Diretoria do Colégio, do qual será, necessariamente, funcionário”. Evidentemente competia a esse profissional não só mantê-la, talvez até porque essa fosse a tarefa do “funcionário do colégio”, mas dar-lhe vida. Esse sistema híbrido de gestão não se mostrou eficiente e as responsabilidades pela gestão da biblioteca foram empurradas para o Grêmio.

4.3 - Provas e Avaliações

O Colégio de Cataguases, como já citamos anteriormente, era regido pelas diretrizes da Lei Orgânica do Ensino Médio (9 de abril de 1942) com todo o seu caráter de cultura geral e humanística, e as normas do sistema de provas e exames dentro de uma tradição de rigidez e seletividade (ROMANELLI, 2001, p.159). Na entrevista que realizamos com o Professor Ady Rezende, reiteradas vezes ele salienta a sua preocupação em acompanhar as determinações do MEC: “A gente ensinava tudo o (que era) sinalizado no Currículo do MEC”. Eram aplicadas duas modalidades de provas: as orais e as escritas. Maria Lúcia e Paulo Miranda nos descrevem o processo das provas orais:

[...]vinha o inspetor ou o diretor [...] professor de fora para compor as bancas...[...] Vinham professores de Ubá, de Leopoldina... até de Nova Friburgo[...] Você tinha que descrever tudo que você tinha estudado sobre o assunto e depois dessa dissertação, você teria que responder a três ou quatro, ou cinco perguntinhas referentes ao ponto, que eram divididos em partes a, b, e c. A parte c era dissertativa, b e a perguntas que você tinha que responder, vamos dizer assim...[...] Eles sorteavam o ponto e os professores formulavam questões, da parte a, da parte b . [Isso] em todas as disciplinas. Eram provas semestrais, em junho e em dezembro. A banca

[externa]era formada no fim do ano. A semestral, de junho, era só da escola. No final do ano, eram três examinadores e você tinha de falar, ou desenhar um mapa, ou escrever no quadro. O Lyses Brandão, por exemplo, exigia que você falasse sobre o teorema de Pitágoras...

[A aprovação dependia do] somatório das duas e depois dividido por 2, aí dava a média.

As provas do primeiro semestre eram chamadas Primeiras Provas Parciais que eram tão importantes e obrigatórias quanto as do último mês, realizadas no início de dezembro. Durante os meses realizavam-se as provas comuns (Bárbara). Mas como se sentiam os alunos? Carlos Sérgio afirmou: “era uma verdadeira tortura a prova oral. A prova oral era um horror!” e complementa:

A prova oral era um negócio assim... parecia uma coisa sádica. Eram pontos, que a pessoa sorteava. Os alunos ficavam ali ...estudando...na sala... esperando a hora. Então você era chamado. Senta-se ao lado do professor ... na mesa dele. Ele sorteava e “Você vai falar sobre isso”. Às vezes você estudava ...estudava e caía exatamente uma coisa que você não dominava bem!

Véspera de prova de um interno:

O aluno interno, na véspera de prova, tomava bolinha para permanecer acordado e nós fazíamos café lá dentro- apesar que era proibido fazer café. Tomávamos café e mais um outro remédio, só para não dormir [...] Virávamos a noite inteira! Aí, chegava de manhã cedo, íamos fazer prova! Ninguém sabia mais nada na prova, porque tudo esquecia, estávamos com sono! E aí o cara tomava mais bolinha e ficava mais acordado. A famosa bolinha. Não sei o que era, nunca tomei bolinha. Às vezes eu ia dormir e os outros dois estudavam, estudavam. Durante o ano não estudavam nada, mas no final do ano...(Paulo Adolfo)

Os alunos se preparavam como podiam para as provas, meio à moda da Cigarra e a Formiga. Para o grupo dos internos, havia um agravante: “As saídas eram condicionadas ao comportamento e às notas”(Manuel das Neves Peixoto, 1988, p.81). Quantas “brechinhas” o Kimura deve ter dado por conta das notas que não corresponderam? É o que somos levados a pensar comparando o depoimento do interno com o da Sônia secretária:

O internato era gente tão boa que não te perturbava. O que poderia chamar a atenção?! Só se, por exemplo, saída deles sábado, que às vezes não podiam sair....Eles ficavam bravos!

“Não vai sair porque a sua nota não correspondeu...ou porque fez isso na sala de aula....respondeu fulano pa-pa-pa...” – Não saía mesmo! Eles ficavam quietinhos. Numa boa. Obedeciam mesmo. O Kimura...impunha [Mas]Ele era amigo! Costumava dar umas.... brechazinhas. Deixar sair “Oh! Vou te deixar sair dessa vez...da próxima você não saí não.

Em paralelo, o universo dos externos era povoado por outros temores:

Todo final de ano era... eu me sentia como se estivesse fazendo um vestibular. Era uma coisa muito rígida, muito cobrada. O boletim, para chegar aqui em casa, eu ficava escondido esperando, porque o medo de não passar...tinha cobrança dos pais (Carlos Sérgio).

E se à época, os estudantes soubessem que poderia haver alguma ajuda? “Se o aluno tivesse um problemazinho- não era muito comum- empurrava, para não entrar em desentendimento com os pais...”(Manuel das Neves Peixoto, 1988, p.81). Diz Lúcio Antônio:

aquela rigidez nas provas, aquela forma com eles conduziam na aplicação das provas e na avaliação, eu me pergunto, hoje em dia, se isso não foi uma coisa até boa do ponto de vista profissional. As coisas, mais tarde para mim, já na Faculdade, por exemplo, se tornaram mais fáceis. Nunca imaginei que a gente podia entrar na Faculdade e ter um desenvolvimento como eu tinha! Porque as provas e a avaliação, em Cataguases, sempre foram uma coisa terrificante! E, ao entrar na Faculdade, e verificar que as provas eram uma consequência natural daquilo que você estudava, e a avaliação das provas sempre foi muito mais benéfica, mais benevolente, muito menos exigente do que no Colégio de Cataguases, eu acho que isso me influenciou muito a minha vida profissional toda. As coisas se tornaram muito mais fáceis! Hoje eu faço uma petição, um texto com muito mais facilidade. Eu fico imaginando, se não foi fruto dessa forma de condução do Colégio de Cataguases, que tornava as coisa tão difíceis! Era difícil passar no Colégio! Era uma conquista permanente. Ali era uma conquista ter uma nota razoável. Você vai ver pelos meus boletins aqui, que quando estava muito bem era sete, no máximo. Eu acho, que esse tipo de comportamento, nessa fase da juventude, talvez tenha sido importante na formação profissional. A exigência pessoal, a exigência com o texto, com tudo...

Ainda sobre as provas escritas:

Nós não sabíamos nem como íamos começar a prova... Eram provas muito difíceis! Geralmente eram três, quatro ou cinco questões, não tínhamos muita opção, e eram todas discursivas. Nada de marcar com X, não existia esse tipo de prova. Eram provas em que o aluno tinha de mostrar conhecimento. E além de tudo corrigia-se o Português. O conteúdo poderia estar perfeito, mas se houvesse erro de Português, eles descontavam [ponto] (Maria Lúcia).

Uma atitude pouco usual de um dos nossos entrevistados, que guardou provas e boletins, além das cartas circulares, que acompanhavam estes últimos, permitiu observar certa alteração no tratamento aos pais. A carta circular incentivava o progenitor a censurar ou elogiar seu filho, dependendo dos seus resultados, além de solicitar suas sugestões para a escola, caso as tivesse. Na década de 1950, a escola se dirigia diretamente ao pai. Hoje ela se dirige “Aos pais e responsáveis”, absorvendo as mudanças ocorridas no seio da família.

A circular do Colégio de Cataguases que tivemos em mãos refere-se ao “nosso aluno”. Esse sentimento de posse dá a medida do envolvimento e da responsabilidade do colégio com os estudantes. Mas qual o efeito dessa circular nas famílias envolvidas? Na de Lúcio Antônio não houve a repercussão esperada.

As provas aplicadas mensalmente se assemelhavam quanto ao número de questões, de três a cinco em todas as disciplinas. Eram provas pequenas. Paulo Miranda complementa:

As provas do professor Lyses tinham exatamente três questões. Ele dizia assim: uma, a primeira é para os alunos fracos, já a segunda para os regulares e bons, e a terceira é para aqueles que forem realmente muito bons.

As que fugiam ao modelo das três questões, raramente ultrapassavam o número de sete. Somente em algumas provas de Português o valor das questões estavam enunciados previamente. Nas provas de Línguas, Francês, Latim, Inglês, Espanhol, havia predominantemente traduções e versões, exceto as de Inglês que eram mais gramaticais e os ditados de textos nos anos mais avançados. As provas de Francês eram as únicas corrigidas, sistematicamente, em cor, lápis de cor, eram em rosa, e não em vermelho. Coisas da Dona Ophélia! Um único exemplo de prova de Múltipla Escolha é encontrado na disciplina de Inglês, datado de 7/10/60. Havia prova teórica de Canto Orfeônico, com uma única questão.

As provas de Química, portanto, exclusivamente para o colegial fugiam à regra quanto ao número de questões: dez. As provas eram com questões discursivas, as de História com as perguntas do tipo: Falar sobre... Quais as causas de? Quais as conseqüências de? Como era a? E, em algumas provas, apenas o tema para que o aluno desenvolvesse. As de Geografia e Ciências com perguntas diretas para respostas objetivas. Todas as provas eram feitas em papel timbrado do colégio.

Os boletins eram semestrais, e expedidos também com o resultado da 2ª época. Foram, gradativamente, sofrendo modificações. Em 1956, ele foi emitido com a chancela “A Diretoria”, mas sem espaço para assinatura. Registrava as faltas e as notas para a aprovação:

É obrigatória a freqüência às aulas, não podendo prestar prova final o aluno que tiver faltado a vinte e cinco por cento da totalidade das aulas dadas nas disciplinas e das sessões dadas em Educação Física.

Para aprovação, a nota final de cada disciplina não pode ser inferior a 4 e a média de conjunto das matérias deve ser 5 ou mais.

Em 1957 o boletim já guardava espaço para assinatura do Orientador Pedagógico, mas segue assinada pelo diretor. O boletim do aluno sofreu o acréscimo de um campo, denominado Comportamento e nas disposições, acrescentaram às já transcritas acima, as seguintes:

O comportamento do aluno será anotado : Regular- “R”; Mau – “M”. Entender-se-á que quando o comportamento for bom, não haverá anotação alguma.

As notas de aproveitamento nas diferentes disciplinas variam de 1 a 10, e assim se exprimem: de 1 a 3, más; de 4 a 6 sofríveis, de 7 a 9, boas; 10, ótima.

Em 1961 o Boletim do aluno muda a diagramação, mas mantém os mesmos campos. Na correção das provas, as notas eram dadas observando-se décimos, para as respostas incompletas, ou parcialmente certas. A média para aprovação era cinco, tanto durante o ano, quanto na segunda época, realizada em fevereiro, e para a qual, o aluno deveria rever o conteúdo do ano todo.

Segundo Lúcio Antônio, “nós ficávamos satisfeitiíssimos com as nossas notas [5, 6, 7] e o próprio Dr. Manoel, diretor e depois professor de História diz: “Sinal vermelho é menos de 4 ou 5. Parece que era 4. Uma nota cinco com o Lyses era uma festa! Lyses e Gradim. [...] E nós nunca fizemos pressão” (Dr. Manuel das Neves Peixoto, 1988, p.8) Mesmo com todo o rigor e parcimônia com que os professores davam as notas, vimos um único Zero:

Tem aqui um zero. Acho que cola. Foi o Cardosinho. Deve ter sido alguma caca aqui nesse ano. Foi uma confusão que houve lá, mas não me recordo. Talvez o pessoal se lembre (Lúcio Antônio).

A cola tinha que ser muito bem feita. Se apanhado, era zero! Sem discussão.

A secretaria Sônia, que auxiliava alguns professores no momento de lançarem as notas, lembra alguns episódios:

O Gradim tinha uma análise. Ele sabia certinho: aquele vai, aquele não vai. Quando chegava no final, às vezes estava faltando um décimo, eu dizia: Não faz isso não! Não dá pau não! “Não merece, Sonia, não merece, mas você está pedindo eu vou dar.”[...] Ele conhecia muito o aluno. Os alunos dele, ele conhecia.

O Lyses Brandão uma vez teve um menino que tirou 95. Você lembra disso? O menino tirou 95, o Seu Lyses ficou louco! Louquinho! E andava pra cá e pra lá! Falei: “O Seu Lyses hoje não está bom não” Ele disse: “Essa prova foi roubada! Foi roubada. Foi no meu quarto”. Mas não é que ele descobriu que o menino pulou a janela, roubou o gabarito da prova e realmente ele tirou 95. Mas ele provou que o menino roubou e anulou a prova. Ele provou. Você veja, ele conhecia o aluno, o menino não tinha capacidade (Sônia Motta).

4.4 – O tempo: ciclos de trabalho e ócio

Do Almanaque do Irreverente reproduzimos a irreverente crônica:

Quitandinha do Bananal

É domingo, primeiro dia da semana. É certo, porém, que a semana de estudos só começa amanhã, segunda-feira. Hoje é dia de descanso, de divórcio dos estudos. Preocupamo-nos, contudo, exceto com nossas aulas, o que é mais que natural, afinal estudamos seis dias seguidos e já vem amanhã uma nova série de seis dias estudiosos.

É a segunda-feira, primeiro dia da semana de estudos, o primeiro dia de preguiça. Afinal, não é justo que logo após um dia e meio de saídas e feriados, caiamos bruscamente nos livros. É bem mais justo que procuremos nesse dia satisfazer nossa preguiça para uma melhor disposição. É terça-feira, outro dia da semana de estudos, outro dia de preguiça. Ponderando com bastante juízo, verificamos que assim passaremos a semana inteira, adiando o seu início. Mas seria duro entrar em ação desde já: urge que preparemos nosso plano de trabalho para a semana. Mas um programa de estudos deve ser cuidadosíssimo. Qualquer erro poderá alterar nossa conduta. E um programa perfeito ocupa todas as nossas horas de estudo deste dia.

É quarta-feira, dia que pede de nós limites em nossa ânsia de estudar. É bom que nos contentemos, porque já estudamos dois dias seguidos e precisamos de descanso. Por felicidade temos às vezes, saída às quartas-feiras, e quando não, é bom que não enchamos nossas cabeças com lições.

É quinta – feira. Que calor! Segundo diversos médicos, não é bom estudar sob o peso do calor. O melhor mesmo é ler algum livro que não fale de lições. Isso, no entanto, só para parte do dia. Depois do jantar precisamos esforçar-nos. Desse modo, estamos dispostos a trabalhar...mas aconteceu um imprevisto: há reunião das RAI. Que idéia! Importunar nossos estudos com tais reuniões. Nós, estudiosos, saímos prejudicados. É triste, mas fica para amanhã.

É sexta-feira. Bem que estudaríamos hoje, se não fosse o ambiente tão pouco “estudativo”. Afinal amanhã é véspera de domingo. Mas precisamos deixar de ser vagabundos ao menos um dia. Bem, o nosso último recurso é sábado. Sábado. Hoje sim compensaremos nossa vadiagem semanal com trabalho incansável. Mas o que? Saída? Eu havia esquecido. Saída logo hoje, que pretendíamos estudar. É pena, mas a desorganização aqui é um fato. Como é, “Seu Diretor”, quando pretendemos estudar há saída, quando pretendemos descansar há estudo... Isto não está certo, não (Francisco Buarque de Holanda - IRREVERENTE, 1959, p. 3).

O horário, em seus “três grandes processos – estabelecer as cesuras, obrigar a ocupações determinadas, regular os ciclos de repetição- muito cedo foram encontrados nos colégios” (FOUCAULT, 1975, p.136). No Colégio de Cataguases ele cumpria a sua função, mas o rigor com que era seguido trazia as marcas do costume de época e da instituição. Não havia tolerância para retardatários. Ninguém ingressava nas salas de aula após o fechamento da porta, assim como não eram permitidos atrasos para as refeições dos internos. O horário fixado para retorno após as saídas deveria ser obedecido sem contestação. O horário do “refeitório era sagrado”(Sônia Motta). Se os internos não se apressassem :

os dois primeiros que chegassem [à mesa] pegavam a travessa e dividiam, metade para cada um, os dois que chegassem depois- eram mesa de quatro- tinham que esperar a reposição, ela vinha ..., mas levava tempo (Paulo Adolfo).

Havia ainda o rigor do diretor. Eram até conhecidas algumas histórias da casa do diretor. Tinha aquela “história do jarrão”. Se um dos filhos chegasse fora do horário estabelecido, obrigatoriamente, ficaria durante todo o tempo da refeição de pé, sobre a cadeira, enquanto os demais comiam! O Jarrão! Quisemos saber, da filha que trouxe essa lembrança, se ela havia sofrido essa punição. “Já. Uma ou duas vezes. Mas você sabe, que depois, a gente contando isso ao papai, ele ria. Ele ria...” (Bárbara).

Nós também...Mas hoje.

A quem esses alunos, internos e externos obedeciam? Ao horário estabelecido pela diretoria que se encarnava no sino. Por isso João Cordovil, o sinaleiro, era querido e detestado. “A pessoa do João era muito querida e o badalar do sino muito detestado” (Ivo). Das 6:00 às 21:30 horas o sino levava à programação determinada, da primeira à última badalada. Externos e internos, alunos do primário, do ginásial, ou do científico, todos eram regidos pelo sino. A crônica do aluno Paulo Martins, ano de 1955, nós dá uma visão da relação de alguns alunos internos com os horários, mas sobretudo com o sino.

Silêncio. Silêncio noturno e calmo é o Colégio. Aliás, não é bem silêncio, pois há roncos e assobios perturbando a massa do silêncio
De repente, BLEM, BLEM, BLEM...O João Boçal chegou! Agarra-se ao seu adorado sino e, furiosamente, despedaça os sonhos lindos de mais de cem jovens.

Quebra-se de todo o silêncio. E rompem gritos e gargalhadas, e ferve a água nas pias e chuveiros [...]

Abandona-se o terceiro andar e a rampa vive o primeiro reboiço do dia.

O sino iniciou seu ritmo inalterado[...]

O café[...] é a segunda rotina. Depois o cigarro e as aulas. A outra batida do sino, terceira ou quarta, não sei, traz, como que por fascinação, os externos que já vem espertos com a subida do morro.

Misturam-se, gritam, discutem e filam cigarros, e ao comando insinuante do sino, sobem e descem as rampas, abrem e fecham as portas, dá-se ou não aulas[...]

O sino não se cansa de decretar aulas e intervalos, cigarros e livros.[...] o sino toca para mais uma reunião: o almoço[...]

Sei que o sino chama e nós vamos, qual rebanhos de carneiros tangidos para a tosquia. E a esse mesmo sino, descem os externos, espreitados por uma inveja picante dos internos...

[...] Bem enquanto digerimos o banquete, condenamos o sino ao silêncio, mas, terminados aquela, este se ergue em altos brados, longos, mandando-nos ao estudo ou às aulas. Pouco depois, apieda-se e nos convida para o café. Dá-nos tempo para o cigarro e torna decretar estudos. Vem aí hora e meia dos esportes ao fim da qual[...] impõe-nos o banho.[...]depois[...] chamar-nos para o jantar.

Decreta, à noite, mais dois estudos e um café. E, às nove e meia, badala novo silêncio[...]

Mas, porém, todavia, domingo é a nossa vez!!!

Desaparecemos do colégio e esquecemos felizes os gritos metálicos e cronometrados. [...]
 Voltamos e, no escuro da noite, olhamos sem fazer comentários para os lados do sino; sem vê-lo mas sentindo a sua presença terrível.
 E vem uma vontade...

Às seis, provavelmente, acordavam também a maioria dos externos. Havia um longo caminho a vencer e seria à pé. Alguns marcavam encontro no banco da avenida. Lá se reuniam para subir. Outros o faziam sozinhos, mas segundo Paulo Martins, os externos chegavam “espertos com a subida do morro.”

Chegávamos, ficávamos aguardando bater o sino...chegava cedo...não tinha esse negócio de chegar[...] atrasado! Chegava cedo, ficava conversando... tinham umas mesas de ping-pong, a gente jogava ping-pong (Aloísio).
 Às 7 horas começava [a aula]e ficávamos até 11 horas, meio- dia. O João batia o sino a cada 45 minutos de aula, no ginásio não tinha incidência de aulas na parte da tarde, às vezes, às duas horas da tarde havia aula de Educação Física. Íamos em casa e voltávamos. Esse era o dia- a- dia do ginásio. No científico, a coisa já era um pouquinho diferente. Nós já tínhamos uma outra postura, tínhamos aulas na parte da tarde e algumas aulas também no sábado (Lúcio Antônio).

Nós tínhamos intervalos, não sei se dez ou quinze minutos entre uma aula e outra, quando dava o intervalo, você mal tinha tempo de descer e ir a um vaso sanitário, comer alguma coisa, o sino já estava batendo de novo. Não haviam grandes intervalos, como também não haviam lacunas de aulas não dadas, porque os professores dificilmente faltavam à aulas, e quando faltavam, a gente ia para o anfiteatro e ficava estudando até passar aquela aula vaga.[...] Pelo menos no meu tempo, eu tenho absoluta certeza, tanto que quando o João Cordovil tocava aquele sino, nós éramos obrigados a descer e o Lyses Brandão ia de sala em sala, vendo se algum aluno ficou (Célio).

Reunindo informações das mais diversas fontes, tentamos recuperar a organização temporal, o horário, sob a qual as ações dos alunos eram orientadas: 6:00 hs: despertar; 6:30 hs: café da manhã; 7:00 hs: 1ª aula; 7:45 hs: Intervalo; 8:00 hs: 2ª aula; 8:45 hs: Intervalo; 9:00 hs: 3ª aula; 9:45 hs: Intervalo; 10:00 hs: 4ª aula; 10:45 hs: Intervalo/ Fim das aulas para os externos; 11:00 hs: Almoço dos Internos; 12:00 hs: Descanso; 12:30 hs: Hora de estudo; 13:30 hs: Café; 13:45 hs: Hora de estudo; 14:30 hs: Esporte; 16:30 horas: Banho; 17:00 horas: Jantar; 18:00 horas: Hora de estudo; 20:40 horas: Café; 21:30 horas: Descanso. Para os alunos do Clássico e Científico havia duas ou três aulas na parte da tarde, encerrando-se o dia letivo às 15:00 hs.

Essa era a rotina, que examinada de mais perto vai mostrando as diferenças.

Os internos podiam sair do Colégio às quartas feiras e aos sábados e domingos. Às quartas eles tinham que voltar ao colégio às dez horas...

[...]Dez horas da noite tinham que estar dentro do Colégio. Então eles vinham ao cinema...(Aloísio).

Alguns internos criavam estratégias para circularem pela cidade durante a semana. Um deles era a aula de música no Conservatório, Paulo Adolfo refere-se às suas aulas de acordeon e às de violão do Dori Caymmi.

O que ocorria nos intervalos entre as aulas? “Nada de excepcional! Só relacionamento pessoal (Lúcio Antônio). “[...]ficávamos batendo papo por ali mesmo. Tinha sempre um quadro de avisos, onde o Grêmio sempre colocava, tinham aquelas piadas e a gente ficava ali [nos jardins e pátio coberto]”(Célio). “Nos intervalos jogava-se ping-pong também. Era o que tinha de esporte ali no pátio. Tinham duas boas mesas de ping-pong. Lembro dessas mesas até hoje! Tinham os que se destacavam. Sempre tinham os que se destacavam (Aloísio). “Fora da sala de aula, haviam os namoros, aquelas confusõesinhas de adolescentes.”(Maria Lúcia). “[...] tinha o pessoal do externato que descia para fumar lá em baixo, naquela rampa de pedras” (Lúcio Antônio). Mas não era só o pessoal do externato não, o Ivo, que era interno, também ia: “nessa época eu fumava, então ia para a tal ladeirinha.” “Tinha uma cantina, a gente comia alguma coisa” (Maria Lúcia). “Durante o período das aulas a rotina deles[os internos] era a mesma nossa”(Paulo Miranda).

Nos intervalos, havia um pouco de tudo, fumar, ler os cartazes do Grêmio, ou avisos da direção, jogar ping-pong, ou apreciar os que eram muito bons, lanchar, namorar, jogar uma “peladinha”, jogar “garrafão”, ou mesmo botar “fogo na palmeira... as folhas iam caindo, mas ficavam presas então formava aquele facho...próprio mesmo para por fogo” (Sr. Jumar), ouvir a Rádio do Estudante, brigar... estudar até o último minuto antes de uma prova... e conversar, conversar, conversar...Cada ano com seu grupo, e cada grupo com suas práticas. “Mas tudo sob um certo controle...”(Paulo Miranda).

Durante as férias o colégio mantinha-se aberto. Funcionava a secretaria e havia o movimento natural de matrícula e transferências, além das provas de 2^a época. O colégio recebia muitos turistas, que vinham visitar os museus e principalmente o mural. A piscina do colégio era freqüentada pelos alunos, mas o que normalmente acontecia era um esvaziamento total. Os internos para suas respectivas cidades e os externos na rotina do interior.

4.5 - Os Estatutos do Colégio de Cataguases.

A disciplina, no sentido de forma de controle e regulação social, tornou-se condição indispensável e garantia o funcionamento institucional. Da vigilância constante, que

imprimiria o caráter preventivo, às formas de repressão, fossem os castigos físicos ou “minimamente” as notas baixas, os alunos eram levados a ter medo das punições. A disciplina escolar poderia ser vivida sob ações de forças externas, no sentido da coerção, e/ou as de auto-regulação, quando pela introjeção das normas e regulamentos o aluno adotava um comportamento exemplar (ANDRADE, 2000, p.112). Qual é o comportamento exemplar esperado de um escolar? Que ele siga rigorosamente as normas e os estatutos? Quais eram os regulamentos do Colégio de Cataguases? Na prática, como se apropriaram dos regimentos?

No Arquivo da Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto (antigo Colégio de Cataguases), encontramos quatro documentos denominados respectivamente, Estatutos do Colégio de Cataguases, Prospecto de divulgação, 1944/45; Regimento Interno do Ginásio Municipal de Cataguases e Regimento Interno do Colégio Estadual de *Manuel Inácio Peixoto*. Ao primeiro deles, sob forma de impresso, pode ser atribuída a função prospecto de divulgação, ou mesmo de circular, a qual o responsável e o aluno receberiam, no ato da matrícula, a fim de tomarem ciência dos princípios que regiam a organização. Possivelmente, por essa função de prospecto de propaganda não é datado²⁵. O Regimento Interno do Ginásio Municipal de Cataguases é de março de 1932 e foi assinado pelos diretores do estabelecimento, Professor Antônio Amaro Martins da Costa e Dr. Antônio Martins Mendes²⁶, e aprovado pelo Departamento Nacional de Ensino. Há também um quarto documento dessa categoria, datado de 18 de abril de 1968 e assinado pelo, então diretor, Francisco Inácio Peixoto Filho, além dos professores da “comissão encarregada da sua elaboração: Mauro Carvalho Ramos, Ilmar Fuscaldi Figueiredo, Ércio Pinto Souza, Manoel das Neves Peixoto, Lyses Brandão da Rocha, Joares Silvio Costa, José da Silva Gradim, Waldemar Resende do Carmo, Paulo Matos Miranda, Antônio dos Santos Cardoso e Ophélia Resende. Foram preservadas várias cópias mimeografadas, o que sugere uma distribuição ampla para o estudo da minuta do documento que apresentava cento e sessenta e quatro artigos, reduzidos quando da sua aprovação para oitenta e dois.

Podemos localizar, no período compreendido entre 1932 a 1968, sob as determinações do primeiro Regimento Interno e dos Estatutos publicados na década de 1950, a sinalização de práticas modernizadoras. Não há registros oficiais de mudanças estatutárias ou regimentais, que possam ser atribuídas às trocas de proprietários, seja na aquisição do colégio pela firma Peixoto & Cia em 1942, ou à doação para o Estado em 28 de dezembro de

²⁵ Uma nota de rodapé nos dá uma indicação da possível época de sua impressão, início da década de 1950.

²⁶ Em todos os documentos examinados este é o único no qual encontramos referência ao Dr. Antônio Martins Mendes como diretor do colégio.

1962. Regimento Interno e Estatutos são documentos básicos e obrigatórios em instituições de ensino, regulam os aspectos administrativos, didáticos e disciplinares. A permanência do Regimento Interno evidencia a sua aceitação, já que as normas disciplinares se apoiam em valores aceitos pela comunidade escolar (ou parte dela) e são, em resumo, expressão de relações sociais mais amplas (ANDRADE, 2000, p. 112).

Um outro aspecto precisa ser levado em consideração nessa nossa análise de imbricações práticas e aspectos legais: o da vivência escolar do próprio idealizador do colégio, como ex-aluno do Ginásio Municipal de Cataguases. Daí viriam elementos que iriam compor a sua representação de escola, a sua anuência a muitos dos dispositivos existentes. Mais uma vez, recorremos a Chartier, para com ele afirmar, que “nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas” (CHARTIER, 2002, p. 68). Ainda sob esse ângulo, tomamos como um dos pontos para nossa reflexão, um trecho da carta de Guilhermino César, amigo, ex-colega de colégio e ex-parceiro do Movimento Verde:

[...]O ensino caiu muito e as casas de ensino se mercantilizaram horrivelmente. Falta aos alunos aquele ambiente tipo Cataguases 1923- uma grande casa de família, seu Amaro presente a tudo, a todos falando e aconselhando[...]O velho tinha faro e, sendo pequeno o número de seus alunos, pode dar a todos assistência moral. (Cp FIP- Guilhermino César 10/1/1946).

Há uma valorização da conduta do velho diretor, Professor Antônio Amaro, uma certa postura de pai ideal. A nova direção, parece-nos, buscou instalar-se mantendo a tradição: “uma grande casa de família”. Para esta percepção contribuíram as entrevistas que realizamos e os documentos escritos que analisamos.

Acentuando-se que não se permitirão palavras e atitudes que prejudiquem a ordem da vida escolar, sob qualquer aspecto, quer a diretoria que o aluno seja pontual em suas obrigações e digno no seu comportamento, vindo no ginásio a continuação de seu lar (Prospecto 1944/45)

No trecho destacado, se por um lado se confirma o desejo da manutenção do clima familiar, por outro, talvez indique uma certa mudança de postura com relação ao paternalismo, característica marcante da gestão do professor Antônio Amaro. Há uma chamada maior à responsabilidade do alunado.

Um regulamento visa envolver todos os segmentos da instituição. O que agora analisamos, apresenta-se com a seguinte divisão: Da organização do Ginásio e seus fins (cinco artigos); Dos programas de ensino (cinco artigos); Dos horários (um artigo); Do regime escolar. Da admissão de alunos nas diversas séries do curso (oito artigos); Dos exames parciais e finais(quinze artigos)destaca somente os pontos principais; Das férias

escolares (quatro artigos); Da instrução Militar. Ginástica e Esportes (quatro artigos); Da disciplina em geral (trinta e cinco artigos); Do corpo docente e administrativo e dos auxiliares (onze artigos); Da secretaria (três artigos); Da Congregação (cinco artigos); Da distribuição de certificados (seis artigos); Do enxoval (três artigos); Da contribuição e taxas devidas ao estabelecimento (dez artigos) e Disposições gerais e transitórias (onze artigos). Em linhas gerais, o Regulamento do Colégio de Cataguases não fugiria muito dos adotados por outras escolas.

A Escola de Instrução Militar 123, que era anexa ao colégio, e normatizada num capítulo no Regimento Interno, perde esse *status*. Nos Estatutos de 1956 ela é enunciada da seguinte forma: “Funciona em Cataguases o Tiro de Guerra 77, que prepara reservistas de segunda categoria”. A ênfase nesse aspecto não parece ligar-se a uma educação que estaria se pautando em modelos de ideologia fascista (ROMANELLI, 2001, p.159), já que não foi encontrado nenhum indício que corroborasse com essa sugestão. O fato do colégio oferecer e posteriormente divulgar o serviço militar era um atrativo a mais para a conquista de alunos, visto que, enquanto Ginásio Municipal, ele atendia os rapazes da população vizinha em idade de cumprir essa obrigatoriedade. Como Colégio de Cataguases, o Tiro de Guerra funcionou como elemento facilitador para aqueles que, nas cidades grandes, teriam um serviço militar muito mais rigoroso do que o do interior, conforme depoimento dos próprios ex- alunos.

A ginástica e os esportes tinham presença acanhada no Regimento Interno. Nos prospectos, a Educação Física mantém-se com o caráter obrigatório, acompanhando o programa oficial. O esporte ganha maior destaque no Estatuto de 1956, dando suporte à Praça de Esportes do Colégio e ao prestígio que as suas equipes haviam alcançado.

O Enxoval, para o internato, mantém-se praticamente o mesmo, com um diferencial: “os alunos não são obrigados ao uso do uniforme. Apenas, para desfiles esportivos e para certos atos, deverão usar um colete com o monograma do Colégio (modelo próprio) e calça azul marinho”.

O capítulo dedicado à admissão de alunos nas diversas séries do curso apresenta-se, em 1956, sob a denominação Matrículas, incluindo a exigência de “3 fotografias 3x4”.

O Grêmio Literário Machado de Assis ganha um lugar de destaque nas Atividades Culturais no Estatuto de 1956, bem como o jornal o Estudante e a recém criada Reunião dos Alunos Internos (RAI)²⁷. Novos itens são incorporados aos Estatutos, como por exemplo, Cinema e Artes Plásticas.

²⁷ A nomeação da RAI confirma a nossa hipótese dele haver sido impresso em 1956, já que esse é ano da criação dessa agremiação.

O regimento traz também as atribuições do corpo docente, professores catedráticos e substitutos, dos diretores e demais membros da administração escolar: chefe de disciplina, secretário e auxiliares, inspetores de alunos, bedel, roupeiros, almoxarife e enfermeiro²⁸. Não há especificações sobre qualquer tipo de critério de contratação. Essa omissão relacionava-se com as práticas comuns em instituições privadas, nas quais competia ao diretor contratar os professores e demais funcionários, assim como demiti-los, sob critérios exclusivamente particulares.

4.5.1 - Disciplina, na teoria e na prática.

Na prática mantiveram-se: a organização do Ginásio e seus fins (cinco artigos); os programas de ensino (cinco artigos); os horários (um artigo); o regime escolar e admissão de alunos nas diversas séries do curso (oito artigos); Dos exames parciais e finais (quinze artigos)- esses em vigor até a reforma de 1961- Lei de diretrizes e Bases; as férias escolares (quatro artigos); Ginástica e Esportes (quatro artigos), do corpo docente e administrativo e dos auxiliares (onze artigos) da secretaria (três artigos), a Congregação (cinco artigos), a distribuição de certificados (seis artigos) o enxoval (três artigos); a contribuição e taxas devidas ao estabelecimento (dez artigos) .

Da análise do regulamento de 1932 e dos relatos dos ex-alunos da década de 1950, vão emergindo indícios de que o maior número de mudanças ocorreram exatamente no capítulo da disciplina, o mais extenso, nó górdio das instituições escolares. O Regimento Interno tem, no capítulo VIII, sob a denominação Da disciplina em geral trinta e cinco artigos, e define, no primeiro capítulo, que o “seu sistema educativo é preventivo, excluindo todo castigo violento procura evitar até castigos leves”, o que para a época poderia ser considerado um grande avanço, à medida em que a palmatória e outros castigos físicos eram ainda amplamente utilizados. Entretanto, se tomarmos o caráter preventivo e nele reconhecendo os alunos sob vigilância constante, vamos nos reportar a Foucault e refletir com ele essa questão “a disciplina fabrica indivíduos, é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício”(FOUCAULT, 1977, p. 143).

²⁸ Na versão do Regimento de 1932 são citadas as ocupações de cozinheiro, copeiro, ajudantes e serventes sem as respectivas atribuições.

O Colégio de Cataguases tem a marca da disciplina como característica de sua identidade, não porém como outros colégios, sobretudo os religiosos. É evidente que a sua prática constituiu sujeitos, e estes não são “entidade(s) pré-existente(s) no mundo social”, como pretende Foucault (VEIGA-NETO, 2003, p.131).

Se falamos que nos constituímos em sujeitos modernos, é de se supor que existiam outros sujeitos. Para clarear essa perspectiva podemos recorrer às três concepções de sujeito propostas por Stuart Hall (2003): o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo era totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda permanecendo essencialmente o mesmo. Essa é uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade.

O sujeito sociológico tinha um núcleo interior que não era autônomo, nem auto-suficiente. Ele era formado na relação com outras pessoas, esse seu núcleo ou essência interior, que é o “eu real” era, ou é, modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem.

No sujeito pós-moderno a identidade plenamente unificada e completa, segura, coerente é uma fantasia, porque à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam há uma multiplicidade de identidades possíveis e com cada uma delas poderíamos identificar-nos, ao menos temporariamente.

Os indivíduos se tornam sujeitos como resultado de um complexo processo de objetivação que ocorre dentro de redes de poderes, as quais os capturam, dividem e classificam. Os estudos de Foucault tomam o poder como o elemento capaz de demonstrar de que forma se produzem os saberes e como os indivíduos se constituem na articulação entre ambos. (VEIGA-NETO, 2003, p. 66). “Não é o poder, mas o sujeito que constitui o tema geral de minhas pesquisas” (FOUCAULT apud Chartier, 2002, p. 192).

“Corpo dócil”, expressão foucaultiana extremamente usada nos trabalhos na área de educação, é aquele que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado. Os esquemas de docilidade que se instauraram no século XVIII chegaram paulatinamente aos corpos e através de métodos, que são a escala do controle ampliada - trata-se de exercer sobre o corpo “uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica do movimento”- e o objeto do controle deixa de ser elemento do comportamento ou da linguagem e passa à organização interna. Estamos diante de métodos que impõem uma relação docilidade-utilidade, as disciplinas.

A docilidade-utilidade pode ser entendida como análoga à auto-regulação, possivelmente o comportamento esperado/desejado quando, no prospecto de 1944/45, o Regimento Interno é citado alertando para a “observância fiel dos preceitos regimentais do ginásio” e firma que “exige-se do aluno absoluto respeito e acatamento às ordens dos diretores, docentes e funcionários”. Cabe ao aluno obedecer. Nesse mesmo documento, a direção sinaliza que “entende-se que o aluno, uma vez matriculado, aceitou todos os encargos e obrigações inerentes à sua condição”.

Como a questão disciplinar aparece no Estatuto de 1956?

Em quatro itens das Disposições Gerais: no 14º, “A diretoria de acordo com a legislação vigente, efetuará, em qualquer época, o desligamento do aluno cujo comportamento não se adapte às normas disciplinares do Colégio”; no 15º “Acentuando-se que não serão permitidas atitudes que prejudiquem a ordem e a vida escolar, quer a diretoria que o aluno seja pontual em suas obrigações e digno em seu comportamento[...] e no 16º - “O aluno, uma vez matriculado, obriga-se a cumprir rigorosamente o regulamento do Colégio”. O 6º item não é dirigido aos alunos, mas uma norma para os pais ou responsáveis: “considera-se como um ato deseducativo e contrário às normas disciplinares qualquer remessa de dinheiro ou de alimentos, diretamente, aos alunos”.

Recuperamos, através da entrevista com Bárbara, filha do Dr. Francisco, um dos pontos educacionais defendidos por ele: “nós éramos muito simples. Passada pelo papai essa educação de simplicidade, igualdade.” Por trás da recomendação do item 6, poderiam estar suas crenças e desejos, ou até mesmo a intenção em coibir exageros :

às vezes, alguns pais mandavam até dinheiro demais para uns e outros! Mas os pais mais chatos, ou severos, o meu era na ocasião, não davam regalia não, era li na mesadinha, contada. O pai podia definir qual era o valor da mesada, mas tinha pai levando carro 0 quilômetro! Encostava sábado lá com um carro 0 quilômetro: “Eu trouxe para o meu filho”. O Chicão: “ O senhor enlouqueceu? Leva esse carro daqui!” A mala cheia de coco! Era uma loucura aquilo! (Douglas)

Que conquistas a geração de 1950 do Colégio de Cataguases teve sobre as anteriores? Certamente não foi o “direito” ao carro próprio.

Já falamos sobre a importância dos princípios e dos valores dos diretores como um dos elementos que teriam contribuído para a permanência do mesmo Regimento Interno e de determinadas inclusões. Ainda, sob mesma perspectiva, entendemos a flexibilização de alguns dispositivos.

A noção de apropriação é central para a História Cultural e nela ancoramos nosso olhar. É central também para a tentativa de entendimento das normas e regulamentos, mais especialmente no que tange às suas subversões e as inclusões de novos dispositivos, vividos e lembrados por nossos entrevistados. Indagamos com Chartier, “como pensar o acesso do geral quando ele não é mais considerado como a soma acumulada das constatações particulares?” Da objetividade do Regimento Interno vamos à subjetividade das representações, lembrando sempre que o colégio era e será visto por nós na “pluralidade das clivagens” que o atravessavam e na “diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados” (CHARTIER, 2002, p. 66).

As normas, as modificações e conquistas:

“Art. 49° - É proibido Fumar”(Regimento Interno)

Era proibido fumar para menores de 14 anos. Os maiores já podiam. [Não no pátio coberto]. Tinham que se afastar, ali era proibido. Tinha uma ladeirinha, que descia para os campos [Praça de Esportes do colégio], a partir dessa ladeirinha é que se podia fumar. Em volta do colégio não, só em dias de chuva era liberado (Ivo).

Art. 47° - Compete aos inspetores:

1 - não permitir aos alunos leitura de outros livros que não sejam os aconselhados ou autorizados pelo Diretor;

e, Art. 50° - Além dos livros adotados para as aulas e os da biblioteca do Grêmio Literário “Machado de Assis”, não poderão os alunos ter consigo outros impressos que não sejam próprios para sua instrução e autorizados pelo Diretor;

Os alunos tinham total liberdade para escolherem suas leituras. Dr. Francisco, criticava as escolas religiosas pelas proibições dessa ordem, “ele sempre dizia que detestava colégio de padres, porque eram castradores, a começar pela literatura que eles tolhiam”, como nos disse sua filha Maria Inês.

Art. 62° - Os alunos externos são obrigados a se apresentarem trajados com o devido uniforme dentro do estabelecimento.

E era da competência dos inspetores: não permitir aos alunos externos a entrada em salões, pátios internos do Ginásio e a frequência às aulas sem o competente uniforme;

A dispensa do uniforme foi um processo que necessitou de um tempo maior. No início da década de 1950 os alunos externos e internos ainda usavam uniformes. Na categoria enxoval para o internato, no prospecto de 44/45, constava da lista “2 uniformes de uso diário”. Essa parece ter sido uma questão sobre a qual a direção quis ouvir outras pessoas:

Quanto ao negócio dos uniformes[...]Mas o melhor seria você fazer o seguinte: só pensar em uniformes em março, aceitando os alunos internos com blusões para uso dentro do colégio, andando eles fora como bem entendessem, como eu acho que deve ser, aliás. Só os países que tem farda

para crianças. E depois você regulariza a coisa, fazendo seu uniforme, que não deve ser farda (Cp FIP- MARQUES REBELO –26/12/1943).

Já no prospecto de 1956, a questão define-se por: “Os alunos não são obrigados ao uso do uniforme”.

Art. 123º – A religião do Ginásio de Cataguases é a Católica Apostólica Romana e

Art. 124º Os internos são obrigados a freqüentarem as missas aos domingos.

O colégio, sob a gestão do Dr. Francisco, não se manifestava sobre religião, e seus alunos tinham liberdade de escolha, não ocorrendo nenhum tipo de discriminação. Do seu quadro de professores constavam ex-seminaristas, padres em pleno exercício do sacerdócio. Missas foram realizadas como parte das cerimônias de formatura. Às missas dominicais compareciam os alunos que desejassem, segundo a secretária Sônia Motta: “Por vontade. Eles iam para namorar... Poucos iam à missa. Só aqueles beatos mesmo, já vinham de família!”

Os inspetores ou regentes deveriam conduzir os alunos de forma a:

Art. 47, item n: manter o silêncio em todos os atos e lugares do Ginásio, nos horários de trabalho, não permitindo aos alunos se ausentarem do salão de estudos e nem que os mesmos se comuniquem uns com os outros no referido salão

Entretanto, segundo Ivo: “Nós tínhamos horário de estudo e nesse horário era permitido que um se deslocasse para conversar com o outro. Às vezes o regente também solucionava dúvidas”. Em outros depoimentos, o silêncio do salão de estudos toma características marcantes, o que nos faz supor que, apesar das comunicações autorizadas, essas eram feitas de forma discreta.

Art. 63º - Os alunos que se apresentarem no estabelecimento depois do toque de entrada para a primeira aula só poderão ter ingresso com licença especial do Diretor ou chefe de disciplina.

Após a inauguração do prédio novo, o sistema de aulas de 45/50 minutos, com obrigatoria descida²⁹ dos alunos nos intervalos para o pátio e jardins e a ausência de muros permitia que qualquer aluno do externato pudesse nele ingressar no horário desejado, embora isso não fosse uma prática comum. Esse sistema dava ao aluno a possibilidade de decidir sobre se iria ou não à aula todas as vezes em que era chamado pelo sino. Tomamos uma crônica_publicada no jornal O Irreverente, que retrata um momento qualquer de um dia qualquer na vida de dois estudantes:

A VIDA COMO ELA É (Okakuro Kakuso)

- Vamos matar aula? Eu não fiz o exercício e o professor faz muita questão dele.
- Você está doido, rapaz. Também não fiz, mas perdi uma aula e não posso falhar mais. Você sabe como a “bronca” lá em casa é forte e, além disso, eu sou esperto e sei me desculpar com o professor.
- Que nada! O professor é inteligente e na próxima aula ele pedirá os deveres
- Aí, como eu vou me arranjar, “seu amigo da onça”!?
- Tem uma “peladinha” ali embaixo, no campo; vamos lá e faça de conta que esta aula não existe. Resolva logo, pois temos poucos minutos.
- Você é “chato”! Eu já não disse que vou à aula? Posso ganhar quantas “bolinhas” o professor quiser dar, mas só não posso perder as suas explicações. Puxa, você, hem...
- Eu sou seu colega, palhaço, mas não me chame de “chato” que eu não sei, não...
- Você está irritado, talvez por causa dos exercícios, e não gosto de discutir muito com gente nervosa e, principalmente malandra.
- Vai prá aula, “pelante”, já bateu o sino.
- Ninguém precisa me mandar, que eu vou sozinho... e não fale mais comigo, está ouvindo?
- Deus me livre, seu “pele”! mas pode ficar sossegado que eu te pego depois...(O IRREVERENTE ano II n.º. 8 p. 4)

Retornando ao Regimento:

Art. 65º - Os alunos internos serão localizados em três seções: nos salões de estudo; refeitório e dormitório, de acordo com a idade e desenvolvimento, não lhes sendo permitido a troca dos lugares que lhes forem determinados.

Uma das técnicas, na arte das distribuições de Foucault, é “a regra das localizações funcionais”, um espaço que a arquitetura deixava livre para que outras utilizações pudessem ser realizadas. “Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil”(FOUCAULT, 1975, p. 132). O Art. 65º nos remeteu a Foucault e a sua proposição nos leva a outras considerações. Fazem parte dessa espacialização a separação por séries, que se mantém até hoje. Porém, algumas diferenças entre o colégio estudado e outros da própria década de cinquenta podem ser apresentadas. Ao contrário da maioria dos colégios de sua época, no Colégio de Cataguases já se exercia a co-educação dos sexos desde o “velho ginásio”. Tanto o externato quanto o semi-internato eram mistos. Apenas o internato estava destinado à frequência masculina. Juntos nas aulas, rapazes e moças eram separados nos recreios, como nos relatou a ex-aluna, D. Josélia, ex- aluna do Ginásio de Cataguases.

A ampliação das áreas de convivência com a inauguração das novas instalações, a institucionalização das práticas esportivas, a ampliação dos dias e horários das saídas livres,

²⁹ Nos primeiros anos da década de 50, os alunos não trocavam de sala, e segundo alguns depoimentos eles ficavam às vezes nos corredores, ou na própria sala.

a ampliação das atividades culturais promoveram uma nova organização do espaço e tempo dos alunos internos e também dos externos.

Art. 64^o - Não é permitida a permanência de alunos externos dentro do estabelecimento, devendo os mesmos retirarem-se para suas casas após as aulas.

Nas entrevistas foram surgindo as mais diversas situações que revelam uma mudança desse dispositivo. Há permanência por castigo, os que faziam churrascos, após as aulas com os professores e os que retornavam para estudar...

Art. 43^o - Nenhuma pessoa estranha ao estabelecimento terá nele entrada sem prévia licença do Diretor ou do chefe de disciplina.

O Colégio de Cataguases era um centro de atração turística por sua arquitetura, pelo Painel de Portinari, pelo Museu de Arte Popular. Mesmo que restritos ao primeiro andar, os visitantes tinham possibilidade de acompanhar a movimentação dos estudantes, e estes de cruzarem com as “pessoas estranhas ao estabelecimento”.

Art. 66^o - A distribuição do tempo diário será feito do seguinte modo:
Levantar: 5,30 horas da manhã. Ao toque da sineta;
Banho, café, oração matinal em conjunto e estudo até às 7:00 horas.
Recreio de 10 minutos

Aulas e recreios intermediários até às 10:00 horas.
Almoço às 10:00 horas.
Recreio Geral até às 11:30 horas.
Aulas e recreios intermediários até às 13:30 horas.
Café às 13:30 horas

Aulas e recreios intermediários até às 16 horas.
Jantar às 16 horas
Recreio Geral até às 18:00 horas.
Estudo das 18:00 às 19:30 horas

Chá às 19:30 horas
Estudo livre até às 20 horas

Oração às 20 horas
Recreio em silêncio, para se preparem para recolher às 20:30 horas

As mudanças mais flagrantes na distribuição do tempo diário ocorrem no horário do despertar e como consequência nos horários das refeições. Temos que pensar aí nos hábitos e costumes da nova clientela urbana, o que deve ter pesado como um dos determinantes para as modificações. Ainda chama a atenção a eliminação das orações obrigatórias.

Como viveram os ex-alunos a disciplina do Colégio?

A disciplina do Colégio era muito rigorosa. O chefe de disciplina era o Seu Lyses, rigorosíssimo! [...] Não era vigiado não, mas a gente sabia, mesmo não estando vigiado, não se podia fazer nada errado! (Aloísio)
Uma rigidez muito grande com relação aos alunos internos, o pessoal era impedido de sair [...] Vieram muitos alunos de fora problemáticos, os pais

mandavam para cá no sentido de terem uma correção, uma disciplina. E tinha um corpo de regentes bastante rígidos! (Carlos Sérgio)

A disciplina era extremamente rígida.[...]. Nos intervalos, os alunos eram obrigados a saírem de sala de aula, se quisesse ficar estudando para uma prova teriam que pedir autorização. Se você deixasse de cumprir uma tarefa, um dever de casa, você ia completar esse dever [...] sob o comando dos regentes, principalmente do Kimura, que era o Chefe dos Regentes. Era uma pessoa [...]que dominava pelo terror. Mas, uma pessoa que cumpria a finalidade dele, que era manter a disciplina do Colégio (Célio).

Lúcio Antônio, enquanto folheava o álbum com seu material escolar arquivado, foi comentando:

Aqui tem uma forma de admoestação do colégio: “Comunicamos pela presente que o seu filho....

Olha que eu já estava no 2º ano, heim!!

...vem se portando de forma inconveniente durante as aulas de Francês...

Era uma esculhambação, coitada da D. Ophélia!

...solicitamos a gentileza de suas providências a fim de evitar prejuízo e que sejamos obrigados a medidas mais drásticas.

Com protestos de estima e consideração,

Francisco Peixoto

4/8/1960

Tratando-se de reincidência de indisciplina generalizada ficam os alunos do 2º Científico suspensos das aulas até terça, dia 9, inclusive. Esperando que V.S. colabore bastante conosco a fim de evitar outras ocorrências por parte de seu filho a fim de que tenha melhor aproveitamento escolar (Lúcio Antônio)

Suspensão, castigos, corpo de regentes rígidos, dois chefes de disciplina bastante temidos e talvez a idéia de que assim era... porque assim...deveria ser. Corpos dóceis? Os internos viam de uma forma própria a questão disciplinar...

excelente, porque nós ficamos com um colega integrado ao corpo administrativo do o Colégio teve até interno que se tornou regente, que foi uma experiência colégio[...] O papel dos regentes era mais fiscalizador. A nossa visão para eles era a do fiscal. Para fazer as coisas, tínhamos que fazer escondido. Não podia fazer nada aberto, senão ia ser o “dedo duro” para o Kimura, que era quem te tirava as saídas nos finais de semana. As saídas estavam condicionadas ao comportamento, não haver nenhum deslize. Proibido fumar [para os menores de 14 anos]. Fumar perdia um final de semana.

Nos jardins do colégio os alunos ficavam à vontade, não era aquela observação de presídio, se descesse para o campo, ninguém vinha atrás. Ali era um espaço grande! Eles controlavam dentro do colégio. Tanto que íamos para a cidade, nos fins de semana sem ninguém, cumpria - se o horário. Só os menores iam e voltavam acompanhados por regentes. Os deslizes devem ter sido poucos. Fugas? Muito poucas

Expulsão? Lembro de uma sim, mas o porquê eu não sei, não era de minha relação.

Tinham umas bobagens assim, conversar...[em sala de aula] como era como Dr. Antoniquinho, mas nada sério (Ivo).

Não era, na visão do interno, “uma coerção sem folga”. Quisemos saber de outro entrevistado interno, como ele vivia essa questão do controle, da vigilância.

Não. Segundo e terceiro científico já era um aluno especial e eu era também um aluno especial, porque tinha um certo tratamento e me posicionava de forma diferente. Pode ser, que um menor, do ginásio tivesse um tratamento... (Paulo Adolfo).

Não podemos tomar essa “deferência” como um tratamento usual dispensado aos alunos do científico, haja vista a suspensão geral do 2º científico, de acordo com o comunicado do colégio em 4/8/1960 [página anterior]. Refletindo sobre se era constantemente vigiado, se podia matar aula ou não, o ex-aluno do externato, Ronaldo, vai pensando alto: “Vigiando... É...nunca pensei nisso! Matei aula várias vezes...É claro! Ficava lá embaixo...ia fumar...jogar bola... Mas depois, conclui enfático:

Mas essa disciplina ... essa distensão que permitia matar aula era muito temida, porque quando um aluno desse era pego no flagra, tomava porrada do Kimura! Os...bedel...não... como é que chama? A palavra era regente. Os regentes eram terríveis! Eles davam porrada também. Não sei se dar porrada assim, mas eles eram do tipo de dar cacete, cascudo e não sei o que. Então... em termos isso aí... em termos essa liberdade...O pessoal sabia por onde... Não precisa ter muro, que você sabe...pisou na bola... leva cacete! Tinha nas entrelinhas. Era livre, mas...

Eram livres mas tinham regras. Liberdade não significa ausência de regras. Não há como viver em sociedade, sem que limites de convivência sejam estabelecidos. Os internos, parece, “dominavam” as regras:

A gente já sabia mais ou menos e até era conveniente para nós, porque senão embolava tudo! Almoço toca o sino para lá, toca o sino para cá...manada... a gente já se comportava dentro disso, não tinha muito problema não. Dentro de classe, havia uns castiguinhos, [...]Eram trabalhos. No ginásio[no Rio de Janeiro] eu peguei aquele negócio de ficar no canto (Douglas).

Infringir os regulamentos era um ato consciente sob o qual pairavam os riscos das punições que foram aparecendo ao longo dos depoimentos. A suspensão de aula, a permanência após as aulas, “trabalhos” para os que deixassem de fazer o dever, cascudos, ficar sem semana, ficar sem as saídas, esses dois últimos só para os internos e...dormir na mesa de ping-pong...Se um interno chegasse após o horário determinado para o retorno ao colégio:

[...] dormi, várias vezes em mesa de ping-pong porque chegava tarde à noite. A gente dormia na mesa de pingue-pongue até o dia raiar e o João badalar aquele sino! Aí a gente podia entrar, tomava um banho rápido, descia já para a aula.

Podia bater na porta, se esgoelar, pedir pelo Amor de Deus... Neginho subia aquele morrinho ali na enfiada, dez da noite, era o horário de terminar o cinema, levar a namorada em casa ou qualquer outra coisa, jogar uma

sinuquinha, “tá na hora, tá na hora, vamos embora”. Tinha gente que pegava táxi na praça, fazia uma lotada, cada um dava...sei lá...um dinheiro, dois dinheiros...o táxi subia, mas quem andava duro não. Tinha que subir a pé mesmo. Eu fiquei, pelo menos, umas duas ou três vezes do lado de fora (Douglas).

Existiam as repreensões, se coletivas eram suportáveis, mas quando um aluno, ou grupo tinha que comparecer à diretoria, não toleravam as gozações dos demais:

O Manuel das Neves cansou de dar aquele sermão! [...], mas quando Chico chamava na secretaria no outro dia: “Hi...hi... foi para secretaria” Secretaria, esse negócio de ir para a secretaria era meio chato! (Douglas)

Os regentes ora foram lembrados como “bons colegas”, “caras legais”, ora como “terríveis”, “rigorosíssimos”. Eram estudantes que, por força de algum acordo, eram liberados do pagamento do colégio e em contrapartida ofereciam seu trabalho à instituição, não necessariamente todos, mas a versão corrente é a de que a maioria deles esteve nessa função. José Carlos França nos disse que quando estava no terceiro ano científico solicitou aos diretores do colégio que o aceitassem na função de regente, porque só assim poderia concluir o curso. Eis o seu depoimento:

o aluno mais bagunceiro, que tinha no colégio, passou para tomador de conta: raposa no meio do galinheiro. [...] O Chico aceitou a idéia de me deixar como regente. Acho que não se arrependeu muito não, porque eu me dediquei e trabalhava mais ou menos direitinho. Por já conhecer a malandragem... a gente tem uma certa facilidade.

Mas de que maneira eles se tornavam regentes?

Não havia propriamente um aprendizado. Nós tínhamos que conduzir a coisa, baseado em disciplina principalmente. Havia uma rixa muito forte [...], o externato e o internato. E a gente tinha que trabalhar ali com uma certa dose de consciência, mas não houve ali uma especialização para que nós assumíssemos aquela função. Havia o diretor do Colégio na área operacional, vamos chamar assim, o corpo docente, é lógico, e a parte de disciplina, cujo Chefe era o Kimura no caso que exercia essa função e nós que tomávamos conta, vamos dizer assim, da turma interna.

E nós regentes disciplinávamos a sala de estudos. Usávamos o bom senso, não quero dizer que houvesse um alheamento completo da diretoria com relação a nós, havia um chamamento da atenção, às vezes uma coisa mais ríspida, se cometíamos, a diretoria costumava chamar a atenção, porque, na verdade, o internato implicava, naturalmente, no afastamento da família. Uma criança que viesse da Bahia ou de Manaus, ou do Pará, como eu tive um contemporâneo, que era da Ilha de Marajó. Distante né? Então, nós tínhamos que ter uma certa dose de compreensão para muitas coisas, alunos que choravam à noite, você tinha que...

Nós ficávamos o tempo todo

Cada aluno arrumava a própria cama, descíamos para o café da manhã, dali nós dirigíamos com os alunos para o estudo e então tocava o sino para o início das aulas.[...]Depois tínhamos o almoço, o pessoal ficava em recreação até cerca de uma ou uma e meia e era o estudo maior, era o mais

pesado, porque era o estudo do sono. Aí era o problema, porque o sujeito um mais, outro menos rigoroso, mas eu honestamente, não posso negar, eu era um dos mais rigorosos desse negócio, o aluno dormia a gente dava uma cutucada para ele despertar, ou quando ele dormia mesmo a gente punha de castigo sem recreação, era um processo... Outra hora era um castigo pior: sem semanada, sem saída sábado e domingo! Dependendo da gravidade...do erro, não vamos chamar de erro, falta (José Carlos).

Uma das questões mais controversas relacionadas à forma como era exercida essa disciplina está ligada ao seu Chefe, Kimura:

Agora, disciplina na base da porrada, era com o Kimura. Briga entre alunos? Ele chegava ia apartando e cobrindo de porrada logo, para não ter muita discussão. Fosse quem fosse. (Douglas)
Ele era forte pra chuchu! [...] só tinha músculos! Agora...[bater em aluno] eu não vi. Ele [Kimura] me tratava com muito respeito. Ele tinha que ser um cara meio cumpridor da regra porque senão... (Paulo Adolfo)

Na entrevista com o ex-funcionário do colégio, quisemos saber como percebia o relacionamento entre os alunos e o Kimura: “O Kimura era rígido, mas também... [dava] liberdade até um certo limite, né? O Kimura dava os “chega pra lá” neles. Mas, olha, não tem jeito não” (Sr. Jumar).

À pergunta: então eles tinham uma punição física mesmo? Respondeu “Tinha, senão não conseguia disciplina”. E a direção sabia disso? “Não, o negócio era na surdina. A gente sabia porque estava lá junto, vendo, mas praticamente ninguém sabia” (Sr. Jumar). Uns viram, outros afirmam que não.

Desafiar o Kimura, poucos se atreviam. “Nunca tive atrito nenhum com ele. Sempre foi meu amigo. Ele chegava às vias de fato quando era ameaçado” (Ivo). Nesses casos há histórias de brigas feias! Entretanto, nem só pela força pode ser representado o Kimura:

Eu nunca vi uma pessoa igual ao Kimura assim... para cortar uma unha de passarinho! Um homem daquele tamanho ...com a mão daquele tamanho...uma delicadeza para lidar com passarinhos... impressionante. (Stella Mauro)

4.5.2 - As paredes tinham ouvidos?!

Quando iniciávamos nossa pesquisa na correspondência do Dr. Francisco, uma frase, numa carta dirigida ao arquiteto do colégio, capturou-nos com força :

Neste [projeto], conforme pedi, desejo seja incluído um sistema sonoro, de maneira a que da diretoria, possa se ter contato direto com as salas, o que facilitará enormemente o trabalho de fiscalização. (Ca FIP – Oscar Niemeyer, 18/ 07/1945)

Naquele momento estávamos ainda tomados apenas pelas representações da ausência de muros, a transparência e leveza dos vidros, a liberdade dos intervalos entre as aulas. O retorno inesperado a um “tal sistema sonoro fiscalizador” quebrou a magia, e fomos, em primeiro lugar, buscar reviver que sensação ou sentimento de controle aquele aparelho teria nos levado a sentir. Nada que revelasse temor. E aos alunos da década de 1950?

Diziam que existia esse sistema... não me lembro se ele funcionava ou não, porque nunca tivemos...[...] Eu também nunca ouvi ninguém falar... só se apontavam uns alto-falantes [embutidos], que diziam que aquilo transmitia e recebia (Paulo Adolfo).

Tinha, mas estava sempre pifado. Não tinha quem consertasse. A diretoria poderia estar ouvindo nas classes. A gente sabia que existia, mas sempre pifava, a gente não esquentava muito, não. Não tinha essa coisa da Gestapo (Douglas).

Segundo Paulo Miranda, “era pouco utilizado”. E continua:

Se houvesse alguma... vamos chamar assim... zoada na sala de aula, eles já estavam tomando conhecimento lá, porque ficava permanentemente ligado na diretoria.

O sistema funcionava, inclusive, “dele vinha o anúncio que as aulas iam começar. Avisar algum aluno que estava sendo chamado na diretoria, se acontecia alguma coisa na família dele” (Paulo Miranda). Na segunda metade da década de 1950 o sistema transformou-se no microfone embutido na parede sobre o quadro, mas destituído de suas funções de intercomunicador, fiscalizador.

Sem muros ou portões, por que não fugiam?

Não, não dava. Você tinha dinheiro, eventualmente no bolso, daria para comprar a passagem do ônibus, se você quisesse, mas você ia fazer o quê? Chegando em casa dizer, o quê? Que você tinha fugido?! Ia dar bumerangue: Você batia lá e voltava. A gente tinha noção. A gente tinha consciência disso, a não ser que você desse uma de andarilho e sumisse no mundo. Teve um lá que tentou isso. Tentou, sumiu...[...] Fuga declarada, no meu tempo, não. Nós não estávamos literalmente dentro de uma prisão, como teria sido no Caraça (Douglas).

4. 6 - As atividades extra – classe.

4.6.1 - Esporte

A praça de esportes tem enorme relevância na construção da identidade moderna do Colégio de Cataguases. A construção da piscina foi uma das primeiras manifestações visuais e simbólica dessa modernidade. Tratava-se da primeira piscina da cidade, e, posteriormente as práticas que ali, já nesse caso tomando a praças de esportes como um todo, forjaram

novos hábitos, foram grande fonte de intercâmbio e identificação entre os alunos, contribuindo para a propaganda do colégio.

“Futebol sempre existiu lá, desde o tempo do papai” [Prof. Antônio Amaro] (Detinha). No primeiro prospecto do, ainda Ginásio Municipal de Cataguases, mas já sob nova direção, futebol, o vôlei e o basquete são denominados “esportes mais generalizados”, e a grande vedete, da anunciada Praça de Esportes, é “uma excelente piscina de dimensões olímpicas. Nela os alunos praticam a natação orientados por um professor especializado”.

No prospecto, a foto da piscina, ainda sem os vestiários e o paisagismo que mais tarde iria permitir as associações com os campi das universidades americanas. O colégio foi adquirido em 1942. Niemeyer entregava o projeto do novo prédio em 1943. Em setembro de 1944, o amigo e grande interlocutor nos assuntos do colégio, Ciccarini, sugere e sublinha na carta: “Coisa que não se discute e nem se poupa dinheiro. Praça de esportes ampla “olímpica”, completa”. Dito e feito!

Em 15 de janeiro de 1945, Dr. Manoel em carta para Dr. Francisco: “A piscina vai indo. Trampolim já colado”(Cp FIP-Manoel das Neves Peixoto, 15/01/1945). Nessa correspondência Dr. Manoel demonstra preocupação com a segurança, receio de que a escada não suportasse o peso da meninada: “O pessoal empoleirado pela escada!” Quantos temores! Quantas histórias dentro e fora d’água! Saltos ornamentais nos campeonatos, olhares entre apreensivos e admirados, inveja da coragem dos que desafiavam o perigo...subidas aceleradas e ... lá está o trampolim, até hoje muito bem colado e suportando o peso da meninada!

Qual o tom que vamos dar à história do esporte no Colégio de Cataguases? Será que conseguiremos neutralidade para disfarçar o orgulho pelas inúmeras vitórias das equipes do colégio? Não dá para pensar em esportes sem paixão... Bem, segundo o amigo do Dr. Francisco, Marques Rebelo, ele ainda iria “reconhecer a importância do futebol”, não sabemos se ele reconheceu. Talvez suas preferências não estivessem mesmo presas às linhas esportivas, entretanto, de alguma outra forma, ele se rendeu à argumentação e não discutiu e nem poupou dinheiro com a praça de esportes.

No discurso dos ex- alunos, fossem implicados ou não com as práticas esportivas, houve a menção constante à força das equipes: “Eram” ou “éramos” imbatíveis em Minas Gerais! O colégio teve grandes times de futebol, de vôlei, de basquete, grandes equipes de natação. “O nosso esporte era tão forte, era tão bom, que nós não jogávamos [só] contra times de escolas, nós íamos jogar contra os times das cidades[...]. Nós éramos fortíssimos” (Paulo Miranda).

As condições que o Colégio Cataguases oferecia para o esporte eram inovadoras, o colégio tinha “a melhor praça de esportes do interior de Minas Gerais” (O Estudante, 1950, p. 15). “O que se vê em Olimpíadas hoje, nós tínhamos isso tudo” (Maria Lúcia).

Analisando a reportagem *O Colégio de Cataguases, bi-campeão Mineiro de Natação* (O estudante, maio de 1952, p.5) constatamos, primeiro, a real posição de destaque do Colégio. O segundo colocado, Esporte Clube Juiz de Fora, perfaz um total de 108 pontos, contra 204 da Associação Atlética Colégio de Cataguases, único colégio entre clubes no quadro classificatório.

Tradicionalmente, a formação de atletas no Brasil é exercida na quase totalidade por clubes, diferindo do padrão americano, em que a escola assume grande importância nesse aspecto. Atualmente, tendo em vista que a falência das agremiações esportivas e o nítido prejuízo no desenvolvimento do atleta, discute-se a necessidade da mudança do modelo brasileiro, buscando-se inspiração na experiência americana, o que aponta a possibilidade de adoção do “novo modelo”.

A Praça de Esportes do colégio era muito usada. Inclusive acho que foi muito importante esse internato para a divulgação do esporte na cidade. Do pessoal da cidade não tinham muitos voltados para o esporte, você não encontrava entre eles atletas. A partir dessa convivência, os externos passaram a desenvolver atividades esportivas, natação, basquete, vôlei... (Ivo)

As equipes viajavam disputando campeonatos e também muitas partidas amistosas. Uma situação de quebra da rotina para o internato era a chegada das delegações de outras cidades. Segundo Dr. Manuel a aluno interno gostava porque havia muita movimentação. “O externo tinha a cidade como entretenimento, andavam à vontade pela cidade, já o interno era normalmente mais preso”, estaria aí a razão para a maior dedicação e, portanto maior destaque dos internos. Os atletas cumpriam, sistematicamente, duas horas de treinamento diário. Os externos, que retornavam à tarde para as práticas esportivas, tinham que estar muito motivados, senão alinhavam-se com outro grupo:

a turma que jogava eram verdadeiros escravos, eles impunham uma disciplina rígida. O cara não podia sair, não podia beber, não podia namorar, se tinha um jogo no domingo, tinha que ficar trancado...E nós não queríamos saber nada disso. Eu não era de esporte. Nunca fui (Célio).

Os dois grandes treinadores foram Moacir Barbosa para os esportes aquáticos e Lyses Brandão da Rocha para os terrestres. A natação estava menos exposta a crises de campeões, porque como era praticada, na maioria por crianças, essas demoravam a deixar o colégio (O Estudante, 1950, p.10).

A parte de laser era linda, Meu Deus! Que alegria! Eu nadava todo os dias. Eu acho que isso tudo faz parte da Educação. Era tão bom! Tão bom! Todo o dia! Fazíamos competições...(Bárbara)

Além das práticas esportivas, outras foram mencionadas: “E eu vi coisas que não imaginava na minha infantilidade [...] no ambiente da piscina [...] eles [os internos] eram mais desenvolvidos[...].” (Joaquim). Indagamos sobre o que seriam essas práticas, nosso entrevistado esclarece que eram “namoros, coisas assim...” Nas reticências a idéia de demonstrações afetivas mais tórridas em público, uma sugerida audácia aos olhos dos garotos da cidade e indício de maior liberação por parte de algumas meninas.

Havia ainda o trabalho com uma equipe feminina realizado por Dona Yone:

Como professora de ginástica, eu desenvolvi inteiramente o nosso folclore: Brasil, não só Minas Gerais. Então nós tínhamos aulas de danças folclóricas, tínhamos aulas e demonstrações de ginásticas rítmicas, o esporte, o vôlei... O colégio foi parar até em Ubá jogando ... Isso evoluía bem... e... deu certo.

4.6.2 - O Grêmio Literário Machado de Assis- GLMA

“Uma coisa importante: o Grêmio! O Grêmio que... Você sabe que a *Verde* surgiu do Grêmio, não?” (Ronaldo). Sim. Já o sabíamos de longas datas, fazia/faz parte das histórias sobre o Colégio e essa, em particular, era/é a que lhe confere a mística de tradição literária. Nas “tertúlias dominicais, abertas ao público”, isso lá pelos idos de 1926, “eram lidos poemas de natureza romântica, e que agradavam mais às moças”, e “poemas revolucionários, nos moldes modernistas, recebidos com aplausos e apupos pelos estudantes e professores (BRANCO, 2002, p.34). Dr. Francisco, referindo-se ao Grêmio do qual foi “fiscal algum tempo e de que não gostava [...] Quem discutia literatura? Os nomeados para falar restringiam-se quase sempre a recitativos. Os mais avançados declamavam o Augusto dos Anjos. Quem disser que a coisa se passava disso mente” (CARDOSO, 2004, p. 42). Ei-lo, Dr. Francisco com a sua “forte propensão à controvérsia”, como sinaliza Cardoso (2004) em sua pesquisa.

As atividades do grêmio foram uma constante na vida dos alunos do Colégio, desde sua fundação em 13 de maio de 1914. Sempre incentivadas pelas direções tiveram períodos de maior ou menor intensidade. Seu objetivo era desenvolver qualidades morais e intelectuais nos seus associados através de um amplo convívio cultural (Prospecto 1944/45).

No prospecto de 1956 as referências ao grêmio, por omissões ou acréscimos, vão fornecendo indícios de mudança. As sessões deixaram de ser dominicais. O título “Atividades Culturais” colocava em relevo uma ampliação de sua proposta, antes

iminentemente literária, e aparecia a obrigatoriedade de uma contribuição anual por parte do aluno.

No jornal O Estudante de 1952, encontramos referência a “velhos e obsoletos estatutos” e o desejo de ajustá-los “nos moldes das mais adiantadas agremiações” das classes estudantis. É um discurso mais político do então empossado presidente do GLMA, Hélio Fernandez que, na mesma oportunidade, menciona o comparecimento ao 7º Congresso dos Estudantes Secundários, realizado em belo Horizonte.

Uma cópia do estatuto de grêmio, assinada pela diretoria de 1958, sugere que nesse ano os mesmos foram reformulados. O destaque fica por conta do segundo artigo, que definia como sua finalidade a promoção de reuniões de caráter literário, artístico, recreativo, cívico e cultural, além do patrocínio de competições esportivas, atividades de caráter político e a manutenção da biblioteca.

“O Grêmio era que incentivava essas coisas todas”(Paulo Miranda). É sob essas múltiplas atividades que se formam as lembranças dos nossos entrevistados, e elas também justificam que, de fato, o grêmio abriu-se para novas finalidades e o novo estatuto foi um reflexo das práticas.

Entre os entrevistados encontramos os que apenas iam às reuniões; os que ajudavam sem fazer parte da diretoria; três que foram presidentes; um que, declaradamente, gostaria de ter sido; uma oradora; dois bibliotecários; os que escreveram para O Estudante; os que tiveram trabalhos escolares selecionados e publicados.

Aqueles debates ali, eram muito interessantes. A atividade intelectual que nós tínhamos era no Grêmio Machado de Assis. [...] O Lúcio falava bem! E tinha um interno lá, chamado Amaral, que foi candidato opositor ao Lúcio, e eu me lembro de pegas entre os dois no Grêmio, que no fundo era interno contra externo! Me lembro de um dia em que ele falou: - “Aonde está o Grêmio?” -“Aonde?! Você não foi aluno do Gradim?! Não é aonde é onde, idiota!” Ele derrubou o cara! Era saudável aquilo. O Lúcio era bem humorado, ele foi brilhante naqueles...Por isso virou advogado! (Ronaldo)

Se para uns o grêmio oferecia a oportunidade de mostrar uma habilidade, para outros foi oportunidade de desenvolver a arte de falar em público (Paulo Adolfo). Alguns, que se revelaram tímidos como Paulo Adolfo, chegaram à sua presidência.

A diretoria do Grêmio tinha autonomia financeira, o que implicava em grande responsabilidade e habilidade de gestão. A necessidade de captação de recursos, as contribuições dos associados não faziam frente às necessidades de despesas, estatutariamente estabelecidas no art. 16º : a) conservação dos bens do Grêmio; b) aquisição de material necessário à consecução do objetivo social; c) custeio da Festa dos estudantes, não devendo o

mesmo ultrapassar de 50% do saldo da conta bancária do Grêmio no Momento; d) custeio da festa de posse de Diretores, nas condições do inciso anterior; e e) publicação do Estudante.

Alguns se destacaram na função administrativa financeira:

O Manoel Carlos Baião, na época, era o tesoureiro. Ele era quem geria esse dinheiro. Tanto que, quando eu vim para o RJ, já tendo terminado os estudos, fui trabalhar com meu pai. Ele disse: “O Baião está com você também? Está no Rio? Então traz ele aqui porque eu preciso de gente boa, que pode mexer em dinheiro com segurança. Porque ele transformou aquilo [o Grêmio] ... dava lucro! (Paulo Adolfo)

Como os alunos levantavam fundos? “Os bailes, a gente vendia entradas... para o pessoal da cidade. Era com o dinheiro das entradas que nós tínhamos dinheiro...”(Paulo Adolfo). “O Grêmio fazia sempre muitas festas, bailes” (Douglas). “Trouxe um garoto, que hipnotizava pessoas e eu promovi uma sessão de hipnotismo dentro do cinema” (Paulo Adolfo). Com esse dinheiro eles traziam equipes dos esportes para disputarem com o colégio, ou mesmos os conjuntos musicais para animarem os bailes estudantis, os conferencistas e faziam frente às outras despesas.

As disputas para a direção do grêmio eram acirradas, mas geralmente as chapas eram formadas com alunos externos e internos. O processo eleitoral exigia grande habilidade e estratégias. Eram períodos de panfletagem e números extras dos jornais O Pirlampo e o Irreverente. Como o voto era por cargo, poderia eleger-se um presidente de uma chapa e o vice da outra, como de fato aconteceu no ano de 1956 (Mauro Sérgio).

Para alguns as concorridas reuniões do Grêmio eram um pretexto para “matar” aulas (O Estudante, novembro de 1955). Em alguns momentos poderia ser, mas o fato de lotarem o auditório, já lhes conferia um ganho pelo simples fato de estarem ali. Gostavam de se reunir e exercitavam a oratória (O Estudante, 1956, p. 10).

No prospecto de 1956, além das referências ao grêmio, aparece, pela primeira vez, a Reunião dos Alunos Internos (RAI) que oferecia aos seus associados a oportunidade de um convívio cultural intenso”. O que foi a R.AI.? “Na realidade uma intuição que deu certo” (Eduardo Amorim)

Eduardo, com a liderança, que lhe era peculiar, criou a RAI e isso naturalmente entrou em confronto com o Grêmio Literário Machado de Assis, então aí que a distinção cresceu, porque um interno querendo criar regras para... e a hegemonia era dos externos, ainda que não se aceitasse tanto (José Carlos)

A idéia de Eduardo era “levantar o moral do internato”. Normalmente, esses alunos não eram bem sucedidos nos estudos. Ele que começou a destacar-se, tornou-se notícia que correu “leve e solta”. A notoriedade alcançada ajudou na concretização da nova agremiação.

A reunião era feita após o jantar, ou uma hora e meia depois do jantar, um negócio assim. Os alunos falavam, declamavam, cantavam... qualquer coisa assim. Aquelas que falavam discurso, discursavam, no final daquela coisa toda dava notas para eles, analisava: Você falou muito bem, a sua empostação de voz precisa melhorar... a sua posição de pés não está boas... você mexeu muito com as mãos... em fim, analisava eles e gostavam daquilo (Paulo Adolfo).

A direção da RAI pretendia estimular os internos a se expressarem melhor e com isso levá-los a uma participação efetiva nas reuniões do Grêmio. Sob o ponto de vista da expressão oral o sucesso foi enorme, entretanto, segundo o presidente do GLMA, na época “os alunos começaram a rivalizar: a RAI estava melhor que o Grêmio”. Em uma reunião, na qual compareceu sozinho “o clima foi de São Paulo querendo se separar do Brasil”(Mauro Sérgio).

“Era uma maçonaria a RAI e nós criamos um Centro dos Alunos Externos por causa dessa história da RAI, que chateava muito a gente, porque era uma coisa só do internato. Nós não participávamos”(Lúcio Antônio). Segundo Tarcísio Henrique “era uma cisão do Grêmio”, motivada pelos ciúmes que havia entre internos e externos. Os internos, fruto desse trabalho começaram a apresentar “uns jograis interessantíssimos.[...] Eram poemas do Carlos Drummond de Andrade...” (Lúcio Antônio). Para alguns externos o apoio da diretoria à RAI foi visto como um ato de liberalidade excessiva para o “grupo preferido”.

As práticas das agremiações do colégio, fossem no tradicional Grêmio Literário, ou na polemizada RAI, conferiam uma relação de independência. Apesar do apoio da direção não há relatos de imposições. Os depoimentos revelam muito mais uma relação de respeito e incentivo às ações e inovações dos alunos, além do prazer pelas suas criações. Essa permeabilidade do colégio às iniciativas dos alunos que, em alguns momentos, sugere uma construção conjunta é um diferencial do colégio. Os participantes ativos do Grêmio ou da RAI lhes permaneceram fiéis.

O senhor sempre diz que fica comovido com a minha fidelidade a Cataguases[...]Ainda hoje, dentro da minha concepção atual de educação, Cataguases exerce uma influência impressionante e eficaz. Já muitas vezes, em conferências que tive oportunidade de fazer, ou em aulas de filosofia, aponte Cataguases, o “nosso” Colégio como exemplo. Em Recife, antes de viajar, fui diretor durante o ano de 64 e, tenha certeza que nas modificações que fiz na estrutura geral de nossa casa de formação o meu ano feliz de Cataguases esteve sempre presente à mente de Pernambuco [Apelido quando interno] (Cp FIP - Eduardo Amorim- Paris, 12/1965)

4.6.3 - Os Jornais

“O órgão oficial do grêmio é “O Estudante”, devidamente registrado no DIP, que acolhe em suas colunas, como prêmio, os trabalhos mais interessantes dos alunos” (Prospectos de 1944/45 e 1956).

O Estudante era um jornal bem cuidado, dispendioso, tanto pela qualidade do papel quanto pela impressão. Na década de 1950, lançou uma edição a cada ano. O jornal dava ao colégio uma grande visibilidade nos meios intelectuais e estudantis. O Estudante, assim como o GLMA têm os seus nomes vinculados ao primeiro movimento literário da cidade, o que lhe confere também um caráter tradicional. Editá-lo, ou ter um artigo nele publicado, era motivo de orgulho. Verificamos na correspondência do Dr. Francisco inúmeras cartas agradecendo o recebimento do Estudante, como por exemplo: “Tenho recebido e lido O ESTUDANTE com uma ternura que você pode avaliar. Agradeça a Chico Filho a remessa.” (Cp FIP- Guilhermino Cesar 27/3/1948)

Gostei muito do jornal do ginásio. Parece mentira, mas levei-o para a Faculdade de Direito para que meus colegas vissem que ginasianos fazem jornal dez vezes melhor que o nosso (Cp FIP- Eglê, Malheiros, Florianópolis – 21/1/1949).

As publicações eram, na sua grande maioria, as produções dos alunos, normalmente pequenas crônicas. O jornal dava destaque para o Quadro de Honra, a classificação dos melhores alunos em notas, mensal e anual, e por vezes também um quadro com “Os melhores do ano” nos vestibulares, nos estudos, no teatro, no esporte terrestre, na natação, na fotografia e na parte cultural. Os discursos proferidos nas solenidades de formatura eram impressos na íntegra. Em algumas edições, os formandos do curso colegial apareciam com fotos e biografias bem humoradas. Notas sociais sinalizavam a chegada de novos professores, casamentos, visitantes ilustres, por vezes aniversários e falecimentos. Notícias do colégio, tais como exposições, concursos, as festas dos estudantes, os bailes. Uma sessão de Esportes. A coluna Arca de Noé com as gafes dos alunos em sala e as associações de nomes de filmes com determinados alunos. O jornal procurava recuperar os acontecimentos mais importantes do ano e prestava conta das atividades do grêmio. Os artigos dos alunos tinham um caráter mais literário e falavam de experiências cotidianas. Nos discursos apareciam reflexões de caráter mais político.

Os envolvidos com o processo de editoração do jornal puderam desfrutar das mais variadas experiências :

Quer ver a lição de Cataguases? Eu fiz esse jornal aí [apontou para O Estudante de 1957]. Acho que foi um ou dois números... eu ia para a gráfica... início da minha entrada na gráfica... eu paginava o jornal... lá tinha alguns linotipos (Paulo Adolfo).

“O Estudante já era mais esporádico... era mais diferente...”(Lúcio Miranda). Diferente em relação a quê? Aos jornais independentes, também produzidos pelos estudantes, em mimeógrafos a álcool. Pela citação dos entrevistados, referidos no Estudante, ou fazendo parte da coleção particular de algum dos ex- alunos registramos os nomes de pelo menos 10 jornais: O Irreverente, O Pirlampo, Matraca, A Fofoca, Chinfrim, Pirimpimpim, Cacaueu, O Colegial, O Ginasiano e Flama. Os de vida mais longa, com todas as limitações que este levantamento implica, foram O Irreverente e o Pirlampo.

4.6.4 - O cinema

O auditório, ou sala de projeção, como agora procuramos analisar era/é realmente impressionante, pela capacidade (500 cadeiras pelo equipamento (um aparelho cinematográfico *natco* de 16 milímetros). Seus 250 metros quadrados, mesmo vazios causavam/causam impacto. No entanto, foi subutilizado (Ivo). Há referências a documentários que eram assistidos pelos alunos, graças às benesses de um funcionário do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) que ia muito a Cataguases e levava os filmes (Aloísio). Confirma Maria Lúcia: “Assistíamos. Documentários”.

Os alunos, que relatam terem assistidos aos documentários, freqüentaram o colégio no início da década de 1950, o que não tem lembrança da utilização do salão para esse fim ingressou no colégio em 1957. Esses dois registros podem sinalizar uma mudança de práticas nesses períodos. Se a cessão de filmes estava atrelada a “alguém que trabalhava no INCE” ficou sujeita à transitoriedade.

Quem visitasse o colégio, na década de 1950, ao deparar com a sala e os equipamentos, certamente poderia supor que ali seriam exibidos filmes de caráter educativo e recreativo, talvez mesmo sessões noturnas para entretenimento dos alunos internos e externos, mas a falta de pessoal qualificado para operar o sistema e o elevado custo do aluguel de filmes dificultaram a exibição regular.

Apesar dos fatores limitantes só podemos imaginar a decisão de investimentos de monta, criando condições de exibições da melhor qualidade para a época, em alguém que reconhecesse a importância do cinema como arte e o valorizasse no processo educativo dos alunos do colégio.

4. 6. 5 - Teatro e jograis

Teatro e jograis foram atividades que, dependendo da época, mobilizaram mais ou estiveram latentes. Há relatos de peças encenadas pelos alunos. Outras que não passaram dos ensaios. Alunos que se descobriram e se revelaram nesses exercícios, grupos amadores e profissionais apresentando-se no colégio.

Você quer ver as práticas pedagógicas, então, você vai ver o que eles estão colocando como moderno [nos Novos Parâmetros Curriculares] ... o colégio já fazia. O colégio fazia teatro...(Regina Cabral).

Não estamos tomando a experiência do Colégio de Cataguases no teatro como pioneira, ou única, mas em termos de instalações o Colégio de Cataguases estava à frente. Eis o que comenta Carlos Sérgio:

[...]um dia fui chamado para trabalhar numa peça. Um garoto, tímido ao extremo, que tinha até complexo com relação com aqueles alunos internos... e de repente o Gradim forma um elenco e eu sou chamado para integrar. [...] e me dei muito bem. [...] Devo ter feito uma ou duas peças com ele. Foi importante mais pelo reconhecimento dele e depois também, quando escrevi *Apaguem os lampiões*, quando fiz todo o resgate do passado da cidade, das memórias nos cem anos (Carlos Sérgio).

No transcorrer dessa pesquisa, foram incontáveis as vezes em que nos deparamos com depoimentos diametralmente opostos. Nós os vemos de forma relacional, como nos sugerem Nunes e Carvalho (1993) quando chamam a atenção para a “complementariedade necessária de uma história de objetos na sua materialidade e das práticas nas suas diferenças” (NUNES e CARVALHO, 1993, p. 52)

[Das chamadas atividades extra-classe] Nada de intelectual que eu lembre, nem teatro. Engraçado ...eu não lembro de teatro no colégio! Alguém falou em teatro? [...] alguém da minha geração? O Carlos Sérgio, alguma coisa ...o Lúcio? (Ronaldo).

As duas formas pelas quais o teatro entra em jogo, ora como presença, ora como ausência são indícios de que o envolvimento com o teatro era apenas de um grupo, e não uma prática disseminada entre todos os estudantes. O jornal *O Estudante* (1952) mostra como o Grêmio promovia essa atividade. O teatro por si só não tinha apelo suficiente para

atrair público e a “brincadeira dançante” que o sucedia era uma estratégia de sedução vitoriosa com a qual os incrédulos eram convencidos do sucesso da iniciativa (O Estudante-Cataguases, maio de 1952).

Dentre os alunos envolvidos, havia os que representavam, os que escreviam, compunham música. A caracterização dos espetáculos tinha uma identificação de época, predominavam as produções humorísticas, bem semelhantes às do cinema, alguns grupos se permitiam vôos maiores, como a peça de Tchecov, em 1952, *Um pedido de casamento*. Nessa programação, antecedendo à “mais importante da noite”, foram apresentados alguns *sketch* cômicos. Da crítica podemos apreender outros elementos :

Seria tolice procurar julgar o espetáculo, apontando falhas e acertos, pontos altos e baixos. O que importa é que os moços de T.E.M.A. recebam, como estímulo para progredir, o aplauso daquela noite e possam colher o que de bom e de bem feito já foi mostrado nesta primeira apresentação de 1952 (O Estudante - Cataguases, maio de 1952).³⁰

Dentre os correspondentes de Dr. Francisco, encontra-se Paschoal Carlos Magno, seu amigo e reconhecido homem de teatro, a quem recorre num intuito de encontrar uma solução para o desenvolvimento das atividades teatrais no colégio.

[...] No ano passado, mal e mal, levamos à cena duas pecinhas, graças ao entusiasmo e ao interesse de alguns alunos. Este ano, porém, as dificuldades têm sido enormes e nada fizemos até hoje. Faltam peças, falta um ‘diretor’, falta um coordenador, falta tudo...Lembrei-me, por isso, de perguntar-lhe se não seria possível arranjar um rapaz de boa vontade, que pudesse ficar conosco uns meses, ‘veraneando’ no Colégio e coordenando nosso teatro. Não poderíamos recompensá-lo com munificência, mas além da estada arranjar-lhe-íamos qualquer retribuição pelos serviços prestados. Estude o caso, desculpe a renovada chateação[...] (Ca FIP - Paschoal Carlos Magno – Cataguases – 20/05/1953)

Nas entrevistas recuperamos um pouco das histórias das atividades artísticas:

[...] eu fazia parte da... parte artística [...] de teatro, lia poesias...fazia discursos.. aquelas coisas... Mas também o Gradim obrigava a gente a fazer alguma coisa referente à literatura. Então eu me lembro, tinha o *Alto da Barca* do Gil Vicente, e nós fizemos isso. [...] Não era uma apresentação interna. [...]Tinha público. Eram à noite, depois, em seguida haviam bailes... (Maria Lúcia)

Para alguns a experiência não foi além dos ensaios:

Lembro-me de uma vez, que o Gradim quis fazer um teatro. Nós ensaiamos tanto...no primeiro científico, nós ensaiamos tanto aquele teatro, mas ele não

³⁰ Embora não seja elucidada no artigo do jornal e nem tenha sido citada em nenhuma das entrevistas, podemos emprestar à sigla TEMA a definição de Teatro Estudantil Machado de Assis, tendo em vista, ao fato de que cabia Grêmio, de mesmo nome, estatutariamente, “promover reuniões de caráter literário, artístico, cultural” dentre outras. A própria denominação T.E.M.A. reflete um esforço de organização.

foi para frente, não chegou a apresentar-se. Não sei o que aconteceu. Não [era atriz] a principal, eu era uma gaiata. [...] eu gostava...mas não me lembro porque não foi para frente! (Stella Mauro)

Em outro ano, outro grupo:

Nós fizemos teatro, encenamos uma peça chamada *Barbada* [...] O professor Gradim entendia de tudo. Ele era um excelente diretor, exigia da gente o máximo (Regina Cabral).

E, também no jornal O Estudante vamos encontrar menção à peça, dessa vez até com repercussão do jornal local *O Cataguases*, e replica no O Estudante:

Teatro

O nosso companheiro Roberto Simões, redator de “O Cataguases” em crítica à peça *A Barbada*, levada a cena pelo 2º ano desse educandário, assim se expressou:

“Encenada por um conjunto amador de estudantes, do Colégio de Cataguases, a comédia de Armando Gonzaga constituiu uma noite de gala para os amantes do humorismo sadio. Ela é satírica, como aliás a obra do teatrólogo, e insere-se em situações cômicas das mais complexas, numa análise dos costumes de nossa sociedade. [...]

No elenco Birunga que agiu com bastante desembaraço. Os demais, embora não comprometendo, não chegaram a brilhar.

A direção do professor José da Silva Gradim, esteve segura. Os cenários, embora pobres, merecem nossos aplausos”

Discordamos, em parte, da apreciação de Roberto, pois, no que se refere às interpretações[...] Bem que o referido crítico deveria ter sido mais complacente, sobretudo em se tratando de realização do nosso Colégio. É de se estranhar a sua severidade, já que ele sempre demonstra as melhores disposições para as coisas e, mesmo no teatro, era ele quem constantemente comparecia aos ensaios, colaborando com o trabalho do professor Gradim. Graças, infelizmente, à sua pena irascível, não foi possível encenar *A Barbada* pela segunda vez, em sessão de beneficência. Era uma vez o Natal dos pobres...

O Professor José da Silva Gradim foi o diretor mais freqüente desses grupos e graças a ele o colégio teve experiências bem sucedidas e incentivou alguns em profissões ligadas à área teatral. A atuação de profissionais nos palcos do Colégio de Cataguases não foi freqüente, ou não está registrada nas memórias dos alunos. O Clube Social era um destino certo nas saídas dos internos e o clube da maioria dos externos, estando intimamente ligado aos estudantes:

Sobre o aspecto cultural de danças, tínhamos uns colegas baianos, que às vezes, no Social, na gestão do Seu Jota de Souza - que era muito aberto para o pessoal do internato, a gente até freqüentava a casa dele, ele fazia muitas atividades no Clube. Tinham uns espetáculos de dança - hoje seria dança *reggae*- que esses baianos faziam. Naquele tempo tinham muitos bailes, orquestras vinham, às vezes, com *shows*. Antes desses *shows* os baianos, os dois, se apresentavam (Ivo).

Havia ainda os jograis, apresentados no colégio e no clube, mas esses eram fruto de trabalho da RAI – a maior parte feita pelos alunos internos.

4. 6. 6 – Excursões

Das excursões participavam com recorrente frequência os atletas. Aos demais foram reservadas experiências ocasionais de viagens e, exatamente por isso, envolvidas em grandes arranjos, expectativas e possivelmente frustrações. Quando concretizadas são lembradas por alguns como “momentos inesquecíveis”.

Paulo Miranda, aluno externo que pertencia ao grupo do esporte, nos diz que: “Era rotina, pelo menos uma vez por mês nós íamos”. Além do intercâmbio entre os colégios havia a disputa com os times oficiais da própria cidade e de outras localidades.

Ivo Foreis comenta detalhes:

Tinha um intercâmbio [esportivo] entre os colégios. Era numa determinada época do ano, íamos uma vez e recebíamos em outra. No primeiro semestre nós íamos, se houvesse algum evento em determinado lugar, nós fazíamos parte e quando tinha um evento em Cataguases, 7 de setembro, por exemplo [aniversário da cidade] eles eram convidados. O colégio participava das comemorações com a organização de atividades esportivas. Os visitantes ficavam hospedados no colégio e nós quando saíamos ficávamos nos deles. Lembro-me do Granbery e da Fundação [o Colégio da Fundação Getúlio Vargas em Friburgo], os [colégios] que tinham internato.

Através da correspondência passiva do Dr. Francisco, percebemos que as saídas de equipes esportivas já aconteciam antes do colégio se projetar como “moderno” e as delegações, naquela época, eram mistas (Cp FIP -Sebastião Coelho, Ubá, 2/07/1943).

Destacamos, ainda, na carta citada, a menção ao “baile”, sempre realizado após os jogos. “Normalmente tinha um baile depois do jogo” (Paulo Adolfo). Podemos imaginar quantos sentimentos despertavam essas saídas para os que ficavam, independentes de serem internos ou externos. Numa das entrevistas foi revelada uma estratégia bem sucedida que rompeu com a barreira à excursão:

Eu não era muito de esporte, mas precisava arranjar um motivo. [...]Eu comprei um livro de juiz, de regras de basquete, aprendi aquilo tudo e disse para o Chefe, Lyses Brandão: Chefe, eu preciso viajar. “Não. Você não joga nada, você é muito ruim!” Falei: mas eu sou um bom juiz. Ele não acreditou muito, mas sempre me levava junto (Paulo Adolfo).

Somados ao prazer da competição vinha a recepção oficial, “éramos recebidos pelo prefeito, pelo Colégio da cidade” (Paulo Adolfo), havia o prestígio com as garotas “depois das competições sempre tinha um baile e a gente partia para as meninas dos outros!”(Douglas),

mas no envolvimento com “as meninas dos outros” surgiam as disputas: “Havia sempre um rolo, brigas...” (Douglas). Ninguém nos relatou como acabavam as tais brigas, mas não há registro de nenhuma ocorrência grave em que os alunos do colégio estivessem envolvidos. Uma questão que apareceu foi a do uso de álcool, “depois se bebia muito”(Paulo Adolfo) e o Professor Lyses comandava..

Comandava sim. O grande porre e único da minha vida foi em Ponte Nova. [...]. Nunca mais bebi, nunca mais botei uma gota de álcool. Professor Lyses, em viagem permitia e bebia também! [...]Mas ele mantinha o padrão! Ele tinha... ele bebia... ficava alegre, saltitante, abraçava os alunos, mas quando ele queria enquadrava os alunos (Paulo Adolfo).

As excursões eram financiadas pelo Grêmio quando as finanças permitiam, ou então por empresários e comerciantes. Ainda, dependendo das alianças políticas, contavam com o patrocínio da Prefeitura. Possivelmente, a cidade ou colégio que convidava os estudantes arcava com as despesas de hospedagem e os visitantes com o transporte. As excursões culturais foram poucas pela precariedade das estradas, pela falta de recursos e mesmo porque não foram priorizadas dentro das atividades educativas. Do que se lembram os entrevistados?

“Fiz [excursão] uma vez, engraçado até quem comandou foi o Lyses Brandão. Fomos à Volta Redonda, na Companhia Siderúrgica Nacional” (Carlos Sérgio).

“Ah! Uma vez nós fomos na Fábrica Nacional de Motores. Não era uma atividade curricular” (Lúcio Antônio).

No colégio [...] haviam os passeios, havia passeio na Usina Maurício, que era em Cataguases, mas nós andamos visitando usinas. A minha turma era muito animada, fomos a Belo Horizonte, no Minas Tênis Clube. [...]com o Gradim e o Dr. Ângelo, uns dois ou...Dona Amelinha acho que foi conosco também. Os acompanhantes eram pais de alunos e professores Fomos a Belo Horizonte. Foi um senhor passeio!
Visitamos usina de fabricação de papéis ... para o lado de Porto Novo, Volta Grande. Esses passeios eram um aprendizado, um incentivo, nem sempre eram com pernoite, mas às vezes acontecia, como o caso de BH, porque demorou mais. Foi uma opção da turma em termos de formatura (José Carlos).

Os passeios, aos quais José Carlos se refere, não são citados por outros alunos, o que pode ser indício de que esta não foi uma prática duradoura ou disseminada. Entretanto, Belo Horizonte, aparece em outras narrativas, como as de Regina Cabral e Maria Lúcia e mesmo no artigo que transcrito a seguir, o que nos faz pensar que a capital do Estado era a Meca dos excursionistas ocasionais do Colégio de Cataguases. Outros pontos a serem ressaltados na entrevista de José Carlos: a necessidade das meninas, alunas do científico, portanto acima dos 15 anos, serem acompanhadas por alguma mãe, uma prática inserida no contexto da época, e

uma viagem como opção à festa de formatura, o que ratifica a questão das limitações econômicas.

Excursão a Belo – Horizonte

O terceiro ano científico do Colégio de Cataguases partiu, a 6 de setembro para Belo Horizonte. Havia em todos os componentes da embaixada uma grande expectativa: saber como seria a capital mineira, e, acima de tudo, estavam incertos quanto a sua estada naquela cidade. O convite para a excursão, é certo, partiu do presidente de U.C.M.G. que prometera, além de hotel, condução, passes, etc. Entretanto, soube-se mais tarde que isso eram promessas de candidato a vereador. Viram-se então os alunos do Colégio de Cataguases ante um gravíssimo problema. Graças, contudo, ao governador do Estado, o digníssimo Dr. Milton Campos e ao senhor secretário do Interior, Dr. Domingos Peluso, ficou tudo resolvido. O estado pagaria o hotel e a secretaria do Interior a condução.

Puderam, então, desde esse momento gozar dos prazeres que lhes ofereciam a cidade os terceiro anistas. Trataram de conhecer todos os aspectos da vida belo-horizontina, suas obras de arte, seus clubes...

O certo é que todos voltaram apaixonados... e profundamente sensibilizados com os gestos de benignidade do governador do estado e do Secretário do Interior.

Mais tarde, será apresentado nesta folha um relatório e um diário, pelos alunos do terceiro científico do Colégio de Cataguases (O Estudante, 1950, p. 4).

As excursões não tinham um caráter escolar propriamente dito e não foram práticas contínuas. Além de Belo Horizonte, o Rio de Janeiro era um destino mais freqüente para os que viajavam, porque, mesmo sem asfalto, havia a estrada. No entanto, outros destinos foram lembrados: Petrópolis e Ouro Preto (Regina Cabral).

4.6.7 – Palestras

As palestras realizadas no colégio eram solenes eventos realizados no auditório durante o horário das aulas, contando com a presença de todas as turmas, do corpo docente e convidados. O Dr. Francisco, apesar de todas as dificuldades, inclusive de transporte, “procurava levar palestrantes. Ele tinha preocupação de levar gente a Cataguases para fazer palestras...uma coisa que não era comum, hoje é. Até comercialmente! E nada era comercial!” (Maria Inês). Valia-se da sua rede de amigos: “Meu caro Peixoto, com prazer aceito o convite para a visita a Cataguases e para uma palestra sobre Chopin, a 18 de outubro” (Cp FIP-Murilo Mendes - 14/9/1949).

A preocupação de Dr. Francisco com as palestras existia desde a década de vinte, como assinala a pesquisadora Márcia Carrano (2004). Ele era mentor, articulador, organizador de palestras e conferências, mas também palestrante. Nosso entrevistado, Lúcio Antônio,

comentou a palestra que o Dr. Francisco fez, no Salão Nobre, em 56 ou 57, para os alunos do colégio relatando a viagem que fizera à União Soviética, o que depois gerou o livro *Passaporte Proibido*:

Veja a dedicação educacional deles, do Colégio de Cataguases, principalmente dele [Dr. Francisco]. Aqueles garotos ali, numa cidade perdida do interior, para ouvir a fala de um cidadão que foi à Rússia, numa época em que o passaporte era proibido, era proibido mesmo ir à Rússia. Coisas completamente distantes e diferentes da cabeça da gente.

As palestras foram valorizadas no processo educacional do Colégio de Cataguases, e havia um fator que conspirava a favor delas. Além do empenho do seu diretor, essa era também uma das atribuições do Grêmio, e quanto mais renomado o conferencista, maior prestígio para o seu presidente.

Nos documentos que analisamos fomos encontrando registros dos mais diferentes palestrantes: Manuel Bandeira, Humberto Mauro, Marques Rebelo, Carlos Drumond de Andrade, Astrogildo Pereira, Augusto Frederico Shimnitz, Cecília Meireles, Carlos Lacerda, Francisco de Assis Barbosa, Vinicius de Moraes, Teixeira Lott, Malba Tahan (José César de Mello e Souza)...

4.6.8 – Exposições

Realizavam-se no Colégio exposições de arte, fruto de trabalho direto dos alunos. Em 1950, o jornal *O Estudante*, registra a “primeira feira em Cataguases” dos alunos da duas primeiras séries do antigo curso ginásial coordenada pelo professor de Trabalhos Manuais José Pedro Costa, comerciante bastante conhecido na cidade (*O Estudante*, 1950, p. 11). Outro professor lembrado pelos trabalhos que fazia com seus alunos à base de palha de milho ou madeira era Ady Resende, “[...] extraordinário ele!” (Manoel da Neves Peixoto, 1988, p. 83).

Entrevistamos o Prof. Ady:

A minha vivência com os alunos sempre foi muito boa. Graças a Deus. Fui muito feliz naquela vivência e o mesmo com a diretoria e com os colegas. Quando nós planejávamos uma exposição lá, a gente apresentava trabalho relacionado com todas as áreas de ensino, fosse Matemática ou fosse Ciências, essa coisa toda. A gente vivia bem no colégio e os alunos sentiam entusiasmados quando a gente fazia uma exposição. Eles sentiam mais alegria do que a gente mesmo que dava notas para eles
[...] Quando Dr. Manuel das Neves que foi diretor do Colégio, fizemos uma exposição com 1200 trabalhos! (Ady Resende)

Em O Estudante de 1955, o artigo assinado pelo aluno Dilson Martins de Freitas, do 2º ano ginasial traz de maneira articulada a sua visão particular sobre os trabalhos da exposição daquele ano. Apreende-se no texto a inter-relação das disciplinas, o reconhecimento da aprendizagem, e, principalmente, o prazer pela realização da tarefa.

Trabalhos manuais

O mês de outubro foi fértil de grandes acontecimentos. Deixando à parte as eleições de outubro, que envolveram o Brasil, tivemos aqui no Colégio alguns fatos que me interessaram mais que a vitória do Juscelino.

Um torneio de futebol entre séries, vencido pela 3ª série do científico; um concurso de oratória; a encenação da peça teatral - A Barbada -, pelo 2º ano colegial; e uma exposição de trabalhos manuais, feita pelos alunos do 1º e 2º ano Ginasial, orientados pelo professor Ady Resende.

Sei que esta amostra é tradicional, mas este ano os trabalhos ultrapassaram a expectativa, pelo número e pela arte das realizações.

Nós, alunos da 2ª série B, expusemos dois mapas – um da América do Norte e outro da Ásia.

A segunda série A também confeccionou um mapa da América do Sul e outro da África – Ao 1º ano coube a composição de um mapa do Brasil.

Tais mapas são de evidente utilidade, sobretudo para nós que podemos compreender e situar com mais exatidão os fatos geográficos.

O melhor trabalho? Evidentemente, o mais bem feito foi o da América do Norte. Suas montanhas e planícies estão niveladas; as cores e as pinturas revelam melhor acabamento artístico, apesar de outros terem também merecido excelentes referências (ESTUDANTE, 1955, p. 8).

Perguntamos ao professor Ady, se em termos de desempenho e interesse havia diferença entre externato o internato, ao que ele nos responde: “Não. As turmas eram mistas. Interno e externos juntos. Interesse era tudo igual. Tudo a mesma coisa”

E acrescenta:

Justamente, a partir daquilo lá, muitos alunos continuam aí... pintando e expondo...o movimento de arte em Cataguases, em pintura, praticamente quem começou foi eu mesmo. A Nanzita pintava...mas ela não era da turma. Eu vivi no meio da turma. Esse mérito, queira ou não queira eu participei dele (Ady Resende).

4.6.9 - Concursos e radiofonia

Através dos informes dos jornais dos estudantes, no oficial e nos independentes, fomos colhendo as notinhas sobre os concursos: Fotografia, Oratória... A liderança dos internos em alguns movimentos vai se configurando em alguns depoimentos:

Existia uma rádio, interna... Rádio. Na verdade, chamaria de um serviço de alto-falante. Havia um estúdio, com microfone e toda a aparelhagem necessária. Era transmitida ali para o nosso pátio, tocava-se musica, tínhamos uns discos muito antigos! Era a Radio do Estudante. Eu não sei se fui eu quem inventei que era a Radio do Estudante. Tomei conta daquilo, e

botei o César de Alencar Filho para falar. Ele tinha um jeitão e a voz do pai dele que, na época, estava no apogeu (Paulo Adolfo).

4.7 - Fino equilíbrio Financeiro.

O processo de criação do Colégio de Cataguases, o moderno, nas suas inúmeras faces, foi tocado a várias mãos, talvez, como uma grande orquestra. A imagem, com que o reconfiguramos hoje, não é a de um afinado grupo, por mais que a sua representação visual teime em se impor sobre as demais. Passamos a vê-lo como um exercício de destreza para o maestro, que, como nos parece agora, viu-se obrigado a reger simultaneamente duas orquestras. Uma a do conjunto dos arquitetos, engenheiros, paisagista, artistas, professores, alunos, enfim todos a quem nos referimos até agora, envolvidos com a processo de implantação das “modernidades”. Outra, a que teimava ser dissonante, levando o regente, às vezes, a desesperar-se, era a que deveria dar conta do equilíbrio financeiro.

Os amigos de Francisco Inácio Peixoto incentivaram-no nos seus projetos, admiraram-no na sua ousadia, mas alguns, desde o momento em que se decidiu pela compra do velho educandário, sugeriam-lhe considerar o empreendimento com cautela, como seu velho amigo Aldílio. Idéia audaciosa, ousadia... Por que realizá-la em Cataguases? Teria retorno aquele investimento? Por que usar não toda a “sua capacidade e força realizadora” numa cidade como São Paulo, lá poderia tornar-se “líder do ensino secundário e o candidato obrigatório à Secretaria ou Ministério da Educação” (Cp FIP – Alessio Ciccarini, 1/10/1944). Ao contrário do que muitas pessoas imaginavam/am, para a execução da obra tornou-se necessário levantamento de capital, e esse foi um processo moroso, com inúmeras recusas, pois nenhum banco se interessava pelo negócio já que as indústrias de lucro certo, imediato e maior eram mais atraentes. Foi-lhe sugerido se aproximasse do Ministro Gustavo Capanema, que, “possivelmente ficaria encantado com o projeto”. Quem sabe ele não seria “capaz de promover o empréstimo por intermédio de qualquer instituto, coisa que ele tem feito com muitas causas de ensino” (Cp FIP- Alessio Ciccarini, São Paulo, 25/11/1944).

No entanto essa questão pareceu caminhar para a obtenção do empréstimo, sem interferências políticas, bem ao estilo do Dr. Francisco. E o pagamento do empréstimo, como seria? Pela receita que o internato iria proporcionar. A correspondência que aborda, de maneira mais clara, essa questão é a do amigo, Ciccarini, com quem o Dr. Francisco mais trocou cartas sobre o colégio.

Capacidade do internato: é uma questão importante que você deverá estudar detalhadamente com o mestre Amaro e o Zé Peixoto. É daqui que vai sair a verba. Os internos virão de fora, sobretudo do Rio. Parece-me que há um limiar de internos, além do qual o lucro é o mesmo, só aumentando as amolações. O externato, que no Rio e S. Paulo, é a alma do negócio (imagine o ginásio que está aqui em frente de casa tem uma freqüência de 1400 externos!!!). Já não será em Cataguases ou em qualquer outra cidade pequena. Repito a capacidade do internato deverá ser estudada seriamente, com os olhos grudados na escrita, na despesa e nos lucros (Cp FIP- Alessio Ciccarini, São Paulo 22/9/1944).

O colégio seguia o seu curso. É bem verdade que ele contava com o seu “lugar tenente”, o Dr. Manuel. Mas, já o dissemos, Dr. Francisco esteve à frente do processo de contratação dos professores, da luta para conseguir a autorização para a abertura do colegial, completamente envolvido com o projeto arquitetônico, enfim, nas várias frentes. Se por um lado tentava levantar o dinheiro, por outro pensava em como cortar gastos, talvez entregando algum segmento do projeto para uma equipe que fosse menos onerosa, mas o arquiteto reagiu conforme vimos (Cp FIP Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, 18/ 9/1944). Necessitava do projeto para obtenção do financiamento e vivia interpelando Niemeyer, solicitando rapidez: “Você bem sabe a trabalhadeira que venho tendo com o financiamento e me perdoará a aflição (Cp FIP Oscar Niemeyer, 28/07/1945).

Não escondia a situação dos mais próximos: “Você nem calcula como ando preocupado. Assumi um compromisso desgraçado e se a coisa não der certo, é um buraco!” (Ca FIP - José Pedrosa , s/d –1945?). Mas o empréstimo, solucionaria os problemas? Pelo depoimento da filha Maria Inês, não:

Eu me lembro dele contar isso da seguinte forma: “Eu já estava por aqui [gesto de quase se afogando], estava vendo que não ia dar conta, mas eu não ia desistir também do meu empreendimento”[...] O tio José chamou o papai na fábrica e pergunta: “Ó Chico, como é que está o colégio?” “Ah, José, eu estou com aquilo por aqui...já...não sei como vai ficar, mas não vou desistir, eu vou tocar meu projeto para frente”. Aí que o Tio José propôs ao papai tornar aquilo Sociedade Anônima, da qual a Irmãos Peixoto seria acionista. Mas já estava lá pelas páginas quatorze! (Maria Inês).

O colégio ganhava fama, mas as finanças continuam fonte de preocupação constante: “O Ginásio vai acelerado [...] porquanto os prejuízos vão altos (MARQUES REBELO, 2002, v 2 , p. 517).

Este[o Colégio]- não é segredo nenhum- tem sido, até agora, uma penosa aventura. Além das dívidas que, particularmente, os responsáveis diretos por ela contraímos, há a da sociedade para com particulares e mais para o I.A.P.³¹(Cr\$ 500 000,00 até a data de hoje e Cr\$ 3 850 000,00-respectivamente). Junte-se a esse dinheiro o capital social inteiramente

³¹ Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários

improdutivo Cr\$ 4 000 000,00) e você verá que nós, nesta época bicuda, todos nós[...], diretores do famoso colégio (Ca FIP Oscar Niemeyer, 27/09/1949).

No final da década de 1940 muitos momentos importantes vão marcando o fechamento de uma etapa, a conclusão das obras do prédio em 1947 e a chegada do mural em 1949. Em 1950, a inauguração dos Museus Belas Artes de Cataguases e de Arte Popular do Colégio de Cataguases: uma grande festa. O Estudante narra com grande júbilo a formatura da primeira turma do científico em 1949. Entretanto, havia um movimento intenso para que se pudesse “levar avante a obra que iniciamos em Cataguases”. Buscava-se um mecenas.

“Como disse estou dispondo tudo para levar aí o Sérgio e o Chichillo [Matarazzo] para o caso do colégio. O Chichillo é meio difícil porque é doente e está sempre em tratamento da sua tuberculose[...]Eu tenho esperança segura na realização do negócio. É bom você abandonar esse pessimismo” (Cp FIP, Alessio Ciccarini, São Paulo 5/10/1949).

Uma outra alternativa seria “[tentar] a encampação do Colégio pela Fundação Getúlio Vargas [...] seria essa a fórmula exata para colocarmos o Colégio Cataguases dentro de um plano de ordem nacional” (Ca FIP para Chico Barbosa). Há uma intensa troca de correspondência com os amigos nesse período, “seria ótimo passá-lo para o Estado. Se o governo Federal também estivesse fazendo alguma coisa seria oportuno incorporar o seu colégio ao Pedro II” (Cp FIP- Alessio Ciccarini São Paulo 26/12/1949). Mas o que pensava o Dr. Francisco?

[...]o Colégio Cataguases foi um desses sonhos bestas que a gente tem na vida. Realizando ele, bem ou mal, cheguei à conclusão de que, sozinho, não poderia fazer a planta germinar. Uma organização exige trabalho de equipe, investimentos permanentes, sangue sempre renovado. E isso, uma vez que não se trata de uma empresa lucrativa, não é coisa que uma criatura desamparada possa levar avante (Ca FIP para Herberto Sales 06/01/1953).

Sob esse clima, passamos a ver dois mundos, nos quais Dr. Francisco se dividiu e trabalhou, um já o apresentamos o outro é o que nos compete agora. Em agosto de 1949, antes mesmo da chegada do painel de Portinari ao Colégio, O Dr. Francisco levava à Fundação Getúlio Vargas uma proposta de venda do Colégio de Cataguases. Ele acreditava que a Fundação dispunha dos recursos técnicos para levar avante a obra que havia iniciado em Cataguases, já que, para ele, ela era “a única instituição do País capaz de por em ação um

grande plano educacional”. A Divisão de Ensino da Fundação Getúlio Vargas, naquela época, estaria interessada em instituições de ensino de alto padrão, em todo o território nacional ³².

Na “década de ouro”, período em que acorreram ao Colégio de Cataguases jovens do Brasil e do exterior, atraídos pelas linhas modernistas, pelo campus que lembrava o de uma universidade americana, pela propaganda com fotos em jornais de grande circulação, na recém lançada TV e páginas de O Cruzeiro, enchendo de orgulho o pessoal da terra, ele esteve à venda. Nenhum dos nossos entrevistados conhecia esse movimento para a venda do colégio. No cotidiano do colégio, não havia indícios de qualquer problema financeiro: “Sempre foi igual. Nos cinco anos que passei lá, do primeiro ao quinto foi igual. Não tive mudanças de professores... a alimentação com dias melhores outros piores...” (Ivo). Igual e com qualidade. Essa questão foi mantida com grande discrição porque, se divulgada, o colégio poderia perder alunos:

Quando Juscelino era governador de MG apresentou ao Congresso mineiro uma mensagem relativa à compra do mesmo, ‘na bases de Cr\$ 25. 000.000, 00, valor da avaliação a que o Estado mandou proceder’. A coisa andou aprovada em primeira e segunda discussões, mas foi obstruída pelo PR e, principalmente, pela UDN. Esses discursos levaram o colégio a perder alunos, os internos que se houvesse o negócio eles [palavra incompreensível]o fechamento do internato. O governo de Clóvis Salgado adquiriu por Cr\$ 10.000.000, 00 Colégio Leopoldinense com patrimônio 8 vezes inferior. O Colégio investiu em propaganda e conseguiu recuperar o número de alunos para ‘equilibrar’ o nosso orçamento (Ca FIP para Chico Barbosa – 20/02/1956).

A questão financeira do colégio era equilibrar receita e despesa. Na entrevista com D. Yone ela confirma que o colégio em termos de “retorno financeiro não[tinha], [assim como] prejuízo [também] não. Elas por elas. Era uma coisa que despendia muito!” O que teria dado errado então? Apresentamos uma versão:

Se erro houve em Cataguases, foi o de pretender cobrir parte do custeio da construção e das instalações com a renda. E, mesmo assim, tal erro não seria tão grande se o meu caro amigo pudesse associar um pouco de política à sua obra, de modo a obter subvenções e bolsas de estudo. Não creio que isso fosse difícil. Tenho um amigo que, em Friburgo, com 3 colégios no interior do estado do Rio, que conseguiu muita coisa do Governo Federal e do Governo Estadual por esse meio. [...] Eu próprio já lhe arranjei alguma ajuda do INEP (Cp FIP – José Roberto Moreira –Friburgo – 8/10/1953).

³² A Fundação Getúlio Vargas era proprietária, na ocasião, do Colégio Nova Friburgo, inaugurado em 1949, depois de uma ampla reforma nas instalações de um antigo hotel. Era uma instituição privada que recebia verbas federais destinadas a apoiar iniciativas inovadoras de ensino secundário. Apesar de ser distinguido como colégio para a elite carioca e fluminense, a metade dos seus alunos eram bolsistas e tinham suas despesas cobertas por várias empresas. Durante alguns anos competiu com o Colégio de Cataguases para atrair os jovens estudantes. Fechou suas portas em 1979.

Década de 1950: “Aquele foi um momento de apogeu do colégio, ele cresceu muito. Eu nem sabia que o colégio precisava de publicidade!” (Paulo Adolfo). Era sob o clima de crescimento, entusiasmo, de felicidade, características geralmente associadas ao Brasil desse período, que viveram os alunos do Colégio de Cataguases, porém a “alta direção”, no que tange aos aspectos econômicos, através das cartas, apresenta-se num clima de constante busca de soluções. A questão estava numa “embirra”³³ tal que Dr. Francisco chegou a pensar que talvez a “coisa não andasse” porque, na transação, “não se mencionou e não havia lugar para o tradicional e brasileiríssima ‘bola’”. Fato é que houve “um homenzinho” que ofereceu-se, veladamente, para “incumbir-se de tentar a encampação” (Ca FIP para Herberto Sales – Cataguases- 6/01/1953). Outras idéias foram sendo cogitadas, quem sabe Chateaubriand ou Rockefeller - na época em visita ao Brasil- não poderiam fazer a Fundação Assis Chateaubriand ou Fundação Nelson Rockefeller e tomar conta do Colégio? [...] (Cp FIP- Carlos Luz, Rio de Janeiro, 15/04/1953).

As questões permanecem as mesmas, mas vão surgindo novas idéias: Por que você não faz uma publicidade bem orientada?” Por que não despertar “o interesse do Juscelino nas vésperas de eleições”? (Cp FIP – Camilo Soares, 27/05/1954). “Loteamento” do terreno para livrar-se de sua dívida. “Subvenções, junto aos órgãos do Governo Federal, “mediante concessão de bolsas” (Cp FIP - José Roberto Moreira, Friburgo , 29/10/1953).

Há uma concentração de cartas que tratam desse tema no período compreendido entre 1949 a 1953. Em 1956, aparece numa única carta. Nela Dr. Francisco declara temer retomar o negócio com o estado. Teria sido procurado por um enviado de Bias Fortes. No entanto preferia tratar do caso na esfera federal:

a fim de abrir horizontes mais amplos ao Colégio, que teria, assim oportunidade de constituir-se com o Pedro II, em estabelecimento padrão, sem limitações quer de uma iniciativa particular como a nossa, quer de uma encampação pelo estado, [...] meus propósitos[...] não escondem interesses inconfessáveis, nem sede de lucros (Ca FIP para Chico Barbosa 20/02/1956)

As negociações anteriores com o estado haviam-lhe causado prejuízo pela evasão de alunos, além do que vai ficando cada vez mais forte seu propósito de “ abrir horizontes mais amplos para o Colégio”. Somos levados a pensar, que, se não em sua plenitude, talvez minimamente satisfatórias tenham se mostrado as finanças entre 1954 e 1959. Neste último ano reaparece o tema sobre a venda do colégio. O amigo, Luis Gonzaga Fonseca menciona um possível “comprador” porque soube, pelos agostinianos que o Colégio de Cataguases

³³ Expressão usada pelo próprio Dr. Francisco Inácio Peixoto.

estava a venda por 30 milhões e acrescenta: “Não desejo que o senhor disponha do SEM-PAR³⁴. Até parece uma amputação na alma dispor dessa maravilha que tanto custou de sonhos, nervos, soluços e risos” (Cp FIP- Luis Gonzaga Fonseca, Belo Horizonte, 12/02/1959).

O tema realmente voltou à baila e “[...] as novidades não são muito boas [...] o nosso amigo da Conferência dos Religiosos, doutor Laercio Leopoldino, comunicou-me, pelo telefone, a impossibilidade de realizar a compra do colégio” (Cp FIP Chico Barbosa – 12/8/1960).

O final da década de 1950, acrescenta uma nova variável à questão econômica, a diminuição da procura pelo internato, provavelmente pela mudança de costumes em curso:

O internato foi diminuindo muito. Quando entrei [1957] tinha perto de 200 internos, quando saí [1961], não sei se chegava a 80! Não sei, na época o que isso significava, se foi a dificuldade para ir, porque talvez os preços estivessem muito altos, ou pela desistência dos pais em colocarem os filhos internos. Não sei se houve uma mudança de mentalidade. Os internatos foram acabando em série, terminou Cataguases, terminou o Granbery, Fundação, São José... tudo perto (Ivo).

A fonte de renda do colégio era o internato, não havia mais como manter o fino equilíbrio financeiro. Estavam esgotadas as possibilidades de venda. A única alternativa era a encampação do colégio pelo Estado.

Quando o Colégio foi para o Estado, houve uma lei, não sei se muita gente sabe disso, eu lembro disso porque eu trabalhava no SENAI, uma lei que as indústrias eram obrigadas a manter escolas. Então eles entregaram o Colégio [...] A Industrial e a Irmãos Peixoto há ter que manter o Colégio, eles passaram para o Estado, me parece que foi uma doação mesmo. [...] Porque era uma sociedade, ah! Pois é, essa isenção de não ter manter colégio, porque as indústrias, que tivessem mais de cem empregados teriam que manter escolas. A Industrial teria que ter uma escola, a Irmãos Peixoto outra, então o Colégio de Cataguases, que já era um escola deles... passaram para o Estado (Aloísio Condé)

Os ex- alunos de Cataguases, ou aqueles, que mesmo tendo sido internos de alguma forma mantiveram laços na cidade explicam o fim do colégio com esta versão: “Parece que é assim mesmo. A Industrial teria que construir uma escola, a Irmãos Peixoto outra escola então eles acharam melhor [fazer a doação] (Paulo Miranda).

Essa explicação “legal” levou-nos a buscar as fontes da legislação:

A Constituição de 1946, Art. 168 estabelece que “A legislação do ensino adotará os seguintes princípios”, são quatro, mas o que nos interessa reproduzir é o IV: “as empresas

³⁴ Alusão ao Hino do Colégio: “Salve o colégio que é sem par de Cataguases...”

industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalharemos mais de cem pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para seus servidores e os filhos destes”. Esse dispositivo é um exemplo, pelo qual podemos perceber que esta lei “praticamente isentava os poderes públicos do dever de proporcionar e garantir a Educação” (ROMANELLI, 2001, p.170). As determinações constitucionais, por si só, não operaram transformações no quadro geral do ensino em Cataguases. Qual era a situação da população em relação à frequência escolar? A população em idade escolar, na faixa de 5 a 9 anos, segundo os dados do Censo Demográfico de 1960, era de 6.002, desses 2.255 (37,6%) estavam cobertos pela rede escolar. Na faixa de 10 a 14 existiam 5.304 jovens, dos quais 3.320 (62,6%) eram estudantes. Os dados nos levam a crer que as vagas eram insuficientes para atender as necessidades da população em nível de escolarização primária.

Adormecido, como outros tantos dispositivos na nossa Constituição, o Item IV, do Art. 168, entra na ordem do dia pelo Decreto Federal de Nº 50 423 de 08 de abril de 1961. O Presidente Jânio Quadros retoma a questão por esse decreto, portanto, as empresas com mais de cem funcionários deveriam se responsabilizar pela educação primária dos trabalhadores e dos seus filhos.

Bem, aí está a origem da versão oficial, mas o que a nossa pesquisa nos indicou foi um longo caminho até esse ponto ser alcançado. Podemos continuar ainda no movimento, “dando-lhe a volta para entender” e vamos encontrar a criação do Colégio Estadual de Cataguases em 1955, através do Decreto Lei Nº. 1237 de 14 de fevereiro do referido ano. Esse decreto cria também vários estabelecimentos de ensino secundário do Estado de Minas Gerais, a saber, o Ginásio Estadual de Rio Pomba, de Abaeté, Manhuririm, Mariana, dentre outros. Vamos tendo outras pistas para entender sobre um outro ângulo o fim do Colégio de Cataguases.

O Colégio para o papai não foi nada para ter lucro, ao contrário do que é o ensino hoje. Pelo contrário, muita coisa ele levava prejuízo, deixava para lá, o negócio dele era tocar a educação. Papai não era comerciante.[...] Papai fez tanto para segurar o colégio!... (Bárbara).

De todas as pessoas que entrevistamos, a única que discordou da versão pública sobre o fim do Colégio de Cataguases foi sua filha Maria Cristina: “Não foi por causa de lei, não. Ele já estava em dificuldades, sentindo-se cansado...” Acreditamos. A Lei Nº 2565, de 28 de dezembro de 1961 autorizava o Estado a receber doação do imóvel relativo ao colégio no município de Cataguases. De quem?

Art. 1º Fica o Governo do Estado a receber da Companhia Manufatora de Tecidos de Algodão, da Companhia Mineira de Papéis, da Indústria Irmãos

Peixoto S. A, da Companhia Industrial Cataguazes, de Saco Têxtil Cataguazes Ltda., e da Companhia Força e Luz Cataguazes- Leopoldina, o imóvel situado no local denominado “Chácara da Granjaria”, constituído de terreno de 79 407 metros quadrados, e respectivas edificações, benfeitorias, instalações, equipamentos, móveis e pertences, no qual se acha atualmente instalado o Colégio de Cataguazes S.A. Parágrafo único- No imóvel referido neste artigo será instalado o Colégio Estadual de Cataguazes, criado pelo art. 5º da Lei 1 237, de 14 de fevereiro de 1955, no qual o Estado manterá, inclusive, o curso primário.

Em contrapartida, a que o Estado se obrigava?

Art. 2º - Em consequência da doação referida no artigo anterior O Estado firmará convênio com as empresas doadoras no sentido de lhes assegurar, no curso primário do estabelecimento, a matrícula gratuita para seus operários e os filhos destes, nos termos e em conformidade das prescrições contidas no Decreto Federal nº 50 423, de 8 de abril de 1961.

O Colégio de Cataguazes era uma Sociedade Anônima, da qual faziam parte pessoas físicas e jurídicas, as Indústrias Irmãos Peixoto S.A e Companhia Industrial de Cataguazes, como era de domínio público. São exatamente essas empresas que assinam as Atas das Assembléias Gerais Ordinárias, publicadas no Cataguazes, nos anos de 1956, 1957, juntamente com particulares sócios. Já em 1961, na publicação da Ata da Assembléia Geral Extraordinária aparece o conjunto das indústrias citadas no Art. 1º acima transcrito. Digamos que seriam novos sócios. “As indústrias se reuniram e ao invés de construir um colégio, eles iriam comprar o colégio e doá-lo para o Estado. Fizeram uma consulta nesse sentido ao Estado, [se] administrar[iam] o Colégio e [se] dariam como cumprida essa lei” (Pachequinho). Sob essas bases, foi estabelecida a negociação.

Foi uma transação absolutamente legal. A população como um todo foi beneficiada e as indústrias obtiveram um Certificado Definitivo de cumprimento do Decreto nº 50 423 de 1961. No entanto, Dr. Francisco “entregou com o coração na mão, porque ele sabia que no Brasil não dão...”(Maria Cristina). E eles, Dr. Francisco e Chico Filho tentaram até o final uma outra solução. Em 21/11/1960 há uma carta de Oswaldo Alves, a qual trata do pedido de Plano de Propaganda para o Colégio de Cataguazes, solicitado pelo Chico Filho. A idéia seria usar O Cruzeiro, Manchete, alguns jornais e TV dentro de uma verba de Cr\$ 300.000,00 para cada veículo.

Não me conformo com o ‘incêndio’ do Ateneu, seu Aristarco de borra, mas entregá-lo ao estado foi uma solução que você não podia recusar. É triste sabermos que a engrenagem burocrática o irá transformar em breve numa *ruinaria*, mas este é o destino das coisas que caem sob a administração do Estado. Por essas e outras é que não acredito no socialismo....O Francisco, cheio de mocidade, poderá lutar ainda para salvar um pouco do que foi o Colégio, mas não alcançará grande coisa. (Cp FIP- Guilhermino Cesar 11/1/64).

11/1/1963

“Exatamente nesta data, às 11 horas, tivemos a notícia que o Governador havia assinado a escritura de doação do Colégio” (Cp FIP- Enrique Resende 11/1/1963).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queria o idealizador do Colégio de Cataguases que ele se tornasse “padrão”, numa época em que o Colégio Pedro II era a instituição modelar para o Ensino Secundário e quando as comparações entre público e privado, em termos numéricos pendiam para as instituições particulares e em termos de qualidade para as instituições públicas. É uma época em que os colégios eram formadores de uma cultura geral de humanidades, visando preparar os “homens para assumirem maiores responsabilidades dentro da sociedade e da nação, portadores de concepções que seriam infundidas no povo” (NUNES, 2000, p. 40). Dr. Francisco endossa indiretamente essa posição numa época em que era apenas Francisco, provavelmente aluno do “velho” Ginásio, num discurso sem data, assinado com uma caligrafia infantil indicativa da pouca idade:

Digníssimo Senhor Presidente, secretários e caros colegas

A escola

A escola é o santuário da *sciencia* onde as crenças vêm despindo as roupas da primeira infância, apressar-nos para a vida como homens!

É um templo sagrado, onde instrução, o conhecimento das línguas, os ensinamentos da moral e do civismo são ministrados correta e pacientemente, formando as almas dos futuros homens, dos futuros *directores* da Nação!

A instrução é hoje uma força, é a alavanca de *Archimedes* que ergue as nações do obscurantismo, do servismo e do abatimento! Sem ela não se galgam posições sociais, nem se pode conseqüentemente prestar serviços à Pátria. [...]

O crédito que conferimos ao discurso juvenil, vem do reconhecimento que ele expressa os ideais que representam o seu tempo. Como argumenta Febvre, “o indivíduo é apenas o que sua época e o seu ambiente permitem que ele seja”³⁵ e como adverte o nosso Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, “O menino é o pai do homem”.

A sólida cultura geral apoiada nas humanidades e o reconhecimento da educação como possibilidade de ascensão social, eram proposições do criador do colégio e também foram identificadas nas reflexões e relatos de práticas ao longo das entrevistas. Entretanto, para o conjunto dos nossos entrevistados, pensar o Colégio de Cataguases como uma instituição voltada para a elite provocou polêmicas e reações. O colégio, no âmbito local, não se destinava apenas aos jovens de famílias abastadas. Se os estudantes internos eram, prioritariamente, meninos ricos, os alunos externos eram provenientes de uma classe média emergente que, ao ingressar num colégio secundário, tornavam-se parte da “população culta

da cidade”, como manifesta o jornal *O Estudante* (1950) ao noticiar a inauguração dos Museus do Colégio. Essa afirmação distinguia e afirmava a superioridade social dos estudantes, equiparando simbolicamente os ricos e os menos ricos.

Não há como negar essa marca distintiva do ensino secundário naquela época no Brasil. Trata-se mesmo de educação da elite, o que por definição remete a uma minoria, constituída pela seletividade do exame de admissão e, no caso do Colégio de Cataguases, também pela disponibilidade financeira para arcar com os custos da educação que ali se oferecia.

Um número expressivo de alunos externos, na década de 1950, pôde freqüentar o colégio graças aos sacrifícios que as famílias se impuseram. A valorização da educação, pela classe média em ascensão, de certa forma era uma novidade. Em Cataguases há indícios de que essa valorização possa ter relação com o nível de escolaridade das mães, muitas delas professoras primárias ou portadoras de diploma do curso ginásial, apontadas como as leitoras da família, leitoras de romances. Os pais, em sua grande maioria, tinham apenas instrução primária e quando liam preferiam os jornais. É possível admitir que os níveis de instrução e renda dos pais não guardassem uma relação direta, situação bastante comum no Brasil daquela época.

Embora a maioria dos entrevistados desconhecesse a política de descontos nas mensalidades³⁵, ela aparece no prospecto de divulgação. As famílias com dois filhos matriculados tinham direito a 10% de redução no pagamento e 15% de desconto no caso de três filhos. Descontos, gratuidades, e facilitação dos pagamentos eram procedimentos freqüentes e mantidos sob muita discrição. Encontramos na publicação *Retalhos da Memória* (2004), no depoimento do Sr. Idimar Vilela, a seguinte alusão: “No dia da [entrega] diploma [Grupo Escolar Astolfo Dutra] apareceu um diretor do Colégio de Cataguases oferecendo duas bolsas para quem tivesse passado em primeiro lugar”. Em todos os anos do seu funcionamento como instituição privada, alunos tornaram-se regentes, como forma de custear os estudos, e outros davam aulas de reforço das matérias nas quais se destacavam, para alunos do próprio colégio, internos ou externos, contribuindo para complementar o orçamento familiar.

O número de jovens e famílias com recursos, na cidade, era insuficiente para sustentar o Colégio de Cataguases. Dr. Francisco tinha uma concepção, sempre repetida aos filhos, de

³⁵ Citado no I Cap. p.16

³⁶ O pagamento do colégio não era feito através de mensalidades. As contribuições anuais deveriam ser pagas de uma só vez ou em quatro prestações iguais: 1ª no ato da matrícula, 2ª de 1 a 10 de jun., 3ª de 1 a 10 de set. e a 4ª até 15 de nov.

que, sendo pessoas privilegiadas, deveriam preocupar-se com os outros, buscar fazê-los ascender socialmente (Maria Cristina). Segundo a pesquisadora Cardoso (2004), o interesse dele pelas camadas menos favorecidas da sociedade é uma questão constante na sua produção literária, sobretudo nos contos, nos quais aprofunda sua visão da “problemática humana no que a refere à forte inerência da ausência de horizontes no ambiente do interior” (CARDOSO, 2004, p.97).

O internato foi projetado para viabilizar o colégio, mas, segundo Bárbara, sua filha, acabou tendo efeito contrário, era “extremamente dispendioso, com altos custos”. A pesquisa, principalmente no acervo da correspondência do Dr. Francisco, e o cruzamento com as fontes orais, nos levam a concluir que o empreendimento foi muito mais oneroso do que lucrativo.

Nos grandes centros urbanos, no início do século XX, as classes médias em ascensão reivindicavam o ensino médio e as camadas populares, o ensino primário. Em consonância, havia, no cenário educacional brasileiro, a retomada do Movimento Renovador, cujos educadores entendiam que era a hora do Estado assumir o controle da educação, institucionalizando o ensino público e a sua expansão. O ideal do Manifesto do Pioneiros (1932), de uma educação de massa é novamente defendido por intelectuais de renome no panorama das ciências sociais e de antigos educadores para os quais a educação nunca deixou de ser um problema social.

Quando o Manifesto afirma que a finalidade da educação se define de acordo com a filosofia de cada época e que a nova educação deve ser “uma reação categórica, intencional e sistemática contra a velha estrutura do serviço educacional, artificial, verbalista, montada para uma concepção vencida”(ROMANELLI, 2001, p.146), encontramos seu eco na proposta educativa do Colégio de Cataguases. Ele se apresenta como uma nova modalidade de compreensão da educação, não exatamente como a encarnação de uma insatisfação com relação à “política educacional”, já que a esta se submetia. Mas como insatisfação com a escola existente. Era preciso alargar os seus horizontes, arejá-la.

O Colégio de Cataguases extrai do chamado movimento da Escola Nova a compreensão de que o processo de aprendizagem precisa adequar-se mais às necessidades do estudante e nesse ponto se opõe à escola tradicional. Desenvolve outras atividades curriculares: jogos, teatro, cinema, música, trabalhos manuais, desenho, dentre outras, que enriquecem a vida escolar. No colégio, o novo foi acrescentado ao modelo tradicional vigente, que era aceito pelas famílias.

Algumas características da Escola Nova, tais como importância dada ao desenvolvimento da capacidade de observação, a possibilidade de experimentação e o uso de

materiais concretos nas salas de aulas, guardam uma certa similaridade com práticas do Colégio de Cataguases. Os museus e o cinema educativo do Colégio seriam exemplos de meios para despertar novos campos de observação. Nos laboratórios, no anfiteatro e nos relatos, que vão recuperando as práticas, foram aparecendo inúmeras experimentações, nem sempre autorizadas. Com relação ao uso dos materiais concretos reaparecem, apenas como exemplo, a “parafernália” utilizada nas aulas de Matemática e “esqueleto” da sala de Ciências.

Estudar no Colégio de Cataguases era aprender a viver em sociedade e trabalhar em cooperação. Todas as atividades no extra-classe do Colégio de Cataguases estão absolutamente inseridos nesse contexto. Esses elementos são indícios da penetração de certos aspectos do ideário escolanovista no interior do país em uma instituição privada. Entretanto, como alerta Nagle, “é preciso saber qual a tábua de requisitos que deve servir como ponto de referência para julgar qual o grau de realização do escolanovismo na escola brasileira” (NAGLE, 2001, p. 333). Em nossa pesquisa apenas tangenciamos esta questão que, sem dúvida, merece maior atenção.

Do ponto de vista da estrutura física e da organização, o Colégio de Cataguases pode ser definido como “colégio ideal”. A opção estética adotada na sua construção, que o distinguiu dos modelos escolares da época, bem como a incorporação de obras de escultura e pintura modernistas, além dos cuidados que eram dispensados à conservação e manutenção se justificavam na intenção de plasmar novas atitudes e comportamentos, despertando sentimentos de orgulho diante da escola e reforçando uma afirmação de fé no futuro da educação e do Brasil.

Os que acompanharam a trajetória do Dr. Francisco são sabedores de um sentimento de amargura, de decepção, externados reiteradas vezes e resumidos na expressão “Cataguases foi um equívoco”. Não sendo o colégio, naquela época, uma empresa lucrativa, foi muito difícil encontrar o apoio necessário para mantê-lo. Chegou a escrever: “sozinho, não poderia fazer a planta germinar [...] [um colégio] exige trabalho de equipe, investimentos permanentes, sangue sempre renovado. [...] não é coisa que uma criatura desamparada possa levar avante”. A família apoiou financeiramente o empreendimento ao transformar o colégio em Sociedade Anônima, mas não foi suficiente.

Os políticos locais, seja por falta de interesse, definição de outras prioridades, ou por quaisquer outros motivos não aparecem, nos documentos analisados, comprometidos com o projeto. Fomos distinguindo sugestões de aproximação com os governos federal e estadual em praticamente todos os seus vinte anos de existência, mas não há indícios de qualquer movimento real de negociação. A busca de soluções para o impasse financeiro, identificadas

na pesquisa, deu preferência à iniciativa privada, o que pode justificar a tentativa de minimizar os presumíveis prejuízos, e/ou o referido distanciamento que o Dr. Francisco mantinha da política partidária, pelo descrédito que lhe inspirava.

Ao tentar traçar o perfil do Dr. Francisco como educador firma-se a distância entre sua representação e a de outros educadores do período. A atuação dele no colégio, a que ganhou visibilidade, insere-se no conjunto da obra de modernização da cidade, obra inegavelmente sua e que o aproxima do que hoje consideramos os empresários da educação. Mas nas lembranças dos seus alunos, o que predomina nesse distante “dono do colégio” é a sua performance como professor de Espanhol.

Fomos desvendando Dr. Francisco, no desenrolar da pesquisa, como um intelectual que, comprometido com o processo de modernização, pensava a educação como a mola propulsora do desenvolvimento do Brasil, postura compartilhada com a intelectualidade literária e artística brasileira do seu tempo. O Dr. Francisco foi educador na íntima relação que travou entre educação e cultura, no sentido amplo de formação e socialização do indivíduo. Pela análise do seu percurso, resgatamos o que consideramos os primeiros indícios do seu olhar educativo voltado para cidade, quando, estudante universitário, traz colegas cariocas e promove palestras para os conterrâneos. O educador, visto à luz do Modernismo, seria o criativo, o que faz de uma outra maneira, aquele que ousa como ele ousou. Para a cidade, que nem sempre o compreendeu, lembramos as palavras de Lourenço Filho: “educação não é obra de um homem nem de uma geração. Nenhuma grande obra social o será. Será preciso começar e recomeçar, sempre”(LOURENÇO FILHO apud Lopes, 2003 p. 80).

A “escola modelo” que pretendia instaurar, deveria ter a marca do rigor acadêmico. Logo que Dr. Francisco e sua equipe assumiram o Colégio, o nível de exigência nas provas foi tamanho, que ao final do primeiro ano, apenas dois ou três alunos de cada série havia sido aprovado. “Uma limpeza geral”, como se referiu D. Lúcia, sua sobrinha e uma das reprovadas. O colégio foi construindo uma identidade de “escola forte”, “aquela que aperta”, bem ao gosto, não só dos pais cataguasenses, como também, dos pais dos alunos internos, que procuravam uma escola que obrigasse seus filhos a estudarem.

Ao falarmos em “modelo”, pretendemos destacar elementos que apareceram como resultado da nossa pesquisa e que são marcas das diferenças do Colégio de Cataguases já que compreendemos que as instituições escolares “correspondem não a necessidades universais do homem que chegou a um certo grau de civilização, mas a causas definidas, a estados

sociais muito particulares”. E apesar disso existem alguns elementos que são recorrentes, “certas formas escolares de relações sociais” (VINCENT, 2001, pp. 9-28).

Em que o Colégio de Cataguases contrariava a forma escolar tradicional? Em primeiro lugar pelo seu espaço semi-aberto: a ausência de muros, a profusão de vidros da sua arquitetura, criando transparência e abrindo o interior dos museus que abrigou para os olhares exteriores. Essa inovação tem na narrativa do ex-aluno Eduardo Amorim a seguinte representação: “O prédio era aberto, alegre. Sentia-se liberdade, arejamento, imensa sensação de soltura. Não parecia, só pela aparência uma escola. Era algo diferente, inusitado”.

A própria especificidade como o lugar dos saberes objetivado, ganha multifunção, nas práticas que ali se desenvolveram. Em se tratando de um colégio interno a escola confunde-se com a moradia. Nas representações dos alunos residentes aparecem duas diferentes formas de apropriação do colégio como casa. Chico Buarque revela que, sentindo-se “traído pelo pai” que abrisse mão de construir uma casa, cujo projeto fora presente de Oscar Niemeyer, rebelou-se “saí batendo portas” e acaba indo para “um ginásio em Cataguases”, foi viver no “casarão do Oscar”. Achou pouco e decidiu “ser Oscar”, ingressando então no curso de arquitetura (HOLLANDA apud Niemeyer, 2004, p. 395). Já para Ivo Foreis a arquitetura do colégio fazia dele não apenas “um prédio”, mas “a nossa casa”.

Ainda na esteira da representação de casa, surge o lar. Separados das famílias, os alunos internos reinstauram, através das relações com as “mães diretoras”, um espaço de afetividade e cuidados maternos. Soma-se a isso o fato de que atribuem ao primeiro diretor o papel de pai, e, ao que o sucedeu, pela juventude, como quase irmão, enfatizando a relação fraterna. O colégio foi, em muitas vivências que ali se efetuaram, similar a uma casa de família.

Outro ponto característico da forma escolar tradicional é a relação ensino aprendizagem, que se traduz tanto pelo conteúdo, quanto pelos saberes objetivados e pela maneira de transmiti-lo, através da prática pedagógica. No conteúdo oficial do currículo, o Colégio de Cataguases não apresentava sinais de distinção das demais escolas congêneres, bem como, era invariante na distribuição dos tempos. Entretanto, a sistemática de aulas de 45/50 minutos, com os sucessivos intervalos, e a possibilidade dos deslocamentos dos estudantes para as áreas de jardins e pátios, distantes da sala dos professores, constituem-se numa marca de flexibilização do uso do espaço na prática pedagógica, com a valorização dos períodos de maior convivência entre os alunos.

Na “atuação didática” os professores não se apresentavam com práticas uniformes. As aulas podiam tomar as mais diferentes formas: Prof. Gradim, sempre iniciava com dez a quinze minutos de cultura jornalística, podendo daí transitar pela literatura, cinema, teatro, ou começar uma aula explicando o uso do “se” depois do “que” e entrar para a literatura... “ele misturava os assuntos. O quadro dele era aquele negócio!”(Maria Lúcia). Dr. Manuel, professor de História, era capaz de montar uma batalha da Guerra do Paraguai com palitos de fósforos e cigarros e os alunos ao redor da mesa. Havia a tensão, o silêncio e o medo constantes nas aulas de Matemática, com um professor que poderia explodir a qualquer momento. As eternas “bagunças” e “brincadeiras” nas aulas de Francês com a Dona Ophélia ou nas de Desenho com o Dr. Antoniquinho Mendes. As técnicas de ensino não eram homogêneas, e nem eram simplesmente técnicas. Eram de fato o jeito de cada professor estar ali e vivenciar a relação com o conhecimento e com os alunos.

À luz das Tendências Pedagógicas, reconhecemos, como uma postura generalizada, as condutas que se identificam com a “tendência liberal tradicional”, ou seja, com a função conservadora da educação, na qual os alunos desempenhavam/am os seus papéis de acordo com as aptidões individuais e o professor era/é aquele que detinha/em o conhecimento, que deveria ser “transmitido”. Foram professores que se formaram através das práticas docentes. Como já dissemos anteriormente, “tocavam de ouvido”. O corpo de catedráticos do Colégio de Cataguases não era constituído de especialistas em Pedagogia e nem tinham formação específica para o ensino. Eram profissionais de nível superior, alguns formados em seminários, cultos e muitas vezes autodidatas nas disciplinas que ministravam. Professor Cardoso lia, estudava muito, dele fomos testemunha pela intimidade que tínhamos na família. Dr. Manoel, segundo a esposa, lia e estudava muito também. O professor Gradim...lia até caminhando.

O Colégio de Cataguases era rigoroso nos processos de avaliação. A valorização do desempenho acadêmico dos alunos está expressa através das práticas do Quadro de Honra Mensal e da Classificação Geral Anual, com as respectivas premiações que, durante um largo período constituíram-se de livros, posteriormente substituídos por medalhas³⁷ as quais tinham direito os três melhores alunos de cada série. A cerimônia de entrega da premiação fazia parte das solenidades que marcavam o final do ano letivo.

³⁷Houve um ano, possivelmente 1952, em que o primeiro aluno do colégio recebeu uma medalha de ouro “Salitre do Chile”. Oferta de Artur Viana, Companhia de Materiais Agrícolas. O aluno premiado foi Mauro Sérgio Fernandez da Silva (O Estudante, 1950 e Depoimento de Mauro Sérgio).

Todo esse processo classificatório era altamente competitivo e azeitava a máquina disciplinar. Entretanto, como o colégio abria-se para outras atividades, que no nosso estudo estão denominadas por extra-classe, ampliavam-se as possibilidades de reconhecimento do aluno para além do dicotômico, bom ou mal estudante. Criaram-se identidades e grupos forjados nas práticas esportivas, nas várias formas de atuação do Grêmio, seja nas de caráter literário, artístico, recreativo, político, ou mesmo no trabalho de valorização da linguagem oral desenvolvido pela RAI. Os “genes”, como referíamos no passado ou as “Inteligências Múltiplas”³⁸, numa abordagem contemporânea, encontraram ali terreno fértil para aflorarem e aliviarem as discriminações produzidas pela própria cultura escolar.

Escapava do processo de avaliação formal o objetivo educacional, implícito na proposta de sensibilização pelas artes, “de uma educação integrada” (Chico Filho- *Um olhar na Modernidade*- Vídeo, s/d) e as diversas iniciativas dos alunos nas atividades extra-classe. No movimento de reexaminar as representações dos seus ex-alunos sobre o que aprenderam vai ficando explícito que o espaço que a escola ocupou na vida de cada um é grande e importante, maior ou menor dependendo das trocas que lá se efetivaram. Quanto mais rico o ambiente, quanto mais diversificado, maiores as possibilidades interativas.

Em Cataguases, os Verdes já proclamavam no seu manifesto: “Somos diferentes. Diversíssimos até. Mas muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas”. Se os Verdes precisaram de um manifesto para tentar romper com aquela sociedade interiorana fechada, o colégio, na sua materialização, e ao receber estudantes do mais diversos cantos do país e fora dele, executa-o na prática.

A nossa pesquisa nos conduz à conclusão de que colégio se instalou arquitetonicamente moderno, mas a modernidade institucional foi progressiva. Foi construída nas práticas, nas trocas, nas possibilidades e interações grupais. Diferente a cada ano, num esculpir constante. Reconhecemos a força da obra arquitetural e do painel de Portinari na construção da identidade moderna. A própria piscina é um dos primeiros sinais de exteriorização da modernidade no Colégio de Cataguases. Entretanto esses elementos não romperam de chofre com o passado. Foi, pouco a pouco que as portas escolares se abriram para as mudanças.

Os alunos conviveram “entre” o novo e o velho. A piscina e o entorno rural; a velha casa de fazenda mineira e o novo prédio em construção; o chão impecavelmente limpo do colégio e as galochas enlameadas de barro...; as calças curtas dos meninos até a idade de 14

³⁸ Termo cunhado pelo Dr. Howard Gardner, no estudo a partir de habilidades específicas dos indivíduos. Teoria apresentada em 1985.

anos, tradição forte, em que o uso das calças compridas marcava um de rito de passagem, e as moderníssimas calças Lee; as monocromáticas e discretas camisas dos externos e as coloridas e recém lançadas estampadas dos “meninos da cidade grande”...

A modernização foi se processando. Aboliram-se os uniformes. O de gala é mantido, mas troca o cinza pelo azul marinho e sobre a camisa branca, ganha um colete vermelho. Vermelho! Os rapazes começaram a usar vermelho. Aumentaram o número de saídas para os internos...

A liberdade de credo pode ser vista também como um importante indicador da modernidade, tanto como inovação no universo de colégios, quase exclusivamente, de orientação católica, quanto pelo fato do colégio apresentar-se sem preconceitos, já que abria suas portas para muitos jovens, vítimas da discriminação por serem “filhos ilegítimos” ou de casais separados. Um outro aspecto que distingue o Colégio de Cataguases em relação aos estabelecimentos religiosos, foi apresentado no depoimento de Eduardo Amorim, hoje Ir. Eduardo de Amorim, educador, formado e formador dos Maristas:

Em cada dormitório um banheiro coletivo. Sem dúvida uma audácia, completamente diferente dos internatos existentes, normalmente de religiosos e religiosas, com muitos tabus nesta área, onde o corpo era coberto, guardado, com muita vergonha e maldade e que levava o educando a uma reserva e de muita timidez. Neste aspecto, só este fato fazia de Cataguases um Colégio escancarado e sem tabus.

Na realidade, “moderno é inumerável”. Aqui de novo nos apropriamos do Manifesto Verde, reconhecendo com ele a impossibilidade de uma lista completa. O Colégio de Cataguases era um empreendimento apoiado na transmissão cognitiva e cultural. Era o que se passava na sala de aula e no seu entorno. Era o que se levava de lá, mas, principalmente, o que se trazia também.

Revisitarmos o Colégio de Cataguases no sentido real e figurado foi uma experiência repleta de emoções e cuidados. Fui um mergulho...no passado. Revisitar o Colégio e ir fixando as ausências nos deu a dimensão de quem fomos e de quem agora estava ali retornando. Não se tratava de um retorno romântico, saudosista. Tínhamos consciência de que o nosso objetivo principal, a nossa motivação mesmo encontrava-se no desejo de entender melhor a educação no presente.

Do ponto de vista teórico o estudo do cotidiano não se constitui apenas num lugar de observação. Exige um envolvimento que vai ao encontro das trajetórias individuais, das representações que cada um tem da sua própria vivência escolar. Retornar ao Colégio de Cataguases constituiu-se também num trabalho contínuo em refazer as representações das

nossas próprias memórias. Por isso exigia cuidado. Não podíamos negar ao nosso objeto a emoção e exatamente por isso o trabalho de pesquisa, em todas as suas fases foi prazeroso e instigante.

A Eloísa, aluna, trouxe das suas experiências no Colégio de Cataguases a sensação de liberdade. No entanto, a Eloísa pesquisadora colhia informações que pareciam destoar, como ruído numa música melodiosa. Surpreendeu-se com as construções diferentes da geração que a antecedeu. Chegou a pensar: “que liberdade foi essa que inventamos?!” Chartier, entretanto, permitiu-nos entender: não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo.

A complexidade de um estudo sobre o cotidiano exige uma perspectiva mais ampla, retomando Saramago, “dar a volta para entender”, o que no nosso estudo significou, além do “beber em todas as fontes”, respaldada na concepção alargada dos Annales, uma ampliação das leituras para além dos campos das Representações Sociais, da História e da Educação, o que significou incursões na Literatura, nas Artes, na Arquitetura, na Sociologia, Antropologia, Economia e Política.

Sobre a continuidade ou desdobramentos futuros do trabalho de pesquisa realizada, visualizamos a possibilidade de estudos que procurem comparar as mudanças ocorridas com a passagem do colégio de instituição privada para instituição pública; de análises que privilegiem as alterações dos processos de avaliação, através dos livros de Atas de Aprovação e das alterações nos critérios de distribuição de notas a partir de documentos que estão em posse dos ex-alunos, o que exigirá o trabalho preliminar de constituição de um acervo construído a partir da localização e seleção de material também produzido pelos alunos. Vislumbramos até a possibilidade da criação de um espaço-museu com objetos, fotos, filmes, os inúmeros jornais dos estudantes do Colégio de Cataguases. cremos que também merecem estudos mais profundos a vida do educador Francisco Inácio Peixoto, a avaliação das influências da Escola Nova no Colégio de Cataguases e comparações do Colégio de Cataguases com outras instituições de ensino da mesma época, como por exemplo, o Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas.

Nosso trabalho procurou mapear os múltiplos sentidos que os ex-alunos atribuem à sua formação sociocultural, através das representações que construíram sobre a vida escolar e as práticas pedagógicas no Colégio Cataguases. Identificamos, nele, os aspectos que tornaram-no atraente para as famílias da cidade e do país. Pensamos, mesmo que de um modo modesto, mas muito trabalhoso ter resgatado indícios das práticas educativas e pedagógicas que fizeram

do Colégio um marco nas memórias de todos os que por ele passaram. Enfim, procuramos oferecer uma contribuição para o avanço da História da Educação Brasileira ao desvendar as experiências educativas de uma instituição escolar no interior do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.1 – Livros e Artigos

ALBERTI, Verena . *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

_____. *Ouvir Contar* Textos de História Oral Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMARAL, Gloria Carneiro do in Galvão, Walnice Nogueira; Gotlib, Nádya Battella (org.) *Prezado senhor, Prezada senhora: Estudos sobre cartas – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.*

ANDRADE, Mariza Guerra. *A educação exilada: Colégio Caraça Belo Horizonte: Autêntica, 2000.*

BALBI, Marília . *Portinari, o pintor do Brasil* São Paulo: Boitempo, 2003.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas perspectivas* Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

BOMENY, Helena . *Os intelectuais da educação* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira* 41. ed São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI. Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* 10. ed São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRANCO, Joaquim. *Passagem para a Modernidade: Transgressões e experimentos na poesia de Cataguases; década de 1920*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

CATAGUASES – Suplemento Especial *Um arquiteto Independente* . Cataguases, 8 de setembro, 1990.

CARRANO, Marcia. *O Polêmico, o lúdico e o erótico em Erótica, de Chico Peixoto* in GALART Ano I No XIX Cataguases/MG p 1- Ago.,2002.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História* Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

CÉSAR, Guilhermino. in *Cataguases um olhar sobre a Modernidade*, Cataguases : Prefeitura Municipal, 1988.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural : entre práticas e representações* Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____ in *A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas – Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v 7, n 13, p 97-113, 1994.

_____ *À beira da Falésia : a história entre incertezas e inquietude* Trad. Patrícia Chittoni Ramos Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie. *Fazeres ordinários da classe: uma aposta para pesquisa e para formação* in *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v 26 no. 2 p 157-167 jul/dez 2000.

COSTA, Levy Simões. *Cataguases Centenária: Dados para sua História - Juiz de Fora* : Esdeva Empresa Gráfica S. A, 1977.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História* Trad. Dulce Oliveira Amarante dos Santos Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FONSECA, Thaís. *A Pesquisa Documental* Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, mimeo., 25 páginas, 2001.

FORQUIN, Jean-Claude. *Sociologia da Educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOUCAULT, Michel . *Microfísica do Poder* 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984

_____ *A verdade e as formas jurídicas* Rio de Janeiro: NAU Editora- PUC-Rio, 1975.

FRAGO, Antônio Viñao ESCOLANO, Augustin *Currículo, espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa* Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella (org.) *Prezado senhor, Prezada senhora: Estudos sobre cartas* – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STUART, Hall *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IGLÉSIAS, Francisco *Modernismo: Uma reavaliação da Inteligência Nacional in O Modernismo* 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LACERDA Célio Teixeira in *Memória e Patrimônio Cultural* –Prefeitura Municipal de Cataguases – Prefeitura Municipal de Cataguases – v 1, 1988.

LIMA, Sônia Maria van Dijk; FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor *De Gilberto Freire para José Lins do Rego* in Galvão, Walnice Nogueira; Gotlib, Nádía Battella (org.) *Prezado senhor, Prezada senhora: Estudos sobre cartas* – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, José Sérgio Leite in *A História Hoje* – Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v 7, n 13, p. 97-113,1994.

LOPES, Telê Ancona *Uma ciranda de papel: Mário de Andrade destinatário* in Galvão, Walnice Nogueira; Gotlib, Nádía Battella (org.) *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudo sobre cartas* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *História da Educação* Rio de Janeiro:DP&A, 2001.

LOPES, Marta Teixeira *Perspectivas Históricas da Educação* 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LYONS, Martyn *Práticas de leitura, práticas de escritura, cartas de amor e escritas íntimas* – França e Austrália século XIX in LOCUS, Revista de História, Juiz de Fora, v 4, n 2, p 55-68, 1998.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – Prefeitura Municipal de Cataguases – v 1, 1988.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – Prefeitura Municipal de Cataguases- v 2, 1990.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – Prefeitura Municipal de Cataguases- v 3, 1996.

MIRANDA, Selma Melo. *Um olhar Sobre a Modernidade* Secretaria de Cultura Esporte e Turismo de Cataguases – Jan/Fev 1994.

MOTTA, Márcia Maria Menendes *.História-pensar e fazer-laboratório Dimensões da História* Rio de Janeiro: UFF, 1998.

NAGLE, Jorge *Educação e Sociedade na Primeira República* 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *As máscaras da totalidade totalitária* (memória e produção sociais). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

NIEMEYER, Oscar. *Minha Arquitetura: 1937-2004*. 1 ed. São Paulo: Rovin, 2004.

NUNES Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas *Historiografia da Educação e Fontes* Cadernos ANPED Porto Alegre N° 5 1993.

NUNES, Clarice. *Ensino e Historiografia da Educação* in Revista Brasileira de Educação (1): Jan/Fev/Mar/Abr 1996.

_____ *O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos* in Revista Brasileira de Educação: Mai/Jun/Jul/Ago N° 14, 2000.

_____ *História Oral*: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, mimeo., 26 páginas, 2001.

_____ *Memórias e história da educação*: entre práticas e representações in *História e Memória da Escola Nova* Maria Cristina Leal e Marília Araújo Lima Pimentel (org) São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____ *(Des)encantos da modernidade pedagógica* in 500 anos de educação no Brasil, Eliana Marta Teixeira, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga (org) 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NÓVOA, Antônio (Coord) *As organizações escolares em análise* Lisboa: Publicações Dom Quixote/ Instituto de Inovação Educacional, 1992.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira *História da Educação no Brasil (1930/1973)* 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu *Teoria Cultural e Educação: Um vocabulário crítico* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TELES, Gilberto Mendonça *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro de 1857 a 1972* 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

THOMPSON, Paul *A voz do passado: história oral* Trad Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo *Foucault & a Educação* Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VINCET, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. *Sobre a história e a teoria da forma escolar* .in *Educação em Revista* , Belo Horizonte, nº 33, jun/2001.

WOODWARD, Kathtyn in Tomaz Tadeu da Silva (org.) *Identidade e Diferença* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

1.2 – Teses e Dissertações

CARDOSO, Mariana Cândida Garcia de *A Hora e a vez de Francisco Inácio Peixoto* 126 f
Dissertação (Mestrado em Letras) Centro de Ensino Superior - CES- Juiz de Fora, 2004.

LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira *A oficina de Mestres do Distrito Federal: História, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. (1932-1939)* 348 f. Tese(Doutorado em Educação) PUC-Rio, 2003.

OLIVEIRA, NELI Ferreira *A Educação entre fios e rendas : Escola Fábrica de Rendas Arp- Nova Friburgo* 155 f Dissertação(Mestrado em Educação) UFE- Niterói, 2004.

CARRANO, Márcia *Silêncio e palavra em Erótica de Francisco Inácio Peixoto* 111 f
Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) Centro de Ensino Superior CES- Juiz de Fora, 2004.

2. FONTES PRIMÁRIAS

2.1 Arquivo do Museu de Literatura – Fundação Casa de Rui Barbosa - Arquivo

Francisco Inácio Peixoto

Arquivo Museu

Coleção : FIP

Código: FP

Tipo de Documento : Cartas

2.1.1 Série Correspondência

1ª divisão: Correspondência passiva anterior e posterior à inauguração do Colégio de Cataguases:

Cp anterior a 1949 – Assunto Colégio

1941

Cp- Aldílio Tostes Malta – Carta sem data

Cp Gastão Gonzaga- Rio Branco, 7 /02/1941

Cp Gastão Gonzaga- Rio Branco, 12 /04/1941

1942

Cp Gastão Gonzaga- Rio Branco, 31 /03/1942

Cp Gastão Gonzaga- Rio Branco, s/d

Cp- Affonso Correa da Silva – cidade? 12/12/1942

1943

Cp – Oscar Niemeyer – Rio de Janeiro- 19/04/1943

Cp – Raul Pacheco Medeiros – Conceição – 30/05/1943

Cp- Sebastião Coelho. Ubá, 2/06/1943

Cp- Marques Rebelo – 26/12/1943

1944

Cp – Colégio Cataguases- Dr. Manoel das Neves Peixoto– 16/03/44

Cp- Oscar Niemeyer – Rio de Janeiro- 18/09/1944

Cp- Alessio Ciccarini São Paulo 22/09/1944

Cp- Alessio Ciccarini São Paulo 1/10/1944

1945

Cp – Colégio Cataguases- Dr. Manoel das Neves Peixoto – 15/1/45

Cp- Marques Rebelo – 14/02/1945

Cp- Marques Rebelo – 16/02/1945

Cp – Colégio Cataguases- Dr. Manoel das Neves Peixoto – 5/03/1945

Cp- José da Silva Gradim – 13/03/ 1945

Cp- José da Silva Gradim – 27/03/ 1945

Cp- Alessio Ciccarini São Paulo 8/04/1945

Cp – Oscar Niemeyer – Telegrama - Rio de Janeiro – 19/06/45

Cp – Oreste Plath- s/d

Cp Camilo Soares – 25/10/1945

Cp Camilo Soares – 25/11/1945

1946

Cp- Guilhermino Cesar 10/01/1946

Cp – Colégio Cataguases- Dr. Manoel das Neves Peixoto 27/02/46

Cp- Alphonsus de Guimarães Filho - Belo Horizonte – 7/10/1946

1947

Cp - Paulo Sucasas Costa - 25/10/1947

Cp – Portinari – s/d

1948

- Cp- Alessio Ciccarini - São Paulo, 3/01/1948
 Cp - Guilhermino Cesar - 27/03/1948
 Cp - Alessio Ciccarini - São Paulo 23/04/ 1948
 Cp- Alessio Ciccarini - São Paulo 18/07/1948
 Cp- Alessio Ciccarini - São Paulo 23/07/1948
 Cp- Marques Rebelo – Buenos Aires- 31/07/1948
 Cp- Marques Rebelo– 8/11/1948

1949

- Cp – Portinari – Rio de Janeiro ?/?/ 1949
 Cp – Portinari – Rio de Janeiro, ?/02/1949
- Cp- Paulo Castelo Branco ? / ? / 1949 –
 Cp- Eglê, Malheiros – Florianópolis – 21/01/1949
 Cp – Josias Leão – 31/01/1949
 Cp – Portinari – Rio de Janeiro 8/07/1949
 Cp – Museu de Arte Moderna de São Paulo- São Paulo- 6/10/1949
 Cp- Alessio Ciccarini São Paulo 25/07/1949
 Cp – José Bandeira Nery – s/d
 Cp- Alessio Ciccarini São Paulo 11/09/1949
 Cp- Murilo Mendes – 14/09/1949
 Cp- Alísio Ciccarini São Paulo 5/10/1949
 Cp- Alessio Ciccarini São Paulo 26/12/1949

Correspondência passiva posterior a 1949**1950**

- Cp Affonso Correa da Silva 30/01/1950
 Cp – Portinari – Paris- 15/07/1950
 Cp- Alessio Ciccarini - São Paulo 11/11/1950

1951

- Cp- José da Silva Gradim – Belo Horizonte s/d
 Cp- José da Silva Gradim – Belo Horizonte s/d
 Cp José do Carmo Barbosa – 18/02/1951-
 Cp – Affonso Correa Silva - 16/04/1951

Cp – José F. Toledo – São Paulo – 15/06/1951

Cp- Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro- 27 /09/1951

Cp- Gilberto Belda de Melo – 31 /09/1951

1952

Cp – José Roberto Moreira –Friburgo – 22/01/1952

Cp – José Roberto Moreira – Nova Friburgo – 8/02/1952

Cp- José da Silva Gradim – Belo Horizonte s/d

Cp- Guilhermino Cesar - 06/06/1952

Cp- Guilhermino Cesar - 02/08/1952

Cp – José Roberto Moreira –Nova Friburgo – 01/10/1952

1953

Cp – Carlos Luz – Rio de Janeiro – 15/04/1953

Cp- Jaime Adour da Camara- ? /09/1953

Cp – José Roberto Moreira –Friburgo – 18/09/1953

Cp – José Roberto Moreira –Friburgo – 8/10/1953

Cp – José Roberto Moreira –Friburgo – 29/10/1953

Cp- José Ciribeli Alves – Rio de Janeiro - 12/10/ 1953

1954

Cp – Odorico Tavares – Diário Associados LTDA e Diário de Notícias- Salvador Jan/fev.
1954

Cp – Camilo Soares – 27/05/1954

1955

Cp–Wanderley - Rio Branco , 22/02/1955

1956

Cp – Affonso Correa da Silva- 26/12/1956

1957

Cp – José Roberto Moreira –Friburgo – 1/09/1957

Cp Jaime José Ornelas da Cruz – Salvador, 18/12/1957

1958

Cp- José Augusto de Figueiredo Branco – Belo Horizonte, 27/1/1958

Cp- Luís Gonzaga Fonseca– Belo Horizonte, 17/06/1958

Cp- Luís Gonzaga Fonseca – Belo Horizonte, 19/06/1958

Cp- Luís Gonzaga Fonseca – Belo Horizonte, 22/11/1958

Cp- Luís Gonzaga Fonseca – Belo Horizonte, 25/02/1958

1959

Cp- Luís Gonzaga Fonseca – Belo Horizonte, 12/02/1959

Cp- Davydoff Lessa - 28/2/1959

1960

Cp Chico Barbosa – 12/8/1960 –

Cp Oswaldo Alves – 21/11/1960

1961

Cp- Prof. Aloysio de Paula - 4/01/1961

1963

Cp- Guilhermino Cesar 14/6/1963

1964

Cp – Eduardo Amorim- Dakar, 1/12/1964

Cp- Guilhermino Cesar - 11/01/64

1965

Cp – Eduardo Amorim- Paris, ?/12/1965

1971

Cp – Eduardo Amorim- Roma, ?/07/1971

1972

Cp- Luis Gonzaga Fonseca – Belo Horizonte, 27/04/1972

1979

Cp- Merolino Raimundo de Lima Correa- 05/04/1979

Cp - Paulo Augusto Gomes- Belo Horizonte -20/07/1979

Cp – José do Carmo Barbosa Filho- 30/11/1979

1981

Cp- Merolino Raimundo de Lima Correa- 29/10/1981

Cp- Enio Fadda 12/03/1981

Cp- Aldílio Tostes Malta – 09/06/81

2ª divisão: Correspondência ativa (algumas cópias)

FIP para Oscar Niemeyer – 28/06/1945

FIP para D. Zélia Peixoto - 02/08/1948

FIP para José Bandeira Nery - 28/02/1949
 FIP para Oscar Niemeyer – 27/09/1949
 FIP para a Fundação Getúlio Vargas – 19 /04/1951
 FIP para José F. Toledo – Cataguases, 23/06/1951
 FIP para Gilberto Belda de Melo – ?/ 07/ 1951
 FIP para Herberto Sales – Cataguases- 06/01/ 1953
 FIP para Paschoal Carlos Magno – Cataguases, 20 /05/1953
 FIP para Chico Barbosa – 20/02/1956
 FIP para o Delegado de Polícia, Cataguases –8/06/1959/ No verso :Delegacia de Polícia de Cataguases para FIP Cataguases, 9/06/ 1959
 FIP para Augusto Frederico Schmidt – Cataguases, -02/05/1957
 FIP para Laís Corrêa de Araújo – 20/11/1972

3ª divisão **Outros assuntos** (correspondência ativa e passiva)

Ordem cronológica

Cp – Antônio Amaro- Cataguases- 14/12/1928
 Cp- Aldílio Tostes Malta - 19/7/1930
 Cp – Marques Rebelo –?/?/1928
 Cp – Dionísio Silveira – 29/03/1936
 Cp – Guilhernino César- 20/09 /1936
 Cp- Marques Rebelo –08/01/1937
 Cp- Marques Rebelo –21/03/1938
 Cp- Marques Rebelo –25/04/1938
 Cp – Benjamim Gomes – 24/05/1945
 Cp- Marques Rebelo - Buenos Aires -25 /05/1945
 Cp – Francisco Mauro (Chico) –?/?/1946
 Cp – José Pedrosa – Provavelmente na década de 40/50
 Ca FIP para Pedrosa, s/d provavelmente em torno de 1945
 Cp- Camilo Soares – 16/11/1953
 Cp- Maria Elisa Brotero- ?/?/1954

Ca FIP para Francisco Marcelo Cabral – 27/05/1954
 Cp João Braga- 20/06/1955
 Cp- Luis Carlos Prestes – ?/09/1957
 Cp- Enrique Resende – s/d
 Cp- Luis Gonzaga Fonseca – Belo Horizonte – 29/06/1964
 Cp- Guilhermino Cesar - 8/01/1974
 Cp- Antônio Fernando Bulhões de Carvalho – 02/07/1975
 Cp- Guilhermino Cesar Cidade 05/03/1977
 Ca FIP para Antônio Sérgio Bueno, (carta de 22/02/79) em 14/03/ 1979
 Cp- Aldílio Tostes Malta – 01/10/1979
 Cp Paulo Augusto Gomes- Belo Horizonte -10/11/1979
 Cp- Aldílio Tostes Malta – 18/11/1980
 Cp- Aldílio Tostes Malta – 25/05/1981
 Cp- Aldílio Tostes Malta – 18/05/1982
 Cp- Aldílio Tostes Malta – 2/10 /1982
 Cp- João Corrêa da Costa cidade 10/01/194
 Cp – José Carvalheira Ramos Belo Horizonte 20/11/?
 Cp – José Carvalheira Ramos Belo Horizonte 22/05/?
 Cp – Paulo Silveira s/d

2.1.2 Série Produção Intelectual

Entrevista para Alexandre Eulálio (sem sobrenome) Na pasta “Documentos para Plínio Doyle” - Projeto Cataguases : Perguntas – entrevista a Francisco Inácio ;
 Discurso proferido no lançamento da “pedra fundamental do colégio” s/d;
 Discurso s/d com assinatura infantil de FIP

2.1.3 – Recortes de jornais – Coleção FIP

Egydio Squeff, para a Revista do Globo, 17/09/949

2.2 - Entrevistas

2.2. 1 – Entrevistas com familiares de FIP

Bárbara Inácio Peixoto Castello Antenor de Araújo(Filha)

Depoimento em

Licinia Peixoto Garcia Cardoso (Sobrinha)	27 /04 /2004 Depoimento em 12 / 09 /2004
José Pacheco de Medeiros Neto (Sobrinho)	Depoimento em 06 / 09/ 2004
Josélia Peixoto Pacheco de Medeiros (Sobrinha)	Depoimento em 11/ 02/ 2004
Maria Cristina Inácio Peixoto Henriques (Filha)	Depoimento em 13/09/ 2004
Maria Inês Inácio Peixoto Domingues de Azevedo(Filha)	Depoimento em 23 /04/ 2004
Tarcísio Henriques (Genro)	Depoimento 04/10/2003

2.2.2- Entrevista com esposa do Dr. Manoel das Neves Peixoto- sobrinho de FIP e diretor do Colégio de Cataguases.

Yone Maria Fonseca das Neves Peixoto	Depoimento 12/04/ 2004
--------------------------------------	---------------------------

2.2.3 - Entrevista com ex-funcionários do Colégio de Cataguases

	Função no Colégio	
Ady Pereira Resende	Prof. de Trabalhos Manuais	Depoimento 6/09/2004
Jumar de Oliveira	Serviços Gerais	Depoimento 12/ 02/ 2004
Odette Santos Martins da Costa Machado –	Secretaria	Depoimento 11/ 02/ 2004
Sônia Maria Motta Gouveia	Secretaria	Depoimento 10/ 02/2004

2.2.4 – Entrevistas com os ex- alunos do Colégio de Cataguases

	Profissão	
Aloísio Mendonça Condé	- advogado	Depoimento 13/09/ 2004
Carlos Sérgio Bittencourt	- escritor/diretor de teatro	Depoimento 12 / 09/2004

Célio Teixeira Ladeira	- médico	Depoimento 13/09/ 2004
Douglas Collings Hunter Menhinick	- publicitário/jornalista	Depoimento 17/08/2004
Ir. Eduardo D' Amorim-	- filósofo/ teólogo/ educador	Depoimento 5/08/2004 - Fone e 23/08/2004 – Carta
Ivo Foreis Domingues-	-contador	Depoimento 04/08/2004
Joaquim Branco	-poeta/pesquisador/professor	Depoimento 04/09/2004
José Carlos Nogueira França	-auditor fiscal do MET	Depoimento 19/08/2004
Lúcio Antônio Miranda da Silva	- advogado	Depoimento 26/07/2004.
Maria Lúcia Barroso Miranda	- professora	Depoimento 12/ 07/2004.
Mauro Sérgio Fernandez da Silva	- diretor de publicidade	Depoimento 5/08/2004.
Paulo Adolfo Aizen	-economista/ editor	Depoimento 28/07/2004.
Paulo Matos Miranda	-professor	Depoimento 12/07/2004.
Regina Célia Cabral Angelim	-professora	Depoimento 5/09/2004.
Ronaldo Werneck	-jornalista/poeta	Depoimento 14/09/2004.
Stella Mauro	-aposentada/f. publ.	Depoimento 14/09/2004.

2.3 - Publicações dos estudantes:

O Estudante - Centro Cultural Eva Nil- Cataguases e em arquivos particulares de ex- alunos. Anos: 1949, 1950, 1951,1952, 1955, 1956, 1957,1959, 1960

Pirilampo(1959), *O Irreverente*, *Matraca*(1954) – Centro Cultural Eva Nil-Cataguases e em arquivos particulares

2.4 - Arquivo da Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto (antigo Colégio de Cataguases):

2.4.1. - Prospectos de propaganda:

Gymnsásio Municipal de Cataguases, fevereiro de 1932

Ginásio Municipal de Cataguases. 1944/45

Colégio de Cataguases-1910-1960

2.4.2 - Programa Comemorativo da visita do Social Ramos Clube à Princesa da Zona da Mata.

2.4.3 - Convite para a inauguração do monumento em homenagem ao Professor Antônio Amaro Martins da Costa –26 de maio de 1951

2.4.4 - Cópia do Hino do Colégio que tem a música de Ary Barroso e a letra: Toste Malta.

2.4.5 - Estatutos e Regimentos Internos:

Estatuto do Colégio de Cataguases

Estatuto do Grêmio Literário Machado de Assis

Regimento Interno do Ginásio Municipal de Cataguases

Regimento Interno do Colégio Estadual de Cataguases.

2.4.6 - Inventário

2.4.7- Termo de visita do Inspetor Federal de Ensino Secundário(itinerante) em 16 e 18 de abril de 1955

2.5- Depoimento do educador e ex-aluno

Ir. Eduardo D' Amorim - Capítulo 4 – Berço do Movimento Modernista e Berço de um amor juvenil maduro e envolvente- e capítulo 5- Bárbara Inácio Peixoto, a menina bonita e meiga que abalou em muito meu projeto inicial - Livro, ainda não editado.

2.6 - Depoimentos a terceiros

2.5.1 - Entrevista do Dr. Francisco Inácio Peixoto concedida à pesquisadora Kátia Bueno Romanelli.

2.5.2 - Entrevista do Dr. Manuel das Neves Peixoto concedida às pesquisadoras Gláucia Siqueira e Helileuza de Oliveira Valadares.

2.5.3 - Entrevista do Dr. Francisco Inácio Peixoto Filho – Vídeo *Um olhar na Modernidade*.

Instituto dos Arquitetos do Brasil- MG- Produzido pela TV Cultura Belo Horizonte- MG

2.5.4 - Depoimento de Marques Rebelo- Trilogia *O Espelho Partido*

O Trapicheiro – Primeiro Tomo – 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

A Mudança - Segundo Tomo – 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

A Guerra está entre nós- Terceiro Tomo- 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

2.7 – Legislação

Decreto 26804 19 87 – Cria escola de 1 Grau na Rede Estadual de Ensino em Cataguases

Fonte: Minas Gerais Diário Do Executivo –13/03/1987.46 Col.2 Microfilme 355.

Lei 570 1950 – Concede Isenção de impostos ao Colégio de Cataguases

Fonte: Fonte: Minas Gerais Diário Do Executivo – 02/06/1950. Pag 1 Col .2 Microfilme 95

Lei 2811 1963 – Cria um Ginásio Estadual na cidade de Rio Pomba e outras cidades

Fonte: Minas Gerais Diário Do Executivo –15/02/1955 Pag 1 Col 2 Microfilme 110

Lei 2565 1961 – Autoriza o Estado receber doação de imóvel no Município de Cataguases

Fonte: Minas Gerais Diário Do Executivo – 29/12/1961 Pag 3 Col 4 Microfilme 138

2.8 – INTERNET

<http://200.255.94.66/cidadesat/default> – endereço do cidade@ que integra o site do IBGE
www.ibge.gov.br Acesso 28/01/2005

<http://www.fjp.gov.br/exibe-subproduto.php?produto=4&unidade=CEI> – site da Fundação João Pinheiro – MG- Acesso em 28/01/2005

2.9 – FILME

CARVALHO, Walter; JARDIM, João. *Janelas da Alma*. 2002

Anexo 1 :

Entrevistas

1ª grupo- Ex-funcionários do CC

Questões gerais

- 1- Clientela do Antigo Ginásio (AG). Houve mudanças do AG para o Colégio de Cataguasses (CC)? Caracterizar três períodos: AG; CC prédio antigo, CC prédio novo.
- 2- Qual a relação do Tiro de Guerra (consta do Regimento Interno- RI) no AG e no CC? Seria um atrativo para jovens de outras localidades, aquelas que não ofereciam o Tiro de Guerra?
- 3- No AG, segundo RI, aos domingos os alunos eram “levados à missa”. Quando isso mudou? Se é que mudou.
- 4- No AG, era vetada a permanência dos alunos externos finda as aulas e a própria circulação dos internos era restrita a determinadas áreas. Havia conflito? Quando mudou? As fotos da década de 1950 apresentam com liberdade maior.
- 5- Conflito entre internos e externos
- 6- Que formação tinham os professores catedráticos do AG? E o do CC?
- 7- Atividade do GLMA e da RAI
- 8- Qual a repercussão da demolição do antigo prédio?
- 9- Na correspondência de FIP com Marques Rebelo, esse menciona “acontecimentos desagradáveis no CC, vândalo, paga, prejuízo, quadro”
Por quê o Dr. Francisco queria passar o colégio para uma ordem religiosa?
- 10- Tomaram conhecimento de um Processo de Injúria(trote na Presidência da República) 24/03/1956, que culminou com a expulsão do aluno?
- 11- Indicadores contemporâneos de Qualidade, como situar o CC com relação a eles.
Havia um projeto? Objetivos e metas claras/ trabalho coletivo/ decisões compartilhadas/ liderança/direção positiva/ monitoramento do progresso, retroinformação/ ambiente ou clima de aprendizado/ parceria família-escola/ aprimoramento constante do professor; maximização do tempo de aprendizado/ cultura do sucesso, expectativas elevadas.
- 12- O CC era avançado? Em relação a quê? Por quê?
- 13- Esses educadores alguma vez foram mencionados pela direção do CC: Anísio Teixeira; Lourenço Filho, Gustavo Capanema, Darcy Ribeiro ou ...
- 14 – Relação com a Igreja / Afinidades com o Comunismo

Questões específicas

- 1- Descrever um dia típico do AG e do CC
Rotina dos diretores, professores...
- 2- Como se portavam as pessoas diante um temporal, uma falta de luz, por exemplo?
- 3- Como era o clima nos Exames, nos dias de provas?
- 4- Fale-me sobre o “quadro de honra”
- 5- As decisões eram tomadas por quem? Diretor, diretores? Congregação?
- 6- Como os alunos de outras cidades chegavam ao CC?
- 7- Liberdade e disciplina
- 8- O que quebrava o rotina ou desestabilizava o CC?
- 9- Se vc encontra com algum ex-aluno, o que mais eles dizem? Há algum comentário especial?
- 10- O AG e o CC tinham características diferentes?
- 11- Quais as “diferenças” entre o Prof. Antônio Amaro, Dr. Francisco, Dr. Manuel e Chico?
- 12- Em alguma época no AG ou CC foram realizados testes de aptidão?
- 13- Algum professor escrevia artigos para revistas? Livros? Jornais?

2ª grupo – Familiares

Questões gerais : as mesmas do 1º grupo.

Questões específicas:

Buscar informações sobre as características da personalidade, da concepção de família, dos laços de amizade, da concepção de educação do fundador do colégio” e também a visão deles(os familiares) sobre o colégio, os alunos e a formação educacional ali recebida”

Questões pontuais:

- 1 - Por quê FIP comprou o Ginásio e “depois”, construiu o CC?
- 2 - Por que o CC foi doado para o Estado?
- 3 - Por que escolheu Tiradentes para o mural?
- 4 - Questão da disciplina no CC- expulsões?
- 5 - Reiteradas vezes FIP diz que Cataguases é uma “cidade burra”, como entendem essa frase?
- 6 - Do Colégio na entrevista com Romanelli ao referir- se ao colégio o faz como “fui diretor dessa porcaria” [...] tentei fazer lá uma universidade(sonhei demais), um horto florestal, um

jardim botânico. Pedi. Mostraram-se entusiasmados. Então, quando souberam que a coisa era para uma área enorme, de dezesseis alqueires, onde podiam se expandir, fazer misérias: Não fizeram nada” Quem? A quem ele estava se referindo?

7 - Em outros momentos, quando diretor, isso na correspondência (Prof. Gonzaga) refere-se ao “elefante”. O CC tornou-se um peso enorme? Por quê?

8 - Nos anos como diretor uma luta enorme para conseguir professores qualificados.... Parece-me que cultura era a preocupação maior, o diferencial que determinava a contratação. No entanto há um Lyses! Você têm alguma hipótese para isso

9 - Fala-se que o Dr. Francisco se “desiludiu”, mas exatamente com quê?

3º grupo : ex-alunos

Roteiro para entrevistas.

1 - Como era um dia típico do Colégio?

2 - O que quebrava a rotina?

3 - O que mais gostava no Colégio?

4 - Em quantos colégios estudou? É possível compara - los?

5 - O “lugar” nos intervalos. Critério de escolha. O que costumava fazer durante os intervalos ou horário livres? E nos fins de semana? Havia alguma atividade organizada pelo colégio? Iniciativa de quem?

6 - O “lugar” na sala de aula. Critério de escolha. Dependia do professor?

7 – As práticas pedagógicas: tipos de aulas, trabalhos individuais ou em grupo, deveres de casa, aluno mais adiantado como explicador, as salas de aula.

8 - Da arquitetura , o que mais o agradava?

9 – O mural, o museu, as outras obras de arte?

10 – A ausência de muros. Matava aulas?

11- O esporte. Era atleta? Torcida? No cotidiano, qual ? Participou de algum evento esportivo fora do colégio?

Usava a praça de esportes do colégio?

12- O Colégio realizava excursões? Com que caráter- esportiva, cultural, recreativa ? Quem acompanhava?

13 – O refeitório. A cantina. A qualidade da comida

14- A biblioteca. Com que frequência era usada? Livre acesso, ou horário restrito? Os professores a utilizavam como recurso, recomendavam?

15 – O ensino: qualidade, rigor nas provas. O “critério particular” de alguns professores.

- 16 - O Quadro de Honra? Fazia parte? Recebeu medalhas?
- 17 - Foi reprovado em alguma matéria? E segunda época? Se fez curso superior e terminou o científico ou clássico no colégio, fez cursinho?
- 18- O Grêmio? A RAI? Ambos?
- 19 - O Estudante – Algum trabalho publicado? Guardou algum número?
- 20 - Outras publicações dos alunos: Pirilampo...
- 21- Os eventos e cerimônias: as formaturas, os bailes, a Rainha dos Estudantes...
- 22- O Hino
- 23- O sino
- 24 – O uniforme, ou ausência dele. As paradas de 7 de setembro
- 25 - Os professores. Relacionamento com os alunos e entre eles. A relação deles com o conhecimento. Eram cultos? Bem informados? A prática pedagógica o estilo. Costumavam faltar?
- 26 - Os diretores.
- 27 - Os regentes.
- 28 – A disciplina e liberdade. Quais eram as “indisciplinas na época”? Sabia do intercomunicador? Qual a sensação na época?
- 29 – Relacionamento com os demais funcionários. Algum em especial?
- 30 – Relacionamento dos internos com a sociedade em geral? Freqüentava casas da cidade? Fazia compras na cidade?
- 31- Tem noção se o preço do colégio era alto? Teve bolsa? que tipo? Soube de alguém que estudasse com bolsa?
- 32 – Tem conhecimento de alguma expulsão e o porquê.
- 33- Em algum momento soube que o Dr. Francisco pretendia “passar o colégio”? Sabe porque o colégio foi para o Estado?
- 34 – Qual a relação com o Dr. Francisco? Quais eram as suas aproximações com os alunos? Foi seu aluno?
- 35 – O “clima” era de camaradagem? Modéstia? Ostentação?
- 36 - O Colégio era considerado avançado? Inovador? Em que ? Era um colégio “de elite”?

Anexo 2

O Manifesto do Grupo Verde de Cataguases

“Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos inumeráveis conselheiros b.b. que dogmatizam empoleirados nas colunas pretensas importantes dos jornais mirins do interior. E seria inútil para os que já nos compreenderam e estão nos apoiando.

Nem é uma limitação dos nossos fins e processos, porque o moderno é inumerável.

Mas é uma limitação entre o que temos feito e o monte do que os outros fizeram.

Uma separação entre nós e a rabada dos nossos adesistas de última hora, cuja adesão é um desconforto.

Pretendemos também focalizar a linha divisória que nos põe do lado oposto ao outro lado dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

Nós não sofremos a influência direta estrangeira. Todos nós fizemos questão de esquecer o francês.

Mas não pense ninguém que pretendemos dizer que somos- os daqui- todos iguais.

Somos diferentes. Diversíssimos até. Mas muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas.

Nossa situação topográfica faz com que tenhamos, é fato, uma visão semelhante do conjunto brasileiro e americano e da hora que passou, passa e que está para passar.

Daí a união do grupo “Verde”. Sem prejuízo, entretanto, da liberdade pessoal, processos e modo de cada um de nós.

Um dos muito particulares característicos do nosso grupo é o objetivismo.

Todos somos objetivistas quase. Explicação? Não precisa. Mas basta meter a mão na cabeça, pensar, comparar e...concordar.

O lugar que é hoje bem nosso no Brasil intelectual foi conquistado tão-somente ao dionisíaco empreendimento do forte grupo de Belo Horizonte, tendo à frente o entusiasmo moço de Carlos Drummond, Martins de Almeida e Emílio Moura, com a fundação da A REVISTA, que, embora não tendo tido vida longa, marcou época na história da inovação moderna em Minas.

Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literária deles.

Somos nós. Somos VERDES. E este manifesto foi feito especialmente para provocar um gostosíssimo escândalo interior e até vaias.

Não faz mal, não. É isso mesmo.

Acompanhamos S. Paulo e Rio em todas as suas inovações e lembranças estéticas, quer na literatura como em todas as artes belas, não fomos e nem somos influenciados por eles, como querem alguns.

Não temos pais espirituais. Ao passo que outros grupos, apesar de gritos e protestos e o diabo no sentido de brasileiro de nossos motivos e de nossa fala, vivem por aí a pastichar o “modus” bárbaro do sr. Cendrars e outros franceses escovados ou pacatíssimos.

Não temos pretensão alguma de escanchar os nossos amigos. Não. Absolutamente.

Queremos é demonstrar apenas a nossa independência no sentido escolástico, ou melhor, “partidário”.

O nosso movimento VERDE nasceu de um simples jornaleco da terra – JAZZ BAND.

Um pequeno jornalzinho com tendências modernistas que logo escandalizara os pacatíssimos habitantes desta Meia-Pataca. Chegou-se mesmo a falar em bengaladas...

E daí nasceu a nossa vontade firme de mostrar a esta gente toda que, embora morando em uma cidadezinha do interior, temos coragem de competir com o pessoal lá de cima.

A falta de publicações, casas editoriais e dinheiro- tinha feito com que ficássemos à espera do momento propício para aparecer.

Mas VERDE saiu. VERDE venceu. Podemos dar pancadas ou tomar. Não esperamos aplausos ou vaias públicas, porque aquilo que provoca verdadeiro escândalo põe o brasileiro indiferente, na aparência...com medo ou com vergonha de entrar no barulho.

Sim. Não esperamos aplausos ou vaias públicas. Os aplausos de certos públicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra aplaudida com aqueles que a compreenderam.

Não fica atrás a vaia. A vaia é às vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de valores...

Por isso preferimos a indiferença. Esta será a mais bela homenagem que nos prestarão os que não nos compreenderem. Por que atacar VERDE? Somos o que queremos e não o que os outros querem que sejamos. Isto parece complicado, mas é simples.

Exemplo: os outros querem que escrevamos sonetos líricos e acrósticos portugueses com nomes e sobrenomes.

Nós preferimos deixar o soneto na sua cova, com os seus quatorze ciprestes importados, e cantar simplesmente a terra brasileira. Não gostam? Pouco importa. O que importa, de verdade, é a glória de VERDE, a vitória de VERDE. Esta já ganhou terreno nas mais cultas cidades do País.

Considera-nos a grande imprensa os únicos literatos que têm a coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, enquanto o público de nossa terra, o respeitável público, nos tem em conta de uns simples malucos criadores de coisa absolutamente incríveis.

É positivamente engraçado. E foi para dizer estas coisa que lançamos o manifesto de hoje, que apesar de tão encrencado nada tem de manifesto, apenas um ligeiro rodeio em torno da nossa gente, nosso meio.

Resumindo:

- 1º) Trabalhamos independentemente de qualquer outro grupo literário.
- 2º) Temos perfeitamente focalizada a linha divisória que nos separa dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.
- 3º) Nossos processos literários são perfeitamente definidos.
- 4º) Não temos ligação de espécie nenhuma com o estilo e o modo literário de outras rodas.
- 5º) Queremos deixar bem frisado(sic) a nossa independência no sentido “escolástico”.
- 6º) Não damos a mínima importância à crítica dos que não nos compreendem.

E é só isso

Colégio de Cataguases, S.A., mantendo-se a mesma diretoria.

3. REGIME: Externato misto, semi-internato e internato para frequência masculina.

4. CAPACIDADE: O limite normal de matrícula é de 400 alunos, poderá ele, entretanto, ser aumentado com a criação de outros cursos.

5. HORÁRIOS: Funcionam as aulas das 7 às 11 e das 12 às 15 horas, diariamente.

6. CORPO DOCENTE: É o seguinte, no momento: PORTUGUES: Dr. José Silva Gradim (11.543, 2º ciclo); Dr. Francisco Indício Peixoto (23.930, 2º ciclo); Dr. Serafim Lourenço (2.245); Padre Solindo José da Cunha (5.235); Dr. Manuel das Neves Peixoto, auxiliar; Abelar Alves Maia, auxiliar; Ofélia Resende Machado (D.2.323); LATIM: Dr. José Silva Gradim (11.543, 2º ciclo); Abelar Alves Maia, auxiliar; Padre Solindo José da Cunha, (D-515, 2º ciclo); Dr. Serafim Lourenço (2.245, 2º ciclo); FRANCÊS: Dr. Antônio Martins Mendes (D-430); Lysis Brandão da Rocha (D-425); Dr. Francisco Indício Peixoto (23.930, 2º ciclo); Elmo de Barros Silva, auxiliar; MATEMÁTICA: Lysis Brandão da Rocha (D-425, 2º ciclo); José de Sousa Ribeiro, auxiliar; Ofélia Resende Machado (D-2.323); CIÊNCIAS: Dr. Serafim Lourenço (2.245); Dr. Hugo Sodré Lana (26.302); Dr. Ennio Fadda, auxiliar; HISTÓRIA GERAL: Dr. Antônio Martins Mendes (D-430); Drs. Ângelo Rocha e Dr. Antônio dos Santos Cardoso e Odete Santos Martins da Costa, auxiliares; Dr. Manuel das Neves Peixoto (26.030, 2º ciclo); HISTÓRIA DO BRASIL: Dr. Manuel das Neves Peixoto (26.030, 2º ciclo); Dr. Ângelo Rocha, Dr. Antônio dos Santos Cardoso e Odete Santos Martins da Costa, auxiliares; GEOGRAFIA DO BRASIL: Dr. Manuel das Neves Peixoto (26.030, 2º ciclo); Dr. Ângelo Rocha (D-1.774); Dr. Antônio dos Santos Cardoso e Odete Santos Martins da Costa, auxiliares; GEOGRAFIA GERAL: Dr. Manuel das Neves Peixoto (26.030, 2º ciclo); Dr. Ângelo Rocha, Dr. Antônio dos Santos Cardoso e Odete Santos Martins da Costa, auxiliares; DESENHO: Dr. Antônio Martins Mendes (D-430, 2º ciclo); Lysis Brandão da Rocha (D-425); CANTO ORFÈONICO: Maestro Piere Teotônio da Silva; EDUCAÇÃO FÍSICA: Lysis Brandão da Rocha; Mária Pereira da Silva (267); EDUCAÇÃO DOMÉSTICA: Ione Maria Fabrinio das Neves Peixoto e Amélia de Carvalho Peixoto; TRA-

BALHOS MANUAIS: José Pedro da Costa; FÍSICA: Dr. Sebastião Ferreira dos Santos (26.320); Dr. Hugo Sodré Lana (26.302); Dr. Ennio Fadda, auxiliar; Antônio Pereira de Barros Orrico (12.260, 2º ciclo); QUÍMICA: Dr. Sebastião Ferreira dos Santos (26.320); Dr. Hugo Sodré Lana (26.302); Dr. Jaime Afonso de Sousa, auxiliar; Antônio Pereira de Barros Orrico (12.260-D, 2º ciclo); HISTÓRIA NATURAL: Dr. Sebastião Ferreira dos Santos (26.320); Dr. Hugo Sodré Lana (26.302); Dr. Jaime Afonso de Sousa, auxiliar; Antônio Pereira de Barros Orrico (12.260-D, 2º ciclo); ESPANHOL: Dr. Francisco Indício Peixoto (26.930); FILOSOFIA: Dr. Antônio Martins Mendes (D-430); Padre Solindo José da Cunha (D-515); Abelar Alves Maia, auxiliar; João Roberto Moreira (D-14.505).

